



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E CIÊNCIAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO ESTUDOS INTERDISCIPLINARES SOBRE A**  
**UNIVERSIDADE**

**VITAILMA CONCEIÇÃO SANTOS**

**VIRGÍNIA BICUDO E O CURSO DE PSICOLOGIA DA UFBA:**  
**SIGNIFICAÇÕES DE UMA INTELLECTUAL NEGRA EM UMA**  
**FORMAÇÃO “SEM COR”**



*El grito de los oprimidos*  
Pavel Egüez (1999).

Salvador-BA  
2022

**VITAILMA CONCEIÇÃO SANTOS**

**VIRGÍNIA BICUDO E O CURSO DE PSICOLOGIA DA UFBA:  
SIGNIFICAÇÕES DE UMA INTELLECTUAL NEGRA EM UMA  
FORMAÇÃO “SEM COR”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Estudos Interdisciplinares Sobre a Universidade, da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestra em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade.

Área de concentração: Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Sônia Maria Rocha Sampaio

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Georgina Gonçalves dos Santos

Salvador  
2022

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA),  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Santos, Vitailma Conceição

Virgínia Bicudo e o curso de Psicologia da UFBA:  
significações de uma intelectual negra em uma formação  
"sem cor" / Vitailma Conceição Santos. --  
Salvador, 2021.  
170 f.

Orientadora: Sônia Maria Rocha Sampaio.

Coorientadora: Georgina Gonçalves dos Santos.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em  
Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade) --  
Universidade Federal da Bahia, Instituto de  
Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton  
Santos, 2021.

1. Virgínia Bicudo. 2. Formação em Psicologia. 3.  
Interacionismo Simbólico. 4. Epistemologia Feminista  
Negra. 5. Ação Decolonial. I. Sampaio, Sônia Maria  
Rocha. II. Santos, Georgina Gonçalves dos. III. Título.

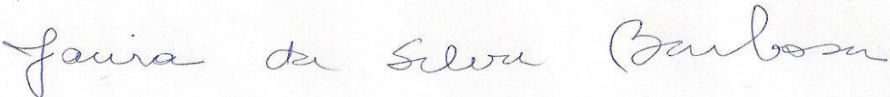
VITAILMA CONCEIÇÃO SANTOS

**VIRGÍNIA BICUDO E O CURSO DE PSICOLOGIA DA UFBA:  
SIGNIFICAÇÕES DE UMA INTELLECTUAL NEGRA EM UMA  
FORMAÇÃO “SEM COR”**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade, do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências da Universidade Federal da Bahia.

Aprovada em 08 de dezembro de 2021.

**Banca examinadora**



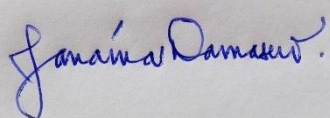
---

Dra. Jacira da Silva Barbosa (PMS)



---

Profa. Dra. Denise Maria Barreto Coutinho (UFBA)



---

Dra Janafina Damaceno Gomes (UERJ)

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, eu agradeço *aos de casa*.

Livia e Luiza por serem força motriz do processo de escrita. Sem vocês não seria possível, “*finalmente*”.

Leandro, por todo amor e companheirismo que me permitiram chegar à finalização da pesquisa. Obrigada por me lembrar que eu posso e mereço ser cuidada. Te amo!

*Mainha*, Dona Vitória, por ter cuidado das minhas filhas sempre que foi necessário, e também por todas as vezes que falou que eu merecia ou que iria conseguir algo, ainda que nem eu acreditasse.

Veriane, minha irmã, obrigada pelos justos momentos de diversão e de reclamar da vida, por que não? E, Jade, minha sobrinha, obrigada por brincar com suas primas sempre que a tia ia fazer alguma live, reunião, dar aula, etc.

Painho, Seu Veriano, obrigada por ter investido e apostado nos meus estudos e, por ter um dia me tirado daquela escola onde a professora mandou desenhar uma centena de lápis! Ali soube que podia contar com você.

Vó Miminha e Vovô Vandinho, por serem inspiração para tocar a pesquisa. Cada palavra dita por vocês durante o percurso, me ajudou a construir esse escrito.

Vó Lourença – Laurencia e Vovô Maçu (*in memoriam*), por terem me ensinado a compartilhar. Desde o prato de lanches que minha vó levava nos nossos piqueniques em meio às bananeiras, até a alegria das danças de samba e do velho sertanejo.

À minha sogra, Lilian, por ter estado bastante envolvida no cuidado das meninas sempre que não foi possível para nós. Uma avó e sogra rara!

E no meio do percurso acadêmico, apareceram muitas “*mais velhas*” e irmãs e irmãos, todos os que *se fizeram casa*. Agradeço a todos.

Ao par fundamental do OVE:

Sônia, minha ori querida e conselheira sobre desenvolvimento infantil. Obrigada pela sempre presente solicitude nas ligações e mensagens ansiosas que eu encaminhava ao amanhecer. Lembro que em um momento, no início da orientação, quando lhe confidenciei que a vontade era desistir, você disse calma, que eu não era a primeira pessoa negra que você orientava, e que eu não estaria sozinha.

Gina, sinônimo de elegância e tranquilidade, obrigada pelas orientações no “OVE do B”, e todos os momentos de conversas onde compartilhamos percepções e questionamentos epistemológicos e de vida. Eu sou por que você é, saiba disso.

A Denise, por, no processo de PIBIC ter incentivado e emprestado um momento em sua sala de aula para que eu falasse sobre Virgínia Bicudo. Na verdade, antes mesmo de eu saber que

daria conta ou mesmo cogitar o mestrado, você falou que eu deveria fazer. Vim, e fiz. Esta pesquisa também não teria lugar sem sua presença na minha vida.

A Eunice pela primeira leitura do meu projeto, logo quando eu cheguei ao OVE – e quanto caminhei! - pelo afeto sempre presente, e por ter me convidado para ingressar na SEDE para o meu processo de formação em psicanálise. Aprendi muito com as suas propostas.

A Eliane Costa e Jacira Barbosa pelos apontamentos tecidos, que me ajudaram bastante no processo de escrita final e de reflexão sobre o trabalho.

A Janaína Damaceno Gomes também pelos apontamentos neste trabalho e pela tessitura de uma linha de análise sobre a trajetória e a produção de Bicudo, ponto de partida para esse trabalho.

A Anne, por todos os lugares onde você esteve comigo. Pela escuta, pela amizade. Por ter me ensinado muito.

A Yzumi pelas conversas que tivemos, pela amizade, pelas divergências teóricas e pelos questionamentos que me ajudaram a crescer.

A Carla Fernanda, por ter me proporcionado lindos encontros nos seus projetos. Obrigada pela confiança.

A Zé Nelson e Rita Libório, pelo incentivo e auxílio na conciliação entre trabalho no ensino básico e a pesquisa.

A minha analista, Jaciane Rangel, obrigada pela escuta.

A todo o Observatório da Vida Estudantil e o “OVE do B”, pelas discussões, acolhimento, solicitude, PDF's, vivências e textos compartilhados, especialmente Sandra, Roy, Matheus e Caio que, no campo afetivo ou no campo técnico, me ajudaram a caminhar.

Ao grupo Bacurau, onde estão minhas queridas amigas, Anna, Victória e Carla, e a Jamile Santos e Sandro Matos pelo alívio cômico ao qual diversas vezes recorri, e pelo acolhimento durante o percurso.

Ao Quilombo Sankofa, pelos aprendizados que construímos durante nosso percurso juntas.

Aos grupos de estudos Interacionismo Simbólico e Subjetividades e Colonialidade, especialmente Cleifson e Bete pela teia de significados trocados.

Ao Grupo de Extensão Formação e Atuação Antirracista, pelo trabalho afetuoso e implicado. Especialmente Mônica, pela coordenação, Fábio e Márcio. Obrigada pela presença de vocês.

Ao Coletivo Antirracista Eu Não Me Esquivo, que se fez presente na minha trajetória de mestrado e nas frentes de luta anti-opressão no curso de Psicologia da UFBA.

Obrigada a todos que compuseram o meu percurso. Com certeza, faltam muitas e muitos!

Aos colegas e professores do Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade – PPGEISU. Agradeço em especial aos professores Jorge Lôrdelo, Renata Veras e Marcelo Dourado pelos justos apontamentos ao trabalho, que me ajudaram a refinar a

pesquisa. Agradeço a Andréa Coelho pela solicitude no atendimento às demandas e angústias de uma estudante durante todo o percurso.

Agradeço às professoras Betty Malin e Patrícia Zucoloto por terem permitido a aplicação das oficinas piloto nos seus componentes, e às professoras Mônica Lima e Vânia Bustamante por terem concedido espaço para o desenvolvimento das intervenções que ancoraram esse trabalho.

Agradeço ao professor Jorge Luís Abrão pela solicitude de me enviar sua pesquisa e livro, e por ter sido, também, um dos meus informantes.

Agradeço aos participantes da pesquisa, pela solicitude em compartilhar comigo suas percepções sobre a intervenção e suas histórias de formação e pela atenção dada a cada solicitação necessária ao andamento da pesquisa. A cada uma e cada um de vocês, e às suas trajetórias, meu respeito e admiração.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES)-

A Virgínia Bicudo, corpo-história que irrigou os significados analisados nesta dissertação. Pela sua existência, sua produção, e por ter se feito espelho.

Ao espírito, que me permitiu chegar aqui.

*Povoada*  
*Quem falou que eu ando só?*  
*Nessa terra, nesse chão de meu Deus*  
*Sou uma mas não sou só*

*Povoada*  
*Quem falou que eu ando só?*  
*Tenho em mim mais de muitos*  
*Sou uma mas não sou só*

Sued Nunes



SANTOS, Vitailma Conceição. **Virgínia Bicudo e o curso de Psicologia da UFBA: significações de uma intelectual negra em uma formação “sem cor”**. 2022. 171 f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021.

## RESUMO

Virgínia Leone Bicudo, apesar da sua importância para a Psicanálise, as Ciências Sociais e a Psicologia, não recebe o devido reconhecimento por suas contribuições nesses campos. O ato de validar a produção de intelectuais negras ajuda no processo de crítica à invisibilidade epistêmica, possibilitando também que pessoas subalternizadas no ambiente acadêmico reivindiquem o seu lugar de agência. Este estudo teve como objetivo descrever os significados construídos por estudantes do curso de Psicologia da UFBA sobre o seu processo de formação a partir do contato com a produção de Virgínia Bicudo no campo das relações raciais. Foram entrevistados um total de sete estudantes, diversificados em relação à situação socioeconômica, o pertencimento étnico-racial e o gênero. A pesquisa utilizou uma metodologia qualitativa de caráter exploratório, com base em referenciais teóricos da Epistemologia Feminista Negra e do Interacionismo Simbólico, microsociologia que focaliza o estudo das interações entre sujeitos e contextos. Os dados foram produzidos em Oficinas realizadas em duas turmas do curso de Psicologia da UFBA e em entrevistas semiestruturadas. Embora a pertinência das contribuições de Bicudo e da temática racial para o curso de Psicologia tenham sido reconhecidas por todos os participantes, os significados produzidos sobre a importância do legado da autora puderam ser relacionados com o pertencimento étnico-racial dos entrevistados. Os estudantes significaram as contribuições de Virgínia Bicudo à formação em Psicologia através de seu próprio senso de identidade. Foi explicitada pelos estudantes negros uma sensação de não identificação por critérios étnico-raciais e pelas estudantes brancas uma percepção de si mesma, enquanto futura profissional prejudicada, devido à pouca apropriação teórica sobre temas-problema sociais. Os relatos permitem compreender que a ausência da racialização do curso, causa repercussões na avaliação dos estudantes sobre a profissão de psicólogo. Os aspectos de classe e de raça dos estudantes foram preponderantes na construção dos significados, que se organizaram em três significados, um ligado à necessidade de saber, outro ligado à falta de pertença à formação e, por fim, um significado ligado à resistência à invisibilidade de intelectuais negras e indígenas. O reconhecimento da autoria de Bicudo surgiu, então, como um elemento sensibilizador para a crítica ao saber hegemônico e para o fortalecimento do senso de agência dos estudantes entrevistados.

**Palavras-Chave:** Virgínia Bicudo; Formação em Psicologia; Interacionismo Simbólico; Epistemologia Feminista Negra; Ação Decolonial.

SANTOS, Vitailma Conceição. **Virginia Bicudo and the Psychology grade at UFBA: meanings of a black intellectual in a “colorless” education.** 2022. 171 f. Dissertation (Master). Post Graduate Program of Interdisciplinary Studies About the University, Federal University of Bahia, Salvador, 2021.

#### ABSTRACT

Despite her importance for Psychoanalysis, Social Sciences, and Psychology, Virgínia Leone Bicudo does not receive due recognition for her contributions in these fields. The recognition of the contributions of black intellectuals helps in the process of overcoming epistemic invisibility, enabling minority groups in the academic world to gain autonomy. This study describes the meanings constructed by Psychology students from the Federal University of Bahia (UFBA) regarding their professional and academic training after being exposed to Virgínia Bicudo's contributions in the field of racial relations. A total of seven students were interviewed. Participants differed from each other in terms of their socioeconomic backgrounds, ethno-racial origins, and gender. The research used a qualitative exploratory methodology based on the theoretical frameworks of Black Feminist Epistemology and Symbolic Interactionism, focusing on the interactions between subjects and contexts. Data were produced through workshops held during classes in the Psychology course at UFBA and through semi-structured interviews. Although all participants recognized the relevance of Bicudo's contributions and the theme of racial relations to the academic and professional training of Psychology students at UFBA, the meanings produced about the importance of Bicudo's legacy differed based on the ethnic-racial origin of the respondents. Students signify Virgínia Bicudo's contributions to Psychology training through their own sense of identity. A feeling of non-identification by ethnic-racial criteria was explained by the black students and by the white students a perception of themselves as a future professional impaired, due to the little theoretical appropriation of social issues-problems. The reports allow us to understand that the absence of racialization in the course causes repercussions in the students' evaluation of the psychologist profession. The aspects of class and race of students were predominant in the construction of meanings, which were organized into three meanings, one linked to the need to know, another linked to the lack of belonging to training and, finally, a meaning linked to resistance to invisibility. of black and indigenous intellectuals. The recognition of Bicudo's authorship emerged, then, as a sensitizing element for the criticism of hegemonic knowledge and for the strengthening of the interviewed students' sense of agency.

**Keywords:** Virgínia Bicudo; Professional and Academic Training in Psychology; Symbolic Interactionism; Black Feminist Epistemology; Decolonial Action.

## LISTA DE SIGLAS

CAPES - Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior  
CEP – Comitê de Ética em Pesquisa  
CEP EEUFBA – Comitê de Ética em Pesquisa - Escola de Enfermagem da UFBA  
CEPIPS - Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia  
CFP – Conselho Federal de Psicologia  
CHD – Classificação Hierárquica Descendente  
CONEPS - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa  
ELSP – Escola Livre de Sociologia e Política  
FFLCH/USP - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo  
FNB – Frente Negra Brasileira  
GEP – Grupo de Estudos Pretos  
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
IDOV – Instituto de Orientação Vocacional  
IS – Interacionismo Simbólico  
MEC – Ministério da Educação e Cultura  
MNU – Movimento Negro Unificado  
PUC Minas - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais  
RBP - Revista Brasileira de Psicanálise  
SARS-COV-2 - *Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2*  
SBPSP – Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo  
SIAC – Sistema Acadêmico da Universidade Federal da Bahia  
TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido  
TEN – Teatro Experimental do Negro  
UFBA – Universidade Federal da Bahia  
UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura  
UNICAMP- Universidade de Campinas

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>15</b>
<b>1 QUEFAZER COM A NEGRURA DE UMA INTELLECTUAL (?)</b>	<b>21</b>
1.1 LOCALIZANDO UM “MAU ENCONTRO”: UNIVERSIDADE E COLONIALIDADE	24
1.2 O LUGAR DE VIRGÍNIA LEONE BICUDO NA PSICOLOGIA	30
<b>2 “QUEM CONTA UM CONTO [...], CONTA A PARTIR DE ONDE”? REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO</b>	<b>40</b>
2.1 INTERACIONISMO SIMBÓLICO E CONSTRUÇÃO DE SIGNIFICADOS	40
2.2 A EPISTEMOLOGIA FEMINISTA NEGRA ENQUANTO “AÇÃO DECOLONIAL”	45
2.3 PRODUÇÃO SIMBÓLICA DE ACORDO COM A ÉTICA FEMINISTA NEGRA	48
2.4 PERCURSO DA PESQUISA	52
2.4.1 Instrumentos e procedimentos de produção e tratamento dos dados	54
2.4.2 Aspectos éticos	58
<b>3 BUSCANDO OS “SEGREDOS DE VIRGÍNIA”</b>	<b>61</b>
3.1 RECEPÇÃO DE VIRGÍNIA LEONE BICUDO: REVISÃO DE LITERATURA	61
3.2 RELEITURA DO TEXTO “ATITUDES RACIAIS DE PRETOS E MULATOS EM SÃO PAULO (BICUDO, 1945/2010)	67
3.2.1 Simbiose, assimilação e tolerância ao racismo ou <i>"esse negrinho vai dar gente"</i>	71
3.2.2 Ambivalência afetiva e autoódio	75
3.2.3 A instrução “salva” (?): barganha por símbolos da brancura	78
3.2.4 O pardo “marginal”: brigando por “meio-doce” em lugar nenhum	80
3.2.5 O bom uso dos “ <i>pseudópodes</i> ”: o trabalho político de (re)avaliação da Raça	83
3.3 OFICINA VIRGÍNIA BICUDO E RELAÇÕES RACIAIS	86
<b>4 CORPO E ATO BALIZANDO O OLHAR</b>	<b>97</b>
4.1 SIGNIFICADO-PERTENÇA: JACKSON E ABAYOMI	102
4.1.1 Escolha e Permanência	103
4.1.2 Percepções sobre a oficina	106
4.1.3 Vozes Plurais: centelha para uma mudança da formação	108
4.2 SIGNIFICADO-RESISTÊNCIA: ADÚN E XAPIRI	112
4.2.1 Escolha e Permanência	113
4.2.2 Percepções sobre a oficina	115
4.2.3 Vozes Plurais: centelha para uma mudança da formação	117
4.3 SIGNIFICADO-SABER: ALICE, SOFIA E ELVIA	120
4.3.1 Escolha e Permanência	121
4.3.2 Percepções sobre a oficina	123
4.3.3 Vozes Plurais: centelha para uma mudança da formação	125

4.4 AVALIAÇÕES DOS CURSOS DE AÇÃO DOS ESTUDANTES SOBRE AS RELAÇÕES RACIAIS E SUA FORMAÇÃO	128
4.4.1 Socialização Estudantil	129
4.4.2 Avaliações sobre “Ser Psicóloga(o)”	132
4.4.3 Conclusão: Autoria de Bicudo como elemento de sensibilização para a crítica ao saber hegemônico e o fortalecimento do senso de agência dos estudantes	136
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>142</b>
<b>REFERÊNCIAS DE AUTORAS NEGRAS</b>	<b>147</b>
<b>OUTRAS REFERÊNCIAS</b>	<b>152</b>
<b>APÊNDICE A – ROTEIRO DE OFICINA</b>	<b>165</b>
<b>APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA</b>	<b>168</b>

## APRESENTAÇÃO

O nome “Virgínia Bicudo” tinha um lugar na minha formação que me trouxe até o mestrado e a esse texto. Eu reconheço o lugar do desejo – inominável - na produção de significados, pois, mesmo à esquiva do nome, ele significa o mundo.

Em primeiro lugar, eu sou sujeito interessado no tema da formação em Psicologia na UFBA, por que sou também estudante do curso. Conheci a história de Virgínia Bicudo em 2018, por meio de uma postagem do Geledés – Instituto da Mulher Negra. Encontrei, então, a tese de Janaína Damaceno Gomes, a dissertação de Virgínia e, a partir dali, comecei a contar essa história para colegas, amigos, e no meu grupo de pesquisa, processo bastante incentivado pela minha orientadora, Denise Coutinho. No ano em que resolvi fazer a seleção para o mestrado, eu havia submetido um outro projeto, completamente diferente, em outro programa. Quando vi a seleção do PPGEISU e me dei conta que era um programa sobre a Universidade, e que eu tinha um tanto de coisas resumidos sobre Virgínia, resolvi escrever um projeto. Já nesta escrita, eu deixei de acreditar na outra seleção e apostei apenas no que eu poderia fazer com as temáticas suscitadas por Virgínia Bicudo

Tive muito o que aprender. Eu, que sempre fui afeita aos estudos, incentivada por meus pais e família nesse percurso, incluindo meus queridos tios e tias, quase não consegui dar cabo do mestrado, tendo parado diversas vezes no portão de casa e pensando que eu poderia ter escolhido uma carreira mais “fácil”. As múltiplas jornadas empreendidas nesse período se somaram às repercussões de uma necropolítica que recrudescer nesse período pandêmico. Morando na periferia de Salvador, e, portanto, presenciando a violência à minha porta e na minha família extensa, esse trabalho foi atravessado pela matança e tentativas de matar corpos negros.

Quando eu escolhi a Epistemologia Feminista Negra foi para poder dizer de mim, onde eu quisesse no texto, ao que fui prontamente acolhida no Observatório da Vida Estudantil. Por muito tempo, amarrar os temas foi meu grande problema, mas foi saindo dos escritos, e indo pra “roça”, processo fomentado pela minha “ori”entadora, que eu conseguir aterrar mais que referencial. A cada encontro com minha vó e meu avô, um novo arquivo, um novo parágrafo, de gente que fala “o que a vontade der”<sup>1</sup> (SANTOS, Evandro, 2020). A cada vez que vi minhas

---

<sup>1</sup> Frase extraída de uma conversa com meu avô, Evandro Santos, em 2020. Como um bom cantador sertanejo, meu avô puxou uma quadrinha para mim, e numa das estrofes ele diz: “eu falo o que a vontade der”, quando eu indaguei o que era que ele estava recitando, se era um repente, ou uma quadra. A resposta de meu avô foi

filhas com eles, e minha vó, octogenária jogando bola com as bisnetas, um ponto de seguimento. E quando minha vó, saindo de um convalescimento, me falou que “ainda não era desta vez que ela iria embora”, tive a certeza de que também não era desta vez que eu ia parar.

Esse escrito é parte do relato sobre meu período de “contadora de histórias” de Virgínia Bicudo na Psicologia da UFBA. Com a palavra, Fabrícia de Jesus, Assistente Social, Poeta do Sarau do Cabrito - Salvador, e que sempre tem alguma coisa a escrever para inspirar, que escutou a história de Bicudo e poetizou:

*Cabe aqui tbm arregalar os zoiros para lembrar, q falamos de uma mulher preta de +ou - 1,60 de altura, acadêmica, discutindo, questionando o q tá posto por uma elite de "intelectuais " masculina e branca. No bom baianês, a miserê, vem dando de bicuda no "padrão".*

Fabrícia de Jesus (2020).

Esse trabalho tinha que ter esta cara “povoada”. Não poderia ser diferente.

---

certeira, calou fundo a minha questão, afinal, não se trata do que eu posso definir sobre o que ele está falando, mas do que ele comunica. Isso é criar um discurso sobre si.

## INTRODUÇÃO

Era 2018, e eu pela primeira vez, lia sobre Virgínia Leone Bicudo. Ali foi dado o primeiro passo para esta dissertação. Naquele momento eu, acadêmica no curso de Psicologia, e já interessada na Psicanálise, passava por um incômodo que eu considerava muito particular: eu não me “enxergava” fazendo aquilo que eu me interessava no momento, a pesquisa, e a clínica psicanalítica. As minhas referências não eram artistas e escritores franceses, e eu ficava pensando, a cada vez que pegava um ônibus, como a “poesia de buzú<sup>2</sup>”, entraria na minha clínica. Se havia espaço para todo esse “estrangeiro” na Psicanálise, uma área que eu julgava unicamente branca – vá lá, a área não é branca, mas a sua representação branquíssima, a despeito de alguns psicanalistas negros em exercício, essa não podemos ignorar.

Ao conhecer esta intelectual, quis contar ao mundo, e foi a partir desse interesse que fui convidada pela professora Denise Coutinho a começar uma “contação de histórias” para outros estudantes. Após algumas incursões em sala de aula, basicamente para dar notícias de que pessoas negras não são estrangeiras no campo psi brasileiro, surgiu a ideia de escrever sobre isso. Inicialmente eu pensei em escrever sobre o passado. Sobre como tinha sido até então, trabalhar com a “inserção” desta intelectual negra no curso. Ingressei no mestrado com esse objetivo, mas logo percebi que de fato, não houve uma inserção de Bicudo, no sentido de uma capilarização da sua teoria, ou mesmo do seu nome, ao falar sobre estudos da Psicologia Social, ou sobre relações raciais.

Por isso, decidi prolongar o período de contação de histórias sobre Virgínia Bicudo, e somar às histórias desta intelectual, algumas impressões que me inquietavam a respeito da formação. Afinal, há lugar para os poetas de “buzú” na Academia? Eu não precisei perguntar, mas Fabrícia de Jesus me respondeu (2020), ao poetizar a história de Virgínia, que será aqui apresentada pelas palavras dela:

Socióloga, educadora sanitária, psicanalista, divulgadora científica,  
protagonista na institucionalização da psicanálise no Brasil.

A diva, chama se Virgínia Bicudo .

A "negrinha", é pioneira em investigar sobre relações raciais no Brasil de modo descolonizado, buscando provar a existência dos conflitos étnicos raciais e a problemática subsequente para as subjetividades. Assim, através da escuta qualificada de pretas e pretos em São Paulo, ela passa a

<sup>2</sup> Na cidade de Salvador, os ônibus coletivos são chamados de “buzú”.



apresentar que é possível ver o fenômeno do racismo (que ela cita em sua obra como, preconceito de cor) e o sofrimento produzido por ele. Virgínia Bicudo, inaugura na academia o debate sobre racismo.

Vale ressaltar que estamos falando dos entornos de 1945, período brasileiro onde se prevalece o pensamento de democracia racial, tendo como grande referencial, Casa Grande Senzala, de Gilberto Freyre.

Cabe aqui tbm arregalar os zoiros para lembrar, q falamos de uma mulher preta de +ou - 1,60 de altura, acadêmica, discutindo, questionando o q tá posto por uma elite de "intelectuais " masculina e branca. No bom baianês, a miserê, vem dando de bicuda no "padrão".

Sua estrutura de pesquisa se faz, a partir dos estudos de caso.

Virginia ao longo de sua trajetória profissional, passou por muitas situações de violência, sendo boicotada, sendo chamada de charlatã em congresso e por muitas vzs recebeu folhetos difamatórios em seu consultório. Provando assim que

\*" O diploma ou cargo de responsabilidade não constitui o meio suficiente para sua introdução em todos os aspectos da vida social."\*  
(é dela mesma a citação, BICUDO)

Virgínia transitou pela psicanálise e sociologia.

Agora espia,

ela foi aluna, foi orientada por Donald Pierson, que fez estudos aqui na Bahia abordando a convivência pacífica entre pretos e brancos na Boa Terra.

--- Raíai!!

Virginia escreveu e se fez corpo, contra o pensamento elitista vigente.

Eu nunca ouvi falar de Virgínia na graduação, mas sinto seu reflexo na minha cara, na minha escrita no meu pensar.

E vcs?!

Fonte papos e áudios com @vitassantos & Atitudes Raciais de Pretos e Mulatos em São Paulo.<sup>3</sup> (JESUS, 2020)

A história da universidade brasileira, ao ser examinada pelo olhar decolonial, mostra aquilo que falta, as ideias que não circularam, ou “sumiram”, e mais que isso, a resistência dos atores dessa história. As perguntas que Grada Kilomba (2019) dirige aos seus estudantes, facilitando seu protagonismo na sala de aula, nos ajudam a ter pistas de como o processo de retirada da invisibilização, ajuda a transformar o próprio ambiente institucional. Segundo a

---

<sup>3</sup> Fonte: Postagem no Instagram da @meninadosolhosdeexu, Fabrícia de Jesus, no dia 27 de Agosto de 2020. Fabrícia é Poetisa e Assistente Social, soteropolitana do Alto do Cabrito. Esse texto foi escrito por Fabrícia a partir de uma conversa por WhatsApp onde conversávamos sobre a história de Virgínia Bicudo.

autora, pessoas que têm o seu conhecimento e sua existência invisibilizados se tornam visíveis (KILOMBA, 2019).

Embora a recuperação da caminhada de uma intelectual esquecida acene para uma espécie de notoriedade retrospectiva (CORRÊA, 1995), a literatura consultada acerca de Virgínia Bicudo demonstra que, no campo da Psicologia, inexistem contribuições dispostas a propor uma reavaliação da formação universitária em Psicologia a partir das contribuições desta autora, assim como o esforço que Janaína Damaceno Gomes (2013) faz em relação ao reconhecimento de Bicudo nas áreas da Sociologia e na Antropologia. É necessário, então, que sua produção seja validada também no campo *psi*, com o qual ela se envolveu especialmente. Remeto a uma mulher que reuniu vários pioneirismos, ligados ao desenvolvimento de técnicas, como o método Esther Bick de observação mãe-bebê, que ela trouxe para o Brasil, a psicanálise kleino-bioniana, da qual ela foi grande defensora e difusora e autora de vários textos técnicos, publicados na Revista Brasileira de Psicanálise, segundo Vera Rodegheri (2011). Esses textos visavam o desenvolvimento da técnica psicanalítica freudiana e kleiniana aplicada à perspectiva brasileira (RODEGHERI, 2011).

Nesse escopo, as significações – produção simbólica – de Virgínia Leone Bicudo a respeito das relações raciais na sociedade brasileira do início do século XX, foram utilizadas para suscitar significados a respeito da formação em Psicologia de estudantes de um curso de Psicologia da UFBA, a fim de proporcionar novas reflexões sobre esta, que é uma formação que reconhecidamente se esquia da discussão acerca das relações raciais, e da repercussão delas – e do racismo - na sua organização institucional. O resultado do silêncio sobre a raça nos cursos de Psicologia leva ao não reconhecimento da desigualdade produzida pelo racismo, e uma aceitação tácita da classe como referência de manutenção de privilégios, embora os futuros profissionais considerem a cor da pele importante para a compreensão da subjetividade, conforme afirmam Alessandro dos Santos e Lia Schucman (2015).

Assim, foram utilizados como referencial teórico-metodológico para esta pesquisa, a Epistemologia Feminista Negra e a compreensão de que as escritas de mulheres negras no campo acadêmico são uma ação decolonial, conforme a visão de Joaze Bernardino-Costa, Nelson Maldonado-Torres e Ramón Grosfoguel (2018), utilizadas nesta pesquisa para a construção da conduta metodológica (COLLINS, 2016; 2020). Para a leitura dos fenômenos situacionais e da aplicação das teorias decolonial e feminista negra na pesquisa, foi utilizado como referencial teórico o Interacionismo Simbólico (IS).

Conceber a Epistemologia Feminista Negra como ação decolonial foi basilar para questionar a hegemonia do saber/poder norte-masculino-branco-centrado no processo de investigação. Destarte, este trabalho parte do reconhecimento de dois aspectos sobre a trajetória de mulheres negras: o primeiro, que podemos utilizar suas trajetórias como um ponto de perspectiva para observar os processos coloniais, porque compartilham histórias de invisibilidade, apagamento e violências ligadas à raça e também ao gênero; e, o segundo aspecto, de que há significados compartilhados na ordem social que fundamentam essas opressões.

Almejei analisar os significados que estudantes de Psicologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA) atribuem aos aportes de Virgínia Bicudo para o campo das relações raciais, tendo como pano de fundo a sua própria formação, buscando responder à pergunta esse trabalho se destina a responder: *Que significados são tecidos em relação ao lugar das questões étnico-raciais na formação, a partir do encontro de futuras(os) psicólogas(os) da UFBA com as contribuições de Virgínia Bicudo?*

O percurso da pesquisa teve então duas etapas. A primeira etapa foi interventiva, com a preparação e realização de oficinas sobre Virgínia Bicudo, segundo o referencial *Oficinas como método de intervenção psicossocial*, de Maria Afonso (2006). Na segunda etapa foram entrevistados estudantes do curso de Psicologia da UFBA, que haviam participado das oficinas, e foram realizadas as análises das entrevistas e finalização do trabalho com a descrição das tessituras de significados apresentadas pelas pessoas entrevistadas.

Foram extraídos, através da revisão de literatura da recepção da produção de Bicudo no campo das relações raciais, alguns eixos temáticos relacionados com as suas contribuições para as Ciências Sociais, para a Psicanálise e para a Psicologia. Além desses, emergiram dois novos campos que tiveram como nascedouro a discussão de Janaína Damaceno Gomes (2013), que são os campos relativos à recuperação das trajetórias invisibilizadas de intelectuais negras e o campo das reflexões decoloniais.

Essas etapas foram utilizadas para subsidiar os objetivos específicos, que consistiram em a) cotejar as conclusões a que Virgínia chegou no texto “Atitudes Raciais de Pretos e Mulatos em São Paulo” com produções mais recentes sobre raça; b) realizar oficinas sobre a produção de Bicudo para as relações raciais, no curso de Psicologia; e, por fim, c) compreender os significados construídos pelos estudantes acerca do legado de Virginia

Bicudo para o seu percurso formativo e para a Psicologia e Relações Raciais. Tendo em vista esses objetivos, a presente dissertação estrutura-se da seguinte forma:

No primeiro capítulo, “Quefazer com a negrura de Virgínia (?)”, são abordados alguns pontos da história da Universidade brasileira, com ênfase nos seus aspectos coloniais, bem como a transformação empreendida pela presença cada vez maior da tensão exercida pelos movimentos sociais e corpos subalternizados que ingressam nesse espaço, principalmente após as políticas de ação afirmativa. Também é abordado nesse capítulo aspectos que justificam o lugar de Virgínia Bicudo no curso de Psicologia, como algumas das suas contribuições à Psicologia, especificamente ao campo da clínica voltada para as questões sociais, e um pouco do histórico e da composição do curso de Psicologia da UFBA. São explorados também nessa seção, anseios do corpo estudantil, especialmente da parcela de estudantes que é oriunda das camadas populares, que requerem uma nova modalidade discursiva no curso.

O segundo capítulo, “Quem conta um conto [...] conta a partir de onde?”, apresenta o referencial teórico-metodológico utilizado nesta pesquisa, através da reflexão interacionista sobre a Epistemologia Feminista Negra, reconhecida aqui neste trabalho como uma *Ação Decolonial*, a construção de Nomes e Significados, e a proposição Feminista Negra para os Usos Insubmissos da Linguagem. Nesse capítulo também são explicitados os caminhos da pesquisa e os aspectos éticos que envolveram esta investigação, assim como os caminhos percorridos na pesquisa, os instrumentos e procedimentos de produção de dados e algumas notas oriundas do meu diário de campo e de algumas reflexões sobre o método que surgiram ao longo do processo.

No capítulo seguinte, “Buscando os “Segredos de Virgínia”, segue uma revisão de literatura narrativa com a organização esquemática dos principais campos onde as contribuições de Bicudo têm sido recuperadas, e uma “Releitura do texto “Atitudes Raciais de Pretos e Mulatos em São Paulo”, onde apresento uma organização didática do texto da pesquisa de Bicudo, comentando, de acordo com a literatura sobre relações raciais, o processo necessário para a realização das oficinas realizadas no curso de Psicologia da UFBA, e que também são explicitadas nessa seção.

No quarto capítulo, “Corpo e ato balizando o olhar”, eu trato das descrições e análises das entrevistas e significados tecidos pelos estudantes. Esta parte do trabalho foi dividida em quatro subseções: nas três primeiras, eu descrevo os significados colhidos nas entrevistas com

os sete estudantes entrevistados, privilegiando os significados construídos por eles sobre o aporte teórico deixado por Bicudo, no campo das relações raciais, e as relações que foram estabelecidas entre o tema e os seus próprios percursos formativos. Na última subseção, eu apresento as avaliações dos cursos de ação que emergiram nos discursos dos entrevistados e apresento um modelo gráfico dos significados construídos pelos estudantes.

No quinto capítulo, como considerações finais, eu destaco a importância do reconhecimento da autoria de Virgínia Bicudo e seu discurso sobre as relações raciais no curso de Psicologia, tanto para atender uma função técnica – da aquisição de competências para a atuação profissional da(o) psicóloga(o) perante as demandas sociais, quanto uma função política – de proporcionar avaliações sobre o seu próprio senso de identidade.

## 1 QUEFAZER COM A NEGRURA DE UMA INTELECTUAL (?)

Onde está a negrura dessa mulher? Ou melhor, ela era mesmo negra? Foi a pergunta que Janaína Damaceno Gomes se fez ao iniciar sua tese (GOMES, J., 2013). Foi da inquietação pelas representações embranquecidas de Virgínia Leone Bicudo, reconhecendo a importância de afirmar a negritude dela, por que essa possivelmente seria uma das explicações para o seu sumiço, que os “segredos de Virgínia” começaram a ser contados (GOMES, J., 2013).

Agora, esses segredos estão sendo incorporados a diversos campos para informar sobre injustiças epistêmicas cometidas em nome do racismo e do sexismo. As novas linhas de pesquisa que se debruçam sobre a negrura e a invisibilidade de Bicudo e de outras autoras negras para questionar campos do conhecimento são os novos *quefazeres*, ou seja, saberes que se estendem para a ação, e são (des)centrados em quem vive determinada realidade – como a realidade de uma psicóloga ou psicólogo em formação, focalizada nesse trabalho - no sentido em que *estão sendo* e suscitando algum tipo de mudança *aqui e agora*, conforme Paulo Freire (1983).

O acervo da Folha de São Paulo nos informa a grandiosidade do percurso e da produção de Virgínia Leone Bicudo, cientista social, psicanalista, e psicóloga paulista, que viveu entre 1910 e 2003. Pouco se sabe da infância de Virgínia. Na narrativa em primeira pessoa, temos apenas o que aparece nas entrevistas de jornal onde ela traceja as linhas de inflexão que a levou à sua trajetória acadêmica bem como sua trajetória na psicanálise.

A representação mítica de uma São Paulo de oportunidades, a despeito da realidade dos negros e dos imigrantes no pós-abolição, foi forjada a partir da ascensão social de alguns integrantes desses grupos que conseguiram escapar às estatísticas da desigualdade (ABRÃO, 2010). Virgínia Leone Bicudo foi uma dessas *outsiders*. Em meio às relações simbióticas que envolviam tanto uma forte dependência quanto antagonismo entre a elite branca, os negros recém-libertos e os imigrantes, nasceu 21 de novembro de 1910, no bairro da Luz. Morreu em 26 de setembro de 2003, após ter ganhado o mundo, já recolhida em uma clínica de repouso para idosos, devido à senescência e comorbidades (ABRÃO, 2010). Na sua biografia, um enlace entre carreira e vida pessoal: ela iniciou os estudos em Ciências Sociais e depois partiu para a Psicanálise, a fim de buscar a gênese do seu sofrimento pelo preconceito de cor.

Ao optar pela Escola Livre de Sociologia e Política (ELSP/USP) para os estudos em Sociologia, Virgínia fez uma escolha que tanto dizia sobre sua história familiar, daquela parcela da população que apenas ascenderia socialmente pelo trabalho e estudo, quanto pela linha de

estudos sociológicos que veio a seguir posteriormente, a Escola de Chicago. A própria Virgínia resumiu esse contexto com a frase “fui para a ELSP, pois ali era lugar de operário” (MAIO, 2010). De fato, a suspeita de Bicudo era verdadeira, a ELSP, ao contrário da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da USP, era mais voltada à preparação de pesquisadores e técnicos, “operários” preparados para a intervenção social. A ELSP nasceu logo após o manifesto da Escola Nova, que trazia outra perspectiva para a educação, a de que esta deveria ser para todos, entre outros apontamentos dos educadores signatários da carta, dentre eles, Virgínia Bicudo, que já era visitadora psiquiátrica, atuante na Seção de Higiene Mental, portanto, já agente da educação.

Ao observarmos a história de Virgínia desvela-se tanto a sua invisibilidade no meio acadêmico brasileiro, quanto um passado onde “só Virgínia tinha voz”, como eu mesma escutei de uma psicanalista em um dos momentos onde eu falava sobre esta pesquisa. Essa ideia de que Virgínia era “*quem falava*” na psicanálise brasileira, sobretudo no final da década de 50 e durante a década de 60, se deve ao fato de que ela era um dos grandes nomes da técnica psicanalítica no país, e se dedicava também à divulgação ao público leigo, sendo muitas vezes convidada a traduzir, tornando acessíveis, as novidades científicas sobre saúde mental, se dirigindo sempre aos pais, responsáveis por manter o ambiente familiar propício ao pleno desenvolvimento infantil.

Com a sua dissertação, *Atitudes Raciais de Pretos e Mulatos em São Paulo*, a primeira sobre a questão racial<sup>4</sup> no Brasil, defendida em 1945, Bicudo se inseriu em um campo interdisciplinar entre as Ciências Sociais, a Antropologia e Psicologia Social. Depois, ao se engajar na Psicanálise, ajudou a desenvolver a clínica psicanalítica, especificamente no campo da Higiene Mental<sup>5</sup>, disciplina que ela lecionou na ELSP.

A Higiene Mental era um conjunto de ações de prevenção ao adoecimento mental através do ajustamento de aspectos da personalidade do indivíduo, nasceu nos Estados Unidos, com a iniciativa de Clifford Beers de escrever uma autobiografia onde relatava sua experiência com o seu transtorno mental e o fracasso das técnicas “terapêuticas” de institucionalização e estigmatização da loucura (BICUDO, 1953). Segundo Bicudo (1953, p.363), “o propósito

---

<sup>4</sup> Na sua dissertação, Virgínia Bicudo trata da questão racial e do racismo, como relacional e estruturante das interações sociais, e não mais como era tratado no discurso das Ciências Sociais até então: uma questão individual do sujeito negro.

<sup>5</sup> No livro “A Psicologia Moderna”, organizado por Otto Klineberg, e desenvolvido entre 1945 e 1947, embora publicado apenas em 53, o termo “Higiene Mental”, ainda era utilizado. Em 1949, esse termo foi alterado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), para o hoje utilizado “Saúde Mental” (ABRÃO, 2010).

essencialmente visado pela higiene mental está na formação da personalidade sadia pela aplicação de medidas preventivas ou remoção das causas de distúrbios psíquicos”.

Essa linha de atuação, foi o primeiro momento onde, na história da saúde mental brasileira, concebeu-se que transtornos mentais poderiam ser rastreados e impedidos de acordo com mudanças no ambiente afetivo da pessoa, sobretudo na infância, como Bicudo (1953), defende. Foi nesse tema, devido à sua atuação como Educadora Sanitária e Visitadora Psiquiátrica, que Virgínia Leone Bicudo afirmou-se como psicóloga – psicologista na época, participante da construção da Psicologia Social e da clínica psicológica no Brasil, primeiro através de sua atuação na Clínica de Orientação Infantil da Seção de Higiene Mental da USP e depois na docência em Psicanálise no curso de Psicologia da USP.

A partir desse momento, com os avanços na teorização psicanalítica, a separação entre Psicanálise e Psicologia se torna mais marcada, e a confusão entre áreas que existia dentro do campo acadêmico no início do séc. XX, e que existe até hoje no senso comum, era menos recorrente.

Assim como Marcos Chor Maio (2010), Janaína Damaceno Gomes (2013), e Jorge Luís Abrão (2010), dentro desse campo, ressaltam que Bicudo apresentou uma perspectiva pioneira de análise no Brasil, que antecipava alguns conceitos que seriam trazidos no trabalho seminal de Frantz Fanon sobre alienação, o *Pele Negra, Máscaras Brancas* (FANON, 1952/2008). Desses trabalhos, uma tese, a de Fanon, não foi aceita pela academia francesa, outra, a de Virgínia foi aceita na academia brasileira, mas sumiu (SILVA, Nádia da, 2020).

Virgínia foi “sumida”. Em meio ao silenciamento cúmplice dos campos onde transitou, sua negritude foi logo apagada, e após o declínio da sua atividade política, com as questões de saúde agravadas pela senilidade ela deixou de falar e de ser falada na Psicanálise, a partir da década de 90. Nas Ciências Sociais, Bicudo já era “letra morta” há muito. Mas o que esses sumiços, primeiro da cor da mulher que foi registrada no Registro Funcional da USP como “branca”, e depois dos escritos desta intelectual podem dizer a nós?



## 1.1 LOCALIZANDO UM “MAU ENCONTRO”: UNIVERSIDADE E COLONIALIDADE

*Cena inaugural: depois de  
Um momento de pasmo,  
Nesse umbral pontilhado de  
colunatas, o conquistador  
escreverá o corpo do outro e  
traçará ali  
a sua própria história*

Michel de Certeau<sup>6</sup>

Como cena inaugural para esta pesquisa, posso descrever meu próprio encontro com a UFBA. Um “mau encontro”<sup>7</sup>, nos termos de Alexandro de Jesus (2019). Ao chegar à Universidade Federal da Bahia para me matricular no curso de Psicologia, a pergunta “*Psicologia ou Pedagogia?*” repetida duas vezes sobre a qual curso eu me destinava, despertou minha atenção. Naquele momento, observava uma das minhas filhas gêmeas no *sling*, sentia a tez suada e tinha uma incompreensão: *não falei claro o suficiente?!*

Hoje percebo que, naquela cena, o que sustentava a dificuldade de compreensão era a escuta. A incompreensão acerca da voz do outro, oriunda de uma língua que pode dizer o mundo, quando se torna escrita, pode transformar uma aparição em demônio (JESUS, A., 2019). Essa língua não é a da servidora, mas é a língua do universo simbólico que permeia a universidade, que tem determinados estereótipos de estudantes dos cursos, assim como uma hierarquização desses cursos na sua organização institucional.

Segundo Gabriela Honorato e Rosana Heringer (2015), essa hierarquização institucional se reflete na escolha dos estudantes acerca das suas carreiras. O curso de Pedagogia, segundo as autoras, é visto pelas estudantes, como um curso mais propício à permanência, pois é um curso “mais barato”, o que denota uma “seleção social na educação superior no Brasil” (HONORATO; HERINGER, 2015; HONORATO; HERINGER, 2015, p.15). Ou seja, o curso de Pedagogia, caracterizado pela presença feminina, sobretudo de camadas populares, predominantemente composta por pessoas negras era um curso mais provável para a minha matrícula, uma mulher negra, mãe e pobre. Naquele momento, eu já havia reconhecido um fato que me ligaria depois a Virgínia Bicudo, eu também era um corpo não-previsto na Psicologia.

---

<sup>6</sup> (CERTEAU, 1982, p.5).

<sup>7</sup> Jesus cita o encontro colonial, como um mau encontro, marcado pela violência da tradução e pela cristalização do outro em um “ser para a dívida”, ao narrar a vida dos povos indígenas como uma existência em “prejuízo”, faltante em relação à ontogenia do colonizador europeu (JESUS, 2019).

A universidade que existe no Brasil, tal como a conhecemos hoje, se desenvolveu a partir da expansão e domínio da Europa nas colônias, de acordo com Harold Perkin (2007). Essas instituições estavam destinadas a primeiro, educar padres e ministros dos colonizadores, assim como seus governantes e as elites mercantes; depois, o objetivo era educar os povos colonizados, inculcando uma visão de mundo mais assimilada aos ideais europeus, ligados à riqueza e oportunidades de emprego legados pela colonização (ibidem). No entanto, a universidade, através da oposição desses povos ao ideal europeu, acabou se tornando um lugar de produção de lutas pela independência e pela soberania (PERKIN, 2007).

Após o processo de independência das colônias latino-americanas, as universidades serviram, principalmente, às elites europeias, aos donos de terras e à Igreja Católica. As escolas profissionais de agricultura, silvicultura, medicina veterinária, engenharia e afins eram voltadas para a educação de técnicos e administradores que, sem qualificação, não alcançariam os postos de comando (PERKIN, 2007). Este foco se devia também ao fato de que as repúblicas latino-americanas, após a Primeira Guerra Mundial, tornaram-se colônias econômicas da Grã-Bretanha, de onde saíam os empresários que desenvolviam as grandes obras do processo de desenvolvimento urbano, como as ferrovias, minas e campos de petróleo (ibidem).

Na América Latina houve duas frentes para a educação universitária, a frente ligada à educação espanhola, que exportara conhecimento para as colônias desde o século XVI, e a frente ligada a Portugal, que inibiu a entrada do ensino superior no Brasil até o século XIX (PERKIN, 2007). Segundo Naomar de Almeida Filho (2008), o ensino superior entra, de fato, no Brasil, no início do século XIX, através do modelo escolástico, ligado à doutrina da Igreja Católica Apostólica Romana, que monopolizou a produção do conhecimento português, sendo, no final do século XIX, substituído pelos liceus e *écoles supérieures* franceses, mesclados com algumas influências germânicas (ALMEIDA-FILHO, 2008).

José Jorge de Carvalho (2020) afirma que, no Brasil, nós temos uma organização do ensino superior baseada numa simplificação do modelo europeu humboldtiano e com uma composição tardia, pois as colônias hispânicas já contavam com universidades desde o séc. XVI, além de terem imprensa, o que, em terras brasileiras, só veio acontecer no século XIX (CARVALHO, J., 2020). Dadas as condições adversas de concepção da universidade brasileira e a demora na sua criação, o Brasil importa o modelo humboldtiano apenas a partir da ótica da elite acadêmica branco-europeia, não tendo participado da discussão inicial a respeito desse modelo, e também, não agregando, ao escopo da nossa universidade, a pluralidade de vozes da sociedade brasileira (ibidem).

Por exemplo, embora tenham nascido em um lugar com forte tradição escravista – Campinas -, a Universidade de Campinas (UNICAMP) e a Universidade de São Paulo (USP), não estabeleceram nenhum relacionamento ou discussão sobre o modelo de universidade, com os representantes de origem africana ou indígena (CARVALHO, J., 2020). O mito racista e xenófobo de que a Europa e, portanto, a tradição grega de pensamento nasceu sem nenhuma influência egípcia ou semita, foi fundante das nossas primeiras universidades, inclusive as francófonas – a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e USP (ibidem).

Uma espécie de conversa dos brancos de lá, com os brancos de cá. O local onde essas universidades se instalaram proporcionava a identificação entre brancos brasileiros e os acadêmicos e o conhecimento branco-europeu (CARVALHO, J., 2020). Assim, se estabeleceu uma grande vinculação e pertencimento exclusivo com a academia ocidental, que colocou a universidade brasileira em uma posição subalterna à Europa já na sua fundação (ibidem). Com a colonização epistêmica instalada, conforme Lélia Gonzalez (1988) ressalta, em meados do séc. XIX, a segregação racial se manteve – e se mantém - de pé (CARVALHO, J., 2020).

Há um movimento, segundo Boaventura de Sousa Santos (2020), que emerge das lutas sociais pelo direito à educação universitária, bem como a descolonização do racismo e eurocentrismo acadêmico (CARVALHO, J., 2020). Esse esforço, na UFBA, começa a se institucionalizar através da atuação do Prof. Dr. Naomar de Almeida Filho na Reitoria desta universidade, pois, visando a transformação da “cara” da UFBA, foi iniciado o processo de interiorização, com a criação da Universidade Federal do Recôncavo Baiano (UFRB) (ALMEIDA-FILHO, 2010). Em seguida, em 2005, sob os protestos conservadores da sociedade e de setores políticos baianos, foi implantado o Programa de Ações Afirmativas, que tinha no seu escopo, a reserva de vagas para estudantes negros e indígenas (ibidem).

Esse movimento de forçamento dos portões de entrada da Universidade é relativamente bem sucedido, na medida em que, atualmente, temos um maior alcance do ensino superior através da interiorização e das políticas de ações afirmativas estabelecidas e que, além da reserva de vagas, se lançou em ações de permanência. Apesar disso, os atores recém-admitidos têm que lidar com um elitismo sufocante e segregador que frustra as expectativas dos grupos sociais que se movem da base para o topo (SANTOS, B., 2020). A discussão sobre políticas afirmativas para pessoas negras e indígenas é, então, apito surdo, se não for acompanhada por uma reformulação do currículo colonizado das instituições de ensino superior (CARVALHO, J., 2020). Defende-se, então, a implantação do processo de justiça cognitiva – reconhecimento

de saberes plurais na universidade, uma proposta de encontro de saberes (SANTOS, B., 2020; CARVALHO, J., 2020).

A transformação da língua falada no círculo acadêmico é iniciada com a entrada das pessoas subalternizadas na universidade, pois comungo da elaboração de Antônio [Nêgo] Bispo dos Santos (2015) de que *a ação contracolonial* parte dos corpos subalternizados. Bispo estabelece o termo contracolonialidade para falar sobre a existência e resistência de pessoas negras e indígenas, que é sempre um viver contra a colonização – e apesar dela (SANTOS, A. 2015). Esses atores empreendem, através dos processos de resistência às opressões, um trabalho criativo de crítica e ação contra a hegemonia do ser, saber e poder coloniais, segundo a perspectiva trazida por Maldonado-Torres (2020).

Na compreensão de Bruna Franchetta (2018) sobre a diversidade linguística dos povos ameríndios/indígenas, o Brasil ignora o que se fala dentro dele. As línguas e falas, sobretudo dos povos indígenas são silenciadas pelo Estado, pela mídia e pelo sistema educacional, em todos os seus níveis (FRANCHETTA, 2018). A redução de mais de centenas de línguas brasileiras a uma única língua, que pertence ao colonizador, afeta a transmissão intercultural e a transgeracionalidade das compreensões de si desses povos. Por exemplo, “o último falante de Apiaká morreu no começo de 2012, outras línguas contam com menos de dez falantes, como o yawalapiti.” (ibidem, p.78).

A língua, segundo Franchetta, é um construto ideológico, que pode ser declarada para a existência, a resistência, ou a assunção do papel de ator em relação aos processos de invisibilização, como no caso dos pataxós, povo indígena do sul da Bahia, que está recriando a “língua dos guerreiros”, o patxohã, ou o caso dos guató, sobreviventes do Pantanal que estão resgatando a sua língua (FRANCHETTA, 2018). Isso aconteceu também na universidade, que, após muitos anos tentando traduzir o mundo segundo termos universalistas e excludentes, tendo despertado para a violência dos processos silenciadores através do uso da voz subalterna, começou, então, a partir das tensões do campo social, a se esforçar por aprender com a pluralidade de vozes e de maneiras de se expressar dos recém-chegados, a fim de expandir as fronteiras da língua falada no território acadêmico brasileiro (SANTOS, B., 2020; CARVALHO, J., 2020).

Conforme J. Carvalho (2020) aponta, é necessário reivindicar o lugar não apenas de reserva de vagas nas universidades, mas de “cotas epistêmicas” que garantam o direito de falar aos mestres e mestras, que objetivamente, facilitem o encontro de saberes. Nessa esteira, Grada Kilomba (2019) ressalta o papel da conscientização coletiva para a criação de novas

configurações de conhecimento. As definições de conhecimento estão ligadas ao poder e à estrutura racista, por isso, a Universidade não é neutra, mas é um espaço de privilégio das vozes brancas, a despeito da presença de intelectuais e estudantes negros (KILOMBA, 2019). A desqualificação do conhecimento contido nas vozes de pessoas pertencentes a minorias étnicas, configura a academia como um lugar de circulação não apenas de conhecimento, erudição e ciência, mas de violência (ibidem).

Kilomba (2019) e bell hooks (2019) apontam como o eurocentrismo acadêmico despreza o conhecimento oriundo da margem, como a literatura de mulheres negras, implicada com a sua experiência. No entanto a exclusão da escrita de intelectuais negras, que se cobre de justificativas baseadas na necessidade de objetividade científica, não se dá apenas no campo ficcional, mas também em relação à produção de intelectuais negras dentro das métricas de “cientificidade”. Não é possível mais esconder, perante trajetórias invisibilizadas de mulheres negras na ciência, que o que é validado na academia não é uma expressão de objetividade científica, mas de relações de poder desiguais, baseadas na raça (KILOMBA, 2019).

A desigualdade do poder acadêmico segundo critérios raciais é explicitada por Kilomba (2019), quando cita as violências sofridas durante o processo seletivo para o doutoramento na Alemanha, onde um suposto lugar de estrangeira foi apontado diversas vezes. Como por exemplo, no encontro com uma das diretoras do departamento, que acenou para a possibilidade de que ela escrevesse sua tese “em casa”, o que significava escrever na margem, longe da estrutura universitária (ibidem). Ou seja, há dentro do espaço do ensino superior os corpos “previstos”, que se movimentam dentro da Universidade como se estivessem em casa, e há aqueles que são interpelados a partir de critérios étnico-raciais para endossar o seu lugar de forasteiro, de estranho naquele ambiente.

Essa desigualdade ganha ainda um cunho sexista, como apontam as feministas negras (GONZALEZ, 1983; HOOKS, 2019; COLLINS, 2020). Janaína Damaceno Gomes (2013) cita dois casos onde, mesmo produzindo dentro do campo científico, na Antropologia, Katherine Duham<sup>8</sup>, e Ellen Irene Digs<sup>9</sup>, antropólogas afro-americanas “foram desaparecidas” do campo epistêmico, enquanto que os trabalhos de Franklin Frazier e Lorenzo Turner, também negros,

---

<sup>8</sup> Diggs, que foi a última assistente de W. E. Du Bois, desenvolveu pesquisas em Cuba e no Uruguai, além do Brasil, tendo escrito livros sobre quilombos brasileiros, e um artigo sobre sua experiência na América Latina, num artigo intitulado “Atitudes com relação à cor na América Latina” (tradução livre), Artigo publicado em 1971 no *Negro History Bulletin*, v. 34, n. 5, p.107-108 (GOMES, J., 2013).

<sup>9</sup> Dunham, mais conhecida pelo trabalho de coreógrafa que pela produção científica, pesquisou na América Central e na América Latina, escreveu, orientada por Herskovitz, a dissertação intitulada “Danças do Caribe: organização, classificação, formas e função” (tradução livre), defendida em 1936, segundo Gomes, J., (2013).

conseguiram mais reconhecimento. Aqui no Brasil, a invisibilização apontada pela autora (GOMES, J., 2013) também ocorre com as mulheres negras que produziram no campo acadêmico, como Virgínia Bicudo, psicanalista, psicóloga, cientista social, professora, uma mulher que transitou no circuito acadêmico e psicanalítico, num momento onde mulheres negras eram escassas nesses espaços (GOMES, J., 2013).

Virgínia Bicudo, então, se insere no campo das intelectuais negras invisibilizadas, pois, ainda que tenha desenvolvido a primeira dissertação sobre relações raciais no Brasil, um fato que a deveria colocar na história do estudo das subjetividades da população brasileira, essa autora se torna um segredo que, ao ser perscrutado por J. Gomes (2013), se torna uma provocação ao campo epistêmico brasileiro a respeito do colonialismo das suas práticas. Nas Ciências Sociais, esta autora não teve suas contribuições validadas por acreditarem que ela era “apenas uma psicóloga” (GOMES, J., 2013); na Psicanálise, embora trouxesse contribuições para a técnica freudiana, Bicudo perde espaço junto ao público leigo e aos círculos psicanalíticos junto com o kleinianismo, na chegada de Lacan à Universidade (ABRÃO, 2014; ABRÃO, informação verbal<sup>10</sup>).

Na Psicologia, apesar de recentemente, Bicudo ter sido incorporada ao discurso da Psicologia Social como pertencente ao seu nascedouro, não se escuta sua voz dentro da formação de psicólogas e psicólogos. Ao contrário do que acontece, por exemplo, com Frantz Fanon, que já é uma referência que tem sido bastante lida pelos futuros psicólogos na sua formação. Virgínia, ainda é “corpo não previsto” e voz não escutada nesse campo.

*“Psicologia ou Pedagogia?”*

Sigamos com a pergunta da cena inaugural, pois, observar a história do curso de formação de psicólogo da UFBA, que nasceu em 1972, e conhecer a própria história do surgimento da Psicologia como ciência e profissão, me ajudou, tempos depois, a responder minha dúvida sobre as perguntas repetidas acerca do curso em que eu estaria me matriculando. Essa dúvida começou a ser respondida através da reflexão sobre o lugar da Universidade na sociedade – e aqui não venho atacar o lugar de *locus* para o despertar de atores da Universidade, pois aposto no tipo de estudo, como aqueles conduzidos recentemente por Caio Feitosa, Renata Veras e Sônia Sampaio (2020), e por Ana Ribeiro, Marília Neri e Nelson Lima (2020), onde a Universidade e suas ações de extensão vêm sendo apontadas como potencializadoras para a ação política, ou, para *erguer a voz*, como nos traz bell hooks (2019).

---

<sup>10</sup> Entrevista concedida a mim por meio de plataforma de videoconferência. Salvador, 21 jan. 2021.

## 1.2 O LUGAR DE VIRGÍNIA LEONE BICUDO NA PSICOLOGIA

A Psicologia no Brasil foi regulamentada no Brasil em 1962, segundo Wilson Senne (2012), contendo uma tríplice dimensão, que contemplava as áreas clínica, escolar e industrial. Segundo o autor, logo a clínica psicanalítica se estabeleceu como o setor mais “nobre” da profissão, atendendo aos segmentos da classe média e classe média alta, principalmente durante o período de endurecimento do regime militar (SENNE, 2012). Esse auge da psicanálise durou até meados dos anos 1970 e, nos anos 1980, a Psicologia começa a se voltar para práticas emergentes no campo social – educação, saúde e ação social -, amparadas nos acontecimentos políticos da época, como a eclosão de movimentos sociais, novos partidos políticos, o movimento sanitário, dos trabalhadores de saúde mental, entre outros (ibidem). A formação em Psicologia se deslocaria, então, durante os anos 1980, de um modelo centrado na clínica para as elites, se redirecionando para os setores populares ao propor ações no campo público e comunitário (ibidem).

Aqui está a primeira pista da importância da produção de Virgínia Bicudo para a formação em Psicologia. É um grande equívoco acreditar que a inserção psicanalítica na formação profissional para a saúde mental é um fenômeno do fim do século XX, conforme afirmam Carlos Lins, Verônica Oliveira e Maria Coutinho (2009). Os autores chegam a citar as investigações pioneiras da Tavistock Clinic e a colaboração para o trabalho social, mas não mencionam os psicanalistas brasileiros que estiveram em formação nessa instituição na década de 50, como Bicudo (ABRÃO, 2014).

As produções sobre a história da Psicologia, embora reconheçam o lugar da Psicanálise na constituição da área, por muito tempo ignoraram completamente a existência, bem como as ações de pesquisa e de intervenção dessa intelectual, perdendo de vista uma parte importante do nascedouro de uma Psicologia atenta às questões sociais. Essa práxis está representada na ementa das aulas de Psicanálise onde Virgínia foi assistente de Durval Marcondes em 1945, na Clínica de Orientação Infantil, onde havia, além de aspectos da técnica e conceituação psicanalítica, temas ligados à intersecção dessa área com a Psicologia Coletiva, Antropologia Social, Educação, Criminologia e Arte e Literatura (GOMES J., 2013).

**Figura 1:** Ementa do curso de Psicanálise da Escola Livre de Sociologia e Política

<p><b>Psicanálise:</b>  Durval Marcondes, D.M. e Virgínia Leone Bicudo, B. Sc. 30 aulas, no primeiro semestre, às terças-feiras das 9 às 10hs. E às sextas-feiras das 8 às 9 hs.</p> <p>Criação da técnica psicanalítica. Reconhecimento da importância do inconsciente na vida psíquica individual.  Mecanismos do inconsciente. Estudo psicanalítico dos sonhos. Simbologia.  Psicanálise dos instintos. Evolução psico-sexual.  Organização estrutural do aparelho psíquico: ego, id e super-ego.  Noções sobre a ação psicanalítica no indivíduo. Estudo da transferência.  Contribuição da psicanálise à psicologia coletiva.  Contribuição da psicanálise à antropologia social.  Contribuição da psicanálise à educação.  Contribuição da psicanálise à criminologia.  Contribuição da psicanálise ao estudo da arte e da literatura.</p> <p>NOTA – serão dadas aulas especiais para estudo e discussão de obras psicanalíticas de interesse mais direto para as ciências sociais.</p> <p>Ementa do curso de Psicanálise, ELSP, 1945.</p>
--

**Fonte:** GOMES J. (2013, p.58).

A vertente de uma psicanálise que se estende além do setting analítico, sofreu grande retração durante o período militar, conforme Roger Gomes (2018) descreve, ao tratar da história da Revista Brasileira de Psicanálise (RBP). A Revista Brasileira de Psicanálise foi criada em 1967 para difundir o saber psicanalítico como um saber científico. Bicudo participou do alto comando da revista, e, através do cargo de Diretora editorial, garantiu a posição hegemônica da psicanálise kleino-bioniana nos rumos deste periódico.

Virgínia foi a única mulher entre os diretores editoriais na fundação da revista (GOMES, R., 2018). Suas produções durante a ditadura militar mostram a retração da abordagem dos temas sociais perante o grande público, trabalho que Bicudo desempenhou durante os anos 1930-1950. Além do rigor metodológico que era necessário para manter os psicanalistas alinhados à teoria kleino-bioniana, linha à qual Bicudo pertencia, os analistas didatas do período da ditadura precisavam ter cautela na abordagem dos temas relativos a essas abordagens: inveja, reparação, proteção, introjeção, repressão, entre outros conceitos que estavam desalinhados com as ações repressoras do período militar (GOMES, R., 2018).

Com o epistemicídio de Virgínia Bicudo, os pesquisadores quase sempre situam o surgimento de práticas da Psicologia Social na década de 1970, e traçam uma história faltante da Psicologia, fundadas em concepções muitas vezes errôneas. Um exemplo disso é que, quando se referem ao surgimento da Psicologia Clínica, Vera Mencarelli e Tânia Vaisberg



(2012) citam que ela nasceu elitista, que os estudos eram teóricos e não atentos à realidade social, quando Bicudo, também uspiana, começa sua atuação na Psicanálise intercalando clínica individual e intervenções psicossociais, já na década de 30. (GOMES; 2013; ABRÃO, 2014). Com isso não quero dizer que a Psicanálise não era solicitada pelas elites, mas que a clínica individual com esse grupo não era o único foco da atenção dos psicanalistas da época.

Segundo Mencarelli e Vaisberg (2012), apenas com a luta antimanicomial a clínica sai do consultório e, com a Constituição Federal de 1988, é que as psicólogas ganhariam um novo campo para a sua atuação clínica, sensível às desigualdades sociais. Entretanto, Bicudo já falava sobre isso, quando abordava o papel das ideologias e da ordem social na clínica (BICUDO, 1972).

A via de análise proposta por Bicudo, também não foi recuperada em trabalhos posteriores que relacionavam a psicanálise à realidade social, como os trabalhos de N. Souza (1983) e Isildinha Nogueira (1999). Após a década de 1960, Bicudo seguia dando suas contribuições, dentro da universidade, como psicologista e professora de Psicologia na USP (ABRÃO, 2010). Estas contribuições são menos apontadas pela literatura que as contribuições dadas às Ciências Sociais e à Psicanálise, inclusive pelo fato de Bicudo ter ido para a Psicologia após o declínio de sua atividade de divulgação da psicanálise junto ao público leigo – depois do seu retorno de Londres, recortado pelo regime ditatorial brasileiro. Suas atividades de ensino no curso de Psicologia na USP são histórias que também precisam também ser recuperadas, embora não sejam o foco desse estudo.

Dado o lugar de importância dessa autora para a Psicologia, especialmente nas vertentes da clínica, da clínica ampliada e da investigação e intervenção psicossocial, sua produção tem lugar na formação de psicólogas, visto que sua produção e sua trajetória no meio psicanalítico, bem como sua atuação política na institucionalização da clínica psicanalítica (BICUDO, 1946, 1964, 1968), fazem parte de um discurso sobre a história da Psicologia brasileira de maneira geral, e de uma Psicologia Social das relações raciais ainda no seu nascedouro. Virgínia Bicudo então, é uma informante negligenciada da Psicologia em dois aspectos, em relação à clínica e em relação à aplicação da matéria psicológica na realidade social.

O Prof. Dr. Jorge Luís Abrão contou<sup>11</sup> um pouco do que a trajetória multidisciplinar de Bicudo pode informar aos estudantes de Psicologia. Ele conta que o trabalho de Bicudo começa antes mesmo de nascerem as sociedades de Psicanálise no Brasil, e que, além do contexto das

---

<sup>11</sup> Entrevista concedida a mim por meio de plataforma de videoconferência. Salvador, 21 jan. 2021.

sociedades de Psicanálise, ela também tinha uma grande atuação no ensino universitário. Bicudo atuou no ensino universitário na ELSP, na Faculdade de Saúde Pública que, na época, ainda era o Instituto de Higiene Mental, e também no curso de Ciências Médicas da Santa Casa, todos na Universidade de São Paulo (USP), um caminho que, acompanhando a senda aberta por Durval Marcondes, era feito no campo da saúde mental, mas através das Ciências Humanas, fora da Psiquiatria (ABRÃO, informação verbal<sup>12</sup>).

Segundo Ana Paula Braga (2015), Bicudo colaborou na divulgação da psicanálise no meio científico e também para o grande público leigo, através dos seus esforços no Jornal Folha da Manhã, no Jornal Estado de São Paulo e no programa Nosso Mundo Mental, na Rádio Excelsior. Foi, através desses veículos, que Virgínia apresentou inovação no campo psicanalítico, com a aplicação das técnicas psicanalíticas freudianas e da escola inglesa, sobretudo a teoria kleiniana, à realidade brasileira (FRAUSINO, 2018; BICUDO, 1946).

Na década de 1950, antes de embarcar para Londres<sup>13</sup>, num empreendimento com Durval Marcondes, Bicudo ajudou a organizar um Curso de Especialização em Psicologia Clínica realizado na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP) (ABRÃO, 2014). Este momento marcava a sua participação na regulamentação e construção da formação de psicólogos. O sumiço de Bicudo no ensino superior, se deu também, segundo o professor Abrão em conversa, pela chegada e recepção do movimento lacaniano no meio universitário, e é aí que Virgínia começa a cair no esquecimento. Num período em que também estava tomada pelas várias supervisões e processos de análise para os quais era requisitada após retornar ao Brasil, no momento de hegemonia da atividade clínica, que Senne (2012) cita. Segundo Jorge Abrão, dentro da própria Psicanálise, a vertente kleiniana perde força entre as décadas de 60-70 e o trabalho de Virgínia também. (informação verbal<sup>14</sup>)

“A principal contribuição que a Virgínia pode dar hoje é que é possível fazer uma Psicanálise ampliada, com uma ampla dimensão social”. (ABRÃO, informação verbal<sup>15</sup>) Abrão cita como exemplo uma ação social muito importante de Bicudo, que vinculava a formação de analistas na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) ao atendimento social, pois esses estudantes precisariam analisar pessoas quatro vezes por semana. Com essa estratégia

---

<sup>12</sup> Ibidem.

<sup>13</sup> Virgínia Bicudo permaneceu em Londres de 1955 a 1959, onde fez formação com Melanie Klein, Wilfred Bion, e Donald Winnicott, entre outros, na Sociedade Britânica de Psicanálise e estágio na Clínica Tavistok (ABRÃO, 2014).

<sup>14</sup> Entrevista concedida a mim por meio de plataforma de videoconferência. Salvador, 21 jan. 2021.

<sup>15</sup> Ibidem.

ela alcançou um público de pessoas que poderiam utilizar o contato com a Psicanálise e utilizá-lo num contexto mais amplo, como professores, enfermeiros, “pessoas que, uma vez analisadas, vão conseguir acolher melhor outras pessoas”. (ABRÃO, informação verbal<sup>16</sup>)

Apesar das tentativas de apartar a Psicanálise da Psicologia, o campo *psi* é uma área fronteira entre aspirações científicas e suas temáticas muitas vezes imensuráveis ou não particionáveis. Por exemplo, a representação de Freud no divã, ou seja, da clínica psicanalítica, ainda é a principal percepção do senso comum sobre a Psicologia, conforme Senne (2012). As críticas de que a psicanálise é individualizante não se aplicam devidamente a esse campo, de acordo com Senne (2012), tendo sido a Psicanálise, como podemos observar na atuação de Bicudo, por muito tempo, uma prática aplicada à sociedade (LINS; OLIVEIRA; COUTINHO, M., 2009).

Senne (2012) levanta uma proposição acerca da possibilidade de constituir um saber psicológico a partir da formação clínica, um saber que destrave o hermetismo do consultório. Tentando responder a esse questionamento, considero que as contribuições de Bicudo para uma clínica ampliada, e, por sua vez, as intervenções dos kleinianos na década de 1940-1960, são importantes para alertar docentes e estudantes sobre o exercício de uma Psicologia implicada com as questões sociais. Uma fagulha para pensar nestes aspectos é que, na sua análise psicológica da realidade social, Bicudo levava em conta as interseções entre raça, gênero, nacionalidade, faixa etária e classe social – fatores biopsicossociais, partindo da observação da integração entre corpo-*psiqué*-sociedade (CRUZ; ABRAMOWICZ & RODRIGUES, 2015).

Além desses aspectos, a produção de Bicudo nos fornece pistas para a inauguração de uma teoria social crítica construída por pessoas negras a partir de suas inquietações com o preconceito, algo que era reivindicado por Guerreiro Ramos (MAIO; LOPES, 2015) e, mais recentemente, por Collins (2016): a leitura dos problemas sociais a partir das perspectivas das autoras e dos autores negros. A temática da raça, segundo essa concepção, não pode ser tomada como um recorte apenas considerado na pesquisa, mas sim como fundamento, lugar de uma estruturação psíquica que, se ignorada, prejudicará a efetividade do trabalho de psicólogas e psicólogos, traduzindo-se em intervenções alienadas e alienantes em relação aos sujeitos dos quais nos ocupamos, segundo Karinne de Jesus, Leandro da Silva e Rubens do Nascimento (2020).

---

<sup>16</sup> Entrevista concedida a mim por meio de plataforma de videoconferência. Salvador, 21 jan. 2021.

### 1.3 PARA FLORESCEM POLIFONIAS NA PSICOLOGIA DA UFBA

*O morro não tem vez  
Mas se derem vez ao morro  
Toda a cidade vai cantar<sup>17</sup>*

Observando esse “vazio” na inscrição de sujeitos negros na formação de psicólogas(os), busquei focalizar um dos cursos de Psicologia da Universidade Federal da Bahia, localizado no *campus* Salvador, apresentando as contribuições de Virgínia Bicudo para compor a abordagem da temática racial no curso, seja na construção de uma teoria das relações raciais que leva em conta a fala de sujeitos negros, tal qual ela apresenta nas suas produções sobre atitudes (BICUDO, 1945/2010; 1955), seja na perspectiva plural de conceituações e de vozes que são necessárias à produção acadêmica brasileira.

O campo *psi*, segundo Rita Rapold (1999), era tema de interesse desde a chegada das primeiras instituições de ensino superior no Brasil, em 1808. Puxados pelo desenvolvimento urbano-industrial, os campos da Medicina e da Educação procuravam compreender – e atender - à necessidade de modernização da sociedade, bem como suas repercussões no imaginário social (RAPOLD, 1999). A Medicina se preocupava com a higiene, a saúde pública e a intervenção visando a disciplinarização social. A Educação, por sua vez, utilizava as produções no campo *psi* para observar as diferenças individuais, foco dos ideais escolanovistas do início do séc. XX (*ibidem*).

A Psicologia começou a se estabelecer no país durante as décadas de 1930 a 1950 do século XX, se concentrando nos campos da clínica, da educação e do trabalho (RUDÁ; COUTINHO; ALMEIDA FILHO, 2015). Naquele momento, a principal atuação dos profissionais do campo *psi* eram relativas às técnicas de “diagnóstico psicológico, orientação e seleção profissional, orientação psicopedagógica e solução de problemas de ajustamento.” (RUDÁ; COUTINHO; ALMEIDA FILHO, 2015, p.60).

Após a regulamentação da licenciatura em Psicologia, advém o período do Currículo Mínimo, que designava uma quantidade mínima de disciplinas para a formação superior, a preocupação era construir uma Psicologia científica, formar bons técnicos e licenciados

---

<sup>17</sup> Canção “O morro não tem vez”, composta por Tom Jobim e Vinícius de Moraes (1962). A interpretação de Leci Brandão e Alcione (2006), com a participação de Zeca do Trombone, embalou a escrita desse tópico, ancorando-se ao trabalho. Ver em: <[https://www.youtube.com/watch?v=67w-dn3XGe8&ab\\_channel=IndieRecords](https://www.youtube.com/watch?v=67w-dn3XGe8&ab_channel=IndieRecords)>.

(RUDÁ; COUTINHO; ALMEIDA-FILHO, 2015). Em 1959, a Associação Brasileira de Psicólogos e a Sociedade de Psicologia de São Paulo apresentaram um projeto de curso comprometido com a perspectiva multidisciplinar (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2018). Na Bahia, no fim da década de 1950, acompanhando a tendência nacional, diversas entidades de organização profissional surgiram, como a Associação Baiana de Psicólogos (RAPOLD, 1999).

Em novembro de 1961, João Inácio de Mendonça, médico e catedrático em Filosofia, enviou a primeira proposta de constituição do curso de Psicologia na UFBA que, apesar de aprovada em dezembro do mesmo ano, não foi criado nesse momento (RAPOLD, 1999). Após a regulamentação da profissão, João Inácio de Mendonça reiterou o pedido para a criação do curso, tendo tido sua solicitação aprovada e referendada pelo Conselho Departamental e, em dezembro de 1962, João Mendonça enviou o anteprojeto da criação de curso ao Diretor da Faculdade de Filosofia (ibidem).

A Lei n. 4.119 de 27 de agosto de 1962 e o parecer nº 403 do Conselho Federal de Educação regulamentaram a profissão de psicóloga(o), também obrigando todos os psicologistas – quem desenvolvia atividades atinentes ao campo profissional da Psicologia, na época – a se registrarem como profissionais da Psicologia no Ministério da Educação e Cultura (MEC) (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2018; RAPOLD, 1999). Havia uma grande demanda social da elite baiana para a criação do curso de Psicologia na UFBA, documentada através de um abaixo-assinado com o endosso e reivindicação de prováveis alunos e de pessoas com destaque em vários setores da sociedade baiana para a criação do curso (RAPOLD, 1999).

Durante os anos de 1963 e 1964 algumas exigências para a implantação foram atendidas no anteprojeto, como por exemplo, a criação de um laboratório de Psicologia Experimental, e uma Clínica (RAPOLD, 1999). Em 1965, foi constituído o corpo docente que comporia o curso, e, apenas, em 1967, após algumas idas e vindas do projeto nas instâncias superiores – Reitoria e Conselho Universitário - João Inácio de Mendonça, conseguiu instituir, já com departamento próprio, o curso de Psicologia da UFBA, único curso do Estado da Bahia por três décadas (ibidem).

Assim, o curso de Psicologia da UFBA teve início em 1968, com a formação de licenciados e bacharéis, tendo sido incluída a formação de psicólogo – com o quinto ano, necessário para a atuação clínica – apenas em 1972 (RAPOLD, 1999). A formação se constituiu, então, como uma confluência entre a Filosofia, com João Inácio de Mendonça como

seu representante; a Medicina - com a atuação de Nelson Pires na disciplina de Psiquiatria, do Hospital das Clínicas; e a Pedagogia – que tinha como representante Isaías Alves, além dos vários cursos de aplicação de testes como Rorschach, entre outros (ibidem).

Segundo Mercedes Carvalho, Nádia Rocha e Eduardo Moraes (2010), algumas das principais atribuições do curso, além de formar psicólogas(os), era atender à demanda por componentes do campo *psi* de toda a Universidade. Outra atribuição, das mais importantes do curso, seria atender à demanda social por acompanhamento psicológico ou psicossocial, por meio do Serviço de Psicologia João Ignácio de Mendonça e das atividades de extensão em comunidade (CARVALHO; ROCHA; MORAES, 2010).

Na Carta de Serra Negra, um documento produzido pelo CFP e CRPs em 1992, algumas reflexões a respeito da formação em Psicologia apontam, dentre outros aspectos, segundo Marisa Japur (1994), para uma retomada da visada popular a partir de sete princípios norteadores para a formação que deveria “desenvolver a consciência política de cidadania, e o compromisso com a realidade social e a qualidade de vida” (JAPUR, 1994, p.44). Multidisciplinar, ética, com um grande compromisso político. Assim a Psicologia foi se delineando, o que, no entanto, não se refletia nos desenhos curriculares dos cursos, pautado, assim como o modelo de educação superior no Brasil, estritamente no treinamento profissional, conforme Rudá, Coutinho e Almeida Filho (2019), se afastando da perspectiva humana e integrativa da formação (SENNE, 2012).

A Psicologia deve se orientar pela construção de um conhecimento crítico, inclusive sobre a concepção de Homem, ancorado em princípios éticos, auxiliando no desenvolvimento do sentido da Universidade, “contemplando a interdisciplinaridade e a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão” (JAPUR, 1994, p.44). Essa orientação continuou no Relatório da revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para os cursos de graduação em Psicologia, que reafirmou o caráter multidisciplinar da Psicologia, e delimitou a clínica, a escola e o trabalho como ambientes basilares para a profissão.

A despeito de suas contribuições para a temática racial e para a clínica ampliada, o trabalho de Bicudo (1945/2010; 1955) não tem sido aproveitado como subsídio para a Psicologia. Então surge um filão que nos convida a refletir sobre a prática profissional de Bicudo, sua negritude, e os processos de invisibilização em que foi envolvida. Não é possível pensar em uma formação implicada das(os) psicólogas(os), ensinando uma Psicologia que é impassível aos acontecimentos históricos, que não está atenta à reprodução das desigualdades sociais em sua própria organização. Virgínia Leone Bicudo representou, na formação das

primeiras psicólogas, o ecletismo de uma Psicologia que não era neutra e nem absoluta, já citando os papéis das ideologias e da comunidade na personalidade do indivíduo (BICUDO, 1945/2010, 1955).

Segundo Mônica Lima, Denise Coutinho e Vanuzia Santos (2015), o curso de Psicologia da UFBA é um dos mais concorridos da instituição, no entanto, os critérios iniciais para a escolha do curso são diversos, indo desde anseios sobre “ajudar a si mesmo e outras pessoas”, até a “afinidade com o curso”. No entanto, esses critérios de escolha não são suficientes para manter o estudante na formação de psicólogo, pois o motivo da escolha é turbado ao entrar na graduação, de acordo com o campo com que se deparam, como, por exemplo, a estrutura curricular rígida (LIMA; COUTINHO; SANTOS, V., 2015).

Além dos fatores citados pelas autoras, há um cunho violento das ações de interdição dos atores no meio acadêmico, que incluem o não-dizer, a não racialização dos temas da pobreza, da loucura e da violência, e o não reconhecimento do desaparecimento – ou invisibilidade - epistêmicos de pessoas pertencentes às parcelas da população vistas como racializadas: pessoas negras, indígenas e asiáticas (JESUS, K.; SILVA; NASCIMENTO, 2020).

As iniciativas que vão confrontar o saber hegemônico veiculado na academia nascem da necessidade de alunos negros e indígenas procurarem, em outros espaços, condições para a sua identificação, denunciando que os professores e a instituição não contribuem com esse processo. E buscar a identificação não é derogar a neutralidade, é derogar a parcialidade branco-eurocêntrica da academia, a fim de aumentar as possibilidades de leituras político-históricas das questões raciais (JESUS, K.; SILVA; NASCIMENTO, 2020).

Interessados e dispostos a buscar seu lugar de atores no “tornar-se psicólogo” estão os estudantes da Psicologia, que buscam tanto reunir as competências propaladas nas DCNs para esse campo (SENNE, 2012), quanto se identificar à formação e a esse grupo profissional específico. Portanto, ao passo que pode fomentar, no corpo estudantil, a constatação de aprofundamento das desigualdades raciais e práticas reprodutoras de racismo em seu escopo, a universidade também pode "acolher e valorizar experiências externas dos próprios alunos e de interlocutores, como a participação em ações sociais e virtuais e práticas de educação popular." (ibidem, p. 71).

As contribuições de Virgínia Bicudo para uma epistemologia decolonial na Psicologia se dão no sentido em que a recuperação de sua produção e trajetória operam uma ruptura com o racismo e o sexismo nas Ciências Sociais, que silenciam as pessoas negras, e as colocam como

objeto (SILVA, 2020). Assim, a autora “contribui com a epistemologia decolonial quando explicita que o subalterno negro no Brasil vem falando desde, pelos menos, a década de 40, mas não vêm sendo ouvido.” (ibidem, p.10) O rastro de inventividade que o trabalho de Bicudo nos deixa é o fato das pessoas negras serem consideradas não como objetos, mas como sujeitos que estavam, na pesquisa, enunciando um discurso que dizia respeito às suas experiências e também à herança colonial brasileira, conforme Nádia da Silva (2020).

Assim, não foi pretensão desse trabalho fazer uma análise curricular, mas descrever o pontilhado de atos de fala – de erguer a voz -, de reivindicação do lugar de ator ou atriz, e de questionamentos ao saber hegemônico e a maneira como ele repercute na formação de psicólogos, partindo das significações de estudantes para a autoria de Virgínia Bicudo. Essa proposta vai ao encontro do que B. Santos (2020) explica com a ideia de universidade polifônica, que reúne uma pluralidade de vozes que são tanto muitas, quanto diversas em relação ao lugar de onde partem – a pluriversidade -, e que subverte a lógica universitária, agindo contra hegemonicamente com o envolvimento das pessoas subalternas – a subversidade (SANTOS, B., 2020).

A construção de uma Psicologia polifônica e disposta a uma reflexão da sua prática e transmissão de conhecimentos, passa, também, pela produção de uma teoria social crítica de mulheres negras (COLLINS, 2016). Seja das intelectuais negras que tiveram uma produção vultosa no passado, e em algum momento desaparecem da história, seja daquelas que, na contemporaneidade, procedem com o resgate do legado dessas precursoras. Alice Walker afirma que parte do compromisso dos artistas e das pessoas que transitam pelo meio acadêmico é reunir e habilitar ideias e realizações das pessoas oprimidas nesse meio, perguntando sempre a cada teoria: “*De que sujeito você está falando?*”, ou mesmo “*De que mulher você fala?*”.



## 2 “QUEM CONTA UM CONTO [...], CONTA A PARTIR DE ONDE”? REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

“*Nokē mevi revōsho shovima awe*

[...] o que é transformado pelas pontas das nossas mãos”<sup>18</sup>

Yoshi, Varin Mesma

Segundo Maxime Baca Zinn (2012), a epistemologia feminista negra, organizada por Collins, ajudou a incorporação de mulheres não-brancas no campo epistêmico (BACA ZINN, 2012). Esses encontros requisitaram de mim que buscasse minha própria ancestralidade e questionasse como eu lidava com o outro. Costumo dizer que minha pesquisa de mestrado me fez perder o medo da contradição e repensar, como futura psicóloga, afinal, *O que significa ofertar cuidado sem se cuidar? Acolher o outro sem acolher a si? Ser empático sem se amar?* É exatamente o que a ética feminista negra prega, uma práxis que é validada a partir da própria experiência e só aí pode construir uma epistemologia (COLLINS, 2020). Diria Alexandro de Jesus (2019) que é uma conversão do oculto, daquilo que é apenas rastro-escritura para traço escrito que prepara os (des)caminhos para um saber incorporado.

### 2.1 INTERACIONISMO SIMBÓLICO E CONSTRUÇÃO DE SIGNIFICADOS

A Epistemologia Feminista neste trabalho, ajudou a compor o método, e se juntou ao IS na análise dos significados tecidos pelos estudantes a respeito das contribuições de Virgínia Bicudo. Seguindo a linha de Becker (1996), que defende que a história da Sociologia não é apenas a história das grandes ideias ou das grandes teorias sobre a sociedade, acredito que há outras histórias que precisam ser observadas, como a história da prática sociológica, e a das instituições e organizações onde o trabalho sociológico foi realizado, pois “[...] nenhuma ideia existe em si mesma, em um vácuo” (BECKER, 1996, p.177). O IS é, sem dúvida, parte importante para rastrear a prática sociológica, bem como para observar as disposições e inclinações institucionais e o quanto elas interferem na construção das teorias nas Ciências Sociais.

---

<sup>18</sup> Ver em Dollis (2017, p.2). Nelly Barbosa Duarte Dollis ou Yoshi, Varin Mesma (2017) diz que o trabalho feito nas pontas das mãos é um saber-fazer que pertence a quem sabe-faz, se trata, então, de um saber-fazer incorporado.

O IS remete à história da Escola de Chicago, que nasceu a partir de uma grande doação de John Rockefeller. Assim, ela já nasceu com um certo número de professores e revista própria: o *American Journal of Sociology*. As pesquisas eram feitas quase sempre na cidade de Chicago e publicadas na própria revista, que também publicou muito sobre a Sociologia europeia, por influência de George Simmel (BECKER, 1996).

A safra dos primeiros sociólogos, bem como dos primeiros professores e estudantes da Escola de Chicago foi formada por muitos pastores protestantes, entre estes Smalls, que era “interessado na reforma social, voltado para o equacionamento dos problemas sociais que afligiam as grandes cidades americanas”, como a pobreza e a imigração ensejadas pelo *boom* populacional da era industrial americana (BECKER, 1996, p.178; BECKER, 1996). Becker (1996) cita também a eugenia como assunto relevante na época, mas que foi sendo deixado de lado.

Na Escola de Chicago, diversos pesquisadores, em consonância teórica ou não, se debruçavam sobre fenômenos peculiares ligados ao cotidiano da cidade. Estudando aspectos relativos à delinquência, mendicância, o acometimento de transtornos mentais numa população, a imigração e outros fenômenos urbanos utilizando uma mescla de métodos quantitativos e qualitativos (BECKER, 1996). Esta característica nos ajuda a situá-la como uma escola de atividade, de acordo com a definição de Samuel Guillebard<sup>19</sup>, pois não havia uma necessidade de compartilhamento de teorias, ou mesmo um pensamento uníssono desenvolvido ali, como seria exigido numa escola de pensamento. Na Universidade de Chicago, o que havia era uma reunião de pessoas que trabalhavam no mesmo lugar pesquisando a cidade (BECKER, 1996).

Um dos primeiros sociólogos a ingressar no corpo docente do Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago foi Willian I. Thomas. Foi ele quem cunhou a noção de *definição de situação*, mais conhecida como Teorema de Thomas: “se um homem define uma situação como real, ela se torna real em suas consequências” (BECKER, 1996, p. 179). O que Thomas queria dizer com essa noção, que seria fundamental para compreender a vida em sociedade, era que, “qualquer ação em sociedade é precedida por uma definição por parte

---

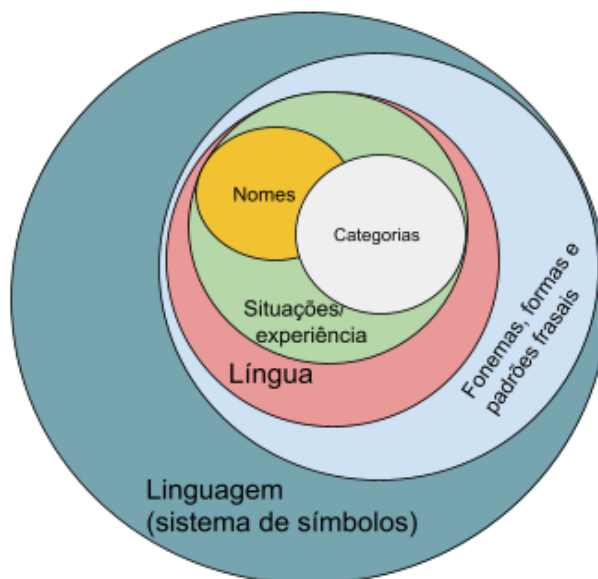
<sup>19</sup> Samuel Guillebard era um estudante da Northwestern University que diferencia escolas de pensamento e de atividade, situando as primeiras no campo da consonância teórica, e as segundas, numa disposição para o trabalho conjunto, ainda que não haja concordância nos resultados ou temas focalizados (BECKER, 1996).

de cada indivíduo envolvido, a partir da qual será escolhida uma linha de ação a ser seguida, entre as possibilidades disponíveis.” (BRAGA; GASTALDO, 2009, p.4).

O interacionismo se baseia em três premissas fundamentais: a primeira é a de que os seres humanos estabelecem suas ações a partir dos significados das coisas que os cercam; a segunda, que esses significados são construídos na interação social e, finalmente, que são interpretados, por cada indivíduo, de maneira singular, a partir do contato com esses objetos (BLUMER, 1986). O *significado* é um produto social proveniente das interações sociais, pois as pessoas se movem em relação aos significados atribuídos, a partir das suas próprias autorreferências acerca daquele símbolo (ibidem).

A linguagem é um dado primordial para os interacionistas. Ela é compreendida como sendo o meio pelo qual as pessoas trocam significados e constroem a realidade (SANDSTROM; MARTIN; FINE, 2016). Essa perspectiva, no entanto, não retira os atores do lugar transacional que ocupam em relação aos outros e ao ambiente, produzindo sentidos (ibidem). Segundo a compreensão de Sandstrom, Martin e Fine (2016), as palavras são compostas por nomes e categorias, compondo a língua – idioma - que é contida numa organização gramatical e sintática, independente sobre que povo estejamos falando. Segundo Joaquim Mattoso Câmara (1970), a língua precede a compreensão gramatical dos fonemas (fonologia), das formas (morfologia) e dos padrões frasais (sintaxe). O processo de construção da linguagem, conforme Sandstrom, Martin e Fine (2016), está representado graficamente na Figura 2:

**Figura 2:** Composição da Linguagem



**Fonte:** Elaborado pela Autora.

A linguagem, portadora da língua, seria, então, o sistema de símbolos que englobaria todos esses registros, desde a situação ou experiência, até o processo de nomeação dela. A linguagem também acolhe os “inomináveis”, que estão contidos na experiência – consciente e inconsciente, mas que não foram pinçados em forma de nome e, por vezes, nem mesmo de categorias passíveis de avaliação, por isso o conjunto das categorias não está totalmente contido naquele dos nomes. Podemos destacar, como pertencentes ao conjunto dos inomináveis, as fantasias, enigmas, sonhos, em suma, o imaginário que irá sustentar as nomeações.

Embora a linguagem não seja um dado objetivo que prescindia da interação social, o nome precede à atitude, segundo Anselm Strauss (1959). Às portas do nome temos: os **Signos**, que vão designar um objeto apreensível objetivamente pelos sentidos, e que podem ser apreendidos por qualquer animal; os **Símbolos**, um fenômeno construído pelos humanos, objetos, palavras, gestos, que são utilizados para representar alguma outra coisa; e os **Significados**, que são designados por um símbolo, sem ter uma relação direta com o objeto que ele descreve, e está ligado a convenções (SANDSTROM; MARTIN; FINE, 2016).

Os significados são atribuídos através de processos sociais de interpretação, comunicação e interação, pois nós não somos seres que simplesmente reagem a informações e estímulos externos, nem que percebem as coisas em “seu estado bruto”. Nós transformamos e interpretamos a realidade através da simbolização, que dá sentido aos estímulos do ambiente (SANDSTROM; MARTIN; FINE, 2016).

O primeiro momento da construção de significado é receber as informações da experiência do indivíduo, como, por exemplo, as sensações, que são construídas a partir de informações organizadas através da percepção ou da definição de situação que, como os indivíduos e as organizações sociais, explicam as situações em que estão envolvidos (SANDSTROM; MARTIN; FINE, 2016; STRAUSS, 1999; BRAGA; GASTALDO, 2009). O próximo passo é a conceituação, que ocorre quando agrupamos as sensações em categorias, unidades ou conceitos similares, uma perspectiva econômica, que nos ajuda a lidar de maneira mais simples com os estímulos captados por nossos sentidos (SANDSTROM; MARTIN; FINE, 2016).

A ordem social proporcionada pela colonialidade é cristalizada em suas repetições diárias das violências simbólicas coloniais. Embora o IS veja a ordem social como contingente, a ordem social colonial subsiste através dos enlaces simbólicos, utilizando a compreensão de Madel Luz (1993). Esta autora afirma que “o que se chama de ordem social

nada mais é que o efeito cristalizado, e ainda assim provisoriamente, das interações sociais, com seus diversos códigos de significados.” (LUZ, 1993, p.6).

As experiências, vividas pelos indivíduos em interação, podem ser tomadas como critério de significação, conforme nos traz Collins (2016). Podemos situar o legado de Virgínia nessa perspectiva, reconhecendo, que seus estudos sobre atitudes raciais e seu trabalho na clínica, representavam, sobretudo, uma busca por identificação e por se proteger do sofrimento pelo racismo (BICUDO, 1945/2010).

Na primeira acepção trazida pelas ciências sociais acerca do *significado*, está a coisa em si, por exemplo, uma mulher negra detém o signo de uma mulher negra, uma explicação intrínseca; a segunda, conceituação do significado, trazida pelo IS diz respeito a uma interpretação, um enlace entre o mundo psíquico do indivíduo e o significado da coisa em si. De acordo com essa visão, sensações, sentimentos, ideias, memórias, motivos e atitudes dão uma nova leitura aos significados (BLUMER, 1986).

Podemos, então, extrair a ideia de que um ser humano não é um mero organismo respondendo a forças sociais que atuam sobre ele. Cada unidade actancial, ou ator social, ou, segundo a perspectiva straussiana, cada pessoa (STRAUSS, 1999) identifica os objetos que levará em conta, como as tarefas, oportunidades, obstáculos, significados, exigências, desconfortos, perigos entre outros fatores referentes à situação (BLUMER, 2017). Assim, são precursores de uma ação, o ator social, que escolhe como agir em relação aos objetos e à organização social, que emoldura as situações onde os indivíduos vão agir, fornecendo “conjuntos estabelecidos de símbolos utilizados pelas pessoas na interpretação de suas situações” (BLUMER, 2017, p.21).

A *interação simbólica* é, então, o jogo de interpretações, bem como as barganhas envolvidas numa situação (BLUMER, 2017; STRAUSS, 1999). A peculiaridade consiste no fato de que seres humanos interpretam ou “definem” – consciente ou inconscientemente - as ações do outro, antes mesmo de reagir a elas (BLUMER, 2017). Assim, a interação humana é mediada pelo uso de símbolos, pela interpretação, ou pelo exercício assertivo do sentido de ações reciprocamente direcionadas e, uma dessas ações, é a própria produção do conhecimento e sua validação.

## 2.2 A EPISTEMOLOGIA FEMINISTA NEGRA ENQUANTO “AÇÃO DECOLONIAL”

A utilização do pensamento feminista negro como conduta de pesquisa foi uma escolha política utilizada que orientou os procedimentos da pesquisa, que partiu do reconhecimento dos processos de invisibilização, em contexto mais amplo, para uma leitura localizada e validada a partir das teorias e da experiência de mulheres negras como Virgínia Bicudo e eu mesma (COLLINS, 2000, 2016, 2019; CRENSHAW, 2002; EVARISTO, 2005; CURIEL, 2007, 2010).

Na esteira desta escolha, foi necessário ter contato com a teoria decolonial, pois a minha perspectiva é de que as escritas de mulheres negras conseguem, de fato – e direito - agir para o giro decolonial, conceito introduzido por Maldonado-Torres (2020). São escritas não esperadas, por vezes não festejadas, mas que inscrevem, simbolicamente, um lugar de agência para si e para outras, se tomarmos como base a discussão de Collins (2016). Para compreender como se dá este processo, é necessário que retomemos o que seria esse giro decolonial, a começar pelo processo que o torna necessário: a colonialidade enquanto continuidade da violência colonial (MALDONADO-TORRES, 2020).

Podemos perceber a atuação das intelectuais negras como a construção do giro decolonial através das suas práticas, como na experiência de Grada Kilomba (2019), que se dirige aos seus estudantes, anteriormente silenciados, possibilitando que eles tomem o protagonismo na sala de aula. Segundo a autora, “repentinamente, aqueles cujo conhecimento tem sido escondido se tornam visíveis, enquanto aqueles que são sempre visíveis se tornam invisíveis” (KILOMBA, 2019).

O conceito de Decolonialidade, cunhado pelo Grupo Modernidade/Colonialidade/Decolonialidade ou M/C<sup>20</sup>, me ajudou a pensar sobre as estruturas de poder que resultam na invisibilidade de mulheres negras. Observar a construção da zona do não ser a partir da criação daquilo que Maldonado-Torres (2020) chama de um tempo-espaço distorcido com o objetivo de legitimar o sujeito moderno/colonial, é algo que também está no cerne da discussão sobre epistemicídio – a morte epistêmica dos conhecimentos produzidos por subalternizados (CARNEIRO, 2005).

---

<sup>20</sup> Segundo Faustino (2020), os autores latino-americanos do Grupo M/C, nascido na década de 90, propõem um debate sobre os estudos pós-coloniais e, igualmente, sobre os grandes debates americanos, a saber: “a Filosofia da Libertação, de Enrique Dussel, a Teoria da Dependência, de Anibal Quijano, e a Teoria do Sistema-Mundo, de Immanuel Wallerstein” (FAUSTINO, 2020, p. 100).

E a Decolonialidade abarca não apenas uma agenda de pesquisa, mas também a resistência das populações subalternizadas – que aqui eu denomino como *ação decolonial* -, que consiste num esforço para colocar as regras do jogo em evidência, explicitando a colonialidade do ser, do saber e do poder de maneira que seja possível prospectar estratégias de mudança (BERNARDINO-COSTA; MALDONADO-TORRES; GROSFUGUEL, 2018). Para os autores Joaze Bernardino-Costa, Nelson Maldonado-Torres e Ramón Grosfoguel (2018), o projeto decolonial não pode abandonar a dimensão política da sua criação e, sobretudo, não pode perder o seu caráter de intervenção na realidade junto aos movimentos sociais de mulheres negras, de indígenas, de jovens da periferia e de intelectuais africanos e afrodiaspóricos (BERNARDINO-COSTA; MALDONADO-TORRES, GROSFUGUEL, 2018).

A colonialidade inventou o lugar do outro, que deveria ser discriminado (FANON, 1952/2008). A colonialidade do poder nos remete ao caráter permanente dos efeitos do processo colonial, devido ao fato da descolonização não ter ocorrido de maneira completa, limitando-se à independência jurídico-política das outrora colônias europeias (SILVA, Nádía da, 2020). A hierarquia racial imposta pelos brancos à população subalternizada é um sintoma desses restos coloniais, um cenário que Nádía da Silva (2020) chama de "independência sem descolonização, no qual há mais repetições no que se refere ao período colonial do que rupturas." (ibidem, p.1)

Os conceitos de raça e racismo são estruturantes para as hierarquias de poder mundiais, de maneira que, só é possível compreender a colonialidade do saber e do poder, articulando-as com as hierarquizações racial e epistemológica (SILVA, Nádía da, 2020). A decolonialidade é, então, um dever da superação da colonialidade, através do enfrentamento epistemológico à descolonização incompleta, baseado na contação de histórias marginais para o mundo moderno, aquelas esquecidas, e que trazem um pensamento sobre a margem e oriundo dela para o centro da produção do conhecimento (ibidem).

Para seguir com essa tarefa, o universalismo precisou ser colocado em perspectiva nesta pesquisa. O universalismo é uma visão particular de mundo – eurocêntrica – que, durante o processo colonial, foi apresentada como um saber hegemônico e desincorporado, objetivo, passível de validação (BERNARDINO-COSTA; MALDONADO-TORRES; GROSFUGUEL, 2020). Porém, o humano não se reduz a esse universalismo abstrato, pois, a humanidade é condição para um universalismo concreto, baseado numa democracia plurirracial que possibilite a igualdade econômica, social e cultural, dando lugar à coexistência e ao diálogo entre diversos grupos raciais (ibidem).

Por conseguinte, o próprio lugar dos clássicos utilizados nesta pesquisa, teve de ser repensado, a fim de situá-los como corpo-composição do trabalho, e não paradigma deslocado, representante da universalidade (JESUS, A., 2019). Pois, se a produção acadêmica do norte global é cis-branco-eurocêntrica e a escrita é uma forma de subjetivação, então um trabalho que se pautou pelo pensamento das mulheres negras, não poderia se basear no arcabouço teórico clássico como única via de análise dos fenômenos.

Inicialmente, a proposta era reunir Decolonialidade e Epistemologia Feminista Negra enquanto referenciais teórico-metodológicos, mas, com o caminhar da pesquisa, percebi que, embora a compreensão decolonial deva ser levada em conta, a sua aplicação prática é que me interessa. Escrevendo sobre decolonialidade, pensei muito no lugar que ela deveria ter nesse trabalho, e percebi que, se ela é o principal anúncio de uma pesquisa, a escrita de mulheres negras “some”, ou seja, é constricta sob o grande reconhecimento dentro da academia a respeito da teoria decolonial, o que não acontece com a produção de mulheres negras. Por isso tomo esta produção como uma *ação decolonial*, pois quem aplica o “projeto” decolonial são os subalternizados, a partir das suas lutas políticas dentro e além da academia, uma luta por sobrevivência.

Minha suspeita acompanha a compreensão de Carvalho (2020) de que a abordagem decolonial, situada nos Estados Unidos e nos países latino-americanos de língua espanhola, embora cite bastante as contribuições de Paulo Freire e Darcy Ribeiro, não estabelecem nenhuma ação concreta nos espaços acadêmicos do Norte Global onde atuam (CARVALHO, 2020). Ou seja, esse grupo de autores trazem uma gramática teórica nova, que surge como agenda para a descolonização, mas se mantém apenas no papel conceitual de apontar nossa condição colonizada, não apresentando propostas concretas para garantir na presença do pensamento indígena e afro-americano para a descolonização das próprias instituições (ibidem).

Outro aspecto que atravessou a construção da pesquisa, foi a utilização do IS, pois reconheço-o como uma grande contribuição para a observação e leitura do fenômeno interacional e dos significados que emergiram a partir da intervenção e das entrevistas. Mas, também, procurei ampliar as possibilidades de interpretação dos aspectos elencados, refletindo sobre o corpus teórico clássico branco dessa teoria, que não denota a realidade brasileira. Assim, propus uma utilização feminista negra para o interacionismo, de maneira que a análise dos discursos levasse em conta a experiência e história corpo-implicada dos atores como principal critério de significação.



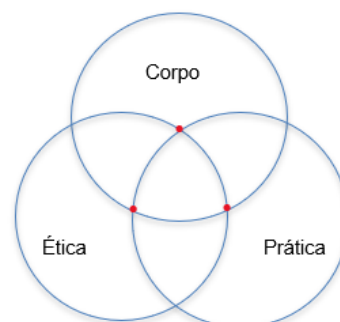
### 2.3 PRODUÇÃO SIMBÓLICA DE ACORDO COM A ÉTICA FEMINISTA NEGRA

O pensamento feminista negro tem sido utilizado em diversos campos como ferramenta analítica, como na análise de Gilmara Santos (2015), que trata das imagens de controle como ferramentas sociais de produção de violência e subalternização ou a interseccionalidade como fenômeno complexo de produção do espaço trazida por Natália Silva (2018). Há também produções que focam a fala das mulheres negras, como o trabalho de Isabel Rosa (2016), sobre a parrésia ou “fala franca” como eixo de produção simbólica sobre questões de gênero, raça e classe e o trabalho de Cláudia Cardoso (2012) sobre a fala de ativistas negras.

No cerne das discussões supracitadas estão experiências de empoderamento através da voz, o que Gayatri Spivak fala em *Pode o subalterno falar?* (SPIVAK, 1942/2010). Segundo hooks, falar, não significa, necessariamente, poder ou autoestima pois, conforme ela pensa, o círculo de fala entre pessoas negras era algo comum, assim como as assembleias gregas, ou o *palabre* nas discussões políticas africanas (HOOKS, 2019). Para hooks (2019), as mulheres negras sempre falaram, mas num lugar destituído de poder – pregar em igrejas, por exemplo, era um trabalho destinado apenas aos homens. Para falar em público, as garotas negras falantes precisaram ousar discordar e, ao ousar discordar, anunciamos uma opinião.

Segundo Mariléa de Almeida (2019), erguer a voz significa “aprender a usar sua voz por meio de um dizer comprometido com a liberdade humana” (ALMEIDA, 2019, p.9). Erguer a voz significa utilizar as três dimensões fundantes dos projetos políticos feministas: corpo – voz -, a ética - compromisso com a dignidade humana -, e a prática - coragem - (ALMEIDA, 2019). A descrição sobre o processo de erguer a voz que Mariléa de Almeida (2019) traz, me inspirou a fazer a representação gráfica da Figura 3:

**Figura 3:** Produção simbólica de acordo com a ética feminista negra

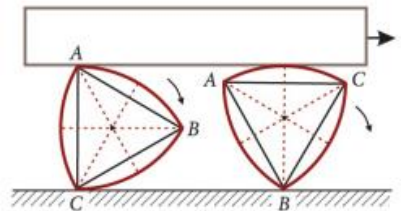


**Fonte:** Elaborado pela autora.

A ética, a prática e o corpo, enquanto conjuntos das políticas feministas, tomam a forma de um Triângulo de Reuleaux que emerge da intersecção dessas três dimensões. Utilizo essa forma, descrita por Miguel de Guzmán (2005), para delinear a necessidade do saber interseccional para a Teoria Feminista Negra, ilustrando que apenas a intersecção entre as três dimensões produz teorias que se guiam pelos aspectos elencados pelas intelectuais negras (HOOKS, 2019; COLLINS, 2020).

Criado por Franz Reuleaux (1829-1905), a figura remete às formas presentes nas catedrais medievais de estilo gótico, e para o matemático, poderia ser resumida como uma forma de largura constante que pode girar dentro de um quadrado (GUZMÁN, 2005; RODRIGUES, 2015). Essa curva de largura constante é a forma mais simples, depois do círculo, passível de ser utilizada no transporte de blocos de pedra, por exemplo, como vemos na Figura 4.

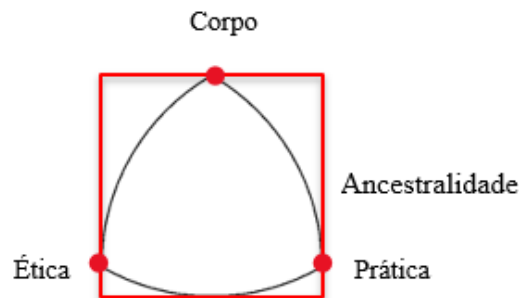
**Figura 4** – Representação da motilidade de um bloco de pedra com Triângulos de Reuleaux substituindo as rodas circulares tradicionais



**Fonte:** Rodrigues (2005, p.21).

Podemos aplicar um elã a essas dimensões, que é a ancestralidade como ancoragem simbólica, que irradia do corpo, florescendo em direção à ética e à prática. A ancestralidade (memória daqueles que já se foram), como moldura simbólica, é resgatada como organizadora da leitura, da escrita e da inscrição do corpo segundo uma ética humana e uma prática corajosa (ALMEIDA, 2019), conforme aparece na Figura 5:

**Figura 5:** O papel da Ancestralidade na Epistemologia Feminista Negra



**Fonte:** Elaborado pela Autora.

Na Epistemologia Feminista Negra, a ação está sempre circunscrita em todos os seus pólos, corpo, ética e prática, à dimensão reflexiva da ancestralidade que, no campo epistemológico, pode tomar a forma de histórias de vida de pessoas negras, experiências vividas ou da escrita incorporada de intelectuais negros que inscreveram um pensamento negro na academia através dos seus trabalhos.

Na perspectiva feminista, o IS não considera a pesquisa e a teoria apenas como caminho para compreender a realidade social, mas como práticas de libertação que visam diminuir as desigualdades de gênero e que resultam da opressão (SANDSTROM; MARTIN; FINE, 2016). Ao que, no início de um trabalho feminista negro, antes de fazer a conformação do problema de pesquisa tal qual o método requer, em apenas uma pergunta, objetiva e que possa ser respondida através de instrumentos específicos, é necessário uma auto investigação que se proponha a responder, ao menos para mim mesma, *para que serve/ a quem serve o que eu estou fazendo?*

A emergência desse questionamento colocou-me, de imediato, em contato com a busca de sentido e relevância da sua pesquisa e do meu papel enquanto pesquisadora. Deste modo, ao ser confrontada sobre “*qual é a relevância da sua pesquisa?*” o constrangimento não encontrou lugar, mas sim, a possibilidade de defender o valor dos significados que produzidos no percurso de pesquisa.

O segundo ponto com o qual fui confrontada, foi a preocupação em desenvolver uma pesquisa “verdadeiramente decolonial”. Acredito – espero - ter conseguido -, mitigar alguns efeitos da tradução colonial sobre o mundo: privilegiando autoras e autores negros nas análises empreendidas, inserindo suas contribuições com a justeza exigida, interessada também em observar uma ética do cuidado ao comentar a produção intelectual de mulheres negras e

populações subalternizadas, me afastando, intencionalmente, de leituras calcadas em imagens de controle e inferiorização.

A decolonialidade no pensamento de Virgínia só pode ser lida como tal a partir da recuperação do seu legado, da apropriação que fazemos dessa trajetória singular. No momento em que ela produziu, não o era. Havia pioneirismo e identificação nas suas iniciativas, mais aquela porção de inventividade que determinava quem das pessoas negras e pobre do início do século XX se sobressairiam. Outro aspecto é que a carreira de Virgínia Leone Bicudo foi construída almejando estar onde fosse possível ter emprego. Quem transformou essa busca por emprego em uma trajetória fulgurante, extraordinária, foi ela com o seu brilhantismo. Nós agora, com o reconhecimento desse resplendor, buscamos desenvolver a teoria crítica social brasileira.

Numa sociedade onde a maioria dos signos acerca de mulheres negras estão ligados a estereótipos e à violência produzida durante o período colonial, inclusive a violência da ignorância<sup>21</sup>, as escritas de mulheres negras nos auxiliam a legar, para a sociedade, um ambiente simbólico que permite construir um novo lugar. Um lugar que não é endereçado apenas à divergência ou estranheza (COLLINS, 2016), mas também a um lugar de pertencimento (CARNEIRO, 2005), de erguer a voz (HOOKS, 2019), de criar um rosto para si (SOUZA, J., 1983). Esse rosto criado para si é um rosto (voz, lugar...) que não é dado pelo outro e tomado como verdade, pura e simplesmente.

A linguagem reafirma posições de poder, mas também é lócus de resistência e de reinvenção, da adoção de novas perspectivas de análise surgidas de novas lentes, como os corpos testemunhos que adentraram a universidade a partir das políticas afirmativas (JESUS, K.; SILVA & NASCIMENTO, 2020). Corpos que trazem possibilidades de encarnar o que era visto como neutro, tornar a escrita de si uma maneira de inscrever no discurso acadêmico, o lugar de agência do qual se apresentam para chegar até ali (ibidem). Conforme Luisa Belaunde (2017) essa resistência passa pelo reconhecimento e pelo resgate de vozes ancestrais, e podemos considerar aqui, no campo acadêmico, que passa por marcar a invisibilidade e a morte epistêmica produzidos no meio científico.

Nessa métrica, Lélia Gonzalez nos confia:

---

<sup>21</sup> Segundo Mbembe (2014), a violência da ignorância se refere a uma ignorância profunda acerca do mundo do outro. Durante o período colonial, citando Alexis de Tocqueville na *Carta sobre a Argélia* (1837), os franceses ignoravam completamente os modos de vida, de organização militar e de reconhecimento da humanidade dos cipaios (MBEMBE, 2014).

[...] exatamente porque temos sido falados, infantilizados (infans, é aquele que não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque falada pelos adultos), que neste trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar, e **numa boa.**” (GONZALEZ, 1983, p.225, grifo meu).

Então, vamos continuar a falar. Obrigada, Lélia.

## 2.4 PERCURSO DA PESQUISA

*“Sem transgressão não há descoberta, não há criação, não há ciência”*

(NÓVOA, 2015, p. 15)

Demorei muito a delinear o método desta pesquisa. De fato, não há método pré-estabelecido para uma pesquisa, pois aprendi durante a minha orientação, que durante o percurso deve-se preocupar apenas em fazer o necessário e coerente à pesquisa e ao desejo do pesquisador. O método, então, foi se desenhando para mim, e se completa com a indagação de um colega sobre se a minha pesquisa seria uma “etnografia” ou uma “pesquisa-ação”. Tal pergunta me encurralou. Talvez estivesse ali mais um ponto, ou problema, do meu desejo em relação à pesquisa, pois o método só foi delimitado a partir desse momento, o que me fez pensar que a pesquisa só avança quando entramos em contradição.

As minhas expectativas, ao serem confrontadas no próprio campo, deram origem a uma nova maneira de construir o trabalho, ou um novo caminho ou objetivo que se adequou melhor à experiência. Para Macedo (2016), o objeto de pesquisa não está aprisionado a um método, podendo itinerar por outros caminhos, que emergirão dos encontros e esbarrões, da errância e dos próprios acontecimentos da pesquisa. Esta maleabilidade parte do caminhar da pesquisa, que vive seus próprios acontecimentos e é por eles estruturada, cabendo ao pesquisador, com o rigor metodológico necessário, reconhecer as novas informações e incorporá-las (ibidem).

O processo de construir o método para esta pesquisa remete ao conceito de reflexividade, no qual Van Maanen (1988, p.71) nos diz que, “ao problematizarmos nossos processos interpretativos, é possível que surjam novas reflexões que possamos aplicar na pesquisa.”, ou seja, não há uma maneira “certa” de se fazer uma pesquisa, pois o método não é absoluto. A coerência no desenvolvimento de uma pesquisa é atingida quando conjugamos o método com a experiência do pesquisador, admitindo, no percurso, as contradições com as quais nos

envolvemos no processo de produção, organização e análise dos dados. Se trata, então, de transbordar o método. Fazer com que ele se estenda ao próprio pesquisador. A ética do cuidado (COLLINS, 2020) numa pesquisa requer cuidado na *Antropofagia*, uma cautela ao ‘deglutir’ o que o outro traz, a sua história, a sua vida, a resistência coletiva de uma população.

Esta pesquisa é, então, uma investigação exploratória de cunho qualitativo, que utilizou o arcabouço teórico do IS e da Teoria Fundamentada em Dados (TFD) para construir uma teoria substantiva, ou seja, uma teoria particular acerca dos significados dos estudantes do curso de Psicologia em relação às contribuições de Bicudo para o campo das relações raciais. O processo de pesquisa se deu em dois momentos: sistematização e comunicação das contribuições de Virgínia Bicudo para a Psicologia das relações raciais, através da preparação e realização de oficinas no curso de Psicologia da UFBA, e outro, que consistiu na realização de entrevistas com estudantes que participaram destas intervenções.

A TFD, que foi utilizada em sua vertente straussiana, para a análise dos discursos das entrevistas, segundo Strauss e Juliet Corbin (2008), é uma teoria que é construída, não se baseando em testes de hipóteses, mas nos dados que se apresentam durante o contato com os atores. António Nóvoa (2015) aconselha aos pesquisadores que, além de conhecer o campo acadêmico, as regras, os métodos, não se pode negligenciar a necessidade da criação na investigação e, essa possibilidade, que coaduna com o referencial teórico e metodológico adotado, influenciou na escolha da TFD.

A conduta de pesquisa foi desenvolvida tendo como horizonte a produção de conhecimento a partir da Epistemologia Feminista Negra, reconhecendo-a como uma ação decolonial pois, a invenção decolonial compreende um afastar-se da modernidade/colonialidade, que se desloca do método estrito, fundado na cristalização da díade sujeito-objeto, para uma atitude que compreende a maneira como o sujeito se move em direção ao saber, ao poder e à perspectiva ontológica (MALDONADO-TORRES, 2018). A visão de Maldonado-Torres sobre o giro decolonial é compatível com a argumentação de Collins (2016; 2020) acerca da produção de conhecimento, ao que podemos resgatar ainda a compreensão de Nóvoa (2015), de que o primeiro encontro de uma pesquisa é consigo mesmo, ou seja, a pesquisa parte de uma investigação de si, para apenas depois, buscar a apropriação teórica.

Segundo Menga Lüdke e Marli André (2015), a perspectiva naturalística na pesquisa qualitativa é fundamental e o pesquisador toma o lugar de principal instrumento, se aprofundando nos ambientes e situações estudados, a fim de perceber as particularidades do objeto, para, enfim, entendê-lo. No decorrer da pesquisa, o pesquisador assume o papel do ator

social cujo comportamento ele estuda. Desde que a interpretação é produzida pelo ator em termos de objetos designados e avaliados, significados adquiridos, e decisões produzidas, o processo deve ser visto da perspectiva de cada ator - pessoa (BLUMER, 2017).

Tentar encarnar um papel de *observador objetivo*, que se recusa a assumir o papel do ator – de quem também cria significados (BLUMER, 2017), é escrever acreditando demais em si mesmo e isso, na pesquisa, é uma problemática importante. O pesquisador, então, duvida de si, coloca o seu discurso à prova, assim como eventualmente, reconhece – ainda que não escreva - que duvida, interpreta e faz inferências sobre o discurso dos seus informantes.

Pensando na experiência vivida como critério de significação, perspectiva trazida por Patricia Hill Collins, na pesquisa, a minha experiência de mulher negra empreendendo uma pesquisa sobre outra mulher negra, a partir de uma proposta interventiva, foi o aspecto mais desafiador. Procurei desenvolver, uma investigação que inclui o deslocamento de poder *in situ* e não apenas discursivo, através da inserção das contribuições de Virgínia Bicudo para as relações raciais no curso de Psicologia da UFBA através de oficinas.

#### **2.4.1 Instrumentos e procedimentos de produção e tratamento dos dados**

A revisão de literatura foi feita observando os trabalhos acerca das contribuições de Virgínia Bicudo para o campo das relações raciais. Nesse momento, para melhor caracterizar as contribuições de Bicudo para a Psicologia, também foram utilizadas as informações reunidas na minha qualificação, em 24 de fevereiro de 2021 e a conversa com o Prof. Dr. Jorge Luís Abrão, em 21 de janeiro de 2021. Nessa etapa, também foi utilizado o diário de campo, onde registrei as minhas observações e que também permearam esse estudo. Esta etapa embasou o processo de construção da justificativa da pesquisa, assim como das Oficinas *Virgínia Bicudo: Relações Raciais e Psicologia*, desenvolvidas em dois componentes do curso de Psicologia da UFBA. O desenho das oficinas está disposto ao final desse trabalho, no Apêndice A.

A intervenção realizada e utilizada como instrumento para a produção de significados sobre Virgínia Bicudo e as relações raciais, foi feita com base na Oficina como método de intervenção psicossocial, como proposta por Afonso (2006). O trabalho consistiu na apresentação da trajetória e das contribuições de Virgínia Bicudo, por meio de oficinas previamente autorizadas pelo docente responsável, nas disciplinas de Psicologia e Saúde e Psicologia da Família do curso de Psicologia da UFBA, às quais foi facultada a presença dos estudantes, não sendo obrigatória a sua participação.

Além da revisão de literatura, para continuar a construção do arcabouço conceitual para as oficinas, cotejei o texto *Atitudes Raciais de Pretos e Mulatos em São Paulo* com a compreensão atual sobre relações raciais, buscando apresentar, de forma didática, para a explanação nas oficinas, os significados contidos nas atitudes raciais das pessoas negras entrevistadas por Bicudo (1945/2010) em sua dissertação, bem como as conclusões da autora. Esse texto foi revisitado de acordo com uma perspectiva interacionista, com a intenção de avaliar a atualidade da análise de Virgínia Bicudo sobre as relações raciais e da congruência das implicações do racismo na subjetividade de pessoas negras, na década de 1940, tendo como horizonte a contemporaneidade.

Nas oficinas, o instrumento de produção de dados foi o diário de campo da autora e uma ferramenta de gravação de tela<sup>22</sup> em plataformas online. Após as oficinas, entrevistas foram realizadas com sete estudantes de disciplinas do curso de Psicologia que participaram das aulas/oficinas sobre Virgínia Bicudo ministradas por mim. A partir da escolha dos entrevistados, selecionados levando em consideração a participação ativa através de comentários e intervenções nas oficinas, a pesquisa foi apresentada com maior riqueza de detalhes, possibilitando a compreensão do potencial participante sobre a investigação.

O contato-convite para a entrevista foi feito através de WhatsApp, com 8 participantes das Oficinas, quatro de cada intervenção. Recebi retorno positivo de todos, mas uma das participantes da oficina não pôde ser entrevistada, por não se tratar de estudante matriculada em disciplina do curso de Psicologia, mas sim mestranda em estágio docente.

Segundo Greg Guest, Arwen Bunce e Laura Johnson (2006), em trabalhos qualitativos fenomenológicos, é possível fazer uma amostra não probabilística, delimitada intencional e indutivamente e, depois continuar a seleção de participantes até o nível de saturação teórica, que é quando os resultados que se apresentam não trazem fatos novos à pesquisa (GUEST, BUNCE; JOHNSON, 2006).

Parti para o campo para realizar as sete entrevistas acordadas inicialmente, e observar se ocorreria a saturação teórica. Segundo Anselm Strauss e Juliet Corbin (2008), a saturação teórica ocorre quando novas categorias passíveis de análise não emergem das entrevistas. Com a congruência dos resultados e a saturação das categorias que se apresentaram nas sete entrevistas realizadas, verifiquei que elas eram suficientes para observar os temas relativos às

---

<sup>22</sup> Flashback Record Express.



percepções dos estudantes sobre as intervenções realizadas nesta pesquisa em relação com a sua formação em Psicologia.

O instrumento utilizado para obter os significados juntos aos estudantes que tiveram contato com as oficinas foi a *entrevista semiestruturada*, observando sempre o que Carmem Moré (2015) ressalta, que são os contextos e as tramas relacionais em que os sujeitos participantes estão envolvidos que complexificam a pesquisa qualitativa.

A entrevista semiestruturada, segundo Moré (2015), nos ajuda a encontrar significados atribuídos à experiência humana, “nesse sentido, o diálogo proposto nesse tipo de entrevista, [...] constitui-se num “espaço relacional privilegiado”, onde o pesquisador busca o protagonismo do participante.” (MORÉ, 2015, p.127). Reconhecendo o ser humano como um ente incognoscível, conforme FRANKHAM (2015), é possível perceber, através das entrevistas, novas formas de interpretar os dados da pesquisa, derivadas das elaborações próprias de cada um sobre o tema.

As entrevistas foram feitas entre os meses de setembro e outubro de 2021, sendo os participantes pessoas selecionadas dentre os estudantes presentes nas oficinas que consentiram em ser contatados para a etapa de entrevistas da pesquisa, marcando a opção “*Aceito ser contatado pela pesquisadora para outras etapas da pesquisa*”, e disponibilizaram o contato telefônico quando da assinatura do TCLE para as oficinas. Outro aspecto considerado para escolher os entrevistados foi que eles tivessem feito algum comentário durante a oficina, pensando no que Afonso (2008) fala sobre a oficina como instrumento para a elaboração de um tema, que precisa então, de um engajamento por parte do indivíduo, para que houvesse uma maior possibilidade de atribuição de significados – favoráveis ou não - à intervenção.

Embora houvesse um roteiro semiestruturado, deixei que os entrevistados percorressem a sua argumentação de maneira livre, pedindo ou fornecendo mais explicações sobre determinados pontos da oficina. Assim, não exigi que os entrevistados respondessem especificamente às mesmas questões, procurando apenas saber mais sobre a perspectiva de cada um deles acerca da sua própria formação e sobre a oficina. As perguntas dispostas no roteiro semiestruturado não foram taxativas, e eram ampliadas ou delimitadas, a depender da saturação de cada categoria significativa para a pesquisa.

A TFD, utilizada para a análise dos dados colhidos, preconiza que haja um cuidadoso processo de exame e interpretação de dados (STRAUSS; CORBIN, 2008). Para isso, Strauss e Corbin apontam que as informações para uma TFD são as interpretações, informações, dados, lembranças, ações e textos apresentados pelos sujeitos da pesquisa, além de outras informações

reunidas pelo pesquisador, como, por exemplo, as anotações em diários de pesquisa, memorandos, etc.

Então, os autores organizam a TFD em várias etapas, começando pela microanálise, uma leitura questionadora dos discursos, para definir categorias, suas propriedades e dimensões, para relacionar os conceitos finais. Depois, prosseguimos com a codificação aberta, que consiste nos processos de conceituação ou rotulação e classificação. Nessa etapa, as entrevistas foram rotuladas da seguinte forma – a rotulação está em negrito e entre colchetes:

**Pesquisadora:** Você quer falar sobre as expectativas que tinha em relação ao curso?

**Entrevistada:** Por ser Psicologia, eu acreditava que os professores seriam mais empáticos, solidários, mais generosos [**crença sobre professores da Psicologia**], mas não foi muito bem isso que eu descobri, né? [...] Isso me afeta, a forma que muitos discursos deles é pautada, e... também em relação às discussões pautadas em sala de aula, as bases bibliográficas, sabe? E à pouca abertura pra que outros tipos de debates envolvendo raça, classe... [**crítica ao ensino não interseccionalizado**] possam ser discutidos, né? E reverberados. Então muitas vezes eu senti de levar algumas dessas discussões e ser podada, né [**demanda por erguer a voz**], [**sensação de interdição**]? Dos professores não darem a devida atenção. Tipo “ah... tá, agora cala a boca”, mais ou menos assim. Então é isso... minha frustração foi essa [**demanda por erguer a voz**], [**significado afetivo da formação**], e acho que também pela diferença né? Dos cursos, do BI, pra psicologia, no BI a gente tinha uma autonomia muito maior [**sensação de falta**] nas escolhas das disciplinas, tinha muitas opções de horários, né? de professores... Então ainda tem isso, né? Se você não gosta de um professor de uma matéria obrigatória você tem que cursar com ele porque só tem aquela opção né? [**relação entre professor e aluno**] e é só pela manhã, e isso também é uma forma de segregar [**percepção sobre desigualdade produzida no curso**], né? outras pessoas que não tem esse privilégio de só estudar, apesar de só estudar já é algo muito pesado, é uma sobrecarga grande, mas há outros estudantes que tem outras demandas, [**discurso empático**] né, Vita? (informação verbal)

Foi utilizado, na análise dos conteúdos das entrevistas, o *software* de análise de dados textual IRAMUTEQ - *Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires* - para análise lexical ou textual. A análise textual se debruça sobre símbolos transcritos, ou seja, textos produzidos em diversos meios, como as entrevistas que serão utilizadas como instrumentos nesse trabalho. Segundo Brígido Camargo e Ana Maria Justo (2013b), por estarem no campo da linguagem, esses dados são importantes para os “estudos sobre pensamentos, crenças, opiniões – conteúdo simbólico produzido em relação a determinado fenômeno” (CAMARGO; JUSTO, 2013b, p.514).

A escolha do IRAMUTEQ se deu pelo fato de se tratar de um *software* em código aberto, o que contribui para uma maior acessibilidade dos pesquisadores a possibilidades de desenvolver uma pesquisa de qualidade sem o dispêndio de somas vultosas para a compra de instrumentos de pesquisa. Além desse aspecto, o IRAMUTEQ, criado por Pierre Ratinaud, possibilita a análise da Classificação Hierárquica Descendente (CHD), que além da análise do texto, explicita as classes lexicais, ou contextos onde os termos aparecem (CAMARGO; JUSTO, 2013b).

As categorias apresentadas no IRAMUTEQ foram utilizadas para iniciar a Codificação Axial, que consiste no desenvolvimento, sistematização e estabelecimento de correlações entre as categorias (STRAUSS; CORBIN, 2008). Depois dos resultados do software, retornei às transcrições das entrevistas e, percebendo que os achados coadunavam com a compreensão extraída da rotulagem das entrevistas e da perspectiva trazida pelo IS, continuei a análise a partir das seis classes apresentadas no IRAMUTEQ.

Após a saturação das categorias, foi feita, então, a Codificação Seletiva, que é o processo de integrar e refinar os conceitos da teoria. As categorias são, nessa etapa, organizadas em torno de um conceito explanatório central (STRAUSS; CORBIN, 2008).

#### **2.4.2 Aspectos éticos**

Sobre os direitos e deveres dos participantes, a Resolução nº 466 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) de 12 de dezembro de 2012, *Aspectos Éticos da Pesquisa envolvendo Seres Humanos*, no seu item III § 1, acerca do Consentimento Livre e Esclarecido dos participantes de Pesquisa, nos fornece as bases para os aspectos éticos que nortearão a pesquisa. Os

participantes foram informados sobre a justificativa, os objetivos, os procedimentos a serem adotados e os riscos e benefícios que poderão ocorrer durante todo o processo da pesquisa.

Seguindo a Resolução no 510, de 7 de abril de 2016, que *trata sobre as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa em ciências humanas e sociais*, que preconiza que o consentimento livre e esclarecido dos participantes deve se dar sem coação ou fraude, e pode ser registrado em qualquer meio, seja mídia, áudio ou filmagem, a depender das características socioculturais dos participantes e também a partir do método aplicado na pesquisa, o consentimento para a realização das oficinas foi colhido através de gravação em vídeo, onde foram explicitados os termos da pesquisa, incluindo seus riscos e benefícios (BRASIL, 2016).

Solicitei a anuência dos participantes para a gravação e utilização dos dados da Oficina em um *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido*, disponibilizado por meio de link da plataforma Google Forms, no início da Oficina. Ao fim do preenchimento, um recibo do TCLE das Oficinas foi enviado para o e-mail dos participantes que concordaram em participar da intervenção, procedimento que facilitou, para os participantes, a guarda dos dados da pesquisa e dos meus contatos.

Eu apliquei a Oficina e as entrevistas e respondi às eventuais perguntas dos participantes durante os dois momentos, tendo garantido que eles tomassem conhecimento e obtivessem informações dos procedimentos e métodos utilizados neste estudo. Os participantes foram informados sobre seu livre arbítrio de continuar ou não participando da pesquisa, e lhes foi facultado acenar para a retirada da sua participação, explicitando a possibilidade de o participante solicitar a exclusão da sua entrevista do corpus, o que não ocorreu, mesmo após o envio da transcrição aos participantes.

A pesquisa não ofereceu risco à saúde física e psíquica. No entanto, para evitar o constrangimento durante a entrevista, bem como qualquer dano emocional, por tratarmos de significados relacionados a raça, racismo, branquitude e colonialidade, temas que poderiam ser mobilizadores, reafirmei a confidencialidade sobre os informantes da pesquisa, não tendo sido necessária a explicitação desses conceitos. Os participantes tiveram ciência antecipada que eventuais desconfortos no momento da entrevista, ao serem por eles relatados, provocaria o encerramento da sessão.

Devido às questões éticas, foi resguardado o sigilo da identidade e de dados confidenciais dos participantes, motivo pelo qual foram utilizados pseudônimos colhidos na literatura para a análise de dados da redação final da dissertação. O projeto foi submetido em 25/03/2021 com

o nº de registro 027399/2021 ao Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem da UFBA (CEP EEUFBA), e aprovado - CAAE 44880021.8.0000.5531 - em 29/06/2021. O projeto também foi submetido à instituição coparticipante – o Instituto de Psicologia (IPS/UFBA) – que, na figura do Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia (CEPIPS UFBA) também avaliou o projeto, com o número de registro 095252/2021, e o aprovou - CAAE 44880021.8.3001.5686 – em 03/09/2021.

Após a adequação do projeto, com as recomendações dos dois CEPs onde foi submetido, esclarecendo no TCLE aspectos relativos ao sigilo em pesquisas feitas por meios eletrônicos, em consonância com as recomendações mais recentes da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEPS), foi então iniciada as fases de campo (contato, escolha dos participantes e realização das entrevistas). A pesquisadora tratou a identidade dos participantes com padrões profissionais de sigilo, atendendo à legislação brasileira (BRASIL, 2013; BRASIL, 2016), com a garantia da utilização das informações colhidas nas Oficinas e entrevistas somente para fins acadêmicos e científicos.

Foi ressaltado aos participantes que o benefício (direto ou indireto) relacionado com a sua colaboração nesta pesquisa seria contribuir para a construção de um currículo mais diversificado no curso de Psicologia da UFBA, e que os resultados seriam divulgados em palestras dirigidas ao público participante, relatórios individuais para os entrevistados, artigos científicos e no texto desta dissertação. Também assegurei a guarda do material em arquivo por pelo menos 5 anos após o final da pesquisa, conforme Resolução 466/12 e orientações do CEP.

### 3 BUSCANDO OS “SEGREDOS DE VIRGÍNIA”<sup>23</sup>

Os trabalhos de Virgínia Bicudo, escritos sozinha ou em coautoria, não são de fácil acesso, como lembra Janaína Gomes (2013). Eles apresentam esforços para o aperfeiçoamento da técnica psicanalítica, bem como outras contribuições teóricas no campo das Ciências Sociais, Antropologia e Psicologia. Ainda lidando com a impossibilidade de acessar alguns desses textos, imaginei ser possível organizá-los através da abordagem que os autores utilizam para iconicizar as contribuições desta autora.

#### 3.1 RECEPÇÃO DE VIRGÍNIA LEONE BICUDO: REVISÃO DE LITERATURA

*Floresceram naquelas escadas  
vozes irrequietas de negritudes  
que foram punhos diretos  
içados como velas de fogo  
ao mar de silêncio e medo  
que nos dominava.*

Abelardo Rodrigues<sup>24</sup>

Os trabalhos de Virgínia Bicudo, escritos sozinha ou em coautoria, não são de fácil acesso, como lembra Janaína Gomes (2013). Eles apresentam esforços para o aperfeiçoamento da técnica psicanalítica, bem como outras contribuições teóricas no campo das Ciências Sociais, Antropologia e Psicologia. Ainda lidando com a impossibilidade de acessar alguns desses textos, imaginei ser possível organizá-los através da abordagem que os autores utilizam para iconicizar as contribuições dessa autora.

Embora tenha produzido desde a primeira metade do século XX, nas Ciências Sociais e na Psicologia Social (BICUDO, 1945/2010, 1955), migrando apenas de área, mas mantendo uma produção considerável dentro da psicanálise, muito pouco se cita Virgínia Bicudo antes do seu centenário, em 2010.

Assim, procedi para uma Revisão Narrativa da literatura, segundo a definição de Sidnéia Casarin *et al* (2020), para verificar o estado da arte contextual sobre o reconhecimento

<sup>23</sup> Para Janaína Damaceno Gomes (2013), uma marca fundamental da trajetória de Virgínia Bicudo é ela ter sido transformada em uma espécie de segredo, relegada a gavetas e prateleiras abandonadas em bibliotecas.

<sup>24</sup> Poema *A nossa voz altissonante*, de Abelardo Rodrigues no livro *Memória da noite revisitada & outros poemas* (RODRIGUES, 2013, p.100).

atual das contribuições de Bicudo. Dessa revisão, foi possível fazer uma categorização das produções sobre as contribuições de Bicudo nos diferentes campos onde transitou, que serviram como base para a construção da justificativa da pesquisa e das oficinas.

Para encontrar as contribuições de Virgínia para a Psicologia, foi preciso que a busca se expandisse além do circuito acadêmico de publicações onde, anteriormente, eu havia pensado em focalizar a análise pois, a maior parte dos seus trabalhos autorais estão sistematizados em bancos particulares de instituições psicanalíticas nacionais e internacionais como o *International Journal of Psycho-Analysis*. Para conseguir alcançar um maior número de produções sobre as contribuições de Virgínia Bicudo, decidi então, pela busca na plataforma Google Scholar iniciada em outubro de 2020. A pergunta que norteou essa busca foi: *O que foi escrito sobre Virgínia Bicudo relacionando sua produção ou trajetória à temática racial?*

Preliminarmente, busquei o termo “**Virgínia Leone Bicudo**”, sem delimitação periódica, a fim de verificar também os marcos temporais das leituras estabelecidas sobre a produção de Bicudo e, com a exclusão das citações e patentes, retornaram 375 resultados. Desses, selecionei apenas aqueles que tinham arquivos disponíveis em versões completas, excluindo os textos indisponíveis na internet, inclusive livros e artigos apenas acessíveis contra pagamento. Foram considerados para a revisão apenas textos em português, inglês, espanhol ou francês. Apesar de ter ciência que Virgínia Bicudo publicava em alemão, tendo sido uma das integrantes do Conselho Permanente de Consulta da tradução da primeira versão das obras completas de Freud para o português do Brasil, seus textos nessa língua não foram selecionados, pois não tenho familiaridade com esse idioma.

A partir desses filtros, busquei, nos resumos, termos que remetessem a questões raciais<sup>25</sup>. Depois, dessa busca, cheguei a um número de 101 trabalhos, dos quais, para a seleção final, para a montagem do quadro de sistematização das leituras sobre a produção de Virgínia Bicudo na academia, excluí também resenhas de livros e aqueles que não apresentassem novos dados sobre sua trajetória<sup>26</sup>.

---

<sup>25</sup> Busca dos termos “raça” e suas variantes “race” e “raza”, “racismo” e o radical “rac\*”; os termos “negro”, “negra” e o radical “negr\*”; e, por fim, os termos “preconceito” e “preconc\*” no corpo do texto.

<sup>26</sup> Textos que apenas citaram as obras originais BICUDO (1945/2010), ABRÃO (2010) e J. GOMES (2013), foram excluídos, por não apresentarem dados novos acerca da trajetória de Virgínia Bicudo, visto que eu tive acesso às obras.

Chegando, nessa pesquisa preliminar a 24 resultados, que foram analisados, na íntegra, identifiquei algumas categorias sobre as contribuições de Bicudo para o campo das relações raciais, que passam por cinco abordagens: 1) **Contribuições para as Ciências Sociais brasileiras**; 2) **Contribuições para a Psicanálise**; 3) **Contribuições para a Psicologia brasileira**; 4) **Escrita sobre trajetórias invisibilizadas de mulheres negras**; e, finalmente, 5) **Reflexões decoloniais**, que se encontram sistematizadas no Quadro 1:

**Quadro 1** – Contribuições destacadas na trajetória e legado de Virgínia Bicudo organizadas por Abordagem

<b>Abordagem</b>	<b>Autores por data de publicação</b>	<b>Temática principal</b>
1. Contribuições para as Ciências Sociais brasileiras	MAIO (2010); GOMES, J. (2013); CRUZ; ABRAMOVICZ; RODRIGUES (2015); MAIO; LOPES (2015); SANTOS, E. (2018); SOUZA, M.; GONÇALVES (2018); DAFLON (2018); TANIGUTI (2018)	Investigações sobre a realidade brasileira no séc. XX
2. Contribuições para a Psicanálise	TEPERMAN; KNOPF (2011); ROMERA; MENDES (2012); MORETZSOHN (2013); ABRÃO (2014); HAUDENSCHILD (2015); FRAUSINO (2018); GOMES, R. (2018); AIELLO-FERNANDES (2018)	Surgimento e Institucionalização da Psicanálise
3. Contribuições para a Psicologia	SANTOS Alessandro de Oliveira dos; SCHUCMAN; MARTINS (2012); RODEGHERI (2011); MATA; SANTOS, D. (2015)	História da Psicologia e Relações Raciais
4. Escrita sobre trajetórias invisibilizadas de mulheres negras	J. GOMES (2013); BRAGA (2015); CRUZ (2018)	Epistemicídio das mulheres negras



5. Reflexões decoloniais	COSTA (2017); JESUS, K.; SILVA, L.; NASCIMENTO (2020); SILVA, Nádida da (2020)	Discurso de enfrentamento à colonialidade do saber
--------------------------	--	--

**Fonte:** Elaborado pela autora

A abordagem que recupera as contribuições de Bicudo às Ciências Sociais, apresenta produções relacionadas ao período de institucionalização das ciências sociais brasileiras. Na época, o país era propagandeado como uma nação que vivia uma espécie de integração harmônica entre grupos raciais distintos – o modelo de Gilberto Freyre (CRUZ; ABRAMOWICZ & RODRIGUES, 2015). Assim, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), que tem como proposta a promoção de pilares para a educação, ciência e cultura dos países ligados ao Sistema das Nações Unidas, voltou seus olhos para o Brasil, no pós-guerra, a fim de observar a realidade do país (ibidem).

Assim nasceu o Projeto Unesco, que foi um conjunto de pesquisas sobre relações raciais, patrocinadas pela Unesco, nos anos de 1951 e 1952 (MAIO, 1999). As pesquisas elencadas no escopo do projeto<sup>27</sup> (BICUDO, 1955; GINSBERG, 1955; WAGLEY *et al.*, 1952; AZEVEDO, 1953; COSTA PINTO, 1953; BASTIDE; FERNANDES, 1955; NOGUEIRA, 1955/1998; RIBEIRO, 1956) contribuíram para a consolidação de novas perspectivas acerca das relações raciais na sociedade brasileira. Embora o Projeto Unesco seja tratado como a primeira vogal em termos de romper com a ideia de democracia racial no Brasil, como Verônica Daflon (2018) aponta, em 1945 Bicudo já rompia com a tese de democracia racial, apontando a segregação de cunho racial, desprendida da classe, que existia na sociedade paulistana (BICUDO, 1945/2010).

A autora aparece, então, na sistematização das interpretações da produção acadêmica brasileira sobre relações raciais, como uma pesquisadora que rompe, no campo sociológico, tanto com o mito da democracia racial, quanto com a importação pura e simples dos conceitos norte-americanos acerca dos conflitos existentes nas interações sociais (DAFLON, 2018). Ao citar as contribuições de Virgínia Bicudo para o campo da sociologia das emoções, os autores Márcio de Souza e Mariana Gonçalves (2018) falam sobre os esforços empreendidos, no campo da sociologia brasileira, durante o século XX, para interpretar e sistematizar a formação da nacionalidade e o contexto cultural brasileiros (SOUZA, Márcio de; GONÇALVES, 2018).

<sup>27</sup> Sobre a história do projeto ver os trabalhos de Maio (1998, 1999).

Na Psicanálise, foi no campo do desenvolvimento da técnica, conforme Carlos Frausino (2018), que Virgínia colaborou com a formação, o trânsito de ideias psicanalíticas e a expansão da prática psicanalítica no Brasil. Foram ressaltadas, na produção sobre a Psicanálise (BRAGA, 2015; FRAUSINO, 2018), a proposta de Bicudo a respeito de uma análise da realidade social mais atenta às repercussões desta, especificamente o preconceito, na personalidade tanto do analisando quanto do analista (BICUDO, 1972/2016).

A proposta multidisciplinar de Bicudo é vista também em sua atuação, pois ela desempenhou tanto o ofício de visitadora psiquiátrica quanto o ofício de psicologista, ocupações tidas como femininas, e que tiveram muita importância no nascimento da função de psicóloga no serviço público paulista (ABRÃO, 2014). As visitadoras psiquiátricas, educadoras sanitárias e psicologistas que atuavam desde o final da década de 1930 para o governo paulista, começaram a fomentar o debate sobre a criação dos cursos de Psicologia, bem como a regulamentação da profissão de psicóloga (ABRÃO, 2014).

Sendo uma grande divulgadora de temas relacionados à Psicologia brasileira entre o público leigo, através do jornal e do rádio, Bicudo também foi professora da cadeira de Higiene Mental na ELSP/USP, exercendo a docência numa Psicologia ainda embrionária no país (CARNEIRO, 2005; ABRÃO, 2014). Tendo iniciado sua trajetória profissional no campo da higiene mental, Virgínia deslocou os estudos raciais das teses biológicas para uma análise que levava em conta as condições sociais e culturais da construção da subjetividade de pessoas negras (ABRÃO, 2014).

Para Abrão (2014), este deslocamento se constitui como um marco histórico na abordagem das relações raciais no campo *psi* pois, havia na sua produção, uma lucidez relativa às repercussões do racismo na subjetividade de pessoas negras (ABRÃO, 2014). As repercussões do racismo apareciam a partir de como essas pessoas enxergavam a negritude, sua cor de pele, o quanto essas pessoas transitavam por ambientes brancos, sua classe social, e até as características singulares que o racismo apresentava regionalmente (BICUDO, 2010/1945).

Além de focalizar aspectos psicodinâmicos do racismo, Bicudo estudou as atitudes e as estratégias de enfrentamento ao racismo, sempre evocando uma perspectiva relacional na construção das diferenças, como foi possível perceber em sua análise sobre a Frente Negra Brasileira (FNB). Chegando à conclusão, conforme Rafael Aiello-Fernandes (2018) e Donizeth dos Santos (2010) sublinham, de que a ação política de pessoas negras, organizada em torno de referências de uma identidade negra positivada, pode ser erigida como uma estratégia frente ao

sofrimento pelo racismo (SANTOS, D., 2010; AIELLO-FERNANDES, 2018; MATA; SANTOS, E., 2015; BICUDO, 1945/2010).

Na categoria *Trajetórias invisibilizadas de mulheres negras*, estão situados os trabalhos que tratavam da perspectiva historiográfica do aparecimento e desaparecimento de Virgínia. A temática relativa à participação de mulheres negras está sendo abordada nas pesquisas que tratam da história de vida ou da história intelectual dessas mulheres, buscando, sobretudo, o reconhecimento delas como participantes da produção acadêmica e intelectual brasileiras (GOMES, J., 2013; BRAGA, 2015; CRUZ, 2018). Assim, os textos sobre a trajetória e invisibilização de Bicudo versam sobre a sua eminência nas discussões sobre clínica e realidade social, tendo participado de eventos e organizado reuniões<sup>28</sup> com mulheres negras, reconhecendo que a situação da mulher negra e da criança negra eram singulares, devido à vulnerabilidade desses sujeitos na ordem social (CRUZ, 2018).

Sobre o legado de mulheres negras na psicanálise, campo onde Virgínia Bicudo transitou a maior parte da sua vida, Braga (2015) pontua o lugar sempre vacilante no abordar a trajetória e o discurso dessas mulheres discorrendo sobre a escassez de estudos que tratem de negritude e psicanálise. Braga (2015) ressalta a recusa e tratar de temas atinentes à questão racial, e de uma invisibilização tanto dos pesquisadores negras e negros que trataram do tema, quanto dos sujeitos de pesquisa, pessoas negras que ofereceram seus testemunhos à ciência (BRAGA, 2015). Há, segundo Braga (2015), dentre os psicanalistas, um posicionamento de que a psicanálise não se debruça sobre a temática racial, defendendo que o inconsciente não tem cor, etc., no entanto, não faltam produções direcionadas a singularidades das mulheres, do melancólico, entre outras abordagens ligadas a grupos específicos (BRAGA, 2015).

As *Reflexões decoloniais* organizam os trabalhos que reivindicam o descentramento da colonialidade do ser-saber-poder a partir da atuação-intervenção dos pesquisadores a partir da leitura ou da releitura de autoras negras (JESUS, K.; SILVA; NASCIMENTO, 2020). Na recuperação contemporânea de Virgínia, suas contribuições e sua trajetória são consideradas como uma nova via de análise que explicita mudanças de perspectivas operadas a partir da ação decolonial. O “presente” de Virgínia, ou, as ressignificações que são possíveis a partir

---

<sup>28</sup> Virgínia Bicudo participou do evento “Homenagem à mulher de cor” na FFCLH/USP e defendeu um novo encontro, com uma maior participação das mulheres negras: “Gostaria de convidar o elemento feminino para uma reunião, para que pudéssemos juntas trabalhar. Peço sugestão, em primeiro lugar, de dia e hora que sejam mais convenientes para os elementos femininos” (CRUZ, 2018, p.14).

de um giro decolonial, que coloca a ação do subalternizado em um lugar de criação e de transformação (MALDONADO-TORRES, 2020).

A interseccionalidade do pensamento de Virgínia introduz o seu resgate no campo das reflexões decoloniais, que, acompanhando a tendência dos estudos críticos nas ciências sociais, apontam que as trajetórias de mulheres negras ajudam a descentrar estruturas de poder reproduzidas na academia, trazendo à luz sua invisibilidade e marcando, desta forma, as contradições que permeiam o campo acadêmico, conforme marcam K. Jesus, Silva e Nascimento (2020). Nádia da Silva (2020) apresentou também os aspectos característicos de uma epistemologia decolonial no trabalho de Virgínia Bicudo, que colocava a perspectiva dos sujeitos participantes da pesquisa, nesse caso, as pessoas negras, no centro da sua produção (SILVA, Nádia da 2020).

### 3.2 RELEITURA DO TEXTO “ATITUDES RACIAIS DE PRETOS E MULATOS EM SÃO PAULO (BICUDO, 1945/2010)

Ocorreu-me que, para conseguir construir oficinas sobre Bicudo, seria necessário abordar sua produção no campo das relações raciais, especificamente, suas conclusões acerca das atitudes das pessoas negras entrevistadas, sistematizando os achados de Bicudo de uma maneira que ajudasse a compreender o racismo estrutural e a branquitude<sup>29</sup> persistentes na sociedade brasileira, seja em 1945, seja em 2021. A autora explicita o racismo enquanto moldura da ordem social e os sofrimentos atrelados à consciência de cor, bem como a emergência do *autoideal de branco* subjacente aos relatos dos pretos e pardos<sup>30</sup> apresentados em *Atitudes Raciais de Pretos e Mulatos em São Paulo*, seu trabalho defendido em 1945 e orientado por Donald Pierson, que influenciou a produção de Bicudo no campo das ciências sociais (MAIO, 2010).

O autoideal de branco foi a grande categoria analisada por Bicudo, e ele surgiria como uma representação de si plástica, difusa e precária, tal como Fanon (1952/2008) aborda. Esse autoideal de brancura se aproxima do que Neusa Santos Souza (1983) chama de “ideal do ego branco”. Ele proporciona uma separação-de-si, na apropriação hegeliana que Fanon

<sup>29</sup> Branquitude denota a manutenção de privilégios para pessoas brancas e opressão e dominação de determinados grupos (BENTO, 2005). É uma dimensão ideológica da violência racial, calcada na não nomeação da raça branca, na negação da humanidade e interdição do outro, o que “não é branco”, e do medo (ibidem).

<sup>30</sup> Virgínia se refere a mulatos, um termo amplamente utilizado no início do século XX, como pessoas mestiças que têm ao menos um dos pais pretos, ou ambos os pais pardos (BICUDO, 1945/2010). Os mestiços, ou seja, as pessoas que descendem da miscigenação de qualquer outra raça, seja indígena, amarela, com o branco e o preto, são os chamados pardos pela classificação do IBGE, e, dentro desse grupo estão os mulatos designados no texto (OSORIO, 2003). Portanto será a terminologia pardo que irei utilizar, ao invés do termo mulato. Para ver a discussão sobre o termo mulato, buscar Osorio (2003) ou Oliveira (2004).

(1952/2008) e Mbembe (2014) fazem, uma espécie de *self*-representação, o “ser-para-o-outro”, processo que coloca o outro como agente da sua constituição subjetiva, como é possível ver nas atitudes de assimilação, de busca pela branquidão – pela instrução ou pela ascendência branca - e de ambivalência afetiva – na forma de expressões de denegação, projeção, paranoia, neurose, e desenvolvimento de estereótipos e complexo de inferioridade (BICUDO, 1955).

Além desse trabalho, foco principal dos comentários desse capítulo, tive contato com o texto *Atitudes dos alunos dos grupos escolares em relação com a cor dos seus colegas* (BICUDO, 1955), que foi uma importante contribuição feita por Bicudo para produção sobre relações raciais e infância. Este trabalho foi desenvolvido concomitantemente ao trabalho de Aniela Ginsberg, intitulado *Pesquisas sobre as atitudes de um grupo de escolares de São Paulo em relação com as crianças de cor*. Em suma, as duas autoras concluíram que havia uma pregnância do pensamento racial na socialização das crianças, visão central dos estudos contemporâneos sobre infância e relações raciais (CRUZ; ABRAMOWICZ & RODRIGUES, 2015).

Assim, as categorias de análise aqui elencadas, em relação ao texto de *Atitudes Raciais de Pretos em Mulatos em São Paulo* (BICUDO, 1945/2010), poderão conter algumas exemplificações oriundas do trabalho com os escolares (BICUDO, 1955), como um aceno para a transversalidade possível de ser observada nas definições de situação dos indivíduos ali representados, ainda que em faixas etárias distintas – infância e adultez.

Segundo Elisângela Santos (2018), na pesquisa do Projeto Unesco, quando parte do questionário aplicado na escola para a entrevista com a família, Virgínia transcendeu o espaço da sociologia da educação da época, que se restringia ao ambiente escolar. A valorização da narrativa das crianças participantes da pesquisa possibilitou que fossem capturadas diversas experiências implicadas com suas vivências singulares, que continham aspectos sociais, étnicos, familiares e de gênero. Não era apenas para o branco, adulto e civilizado que as ciências sociais deveriam se voltar, mas à infância, sem se restringir à mera aplicação de testes (SANTOS, E., 2018)

A experiência de viver em sociedade colocava possibilidades e impossibilidades dos indivíduos encarnarem alguns status e papéis, pois, entre a socialização e a assimilação seriam construídos padrões de comportamentos a partir das expectativas criadas sobre os atores (BICUDO, 1972/2016). Bicudo aborda a herança dos papéis sociais, que seriam primeiro transmitidas pela família, que poderia expressar rejeição, superproteção ou ambivalência em relação aos indivíduos (BICUDO, 1972/2016). A realidade social, a partir dessa bagagem, seria

elaborada e, portanto, levada pela pessoa para o trabalho analítico (BICUDO, 1972/2016). No entanto, não era possível saber, à época "até que ponto os processos sociais não somente modificam o comportamento, mas também a organização psíquica [...]" (BICUDO, 1972/2016, p. 157). Isildinha Baptista (1998) em *Significações do Corpo Negro* aborda esse tema, utilizando o referencial psicanalítico para falar sobre a dimensão psíquica das repercussões do racismo nas pessoas negras.

Conhecer as atitudes raciais de pretos e mulatos relacionadas à questão racial era o objetivo da dissertação de Virgínia Bicudo. O conceito de atitude concebe a interação social como constituída a partir de um *self*, que se move em direção aos objetos para organizar a sociedade (STRAUSS, 1999). Portanto, a maneira de conceber e se posicionar perante esses objetos deveria ser alterada, para que a mudança na sociedade ocorresse (BICUDO, 1945/2010). O trabalho de Virgínia utilizou como participante de sua pesquisa, uma instituição: a FNB, uma das organizações sociais do povo negro, daquela época, que realizava ações em direção ao desligamento dos processos mantenedores da desigualdade racial, através do trabalho político (MAIO, 2010). Nas entrevistas, que ocorreram com trinta pessoas pretas ou mulatas de classe "inferior" ou "intermediária", Bicudo, então, observou o terreno das interações sociais a fim de elaborar hipóteses sobre a situação racial (BICUDO, 1945/2010).

A classificação racial utilizada no estudo é um ponto importante do trabalho, pois Bicudo aponta uma classificação fenotípica das pessoas pretas ou pardas, as pretas sendo descendentes de pais pretos e com cabelos encarapinhados, e as pessoas pardas as que tivessem ao menos um dos genitores brancos, ou os dois genitores pardos (BICUDO, 1945/2010) Virgínia, porém, já naquele momento, ressaltou que a autodeclaração dos pardos é maleável, a depender do status social selecionado, pois a partir da condição econômica, da profissão e do nível de instrução, essas pessoas se identificaram como pretas ou brancas nas entrevistas (BICUDO, 1945/2010).

Outro aspecto importante a ser citado sobre a pesquisa relativa a atitudes raciais desenvolvida por Bicudo, é o fato dela ter antecipado a discussão que será trazida, apenas sete anos depois, por Fanon, em *Pele Negra, Máscaras Brancas* (GOMES, J., 2013). Para Janaína Damaceno Gomes (2013) e Deivison Faustino (2020), nos trabalhos de Bicudo, embora não seja possível falar em influência de um sobre o outro, é possível perceber uma aproximação com o pensamento fanoniano no sentido de que "o negro não é apenas alguém sobredeterminado pelo que vem de fora, mas também alguém cuja discriminação marca profundamente a forma de perceber o mundo e a si" (FAUSTINO, 2020, p. 117).

Aí está uma construção que aponta para o pensamento fanoniano de que haveria uma cisão subjetiva em pessoas negras ao se deslocarem da colônia para a metrópole, uma pressão pela assimilação, que poderia culminar na alienação ou, através do reconhecimento da impossibilidade de ser branco, reconhecer-se como pertencente ao grupo negro (FANON, 1952/2008). Uma visão que Neusa Santos Souza (1983) retoma, dizendo que a ascensão social tinha repercussões na construção identitária de pessoas negras, ora pela assimilação, ora pela afirmação da identidade negra, mas sempre numa perspectiva conflituosa.

Na Martinica, Fanon se interessava pela perspectiva emancipatória de pessoas negras, a partir da descrição do que leva à alienação para propor um caminho para a desalienação. No Brasil, Bicudo, observou e descreveu o processo de alienação a partir da noção de um “complexo de inferioridade”<sup>31</sup> acarretado, dentre outros aspectos, pela falta de consciência racial em meio a uma ordem social colonial, que faria com que o sujeito não se identificasse ao seu grupo, mas ao grupo branco (SILVA, Nádia da, 2020).

Bicudo também fez um escalonamento dos sujeitos de pesquisa em razão da classe social, a partir da renda global familiar. A saber: na classe social inferior estariam os indivíduos com escolaridade até o curso primário, com renda familiar até 500 cruzeiros, e que estivessem envolvidos em profissões com menor status social, como por exemplo, motorista, operário, servente, cozinheira e empregada doméstica (BICUDO, 1945/2010). Já nas classes sociais intermediárias estariam os indivíduos que concluíssem no mínimo o curso secundário, com renda maior que 500 cruzeiros, investidos em profissões liberais e no serviço público (BICUDO, 1945/2010).

De antemão, percebemos a pouca variabilidade de carreiras que proporcionavam alguma mobilidade social para as pessoas negras nesse período. Mas outro aspecto se impõe, como Nádia da Silva (2020) ressaltou, ao analisar com a lente da interseccionalidade, as entrevistas com mulheres negras na dissertação de Virgínia. A população de mulheres negras na classe social inferior em relação aos homens - seis mulheres e um homem - mostra a posição subalternizada de mulheres negras numa sociedade que se estrutura a partir do viés racista-sexista (ibidem).

---

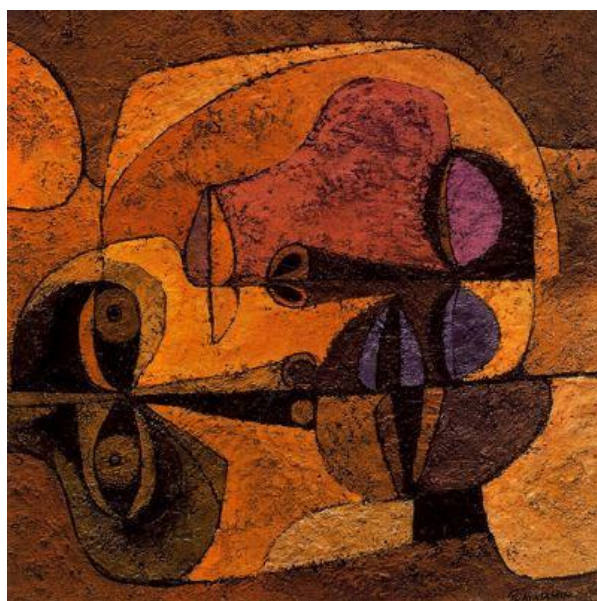
<sup>31</sup> O complexo de inferioridade citado por Virgínia merece um olhar atento para a explicitação do que podemos extrair dessa conceituação, o que será abordado nesse trabalho, utilizando as categorias destacadas nas obras *Atitudes Raciais de Pretos e Mulatos em São Paulo* (BICUDO, 1945/2010) e *Atitudes dos Alunos dos Grupos Escolares em Relação com a Côr dos seus Colegas* (BICUDO, 1955).

Mesmo que nem todas as pessoas negras que sofrem discriminação racial desenvolvam adoecimento psíquico relativo ao racismo, já era possível notar, nos trabalhos de Bicudo, pitadas da noção de racismo estrutural. Os trabalhos mostram que todas as pessoas negras eram expostas à violência apenas por serem negras e terem nascido numa sociedade moderno/colonial, que se utiliza do racismo como moldura organizadora do sistema sociopolítico e econômico dos países. Nessa perspectiva, pedir que a pessoa defina objetos particulares, os significados relativos à raça e às pessoas negras explicitariam as atitudes dos entrevistados em relação à cor. Na cena das entrevistas Virgínia apresenta a interação entre o entrevistador e entrevistado, e se baseia no conceito de transferência para fornecer um ambiente psicoafetivo saudável para a comunicação dos entrevistados (BICUDO, 1945/2010).

Identifiquei, por exemplo, a percepção de preterimento social por parte dos entrevistados de Bicudo (1945/2010, 1955), o reconhecimento dos sujeitos sobre o empobrecimento da parcela negra da sociedade, a complexificação das relações afetivas e a emergência de atitudes autodepreciativas dentre as pessoas negras. Isso ocorre por que o intercurso linguístico impregna o self dos atores, pois as interações face a face, as fantasias e expectativas sobre ocupar papéis na sociedade são apreendidas e percebidas através das significações acessadas pelos indivíduos (BICUDO, 1945/2010). Assim, organizei as categorias de interpretação da raça encontradas no trabalho de Bicudo, com fins didáticos, para a apresentação nas oficinas.

### 3.2.1 Simbiose, assimilação e tolerância ao racismo ou "*esse negrinho vai dar gente*"

**Figura 6:** Dos Cabezas, de Oswaldo Guayasamin (1987)



**Fonte:** Wikiart<sup>32</sup>.

<sup>32</sup> Disponível em: <https://www.wikiart.org/en/oswaldo-guayasamin/dos-cabezas-1987>. Acesso em: 11 nov. 2021.



A compreensão que Bicudo apresentou nas suas conclusões pode ser vista como uma descrição da origem das atitudes de aproximação e rejeição de brasileiros segundo quesitos raciais e como, as atitudes negativas – de afastamento, estereotipização, violência e discriminação - eram construídas a partir de pactos discursivos entre pessoas de raças diferentes (BICUDO, 1945/2010; BICUDO, 1955).

A simbiose é a ação social que ocorre de maneira artificial, mas não consciente, legando benefícios mútuos aos atores envolvidos (PARK, 1972). Segundo Park (1972), não há um padrão de conduta nas relações simbióticas entre pessoas, como acontece no reino animal, mas uma espécie de pacto silencioso calcado nas relações de poder – por exemplo, as questões de raça, classe e gênero.

A simbiose entre pessoas negras e brancas fica explícita no texto de Virgínia. Em vários casos, as pessoas negras foram “criadas” por famílias brancas, como no caso de Benedita (caso n° 2), onde a entrevistada relata que foi criada em casa de uma “distinta família” – leia-se branca e rica - e vivia com a pensão que o chefe deixou ao falecer, no caso de José (n° 3), que foi criado sem mãe na casa de uma família espanhola, o caso n° 5, de uma mulher preta que viveu e trabalhou numa casa do interior (BICUDO, 1945/2010).

A interpretação de Bicudo (1945/2010) demonstra que pessoas pretas que foram criadas em casas de famílias brancas, havia os que se identificavam com a branquitude, conservando um papel social inferior e outros que se desprendiam desse papel. Logo, o sentimento de inferioridade e suas próprias habilidades cognitivas não eram os únicos registros simbólicos aos quais essas pessoas criadas para o estudo tinham acesso, havia também um incentivo que ajudava na produção de atitudes que propiciavam a ascensão social do preto (BICUDO, 1945/2010).

O pendor da balança dependia das promessas estabelecidas no convívio pois, os que se identificavam à raça branca foram “criados para serem empregados domésticos”, recebendo menos instrução, já os que se desprendiam do papel embranquecido eram aqueles que recebiam uma educação mais cuidadosa, embora, ainda assim, voltada para os interesses da família branca que os criava (BICUDO, 1945/2010). A consciência de cor – perceber-se negro – proporcionava uma menor identificação à raça branca das pessoas negras que eram “criadas para estudar”, devido ao fato de que o contato com pessoas brancas que estavam no mesmo

ambiente de trabalho, estudo, e na mesma posição social que elas, era sempre aquém das expectativas, frustrado pelo racismo (BICUDO, 1945/2010). Era como se não fosse possível travar contatos com brancos em um nível de igualdade, e isso trazia sofrimento e indignação (BICUDO, 1945/2010).

Os pretos de classe inferior escolhiam estar entre os brancos, enquanto os pretos de classe intermediária, que, segundo Virgínia, poderiam se tornar líderes na tomada de consciência de cor de outras pessoas negras, estavam isolados, por conta da identificação à raça branca, o que os levava a frequentar espaços brancos, mas sempre numa posição estrangeira (BICUDO, 1945/2010).

Antagonismo em relação ao negro e simpatia em relação ao branco, esse era o cálculo das atitudes raciais do negro paulistano na primeira metade do século XX e que levaria à falta de solidariedade entre as pessoas negras, ao mesmo tempo que acarretaria maior tolerância dos negros em relação aos brancos, mas também, uma atenuação de atitudes antagônicas do branco em relação ao negro (BICUDO, 1945/2010).

Diferente do caso dos pretos das classes inferiores, em relação aos pretos de classe intermediária, o sentimento de ódio pela rejeição aos brancos é conscientemente reprimido, e isso não é visto como tolerância apenas, por Bicudo, pois subjaz nesse registro de suposta “tolerância”, um medo de acentuar a rejeição caso sentimentos antagônicos estejam explícitos (BICUDO, 1945/2010). Há uma relativização das atitudes passíveis de serem tomadas em relação a pessoas brancas, visto que muitos negros se encontravam em posição economicamente dependente dos brancos, como é possível perceber nas histórias de vidas dos pretos de classes inferiores e intermediárias. As trilhas dessas pessoas, em posições subalternizadas ou não, estavam ligadas a algum branco a quem eles devem a criação, a orientação, uma indicação no trabalho, etc. "O negro, portanto, oculta seus sentimentos do branco como defesa, desenvolvendo atitudes de submissão, amabilidade, humorismo, etc." (BICUDO, 1945/2010, p.96)

A identificação de pretos de classes sociais intermediárias justificaria o fato deles não apresentarem atitudes que expressem a hostilidade sentida em relação ao branco pois, na infância, essas pessoas tiveram mais contatos com brancos, e esse convívio íntimo com brancos levaria pessoas pretas a adquirir maneiras de pensar e sentir do branco também em relação aos próprios pretos, mimetizando atitudes e sentimentos de pessoas brancas (BICUDO, 1945/2010). Para Virgínia, se daria uma introjeção em virtude dos contatos primários da infância e da identificação: "*Vendo-se também a si próprio do ponto de vista do branco, perde o direito de*

*reagir contra o branco. Suas energias são empenhadas no esforço de eliminar os motivos do conceito de inferioridade, a fim de conquistar a consideração do branco.*" (BICUDO, 1945/2010, p.97)

As pessoas negras eclipsavam-se das presenças umas das outras, o que dificultava a criação de uma identidade negra positivada segundo os seus próprios termos, ou seja, o bom, o belo, o justo, o honesto, estavam ligados aos significados que o branco estabelecia na ordem social, já que não havia a possibilidade de negociar esses conceitos intrarracialmente. Bicudo chama essa impossibilidade de negociar um mundo para si de *autoideal de branco*<sup>33</sup>.

O autoideal de branco não corresponde exatamente ao desejo de ter a cor da pele branca, mas a um desejo de adquirir o status superior que a ordem social legava às pessoas brancas e poder, então, impor restrições a outros indivíduos. Empenhavam-se assim, em “conseguir características de status superior, através do casamento, do exercício de profissões liberais, do cultivo intelectual e da "boa aparência."(BICUDO, 1945/2010, p.97).

O caminho para encarnar papéis mais bem quistos na sociedade não era fácil e, muitas vezes, era contraproducente, devido às várias imposições contrárias à ascensão social de pessoas negras. As atitudes que respondiam às frustrações de não poder ser correspondidos em suas necessidades de contato com a sociedade – negros e brancos – de maneira natural, eram relacionadas a sentimentos ambivalentes, ou mesmo de ódio deliberado contra a raça negra – e, por conseguinte, a si mesmo.

---

<sup>33</sup> Ver Neusa Santos Souza (1983). A autora fala sobre a identificação de pessoas negras em ascensão social a um Ideal do Ego branco, influenciado pelas referências primordiais – identificações paterna, materna e primeiras cenas de socialização - para a constituição do sujeito (SOUZA, 1983).

### 3.2.2 Ambivalência afetiva e autoódio

**Figura 7:** El Testigo. Pavel Egüez (2021)



Fonte: Página pessoal de Pavél Egüez<sup>34</sup>

*“Há pessoas que nos desprezam  
por a gente ser de cor, e têm razão: os  
de cor são relaxados.”<sup>35</sup>*

Das significações acerca da violência racial, extraímos ambivalência afetiva, amparada em mecanismos como a culpa e a projeção de hostilidade para o objeto – negrura, conforme a discussão de Bicudo sobre culpa persecutória, que é baseada na projeção da culpa para o objeto, e a negação da culpa no *self* (1964). Isso aparece na fala de Antônia, uma mulher preta de classe inferior, que diz “não quero mais saber de ligações com patrícios” (BICUDO, 2010, p.68). Ao mesmo tempo, Antônia, ao ser questionada pela madrinha sobre por que as pessoas pretas não se unem para aspirar melhores condições de vida, responde que “[...] a raça de cor não tem união, porque cada um quer ser mais do que o outro” (BICUDO, 2010, p.68). O caminho que Antônia aponta é seguido por Benedita (entrevistada n°2), outra mulher preta de classe inferior: “os pretos não se casam, ajuntam, porque são criados largados.” (BICUDO, 2010, p.69).

<sup>34</sup> Disponível em: <https://twitter.com/paveleguez/status/1416514904501194769>. Acesso em: 11 nov. 2021.

<sup>35</sup> Citação de Bicudo (1945/2010, p.105).

A ambivalência afetiva, não raro, desembocava no *autoódio*. O autoódio poderia ser caracterizado como uma categorização calcada em percepções autodepreciativas, como as narradas: "quase não tenho relações com gente de cor, porque são pessoas invejosas, desejam ver-nos sempre mal economicamente ou lutando com doenças; então ficam satisfeitos." (BICUDO, 1945/2010, p.69). Virgínia situa as análises dos pretos de classe inferior nesse espectro, categorizando as atitudes em "**distância social entre os pretos manifestada por atitudes de rivalidade, [...] antagonismo, [...] antipatia e inveja**" (BICUDO, 1945/2010, p.71, grifo meu), no entanto, essas atitudes de autoódio são intercaladas com o desejo de alguns indivíduos de lealdade e identificação à raça negra: "não gosto de ver preto casar-se com branco, é fazer pouco caso do preto" (BICUDO, 1945/2010, p.71)

O caso 11, de um entrevistado preto de 43 anos de idade, filho de pai preto e mãe parda, pertencente às classes intermediárias, casado com uma mulher "branca" - assim, entre aspas, pois ela era filha de mãe parda e pai branco - nos mostra um pouco dos significados imbricados nessa cadeia (BICUDO, 1945/2010):

**O preto é uma raça completamente inferior: não vale nada. Evito trabalhar com subordinados pretos**, e, por outro lado, quero colocar o branco sob minha autoridade, submetê-lo no trabalho. **Fui criado por brancos e me senti espezinhado. Só possuo relações sociais com brancos.** As sociedades de brancos nos vedam participar como sócios. **O preto deve viver separado do branco.** Acho que **o mulato deve evoluir**, casando-se sempre com branco, para **extinguir a raça.**"(BICUDO, 1945/2010, p.95, grifos meus).

O homem preto de classe intermediária do caso 8, relata diversas passagens onde fica explícito o racismo que sofria, e que era percebido por ele, atribuindo, ainda, ao *negro sem educação* a insurgência em relação a atos racistas, um cenário de conflito que mudaria através da educação (BICUDO, 1945/2010). Um dos momentos onde o entrevistado passa por violência racial demonstra a atitude de afastamento dele em relação a ambientes brancos e uma repulsa aos significados relacionados a "ser negro" naquele momento, o que fez com que ele não respondesse à ofensa, ainda que o ofensor fosse um subordinado dele na instituição onde tinha um cargo de diretoria (BICUDO, 1945/2010).

A classe vacilava perante a cor. A educação não fazia com que o entrevistado 8 fosse alguém desejado nos ambientes brancos, ainda que fosse convidado (BICUDO, 1945/2010). Sobretudo em relação aos pretos de classes intermediárias havia mais sensibilidade relacionada à cor, havendo aqueles que apresentam atitudes de ódio pela rejeição dos brancos, e aqueles

que apresentavam o autoódio, através das críticas sobre falta de solidariedade e de educação entre pessoas pretas, para eles, o cerne de todos os males da população preta (BICUDO, 1945/2010).

Podemos ver um exemplo do autoódio no caso 15, quando um entrevistado diz que “há pessoas que nos desprezam por a gente ser de cor, e têm razão: os de cor são relaxados.” (BICUDO, 1945/2010, p.105). É possível perceber, que não há, nesse discurso, um afastamento discursivo do interlocutor, ele se identifica com o lugar do seu próprio desprezo. Diferente do branco racista, que, frequentemente procura retirar sua implicação ao segregar pessoas de outras etnias deliberadamente, através de afirmações como “*ele é mal educado*”, “*não é uma boa pessoa*” ou “*ele é agressivo*” (BICUDO, 1955), no caso do autoódio, o indivíduo constrói uma teia simbólica depreciativa acerca de si mesmo.

O autoódio, por sua vez, subsidiava uma intolerância para as demonstrações de desprezo intrarracial, o que não se aplicava para os contatos interraciais, ou seja, caso uma situação ultrajante fosse imposta a uma pessoa negra, haveria mais possibilidades de antagonismo caso o ofensor fosse negro, que se o importunador fosse uma pessoa branca (BICUDO, 1945/2010). Bicudo atribuiu esse aspecto a um “sentimento de inferioridade”, que faria com que a hostilidade diminuísse em relação ao branco em situações de conflito (BICUDO, 1945/2010). Para nos aproximarmos da compreensão atual acerca do racismo, podemos reconhecer esse “sentimento de inferioridade”, como uma *cadeia de significações taxativa* construída durante o processo colonial (MBEMBE, 2014), onde o *Negro* tanto signo, quanto como significado, deveria simbolizar inferioridade em relação ao *Branco*, também signo e significado.

### 3.2.3 A instrução “salva” (?): barganha por símbolos da branquira

**Figura 8:** Amnésia, por Flávio Cerqueira (2015)



**Fonte:** Acervo MASP<sup>36</sup>.

Uma significação bastante relatada nos casos era a fé na instrução. Esta perspectiva era baseada na visão higienista, de que a educação “salvaria” a raça e, portanto, a nação. Havia uma torção nessa sentença: a instrução dizia respeito, na verdade, à interdição de qualquer possibilidade de agência de uma parcela dos indivíduos, através da atitude subalterna (BICUDO 1945/2010, 1955; SOUZA, N., 1983). Ao relatar como era a vida na cidade de seu pai para as pessoas pretas, o entrevistado do caso 9 diz que o ambiente educacional era espaço de violência racial, portanto, de silenciamento e apresamento da agressividade: *"poucas vezes era chamado à lousa, e tinha tanta vontade de ser. Gostava de me levantar para ler ou responder perguntas, prazer que raramente satisfiz."* (BICUDO, 1945/2010, p.79).

Ao relatar sua trajetória no banco, onde era funcionário de carreira, fala sobre diversos momentos onde sua competência profissional não foi levada em conta. Mas, a consciência de cor só surge depois de reiteradas violências: *"Nunca ninguém tinha me dito ser negro, se bem que inconscientemente sempre me retráisse em tomar parte nisto ou naquilo."* (BICUDO, 1945/2010, p.85). Aí se explicita um conflito que o entrevistado delineia com riqueza de

<sup>36</sup> Flávio Cerqueira, Amnésia, 2015. Acervo MASP. Exposição Histórias Afro-Atlânticas, 2018.

detalhes, desde o seu aborrecimento por adquirir o que ele chama de "consciência de cor", até as suas primeiras respostas ao conflito racial.

Este conflito era, sobretudo, simbólico, pois havia algo que, para ele, era inalcançável na explicação das atitudes raciais. Em determinado momento, o entrevistado fala sobre a ascensão social como uma possível maneira de fazer com que negros esqueçam do preconceito racial, mas, posteriormente, faz uma metáfora com a impossibilidade de uma criança de comer um doce, para explicitar a percepção sobre a participação de pessoas pretas de classe média na vida social paulistana, o que mostra que o preconceito racial não era algo passível de ser esquecido tão facilmente:

A primeira restrição que a criança sente é a que se prende à alimentação: ver na vitrina um doce e não saber quando vai tê-lo é um sofrimento. Depois vem o sofrimento pelas diversões, às quais não se pode ir. Os indivíduos conscientes deveriam se reunir para resolver o problema da coletividade, ele tiraria satisfações pessoais. (BICUDO, 1945/2010, p.94)

Embora estivesse numa associação de negros, tinha uma noção diferente do caso 8 – também pertencente a uma associação de negros - a respeito do racismo, pois acreditava que a situação social poderia influir na racial, e cita o caso dos sírios ricos, como um exemplo de que o conflito poderia desaparecer (BICUDO, 1945, 2010). O entrevistado do caso 9 tinha certeza de que o conflito maior para o negro se daria devido à questão da percepção social de classe, o que vai de encontro aos achados da própria pesquisa, que mostra o afastamento de pessoas negras dos ambientes recreativos, mesmo que o negro em questão seja quem "*manda em São Paulo*" (caso 8 e 9), e os resultados encontrados em outras pesquisas das décadas de 1940 e 1950, como os estudos de Oracy Nogueira (1955; 2007).

De fato, a instrução talvez diminuísse o sentimento de rejeição, mas não a segregação em si. A instrução, calcada no silenciamento de si, diminuía a agressividade, inclusive das crianças, que eram consideradas "boas", "bons alunos", entre outras nomeações, tanto menos fizessem o uso da contestação (BICUDO, 1955). Portanto, os negros da rua direita, barulhentos, e dados aos jogos de corpo, beber, e etc., não eram bem vindos na sociedade, nem nas organizações de negros, que também apostavam na instrução como estratégia de redução da segregação e, portanto, redução da desigualdade social (1945/2010).

Essa categoria nos ajuda a perceber a constância de significações relativas à esquivas e ao afastamento do embate, ainda que essas pessoas fizessem parte de ações políticas. No caso 9,



ele havia incorporado todos os signos de sucesso: tinha profissão, instrução e era considerado distinto e elegante, mas não era possível ser branco. A brancura era o *doce* que lhe escapara.

### 3.2.4 O pardo “marginal”: brigando por “meio-doce” em lugar nenhum

**Figura 9:** Procurando a brancura



**Fonte:** Antônio Obá em IPA Prêmio Prize: The Widown Into Brazilian Contemporary Art<sup>37</sup>.

*"[...] o status e o papel de um grupo mestiço particular pode ser tomado como índice do problema racial mais largo, dada a circunstância particular do híbrido, que levanta para a comunidade o problema especial de determinar seu lugar dentro da organização social."*<sup>38</sup>

Como foi possível perceber nas categorias anteriores, a classe agia como fator mediador das atitudes de pessoas pretas, por exemplo, ajudando a conformar subserviência ou raiva, mas não era o único dado para a eleição de atitudes, por esse motivo, não separei as análises de Virgínia por classe, mas por repercussão.

No entanto, as pessoas pardas merecem uma categoria à parte, devido ao fato de que, sobretudo nas décadas de 1940 e 1950, eram vistos com desconfiança tanto por brancos, quanto por negros. Se falei, anteriormente, sobre pessoas pretas buscarem degustar um doce

<sup>37</sup> Intervenção por Antônio Obá (2017). Disponível em: <https://www.pipaprize.com/pag/artists/antonio-oba/>. Acesso em: 07 nov. 2021.

<sup>38</sup> Ver em BICUDO (1945/2010, p.104).

inalcançável, que é a brancura, em relação às pardas, havia-se meio quinhão de doce, mas continuavam fora da loja de doces<sup>39</sup>, e famintos:

Não ando em companhia de pretos ou mulatos, e, diante do branco, não o sinto me repelindo; daí me convencer que o desprezo da parte do branco não era tão forte como eu pensava. Convenci-me de que não sou preta, apenas descendo de preto pelo lado paterno. (BICUDO, 1945/2010, p.110-111)

As mulheres pardas eram, em geral, filhas de relações ilegítimas entre mulheres pretas e homens pardos ou brancos. Isso reflete a organização das relações afetivas da época. Algo que já aparecia em *Branços e Pretos na Bahia* (PIERSON, 1971). No caso 14, uma jovem de 18 anos parda, filha de uma mulher preta e um pardo, ao relatar as atitudes de sua irmã que, filha de português, desprezava os irmãos os chamando de *negros*, procurando relacionar-se afetivamente apenas com brancos. As atitudes da irmã acionam outras na entrevistada que, percebendo que esta sofrera violência racial ao passar na rua acompanhada de um namorado branco, prefere se casar com um homem preto (BICUDO, 1945/2010).

Na barganha afetiva, essas mulheres acreditavam que, se unindo a um homem preto, a cor da sua pele garantiria uma convivência sem conflito racial, como no caso 16, de uma mulher parda, de classe inferior, casada com um homem preto:

Casei-me com um preto para jamais ser chamada de "negra" pelo marido, ao passo que uma mulher mais clara que o marido nunca o chamará de "negro". Vivemos fechados dentro da família, onde não se focaliza a cor. Minha sogra não permitiu que as filhas se casassem com homens mais claros que elas, para não serem desprezadas pelo marido, enquanto todos os filhos se casaram com mulheres mais claras."(BICUDO, 1945/2010, p.105).

Fica evidente aqui a interseccionalidade das escolhas afetivas, conforme Márcio de Souza e Gonçalves (2018) ressaltam, pois, no exemplo dessa família, havia uma negociação para fugir à violência racial, que se dava a partir de duas variáveis: a raça e o gênero. Os homens, que detinham maior poder estrutural, poderiam unir-se a mulheres mais claras, as

---

<sup>39</sup> Para essa metáfora, recomendo a música *Ego*, de Willy William, onde o eu lírico interroga o espelho sobre que tipo de transformação ingrata, o espelho lhe havia proporcionado. “*Miroir / Qu’as dont tu fais de ma tête / Cette transformation malhonnête / Ce n’est pas ce que je demandais / Allez allez allez*” – Espelho / O que você fez com a minha cabeça? / Essa transformação desonesta / Isto não é o que eu pedi / Vamos lá [...]” (em tradução livre). Disponível em: <https://www.letas.mus.br/willy-william/ego/traducao.html>. Acesso em: 11 nov. 2021.

mulheres, subalternizadas pelo seu gênero e pela sua cor, deveriam relacionar-se com homens mais escuros, para que não fossem ofendidas (BICUDO, 1945/2010).

Os pardos entrevistados por Virgínia, agiam com vistas a amenizar efeitos da cor da pele, seja buscando relacionamentos com brancos para clarear a prole, seja buscando casar-se com uma pessoa de pele mais escura, tentando evitar ser ridicularizada(o) e desprezada(o) pela(o) parceira(o) branca(o) (BICUDO, 1945/2010). No mercado das trocas simbólicas, quem não precisava se esforçar para escolher, seriam as pessoas brancas, detentoras da loja e mesmo da “fábrica” do doce da brancura, utilizando a metáfora que abre esse tópico, como no relato do caso 27:

Não namoro pretas. [...] As mulheres quanto ao preconceito, têm mentalidade diferente: para mim, é mais fácil conquistar branca de classe mais baixa que mulata. Sim, porque quem aceitar um namorado de cor parda só pode pertencer a classe mais inferior. A mulata tem maiores aspirações, quer ter um namorado branco. **As brancas são brancas; nesse particular, não precisam desejar mais do que são.**"(BICUDO, 1945/2010, p.117, grifo meu).

No caso dos mulatos – pardos - de classes intermediárias, havia uma maior diluição dos traços negroides, fazendo com que essas pessoas se identifiquem à raça branca mais facilmente: "A entrevistada [mulher parda] considera-se branca. Suas cunhadas são brancas e, com orgulho, exibiu-nos a sobrinha de tez clara. De outro sobrinho, que é pardo, disse: *"Não sei por que este saiu moreninho."*"(BICUDO, 1945/2010, p.110)

Para as pessoas pardas, a desidentificação a qualquer grupo racial, causava repercussões. Acredito que, dentre os escolares, fica mais explícita a não identificação a nenhum grupo: eles escolhiam mais o branco, o negro e mesmo o japonês – grupo racial menor e mais fechado – do que outras pessoas pardas para se aproximar (BICUDO, 1955). O branco tanto poderia aceitar o pardo, como poderia rejeitá-lo, ao considerá-lo negro (BICUDO, 1945/2010). É importante aqui ressaltar que o reconhecimento da negritude se daria não apenas pelas marcas raciais, mas também pela maneira como a pessoa parda se relacionaria com os brancos, se com subserviência, ou com algum tipo de rebeldia, sendo, nesse caso, considerados mal-educados ou desprezíveis, como relata a entrevistada do caso 23: “O que importa é a aparência [...] Há dias, fui obrigada a discutir com duas pessoas estranhas, brancas, por questão de lugar em uma condução, e diz-me uma delas: *"A gente se meter com negro é nisso que dá."*” (BICUDO, 1945/2010, p.111).

Apesar dos esforços para integrar a categoria *branco*, os pardos de classe intermediária se deparavam com a determinação pela cor, ou seja, quanto mais se aproximava de características africanas, menos era autorizado a barganhar o poder da brancura. A cor, seria então, algo a ser superado pelos pardos, assim como a pobreza, para alcançar um melhor status social. Esse processo podemos reconhecer, segundo Anselm Strauss (1999), como um forçamento de *status* negativo e de cima para baixo - uma coerção sobre atitudes a serem tomadas pelos indivíduos negros naquele momento – que deveria ser baseada na desidentificação e busca de um autoideal de branco (BICUDO, 1945/2010; STRAUSS, 1999).

A classificação de um objeto orientador da ação – atitude - começaria na nomeação, então reconhecer-se negro fazia esses indivíduos entrarem em contato com um arcabouço negativo de avaliações possíveis para si mesmo e para a negritude, dificultando o processo de identificação para o desenvolvimento saudável da pessoa (BICUDO, 1945/2010; STRAUSS, 1999). A interposição da nomeação de si a partir de valores positivos seria algo a ser alcançado não apenas no campo individual, mas também no campo social, e é sobre isso que a última seção do trabalho de Bicudo nos dá pistas.

### 3.2.5 O bom uso dos “*pseudópodes*”: o trabalho político de (re)avaliação da Raça

**Figura 10:** Resgate. Por Pavél Egüez (1999)



**Fonte:** Revista Pillku: *amantes de la libertad*<sup>40</sup>.

*Sim: querência*

<sup>40</sup> Disponível em: <https://pillku.org/los-comunes-una-idea-politica-para-transformar-e/pavel-eguez>. Acesso em: 07 nov. 2021.

*vastidão, liberdade  
e aqui me agrilhoaram [...]  
Sim: querência  
baile de branco/baile  
de negro  
e aqui me barram na porta.  
Me barram porta de emprego.*

Oliveira Silveira<sup>41</sup>

A desidentificação forçada causa uma estranheza do negro em relação a si mesmo. *Que resta?* Utilizar mecanismos de (re)avaliação da raça enquanto objeto. Os pseudópodes – pés-falsos - citados por Fanon (2008), segundo David Soll (1988), dotam à célula a motilidade necessária para digerir o mundo ao redor. E é preciso luta, ou passar por situações dramáticas de ação e contra-ação criando um envolvimento efetivo na ação política, a fim de produzir símbolos passíveis de resistir à violência simbólica e material perpetrada no racismo (STRAUSS, 1999).

Os integrantes da Associação de Negros, que depois foi identificada como sendo a FNB, faziam suas comunicações ressaltando a racialização da pobreza, com a falta de mobilidade social pelo trabalho, denunciando uma vida profissional regada pela falta: "o negro é meio carpinteiro, meio mecânico, meia colher, nunca chegando a ser oficial completo, ajudante disto ou daquilo." (BICUDO, 1945/2010, p.126).

Os ideais panafricanistas podem ser identificados nas ações da FNB, embora ela apresente um escopo conservador ligado aos ideais estadonovistas, inclusive se lançando como plataforma política para o povo negro. A FNB representava um nível de organização institucional das pessoas negras paulistanas para a agência em relação à desigualdade racial (BICUDO, 2010). Bicudo comenta desde atitudes motivadoras da ação política até os obstáculos para implementá-la, passando ainda pelos objetivos da associação de pessoas negras.

D. dos Santos (2010) afirma que a lucidez acerca de uma sociedade colonial, que apenas falsamente imputou às pessoas negras uma ideia de liberdade, foi um horizonte trazido para as lutas negras através dos ideais panafricanistas. O movimento Panafricanista, nascido nos Estados Unidos no século XIX, através dos escritos de W. E. Du Bois tinha como pilares a recuperação do orgulho da raça negra e a solidariedade entre africanos conectados na diáspora

---

<sup>41</sup> (Silveira, 1977, p. 15).

por sua negritude. Este movimento ajudou no estopim de diversas outras ações (SANTOS, D., 2010).

O deslocamento proposto pela ação coletiva desenvolvida pela FNB vai ao encontro das formulações mais recentes do Movimento Negro Unificado, Movimento de Mulheres Negras, dentre outros movimentos sociais. Estes se baseiam na passagem de um comportamento coletivo orientado pela mente grupal, um comportamento automático, coordenado pela identificação ao grupo, como podemos ver no trabalho sobre segregação em Bicudo (1955), para uma ação coletiva, que se estabelece como uma reação à problemática compartilhada pelos atores identificados ao grupo negro.

É plausível então, perceber a consciência racial como a primeira etapa para essa passagem, uma espécie de ritual social para a ação: “[...] a parte mais escura da população como quase sempre notamos, tem lutado com as sérias desvantagens de terem seus pais, avós e outros ascendentes próximos começado “de baixo” [...]” (BICUDO, 2010, p.124).

Não podemos colocar a ressignificação do campo simbólico apenas na conta da vontade, mérito ou habilidades do indivíduo, como é possível perceber neste trabalho, e outros mais recentes da literatura das relações raciais (BICUDO, 1945/2010, 1955; SOUZA, N., 1983; HOOKS, 2019; CARNEIRO, 2015; NOGUEIRA, 2008). A FNB já dava notícias da consciência da segregação racial enquanto estrutura mantenedora da desigualdade, se referindo à desvantagem social em relação à garantia de direitos dos negros: “em situações de direitos, quando apelamos para quem no-la garanta, já estamos antecipadamente derrotados na demanda. Relegam-nos, pois, a nós, brasileiros, a uma posição horrível de inferioridade [...]” (BICUDO, 2010, p.125).

O esforço da FNB era, sobretudo, contracolonial, pois os atores compreendiam a complexidade da questão racial no Brasil e, como estratégia de sobrevivência e de barganha do seu lugar na sociedade, almejavam ressignificar sua identidade negra, através da construção de um referencial positivado, além de estabelecerem ações educativas visando a mobilidade social e a conscientização do grupo (BISPO, 2015). Segundo Bispo, essas ressignificações ocorriam em contextos perversos, de racismo, discriminação e estigmas, num território de pertença esfacelado pela colonização, que exigiu que fosse estabelecido um diálogo entre tradição oral, e a escrita colonial (ibidem).

A ordem social é como uma moldura que ajuda a comportar diversas impossibilidades, por exemplo, políticas que são propícias ou não para o delineamento de identificações

positivadas ou da desidentificação, desenraizamento ou isolamento. No entanto, a associação de populações subalternizadas é um campo seguro para a interposição de novos jogos simbólicos, que se apoiam na luta pelo poder, material e subjetivo, e essa foi a tentativa da FNB, que findou em 1937 (BICUDO, 1945/2010).

Com o estudo do caso da FNB, Bicudo apontava para os encaminhamentos contemporâneos de estudos sobre a subjetividade no Brasil, que enfatizam a potência de iniciativas de organização política de pessoas negras (AIELLO-FERNANDES, 2018). Os fatores que deveriam ser levados em conta no enfrentamento ao racismo seriam, além da sua estrutura psíquica e dos seus vínculos afetivos, as estratégias adotadas para desenredar-se do sofrimento pela rejeição devido à cor da pele.

### 3.3 OFICINA VIRGÍNIA BICUDO E RELAÇÕES RACIAIS

Para Maria Afonso (2006), a oficina é um trabalho estruturado desenvolvido com grupos, guiado por uma problemática fulcral (foco), à qual o mediador suscita a elaboração, objetiva e subjetiva, em um dado contexto social. Este método pode ser utilizado em diversos campos e utiliza informação e reflexão, mas não se propõe apenas a ensinar, na medida em que suscita significados afetivos e vivências dos participantes em relação ao tema, embora sem cunho terapêutico pois, a demanda parte do foco levantado pelo mediador, e não da análise psíquica dos participantes (AFONSO, 2006).

As oficinas partem de uma tradição teórica que Kurt Lewin sistematizou através do método da pesquisa-ação, mas remete às formulações sobre a psicodinâmica de grupos, trazida por Sigmund Freud, Wilfred Bion, Siegmund Folkes e Enrique Pichon Rivière, da pedagogia da autonomia de Paulo Freire e das análises de instituições de Eugène Enriquez (AFONSO, 2006). Estas teorias fornecem o escopo para analisar a integração, liderança e motivação para o envolvimento grupal, construção da tarefa grupal e vias de elaboração da questão principal (AFONSO, 2006).

Dessas contribuições, destaco a utilização das teorias freudiana e freireana na construção das oficinas realizadas (AFONSO, 2006). Freud fornece as relações de identificação com o ideal do grupo e o mecanismo de sublimação para a construção do vínculo grupal (AFONSO, 2006). Freire, através dos círculos de cultura, introduz a noção de aprendizado no contexto do grupo. Para Freire, há dois níveis intrincados no processo grupal: a porção consciente do grupo,

composta pelo *trabalho grupal* e um *grupo de suposição básica* formado pela angústia inconsciente (AFONSO, 2006). A aprendizagem então, viria através da elaboração desta angústia, utilizando o grupo como rede de transferência (AFONSO, 2006).

Partindo dessas referências, está fora de questão impor a participação em uma oficina e, embora o tema da pesquisa fosse dar conhecimento sobre as contribuições de Virgínia Bicudo para a Psicologia e Relações Raciais, a *aceitação grupal* deve ser o primeiro dado tomado da realidade para iniciar o trabalho de uma oficina. A aceitação, ou *encomenda* da intervenção, começou a ser delineada antes mesmo desta pesquisa. Durante o período de 2018.2 e 2019.1, foram feitas duas intervenções nas aulas do componente *Teorias e Sistemas Psicológicos I*, sob a responsabilidade da Profa. Dra. Denise Coutinho, onde eu tratei da biografia de Virgínia Bicudo. Naquele momento, o sentido da intervenção era o de dar conhecimento sobre a existência de Virgínia e seu desaparecimento, focando a apresentação da sua biografia e as etapas de sua trajetória profissional. Algumas citações sobre o livro *Atitudes Raciais de Pretos e Mulatos em São Paulo* me auxiliaram a contar essa história.

A aceitação grupal para a observação das demandas continua quando, entre 2019 e 2020, participei do Grupo de Extensão em Formação e Atuação Antirracista, coordenado pela Profa. Dra. Mônica Lima, entre 2020.1 a 2020.2, quando foi construída uma intervenção para o curso de Psicologia, que tinha como foco o letramento racial dos estudantes e a inserção de temas como negritude, branquitude, raça e racismo, experiência relatada no Congresso UFBA 2020 (BERENGUER, *et al.*, 2020) e 2021 (SANTOS, V. *et al.*, 2021).

Em 2020.2, os estudantes também apontaram, através da construção de um Coletivo Antirracista - *Coletivo Antirracista Eu Não Me Esquivo* – a necessidade da circulação de um discurso racialmente letrado dentro do curso de Psicologia. Participei dessa ação coletiva, atuando como diretora de Formação Crítica durante os períodos 2020.2 e 2021.1, inclusive auxiliando a promoção de um evento de extensão intitulado *I ERAS – Entre Rasuras e Apagamentos: novas narrativas para uma Psicologia antirracista*<sup>42</sup>, que ocorreu entre 1º e 11 de dezembro de 2020. O evento tinha o objetivo de fomentar debates acerca da (re)construção de uma Psicologia comprometida com a dignidade humana através da reafirmação do seu dever ético, em uma caminhada antirracista.

---

<sup>42</sup> As produções do coletivo estão disponíveis no Instagram @coletivoeuinaomeesquivo, e o evento *I ERAS* está disponível no Youtube, no canal Coletivo Antirracista Eu Não Me Esquivo. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCtM9mWm4JDRh-tbwDqqwWRg>. Acesso em: 20 set. 2021.



Como relatado na descrição da montagem da oficina, é de suma importância que esta atividade disponha de um planejamento flexível o que eu objetivei com a realização de uma oficina piloto, no componente Psicologia, Ciência e Profissão, em 17 de maio de 2021, processo que foi facilitado pelas Profas. Dras. Patrícia Zucolotto e Betty Malin.

Por meio desse planejamento flexível é definido o número de encontros – apenas um – e a estruturação da oficina, que deve ter três momentos básicos, segundo Afonso (2006): a) um momento de relaxamento ou aquecimento que, por causa da pandemia e do isolamento social, teve de ser feito através de uma nuvem de palavras onde os participantes deveriam responder as percepções sobre a formação; b) um momento intermediário onde o grupo se envolve com atividades que estimulam a reflexão sobre o tema, que ocorreu com o relato da história de Virgínia e as “caras da Psicologia”, tal como é vista hoje, em contraposição com o rosto de Bicudo; e, por fim, a oficina deve ter um c) momento para a avaliação do trabalho, que compreende a percepção do grupo sobre a elaboração do conteúdo e os feedbacks àicineira (AFONSO, 2006).

De posse do roteiro de oficina, disponível nos apêndices (APÊNDICE A), parti, então, para a cena: as *Oficinas Virgínia Bicudo e Relações Raciais* no curso de Psicologia da UFBA.

Foram realizadas duas oficinas, a primeira no componente Psicologia e Saúde (Oficina 1), e a segunda (Oficina 2), no componente Psicologia da Família. Esses componentes foram escolhidos pelo fato da temática racial ser um assunto abordado no programa, e pela proximidade dos temas abordados – Saúde e Família – com os eixos de produção intelectual de Virgínia Leone Bicudo. A autorização para a realização da intervenção foi solicitada através de WhatsApp e endereço eletrônico das professoras, onde explicitarei os objetivos da pesquisa. Após a autorização, foi acordada a data, e outros combinados relativos à apresentação, como ocorreu na oficina 1, especificamente.

Na oficina 1, realizada no componente Psicologia e Saúde, em 21 de setembro de 2021, o processo de esclarecimento sobre os objetivos da pesquisa começou antes da apresentação. Para que eu pudesse fazer a intervenção, foi necessário que a professora, a Dra. Mônica Lima explicitasse, em aula anterior, a livre escolha dos estudantes para participar ou não da pesquisa. Essa foi uma preocupação ética nossa, visto que o tema “*Oficinas como método de intervenção psicossocial*” é parte da proposta do componente, sendo utilizado o mesmo referencial desta pesquisa, o livro de Afonso (2006). Assim, compareci à aula anterior ao dia da oficina para me apresentar e convidar os estudantes para a atividade, esclarecendo que apenas teriam suas intervenções na apresentação descritas na dissertação aqueles que assinassem o TCLE disponibilizado no Google Forms, mas que a presença de todos na apresentação era livre e, caso

não quisessem participar da pesquisa, não haveria prejuízo no componente ou na relação com a professora, assim como com a pesquisadora e com os colegas.

Tal etapa foi necessária para assegurar que a intervenção não fosse vista como compulsória ou obrigatória por parte dos estudantes. Mas compreendo que o fato de o convite à participação ser feito pela professora do componente, e o tema “oficinas” estar relacionado a uma avaliação parcial, interferiram no processo de escolha e comparecimento à oficina. Faço esse apontamento, por julgar necessário que, no processo de pesquisa, reconheçamos o lugar da autoridade do professor em sala de aula dando o endosso para que uma pesquisa seja realizada. O fato de ter feito as oficinas em aulas de componentes curriculares obrigatórios como parte de uma pesquisa de mestrado concorreu para a validação dos estudantes acerca das informações veiculadas na intervenção.

O componente Psicologia e Saúde, segundo o Sistema Acadêmico da UFBA (SIAC), está previsto para o 6º semestre, e tem o programa voltado para a preparação da(o) futura(o) psicóloga(o) em aspectos necessários à sua atuação na saúde, em todos os níveis de assistência, bem como o desenvolvimento de conhecimentos relativos a políticas públicas. Os temas abordados são os fundamentos, epistemologia e método clínicos, os fundamentos teórico-metodológicos da Psicologia e Saúde, as bases das abordagens psicológicas na prevenção, promoção e reabilitação em saúde, e conhecimentos sobre o paciente/usuário, a equipe multiprofissional e o processo de saúde, representações sobre doença e cuidado.

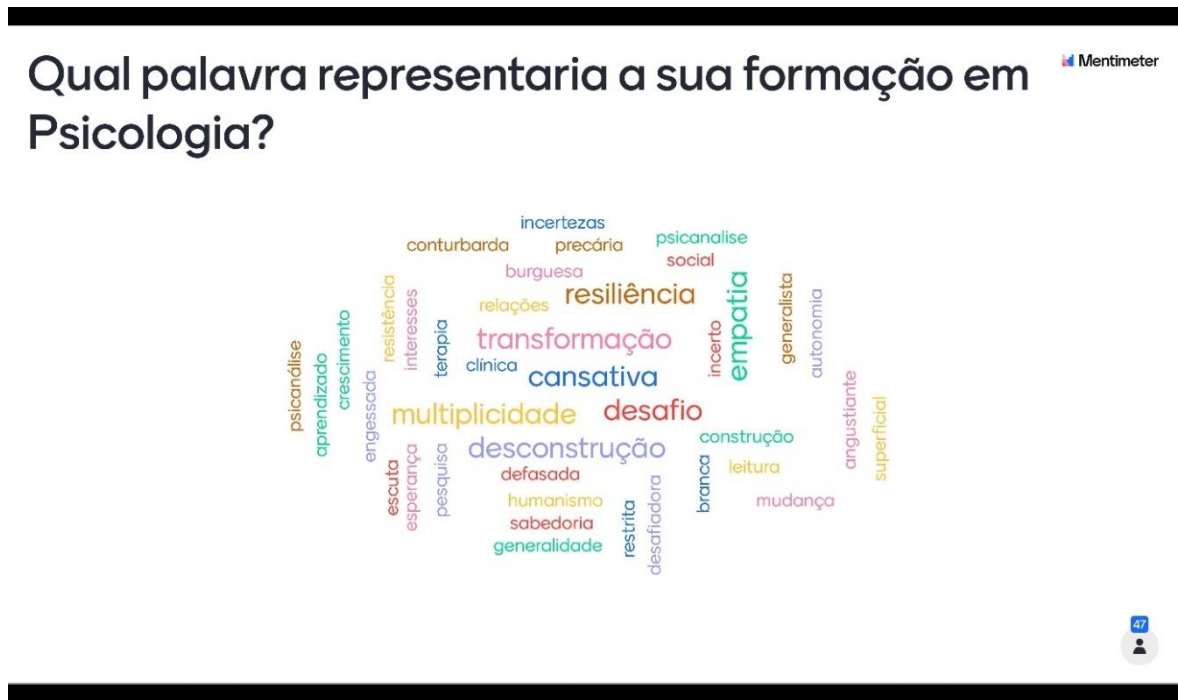
O componente Psicologia da Família é relativo ao 4º semestre na organização curricular do Sistema Acadêmico da UFBA (SIAC), baseada na família como sistema sociocultural, contexto de desenvolvimento e de reprodução do cuidado, assim como aborda a interdependência entre indivíduos e contextos, e as perspectivas contemporâneas no estudo do desenvolvimento humano. Também são aspectos abordados, a interação entre o eu e o outro, narrativa e identidade no contexto familiar, abordando processos como formação e queda de vínculo, conjugalidade e parentalidade.

Após a minha apresentação e explanação dos objetivos da pesquisa, nas duas oficinas, eu perguntei se os estudantes conheciam a Virgínia Bicudo, e segui com uma síntese da sua biografia, para dar notícias de quem era a intelectual foco da pesquisa. Essa explanação aconteceu nas duas entrevistas. Depois avancei para a pergunta 1: *Qual palavra representaria a sua formação em Psicologia?*

Destaquei, nesse momento, que toda formação é repleta de encontros e desencontros, e que Virgínia Bicudo foi se encaminhando para um campo de trabalho e de pesquisa que tinha a ver com as suas identificações, pois elas vão guiando a maneira como nós percebemos o

mundo. Na Figura 11 podemos ver as percepções sobre formação em Psicologia dos estudantes do componente.

**Figura 11:** Nuvem de respostas da oficina 1 para a pergunta “Qual palavra representaria a sua formação em Psicologia?”



**Fonte:** Mentimeter.

Algumas pessoas se referiram a a) sentimentos e desafios relativos à própria formação, como *cansaço*, *conturbada*. Houve também palavras ligadas a significados relacionados à b) formação universitária, de maneira geral, como *construção*, *leitura*, *aprendizado*. Algumas outras pessoas fizeram c) críticas como *defasada*, *burguesa*, *engessada*, *soberba*, *precária* e *generalista*. Surgiram também d) abordagens ou perspectivas atinentes à Psicologia, como *Psicanálise* e *Humanismo*.

Por fim, descreveram o e) delineamento do curso, utilizando as palavras *pesquisa*, e *generalista*. A palavra *generalista* aparece em duas categorias, por que ela pode tanto remeter a uma percepção sobre a maneira como o curso é construído, sem necessariamente apresentar um juízo de valor, como ela pode remeter a uma crítica à organização do mesmo. Como não foi explicitado pelos respondentes qual seria a motivação para utilizar o significante “generalista”, e como uma das informantes desta pesquisa – Adún – o retomou ao se referir ao aspecto de organização do curso, optei por preservar as duas leituras:

Eu acho que a gente poderia no campo das disciplinas optativas, ter diferentes abordagens, né? De Gestalt Terapia, Psicologia Analítica, Psicologia Sistêmica, enfim, todas essas abordagens que não só psicanálise e behaviorismo... Eu sinto muita falta disso, embora o curso seja pautado nessa... de ser um curso mais **generalista** acerca da Psicologia. Eu acho que a grade curricular poderia oferecer, né? Essas especificidades pro estudante. (Adún)

As categorias que podemos extrair dessa nuvem de palavras estão descritas na Figura 6:

**Figura 12** – Palavras dos estudantes da oficina 1 para a sua formação em Psicologia

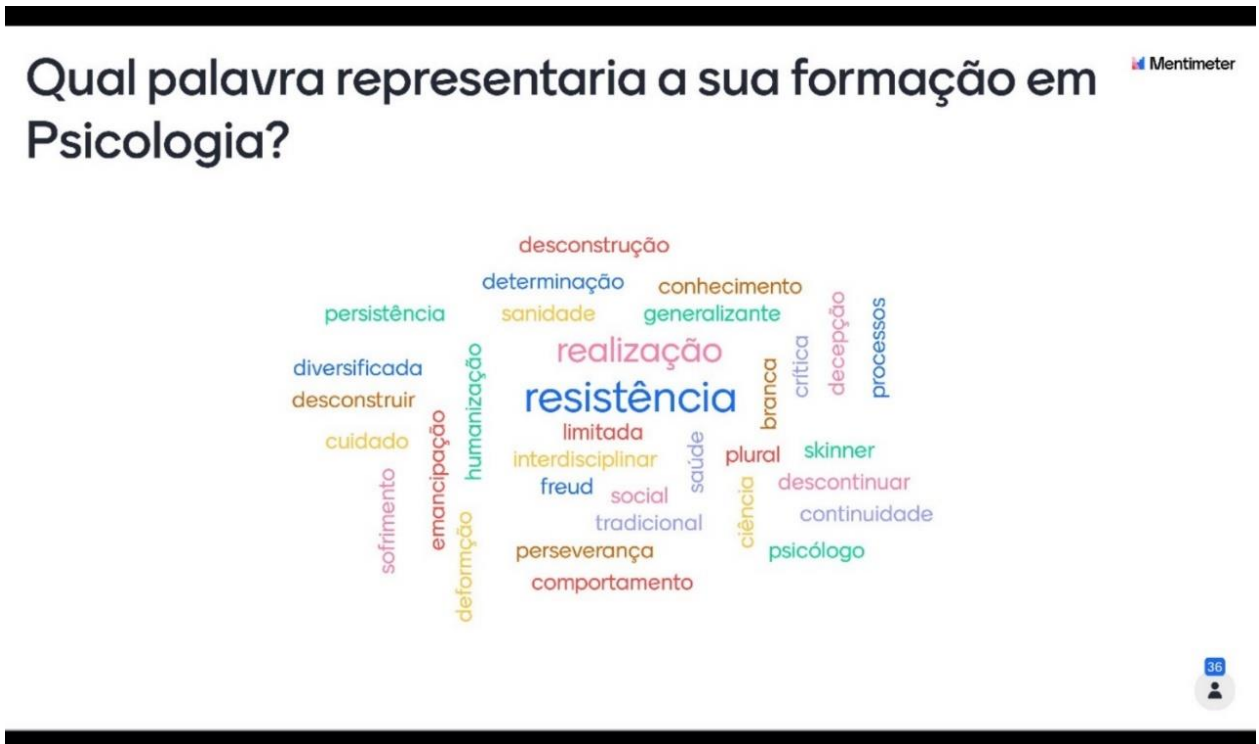
Sentimentos e desafios	Ganhos da formação	Críticas	Abordagens/Perspectivas	Delineamento do curso
Cansativa	Multiplicidade	Engessada	Psicanálise	Generalista/Generalidade
Desafio/Desafiadora	Desconstrução	Burguesa	Social	Pesquisa
Conturbada	Construção	Defasada	Clínica	Restrita
Incertezas/Incerto	Transformação	Branca	Escuta	
Autonomia	Aprendizado	Superficial	Humanismo	
Relações	Crescimento	Precária		
Resistência	Leitura			
Interesses	Mudança			
Terapia				
Empatia				
Esperança				
Sabedoria				

**Fonte:** Elaborado pela autora.

Na Oficina em Psicologia da Família (Oficina 2), realizada em 29 de setembro de 2021, ao fazer a pergunta sobre a palavra que representaria a formação em Psicologia, a partir das respostas, eu sobrelevei as categorias que emergiram, comentando os significados afetivos, relacionados às trajetórias estudantis, e as percepções sobre a formação. A formação universitária apareceu como ponto de mudança mesmo na vida das pessoas, seja negativamente - decepção -, ou positivamente – realização.

Um dos respondentes colocou a palavra *deformação*, o que me chamou atenção. Ao questionar sobre o significado, foi comentado que ele poderia estar relacionado à ação do indivíduo na construção da sua própria formação. Eu realcei, então, o caminho de Bicudo, e como as perspectivas sobre a formação nos ajudam a delinear prospecções para o percurso profissional, o “ser psicóloga(o)”.

**Figura 13** - Nuvem de respostas da Oficina 1 para a pergunta “Qual palavra representaria a sua formação em Psicologia?”



**Fonte:** Mentimeter.

Algumas pessoas se referiram a a) sentimentos, como *resistência*, *perseverança*, *sofrimento*, *decepção*, *realização* e *emancipação*, outras escolheram palavras b) delineamento do curso, com palavras que se referiam à formação em Psicologia como *diversificada*, *generalizante*, *ciência*, *interdisciplinar*, *processos*, *tradicional*, *saúde* e *plural*, c) ganhos da formação, como *desconstrução* e *conhecimento*. Foram destacados também d) teóricos e abordagens/perspectivas como *Comportamento*, *Social*, *Freud* e *Skinner*, e, por fim, visões e) críticas, como *branca* e *limitada*. A palavra *psicólogo* apareceu, mas não foi possível atribuir sentido ao que o estudante estava se referindo (Figura 14).

**Figura 14** – Palavras dos estudantes da oficina 2 para a sua formação em Psicologia

Sentimentos e desafios	Delineamento do curso	Ganhos da formação	Teóricos e Abordagens/Perspectivas	Críticas
Realização	Interdisciplinar	Humanização	Freud	Limitada
Resistência	Tradicional	Conhecimento	Skinner	Branca
Persistência	Social	Desconstruir/Desconstrução	Comportamento	Generalizante
Perseverança	Saúde	Humanização	Social	
Continuidade	Ciência	Cuidado		
Descontinuar	Crítica			

Sofrimento	Diversificada
Desconstruir/Desconstrução	Processos
Decepção	Generalizante
Deformação	Plural
Sanidade	
Determinação	

**Fonte:** Elaborado pela autora.

Emergiram as mesmas categorias em ambas as oficinas, o que mostra uma similaridade do coletivo de estudantes, que relacionam representações individuais – significados afetivos - e significados sobre o desenho do curso de Psicologia.

Ao falar sobre a formação em Psicologia, frisei os aspectos que aparecem relacionados ao senso comum sobre a Psicologia. Depois eu solicitei que preenchessem um nome de autor que eles lembravam quando pensavam em “subjetividade e relações raciais”, não necessariamente da Psicologia, através da pergunta “Que teórico ou teórica surge quando você pensa em Subjetividade e Relações Raciais?”. A pergunta foi construída de maneira a abarcar uma maior representatividade de autores da grande área das relações raciais, independente de pertencerem à Psicologia ou não. Temos no Quadro 02 os resultados apresentados:

**Quadro 02 – Autores mencionados nas Oficinas**

<b>Oficina 1</b>		<b>Oficina 2</b>	
<b>Teórico</b>	<b>Nº de ocorrências</b>	<b>Teórico</b>	<b>Nº de ocorrências</b>
Frantz Fanon	12	Frantz Fanon	6
Lia Schucman	3	Maria Aparecida Bento	5
Neusa Santos Souza	3	Lia Schucman	5
Maria Aparecida Bento	2	Kabenguele Munanga	3
Ailton Krenak	1	Grada Kilomba	3
Aníbal Quijano	1	Djamila Ribeiro	2
Jeane Tavares	1	Neusa Santos Souza	2
Conceição Evaristo	1	Jeane Tavares	2
Silvio Almeida	2	Adriele Matos	2
Mônica Mendes	1	Vitailma Santos	2
Angela Davis	1	Táhcita Mizael	2
Lélia Gonzalez	3	Sigmund Freud	2
Djamila Ribeiro	1	Lélia Gonzalez	1
Grada Kilomba	1	Virgínia Bicudo	1
Nenhum	1	Carla Akotirene	1
Lilia Schwarcz	1	Audre Lorde	1
		Geni Nuñez	1

Edlaise Tuxá	1
Tânia Muller	1
Gilberto Freyre	1
Thaynara Sipredi Xerente	1
Joyce Berth	1
bell hooks	1
Cíntia Milanese	1

**Fonte:** Elaborado pela autora.

Os autores elencados, em maior número e variabilidade na oficina 2, são, em sua maioria, da grande área das Ciências Humanas, havendo poucos profissionais da Psicologia citados como referências dos estudantes. Mas, a centralidade de Frantz Fanon me chamou atenção, em grande parte, esse teórico, importantíssimo para a compreensão das relações raciais, está sendo recuperado e reconhecido a partir da atuação de leitores da sua obra, como Deivison Faustino (2020), na sua divulgação. Há algumas psicólogas indígenas citadas na oficina 2, mas uma única vez cada – um único estudante citou, e ele foi um dos entrevistados, posteriormente. As relações raciais, como afirmou Alice depois, na entrevista, não se dão apenas entre negros e brancos, são “*as relações de todos*” que vivem nessa ordem social.

Durante a oficina, percebi a necessidade de explicitar melhor na apresentação as conexões entre o pensamento de Virgínia Bicudo e o de Fanon, Neusa Santos Souza, Lélia Gonzales, Grada Kilomba, dentre outros autores que são citados quando os estudantes pensam no tema relações raciais. Ao longo da apresentação quis marcar que a atualidade de Virgínia não se dá pelo fato de que queremos apenas requestrar o assunto. As reflexões de Virgínia Bicudo, bem como suas reedições na sociedade brasileira contemporânea persistem por conta do racismo estrutural, que anexa as subjetividades a uma espiral que gira em torno dos processos coloniais, inclusive a dominação através do tripé racismo-patriarcado-capitalismo e a violência declarada da interação baseada em critérios raciais.

Como a turma havia referido que não conhecia Virgínia Bicudo, comecei com a explanação sobre a sua biografia, embora esse não fosse o objeto da oficina, para contextualizar a minha pesquisa. Falei brevemente do nascimento de Virgínia, da sua ascendência mestiça, de como ela era reconhecida na sociedade paulista, suas experiências iniciais com o racismo e como aquilo a levou, inicialmente às ciências sociais e, depois, para a psicanálise. Os trabalhos que versam sobre a trajetória desta intelectual (GOMES, J., 2013; ABRÃO, 2010; BICUDO, 1945/2010) foram citados.

Apresentei a nuvem de palavras com as principais palavras-chaves das contribuições de Virgínia Bicudo, para em seguida enumerar as contribuições de Virgínia Bicudo para o campo epistêmico brasileiro, a partir do quadro produzido por mim para esta dissertação. O quadro explicita que aspectos são destacados nas abordagens relativas às Ciências Sociais, à Psicanálise, à Psicologia, às escritas invisibilizadas de mulheres negras, e no campo das reflexões decoloniais. Para, em seguida, tecer comentários sobre o livro “Atitudes raciais de Pretos e Mulatos em São Paulo”, sublinhando sua atualidade a partir de contrapontos com a perspectiva do IS na medida em que, a construção de símbolos sobre o negro e sua constante atualização, torna o trabalho de Virgínia Bicudo atual.

As pessoas, segundo essa leitura, continuam tendo atitudes discriminatórias por conta da cadeia simbólica taxativa do racismo estrutural e, não apenas pela perspectiva relacional ou pelo acaso do encontro de um indivíduo com outro, mas por conta dos símbolos que cada um carrega – mesmo sem nomear - e que são reconhecidos por outrem como positivos ou negativos. Por exemplo: brancura e negrura. Trouxe, em uma das oficinas, o exemplo utilizado por Lia Schucman (2012) para explicitar a questão: na sua tese *Entre o branco, o branquíssimo e o encardido*, Lia pergunta a um homem branco em situação de rua que diferenças ele percebia entre ele e o seu amigo, também um homem em situação de rua, mas negro. Ele responde que ele pode entrar no shopping para “cagar” e o amigo dele não pode (SCHUCMAN, 2012).

Por fim, fiz a contextualização sobre o que o curso de Psicologia tem a ver com isso, sublinhando a atualidade do pensamento de Virgínia, auxiliada por outras autoras, como Neusa Santos Souza que escreve sobre o negro brasileiro em ascensão na década de 1980 e, depois, Isildinha Baptista (1998), que discorre sobre as repercussões da realidade sócio-histórica no psiquismo de pessoas negras. Sem a estrutura racista não leríamos os fortes relatos do texto de Bicudo como atuais, mas como histórias de sujeitos parte da história da Psicologia brasileira, escritas por alguém que foi decisiva no momento de início, consolidação e institucionalização da Psicologia tal como ela é: interdisciplinar.

As imagens utilizadas durante as Oficinas, e presentes nesse trabalho, na abertura de cada tópico da leitura do livro de Bicudo (1945/2010) foram importantes para ativar o processo de significação dos conteúdos da oficina. O trânsito de afetos através da veiculação de imagens, foi utilizado para que os sujeitos participantes pudessem, antes da apresentação das categorias onde sistematizei os achados de Bicudo sobre relações raciais, observar e oferecer sua percepção sobre a leitura do artista para, aí sim, introduzir o tema que viria a seguir.



Ficou claro para mim, a partir dos silêncios e questionamentos das oficinas piloto, que, nas intervenções, para produzir significados, o sujeito precisa ter algo que capture o seu desejo, sua curiosidade, para que o participante se inquiete pelas linhas de ação oferecidas na intervenção pedagógica ali apresentada. Assim, as alterações no formato das oficinas definitivas, como a categorização das atitudes raciais descritas no livro de Bicudo (BICUDO, 1945/2010) e a utilização de obras de arte e intervenções de artistas latino-americanos foram bastante profícuas, sendo citadas pelos alunos como enlace simbólico para a situação da oficina, e a percepção que desenvolveram sobre ela.

Em alguns momentos interpelei os estudantes sobre que tipo de intervenção eles fariam junto aos sujeitos da pesquisa de Bicudo. O silêncio foi aterrador. Perguntei a Alice, uma das entrevistadas brancas, que tem afinidade e já atua em estágios e extensões no campo da clínica psicanalítica, sobre esse momento específico da oficina, se ela lembrava. Ela disse que lembrava, e que não falou por vergonha de sua própria branquitude, de se questionar o quanto ela mesma, que é versada na literatura de relações raciais, se colocava num “*ponto cego*” para enxergar *algumas coisas*.

Pensei, no momento em que escrevi o relato da primeira oficina piloto, que uma pergunta poderia resumir a experiência: *O que cala na Psicologia quando um intelectual negro fala?* Ao final das intervenções, a pergunta mudou para: *Até quando vamos lidar com silêncios ao falar sobre relações raciais na Psicologia?* Bem, talvez a pergunta não tenha mudado tanto, afinal.

#### 4 CORPO E ATO BALIZANDO O OLHAR

Os participantes deste estudo foram estudantes matriculados em disciplinas do curso de Psicologia da UFBA. Estabeleci como critérios de inclusão: ser maior de 18 anos, possuir matrícula ativa em Psicologia ou nos BI. Os estudantes foram convidados a participar das entrevistas a partir das oficinas desenvolvidas em ocorrência única, em aulas de disciplinas do curso de Psicologia da Universidade Federal da Bahia. Não foi usado o recorte racial para selecionar os participantes dessa conversa, já que eu enxergava uma possibilidade de contrapor narrativas de pessoas de cor de pele distintas.

No início da sessão, me apresentei e solicitei aos participantes que se apresentassem com a pergunta “*E você, quem é?*”, a fim de obter dados sociodemográficos, não como uma etapa à parte, mas, integrando a entrevista. O panorama sobre estas informações se encontra no Quadro 03:

**Quadro 03** – Participantes das Entrevistas

<b>Informante</b>	<b>Gênero</b>	<b>Raça Autodeclarada</b>	<b>Idade</b>	<b>Classe Social autodeclarada</b>	<b>Curso</b>	<b>Oficina</b>
1 Adún	Mulher cis	Preta	25 anos	Classe média	Psicologia	1
2 Alice	Mulher cis	Branca	28 anos	Classe média alta	Psicologia	1
3 Sofia	Mulher cis	Branca	22 anos	Classe média	Psicologia	1
4 Jackson	Homem cis	Pardo	22 anos	Classe média baixa	Psicologia	1
5 Abayomi	Homem cis	Negro	23 anos	Classe média baixa	Psicologia	2
6 Xapiri	Homem cis	Pardo/mestiço	22 anos	Classe média baixa	BI em Saúde	2
7 Elvia	Mulher cis	Branca	21 anos	Classe alta	Psicologia	2

**Fonte:** Elaborado pela autora.

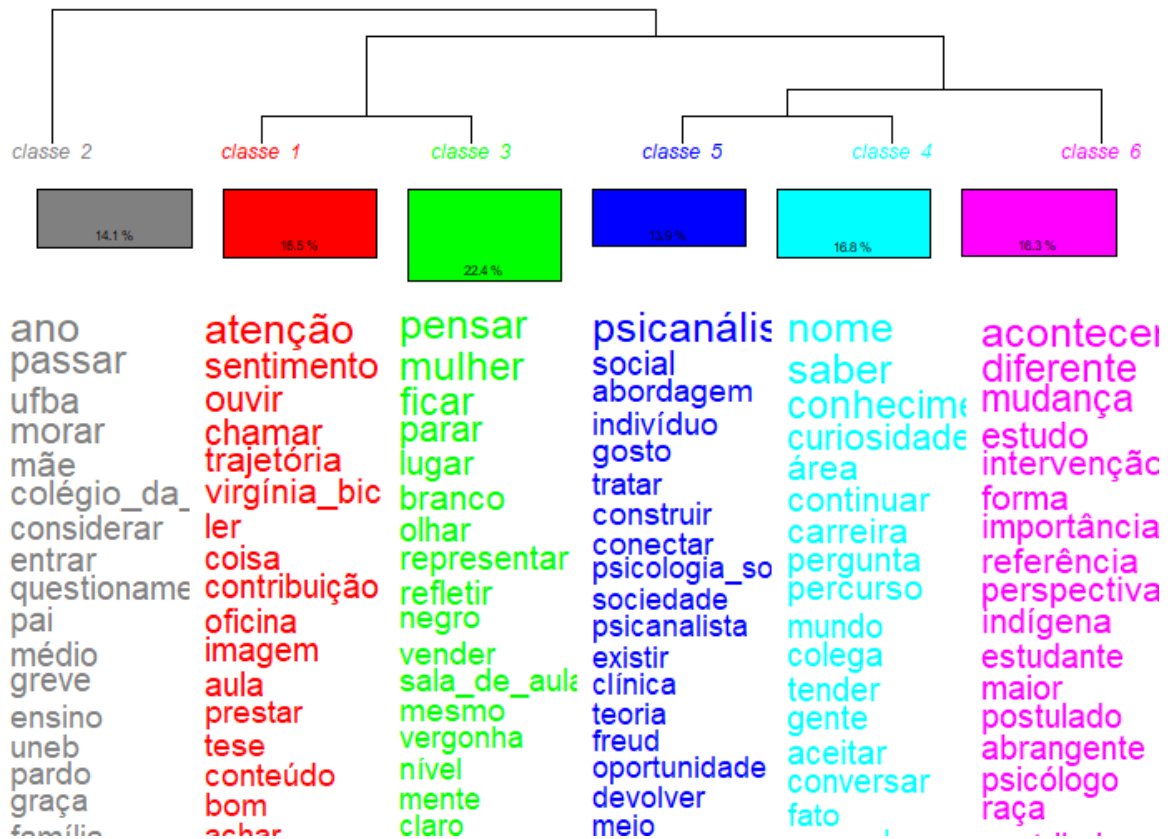
As perguntas definidas para o roteiro das entrevistas almejavam conhecer significados em seis categorias (APÊNDICE B):

1. Percurso estudantil e percepções dos estudantes sobre a formação
2. Percepções sobre a trajetória de Virgínia Bicudo
3. Visões sobre a *Oficina Virgínia Bicudo e Relações Raciais*
4. Significados dos estudantes para a *Oficina Virgínia Bicudo e Relações Raciais*
5. Vislumbre de aplicação das contribuições de Bicudo no campo escolhido para a prática profissional
6. Sugestões para a ampliação dos autores e conteúdos abordados no curso de Psicologia

As sete entrevistas foram tratadas, excluindo os erros gramaticais, repetições e vícios de linguagem, para que a amostra pudesse ser tabulada no IRAMUTEQ. A tabulação, conforme sugerida pelo Manual do Programa (CAMARGO; JUSTO, 2013a, 2013b), foi feita no sentido de obter os termos mais significativos e similares presentes nas narrativas dos entrevistados. Nos sete textos das entrevistas foram encontrados 470 segmentos de textos, compostos por 16.248 palavras, das quais 2437 foram diferentes – excluindo-se os advérbios, as preposições e os artigos – e 1315 apareceram apenas uma vez. Esses 470 segmentos de textos ou Unidades de Contexto Iniciais (UCI), foram classificados em 375 Unidades de Contexto Elementares (UCE) (ibidem).

Através do dendograma, que leva em conta o teste qui-quadrado, baseado na porcentagem da frequência média das palavras entre si, assim como as diferenças entre as palavras, as UCE foram classificadas, tendo emergido desse material inicialmente analisado, seis grandes categorias, apresentados na Figura 15:

**Figura 15** – Dendrograma com a porcentagem de UCE em cada classe e palavras com maior qui-quadrado ( $\chi^2$ ) – IRAMUTEQ



**Fonte:** elaborado pela autora.

De posse dos dados do IRAMUTEQ, as respostas foram agrupadas em uma grande classe, com dois ramos: um primeiro, o ramo da Escolha e Permanência, que se relaciona, diretamente, ao processo de escolha e pertencimento ao curso, eliciada através da provocação “*Conte-me seu percurso formativo na Psicologia*”, quando os estudantes contavam suas histórias de formação, a partir do ponto em que desejassem.

Tais histórias, que compreendiam desde o processo de escolha, até relatos sobre a permanência no curso, foi o que deu origem a todas as outras significações, tendo a autopercepção racial e de classe sido implicadas ao longo do processo formativo, desde a escolha até a permanência no curso de Psicologia. As respostas à pergunta sobre o percurso se relacionaram com os significados construídos sobre a oficina e a produção de Virgínia Bicudo, e sobre quais ações ou vozes – além das hegemônicas - poderiam auxiliar em mudanças na formação de psicólogo da UFBA.

O segundo ramo nasceu a partir das perguntas a respeito da oficina e da produção de Bicudo. Nesse ramo, foram explicitados pontos de identificação ou desidentificação dos atores aos significados produzidos ao longo do seu tempo de formação em Psicologia. Esses significados se organizaram em torno dos seguintes códigos abertos: “*o que é ser psicóloga(o)?*”, “*qual a minha percepção sobre “ser psicóloga(o)”?*”, “*apropriação teórica em relação ao tema das relações raciais*” e “*o quanto eu pertença a esse lugar?*”.

No Ramo 2 temos um grupo relacionado às percepções sobre teóricos negros e indígenas, nas classes 1) Efetividade da intervenção 2) Visões sobre a representatividade de autores negros e indígenas; um grupo relacionado a percepções sobre a formação em Psicologia, composto pelos 3) Reconhecimento da necessidade de ampliação curricular e 4) Avaliação de si mesmo como futuro profissional; e, quase como um efeito das categorias anteriores, emergiu a categoria 5) Aposta na Ação Coletiva.

### **Ramo 1**

- a) Escolha pela Psicologia e Permanência no curso

### **Ramo 2**

#### *Categoria Percepções sobre a Oficina*

- a) Percepções sobre a efetividade da intervenção
- b) Visões sobre a representatividade de autores negros e indígenas

#### *Categoria Visão crítica sobre o processo formativo*

- a) Reconhecimento da necessidade de ampliação curricular
- b) Avaliação de si mesmo enquanto futuro profissional

#### *Categoria Proposições para a Mudança*

- a) Aposta na Ação Coletiva

As palavras significativas que mais apareceram na análise estatística do IRAMUTEQ foram as palavras *Falar, Pessoa, Psicologia, Virgínia Bicudo, Psicanálise, Negro e Branco*, correlacionadas de acordo com a aproximação no discurso e a sua semelhança. Houve uma

centralidade do *falar* e do *saber* na fala dos estudantes entrevistados, o que pode ser ligado a dois temas centrais desta pesquisa: o ato de fala como agência e a crítica ao saber acadêmico.

O significante *falar* se referiu muito mais ao processo de intervenção empreendido nesta pesquisa, ou seja, da minha “ação de falar” sobre Virgínia Bicudo, como identifiquei nos discursos das estudantes brancas - Alice, Sofia e Elvia - do que à fala como ação de resistência em ambientes hegemônicos, tal qual Spivak (2010), hooks (2019) e os entrevistados negros e pardo/mestiço mencionaram. O significante *saber*, apareceu mais associado a um *não-saber* sobre o tema, do que como crítica ao lugar do *saber* enquanto corpo de conhecimento. A palavra *pensar*, que também aparece como organizadora de um grupo discursivo, se refere mais aos momentos em que os participantes expressaram suas opiniões sobre o tema, e se esforçavam por representá-las de uma maneira particular. Por exemplo, quando enunciavam o que tinham a dizer a partir de um “*penso que [...]*”.

Em vários momentos, os entrevistados remeteram à expressão “*não sei*”, “*poderia saber mais*”, “*deveria saber mais*”, entre outras, que denotava o quanto Bicudo continua sendo um tema novo para eles. Por isso, tomei o nome *Virgínia Bicudo* e as oficinas como símbolos, que foram significados pelos atores a partir das suas experiências. Para Suzane Langer (1971), o processo de estabelecer significado é uma “situação de símbolo” ou uma função simbólica, onde a pessoa explicita suas concepções sobre o símbolo, bem como seus interesses em relação a este – seu próprio objeto.

Segundo Langer (1971), no sentido lógico, um símbolo significa algo para a pessoa, e no sentido psicológico, a pessoa significa um objeto – no caso a sua própria formação – pelo símbolo, que é a autoria de Virgínia Bicudo nesse campo. Nesta pesquisa, devido ao enfoque dado à linguagem, especificamente os significados atribuídos pelos atores às experiências, me guiei pelo sentido psicológico dos termos. Os significantes - termos que denotam o objeto de interesse dos atores - que mais apareceram foram organizados em três grandes categorias de significados dos atores sobre as contribuições de Bicudo no campo das relações raciais: *pertença, resistência e saber*.

Destarte, serão explicitados nos próximos tópicos os significados construídos pelos sete atores entrevistados sobre as contribuições de Virgínia Bicudo para a Psicologia e para a própria formação, no campo das relações raciais. Ao final desse tópico, as categorias que compõem a teorização criada nesta pesquisa foram o SENSO DE IDENTIDADE e a BUSCA POR APROPRIAÇÃO TEÓRICA.

#### 4.1 SIGNIFICADO-PERTENÇA: JACKSON E ABAYOMI

George Jackson foi um homem afro-americano que, em meio à prisão, se envolveu com ideais maoístas e marxistas. Privado de liberdade, Jackson conta brevemente sua história, e, assim como o entrevistado para o qual adotei o seu nome, cita a relação com a mãe como sendo um dos principais impulsionadores da sua existência (JACKSON, 1972).

O estudante aqui chamado de Jackson é um homem pardo, que vive com a mãe e a irmã, e é de classe média baixa. Durante a entrevista, em diversos momentos, assim como o xará estadunidense, relata desconforto com o lugar onde está situado – a formação de Psicologia. O “desajuste” de George Jackson, o anti-herói norte-americano, é descrito por ele como sendo o motivo para a sua prisão (JACKSON, 1972). O futuro psicólogo Jackson, entrevistado por mim, fala, em vários momentos sobre sua sensação de não pertencimento – ou desajuste – em relação ao curso de Psicologia.

Abayomi, descrito por Esmeralda Ribeiro (2007), é um menino negro que recebeu um nome africano, de origem iorubá, que significa “aquele que traz a felicidade” ou “encontro precioso”, segundo Mônica David, Cíntia Ribas e Michelle Knaut (2016). Na escola, ele conhece um griô<sup>43</sup>, que começa a contar o processo de nomeação nigeriano, onde a família escolhe o nome do filho de acordo com os fenômenos que circundam o nascimento da criança, o que se dá através de um ritual chamado *Ikomojade*, organizado pelo pai, ou por um mais velho (RIBEIRO, 2007).

No dia da cerimônia do *Ikomojade*, a criança é levada à rua pela primeira vez e, um jarro de água é jogado sobre um telhado, onde o corpo do recém-nascido, posicionado sob a cobertura, recebe a água. Caso o bebê grite, isso significa que ele “veio para ficar”, recebendo, depois dessa cerimônia, um nome (RIBEIRO, 2007). Depois de ouvir a história, Abayomi, se sentiu feliz ao ver sua imagem refletida no espelho da escola, e se sentiu livre para brincar com as outras crianças, de todas as raças (ibidem).

O Abayomi que eu encontrei no curso de Psicologia é um homem negro que vive com a sua avó e que desde a infância reconhece e busca a representatividade de pessoas negras em lugares de poder na história e na educação. As passagens de Abayomi em relação ao seu próprio

---

<sup>43</sup> Griôs são os “mais velhos”, guardiões da tradição oral. Segundo Hampaté Bá (*apud* PACHECO, 2006), oriundos da região noroeste da África, da tradição dos Fulas – Mali -, os griôs representam aquilo que circula no organismo vivo. Segundo Lillian Pacheco (2006), eles “são genealogistas, contadores de histórias, músicos, poetas populares, importantes agentes da cultura.” (ibidem, p.45)

nome e a busca pelo nome de outras pessoas negras no campo epistêmico, foi o que inspirou seu batismo nesse trabalho. Abayomi é um sujeito que reivindica um nome.

Ambos, Abayomi e Jackson, são estudantes de Psicologia e comentam a formação, as percepções sobre a oficina e também sobre a produção de Virgínia Bicudo e outros autores negros, significando-as através do pertencimento, ou sentimento de *pertença*.

A *pertença*, segundo Mauro Koury (2001), está ligada ao sentimento de fazer parte do local “onde se quer elaborar, construir, planejar, modificar ou gerir uma ação” (KOURY, 2001, p.131). A formação universitária e o curso de Psicologia são tomados como *locus* para o desenvolvimento de reflexões sobre o pertencimento dos atores, e sobre a necessidade de se sentir pertencente ao curso. Essa busca é demonstrada tanto em relação ao grupo de estudantes, como Jackson traz de maneira mais pregnante, quanto em relação à representatividade de pessoas negras num lugar de autoria, que foi o ponto mais abordado por Abayomi.

O fundamento de si a partir de um lugar (KOURY, 2001), que é a negritude desses estudantes, é elemento originário para a avaliação do *self* e para a interação com o mundo ao redor. O enraizamento da experiência desses estudantes aos processos formativos desde o ensino básico, é preponderante para a descoberta da alteridade e para a conjugação do Eu enquanto sujeito individual, e o Mim, “que coloca o sujeito no mundo em sua relação com o outro, ou com o objeto da relação, tornando-o pessoa.” (KOURY, 2001, p.132).

Nos discursos de Jackson e Abayomi, perceber-se enquanto negro inaugura a percepção de uma falta no curso: o espelho. Embora eles tenham histórias de vida e formação diversas, e demonstrem uma diferença expressiva na afinidade em relação ao curso, pois Jackson não se considera que ali é o seu lugar, e Abayomi relata-se como apaixonado pela Psicologia, já tendo, inclusive aproximação com uma abordagem teórica, esses estudantes exigem e questionam o ambiente universitário, ainda que em ações intraverbais, sobre os lugares das pessoas negras na formação.

#### **4.1.1 Escolha e Permanência**

Jackson narra seu processo de escolha e pertencimento ao curso, a partir do ensino básico. Poderia até ser feito um marco anterior, desde a relação com os seus pais, em especial, a sua mãe, uma mulher negra, atriz importante para a negociação das suas escolhas de formação. Seu primeiro processo seletivo foi ainda no segundo ano do Ensino Fundamental, quando foi aprovado para o ingresso em uma escola pública de Salvador – mantenho o sigilo do nome da escola, para preservar a identidade do informante, pois o objetivo da pesquisa não é marcar os



sujeitos, mas visibilizar suas falas. Nesse momento, sua aprovação foi festejada, devido à questão financeira, pois era difícil ingressar numa escola de boa qualidade, então o fato de “*ser de graça*” foi preponderante para a sua formação durante todo o ensino básico, pois ele só saiu desse colégio após a conclusão do ensino médio.

Tendo enfrentado alguns problemas para manter os estudos em dia durante o ensino básico, inclusive por ter que ajudar sua mãe durante um processo de adoecimento psíquico, saiu do ensino médio já com uma percepção sobre si: a de que ele “*era inteligente, mas não era estudioso*”, fato relatado por pessoas do seu convívio, o que não o impediu de ter sido aprovado no Enem. Ao perceber que poderia adentrar à UFBA, conversou com sua mãe sobre as possibilidades, e perguntou: “*e aí como é que a gente vai fazer?*”. Sua mãe validou o seu desejo de cursar a graduação, principalmente, pelo motivo da educação ser gratuita, embora o fator “tempo sem trabalhar” preocupasse o estudante, que almejava contribuir com a família financeiramente o mais breve possível.

Assim, ele foi aprovado para Ciências da Computação, onde acabou não ingressando por questões burocráticas, e depois em Psicologia. A inscrição nas cotas por ser de escola pública e negro já havia suscitado dúvidas sobre o seu pertencimento: “*eu me considerava uma pessoa parda, minha mãe é negra, meu pai é branco, e eu sou essa cor aqui, né? Que nem fede e nem cheira*” (informação verbal). A entrada na UFBA exacerbou suas dúvidas. Jackson pontua suas avaliações em relação à possibilidade de “ser psicólogo” como prejudicadas, referindo-se a si mesmo como alguém que não sabia conversar direito, que fala gírias, e que essa era uma questão que o fazia sentir-se inferior em relação aos colegas:

[...] vem uma questão que bateu muito em mim, e acho que até hoje ainda bate, eu tenho muito sentimento, que é um pouco de... **não é meu lugar**... um sentimento de não pertença sabe? **Eu me sinto muito inferior** [...] eu falava, “*tá... eu não sou daqui... véi, meu lugar não é aqui, eu não pertenco a isso.*” (Jackson)

Jackson se compara, em diversos momentos, com seus colegas e, nessas comparações, se coloca numa posição de alegada inferioridade. Tendo sido o único jovem da vizinhança onde mora a entrar numa universidade pública, comentou a surpresa de perceber que alguns dos seus colegas estavam cursando Psicologia com colegas do ensino médio. Para ele, deparar-se com essa realidade foi muito impactante pois, além de terem estudado no mesmo colégio, os colegas já debatiam sobre temas da Psicologia:

Isso foi doido pra mim, por exemplo, chegar na Psicologia e ver que tem gente do mesmo colégio. **Eu não vou encontrar ninguém aqui que conheça, nem do meu bairro, nem do meu colégio, [...] no máximo você é da mesma cidade, porque... né?** (Jackson)

Nesse momento, o estudante se remeteu ao senso de identidade, afirmando que isso era muito importante para que ele estabelecesse um sentimento de pertença em relação ao curso. Para ele, o processo formativo é facilitado para um grupo de estudantes, e ele atribui essas facilidades ao privilégio dos colegas estarem situados em posições sociais mais confortáveis, o que fica explícito nas condições de permanência dos estudantes de classe média baixa entrevistados, que demonstram que, para permanecer na Universidade, o custo não é apenas o desejo de ser psicólogo.

A faculdade pra muitas pessoas é... tem a escola, depois da escola vem a faculdade, e eu nunca imaginei isso, que depois da escola vinha a faculdade... **Tinha milhões de coisas, e a galera já tem isso como a trajetória de vida:** “*depois daqui a gente vai pra lá, pô.*” (Jackson)

O ingresso numa universidade pública, negociado por Jackson com a sua mãe, a quem teve que perguntar, depois de ser aprovado no vestibular, se poderia cursar, e como seria possível permanecer na UFBA, não acontece da mesma forma para os estudantes que estão situados em camadas sociais mais confortáveis. Enquanto, no caso do estudante pobre, toda a família investe na formação, abrindo mão da entrada do filho no mercado de trabalho e apostando em um prolongamento da educação, no caso dos estudantes de classes mais abastadas, tanto a graduação não cai como surpresa como foi para Jackson – “*eu nunca fui uma pessoa estudiosa e não sei como, eu juro que eu acho que é sorte, eu tive uma nota razoável no ENEM*”, como ela é vista como tiro certo quando estes se formam no EM. E nem precisa que o curso superior “seja de graça”.

Abayomi é estudante, trabalhador e pertence à classe média baixa. Completa, então, o tema do pertencimento, situando sua experiência formativa quando do ingresso à UFBA. Tendo escolhido no Enem o curso de Medicina – que ele considera que é “*o sonho de todo estudante que vai pro campo da saúde*”, por não ter sido aprovado, foi para o BI em Saúde, onde travou contato com os componentes da Medicina.

Ali, Abayomi descobre que sua visão sobre o curso almejado não condizia com a realidade percebida e muda para o curso de Nutrição, também frustrante, fazendo-o desistir no fim do curso, mesmo sob protestos de conhecidos para que concluísse a formação. Esse estudante demonstra um reconhecimento e possibilidade maior de se conectar com os seus

anseios de formação, pois ele sempre considerou que o processo formativo deveria ser interessante e, caso não o fosse, a prática também não seria. Foi assim que ele chegou à Psicologia, onde começou cursando alguns componentes e, tendo entrado em contato com componentes dessa área do conhecimento, “se apaixonou”, segundo suas próprias palavras.

Ser psicólogo poderia lhe dar a sensação de completude que Abayomi almejava encontrar na prática profissional, além de poder contribuir com a sociedade. Foi ali na Psicologia, cujo primeiro contato que teve foi com Freud, que ele finalmente sentiu que estava compreendendo os assuntos e se sentindo útil: “*Me sinto parte [...] eu penso que seja uma possibilidade muito significativa e interessante da minha vida.*” Jackson, por sua vez, tenha demonstrado a manutenção de um desejo de ser psicólogo, a formação lhe proporciona uma sensação de inadequação e desenraizamento que é mais pronunciada que as possibilidades de agência.

#### **4.1.2 Percepções sobre a oficina**

Embora a grande categoria “percepções sobre a Oficina” trate das percepções dos estudantes sobre a oficina, Jackson e Abayomi se remeteram, especificamente, aos autores negros, possivelmente por que eles, estudantes negros, procuram se enxergar no universo simbólico da formação. Os dois estudantes presenciaram minhas primeiras aulas sobre Virgínia Bicudo no curso de Psicologia, Jackson em 2018.2, e Abayomi, em 2019.2, e há uma grande diferença na composição das duas turmas: a segunda tem muito mais alunos negros em relação à primeira, processo empretecedor que vejo como um efeito da inserção do processo de verificação de fenótipo na reserva de vagas.

Ao ser perguntado sobre “*o que a trajetória de Bicudo fala a você?*”, Abayomi diz que a descoberta acerca de Virgínia Bicudo, através das minhas intervenções, havia sido muito interessante e que nunca havia parado para pensar na ausência de teóricos negros na Psicologia, o que eu acredito que se deve ao fato dele se identificar com o curso. Abayomi buscava a história dos povos pretos que “deram certo”, que estiveram em lugares de poder e eminência, tal qual ele almejava. Segundo o estudante, seu professor do ensino médio simplesmente disse que não estava no currículo falar sobre pessoas negras em evidência. Na Universidade foi que ele teve contato com as contribuições do povo negro, alavancadas pelo “encontro” com o griô, Milton Santos:

Eu não tinha uma perspectiva crítica, no sentido de “a gente precisa construir um outro olhar sobre tudo isso aí...”. E aí quando eu entrei na universidade,

eu percebi que já existia esse esforço né? **Já existia uma bagagem [...] muito ampla**, já existem contribuições extremamente significativas do povo negro, dentro da perspectiva da Academia, do estudo. (Abayomi)

Foi no encontro com Bicudo, por sua vez, que Abayomi pensou na falta de representatividade negra no curso de Psicologia, tendo a autora, na ocasião da oficina, dado pistas de uma história de eminência do povo negro também no campo *psi*. Na oficina, ao ser perguntado sobre teóricos no campo da subjetividade e relações raciais, ele citou que conhecia apenas Virgínia Bicudo, cuja trajetória e produção ele teve contato nas oficinas.

Para Abayomi, a trajetória de Virgínia Bicudo e sua posterior invisibilização, remetem a uma demanda por pertença, de que, apesar da crença de que a Psicologia não é feita para as pessoas negras, houve pessoas negras com contribuições significativas que não são reconhecidas. Para o estudante, a não recuperação da trajetória de Bicudo mostra a história de um corpo não previsto na Psicologia, que proporciona que ele se identifique com os conteúdos que circulam no curso:

[...]eu acho que a trajetória de Virgínia Bicudo sendo invisibilizada e sendo trazida novamente, é sobre trazer esse sentimento de pertença pra outras pessoas. [...] **eu consigo ver no curso de Psicologia as coisas que eu me sinto mais abarcado**, sabe? **Histórias pertencentes à minha história de vida individual e às questões sociais em geral.** (Abayomi)

Ao falar sobre o tema, Jackson relatou que foi capturado pelas imagens escolhidas para a oficina e pelas interpretações dos colegas sobre elas. Ali ele havia percebido que uma só imagem pode ter diversos significados, e que cada ator vai defini-los a partir da sua ótica, um processo de *desconstrução*, tal qual a palavra que ele escolheu para representar a sua formação. Ele diz que tinha uma visão das coisas e que, através dos temas tratados em sala de aula, foi “se desconstruindo” sobre determinadas questões, como o machismo, tema que, embora ele seja uma pessoa criada em meio a mulheres, aflorou mais após começar os estudos em Psicologia. Em determinado momento, ao perceber que só falava do outro com portador do conhecimento, se refere a um sentimento de inferioridade atribuído a si mesmo, e reconhece, então, que pode conhecer vários temas que outras pessoas do curso não sabem.

Eu não acho que Psicologia é um local que **pessoas como eu**, de baixa renda ou pessoas pretas, vão se sentir com pertença, justamente por causa disso. Você vai lá no curso de Psicologia, e você ouve histórias sobre pessoas que a gente fala assim, “**caramba... o que que eu tenho a ver com isso? [...] Onde é que eu entro? Onde é que as pessoas que nem eu, entraram aí?**”. (Jackson)

Para Jackson e Abayomi, Bicudo representa uma possibilidade de se encontrar representado no curso, e também uma possibilidade de construir pertencimento ao curso. O fato de não ver espelho pobre e nem preto, faz Jackson sentir-se desaterrado no curso, ao que atribui esse sentimento ao “*não ser estudioso*”, no entanto ele continua sendo aprovado em processos seletivos, como uma extensão universitária baseada em intervenções junto à população em situação de rua. O mais importante da recuperação de Virgínia Bicudo, no discurso de Jackson é, justamente, o que está por trás, a afirmação de uma ausência – esse desenraizamento de si mesmo - para propor mudança:

“Eu acho que é justamente esse o ponto que a gente tem que tocar, e que acho que pode ser de grande mudança no currículo de Psicologia. **O que eu queria ver era um currículo em que eu me sentisse parte daquilo**, entende? Pertencente àquilo.” (Jackson)

Abayomi também vê a ausência como possibilidade, e, na falta de *Santos* fortes, queria ele mesmo sê-lo. Ao conhecer Milton Santos, usou o geógrafo negro como espelho de possibilidades; ao conhecer Bicudo, percebe que sua paixão pela Psicologia ainda não tinha reconhecido a falta, tampouco pedido espelho, mas agora ele o tinha. No espelho, a trajetória de uma mulher preta que, assim como George Jackson (1972) apregoava, se torna então, Bicudo, horizonte para a agência do estudante negro, capaz de fazer os “seus filhos” serem catalizadores de mudanças.

#### 4.1.3 Vozes Plurais: centelha para uma mudança da formação

Ao ser perguntado sobre vozes que ele gostaria de ver no curso de Psicologia, o tema do *não-saber* retorna para Jackson, que quase se desculpa por não ter nomes para responder à questão “*que autoras, ou autores, você gostaria de ver no curso de Psicologia?*”. O estudante diz que esse é um ponto que “pega”, pois ele não tem referências de nomes ou de pessoas que ele queira ver e reconhece isso como algo problemático, pois ele levanta diversos questionamentos, mas que estes encontram barreira:

eu acho que **tem a ver um pouco também com aquilo que eu falei de nunca ser uma pessoa muito estudiosa**. Eu tenho uma preguiça de procurar, e acho que isso é defeituoso meu, vai me trazer problemas, mas eu vou ficar devendo nesse sentido. (Jackson)

Em determinado momento, ele me perguntou como havia surgido minha afinidade com Bicudo, talvez para tentar perceber um caminho de engajar a si próprio para o *estudo* na área do seu interesse, a Psicologia Social. Ele tem afinidade com os temas sociais, mas ainda não tem nenhum teórico de referência. Nesse momento, eu conto como cheguei ao tema da minha pesquisa e ele diz que, a motivação e a perseverança, levam a muitos lugares. Após essa enunciação, ficou no ar, para mim, uma pergunta: O “*não é o meu lugar*” diversas vezes enunciado pelo Jackson com quem eu conversei, pode levá-lo a quais lugares?

Abayomi sugere um Santos para a roda: nós deveríamos falar sobre Milton Santos e reconhecer o seu lugar dentro das Humanidades. Abayomi já procurava seu nome desde antes de ingressar na Universidade. Estranhara não encontrar o seu sobrenome – Santos – dentre os teóricos que conhecera no ensino fundamental e, percebendo essa ausência, queria ser um grande pensador, e inserir o sobrenome Santos na história.

No único semestre que fez no BI em Saúde, em Estudos da Contemporaneidade com a Profa. Dra. Carmem Teixeira, conheceu Milton Santos e sua importância para o campo científico brasileiro e mundial. Uma inquietação que lhe ocorrera desde o ensino médio, cala fundo, nesse momento: “Eu nunca vi nenhum teórico, isso foi lá no ensino médio, né? Eu nunca vi um teórico, **nunca vi um pensador com eminência social com mesmo sobrenome que o meu, que o seu também, né?** Como é que vai ser isso?”. (Abayomi)

Ao conhecer Milton Santos, se indignou com sua invisibilidade, pois acha que as contribuições do geógrafo deveriam ser exploradas desde o ensino básico, e faz uma crítica à maneira como a história do povo preto é abordada nos currículos, apesar da Lei 10.639, a história negra é sempre contada a partir da escravização. O que Abayomi almeja, é que crianças vejam que podem ser pensadores, profissionais de sucesso, e que sua história remete também a possibilidades de luta e de prosperidade, uma saída da leitura colonial do passado negro, calcada na escravização:

Por que se a gente fica somente reverberando esse discurso, as pessoas que estão ali, dentro da sala de aula, vão parar e pensar “**poxa então dizer que os meus ancestrais, as pessoas que vieram antes de mim sempre estiveram relegadas a esse lugar de marginalização, de impossibilidade**”. Sendo que **é mentira, é uma falácia, é um desfavor, que a gente tem numa história rica, ampla, a gente tem uma história muito significativa**, pra não ser contada. (Abayomi)

A representatividade de um passado negro ajudaria a prospectar futuros de jovens negros como ele, o que não acontece na Psicologia. Esta realidade se torna perceptível apenas quando a pessoa começa a pensar sobre a temática racial, donde a surpresa: “*caramba, realmente, eu nunca me vi representado*”. Para Abayomi, o *start* para que ele se deparasse com essa evidência, ocorreu ao conhecer Bicudo. Ali o estudante percebeu que não existia uma similaridade entre sua expressão fenotípica e as teorias da Psicologia ou, ao menos, no curso, esses assuntos não eram considerados.

Ao ser perguntado sobre qual abordagem ele gostaria de seguir, e se Bicudo poderia dar alguma contribuição nesse campo, Abayomi se mantém na linha psicanalítica. Acredita que, já tendo conhecido Freud antes de cursar Psicologia, pelo fato dele ser uma imagem muito veiculada quando se fala em clínica, reafirmou seu interesse no componente Teoria e Sistemas Psicológicos (TSP) I. Ali, ele ressalta a transversalidade na Psicanálise, assim como a crítica ao modelo biomédico, pois o indivíduo deve ser pensado de maneira integral, e não partindo apenas de uma perspectiva biológica, pois, se “*você não fala dos aspectos naturais e sociais, você tá negando uma parte do processo de saúde*”. (Abayomi)

Interessado no tema “álcool e outras drogas”, principalmente com a população de rua ou em situação de vulnerabilidade econômica, Jackson, embora tenha afinidade com a Psicologia Social, não sabe ainda se seguirá essa abordagem, pois “*não me veio um manual pra fazer a universidade [...]*”. Eu fiz uma breve intervenção quando ele me perguntou sobre como eu cheguei ao meu tema de pesquisa, dizendo que precisamos nos escutar para encontrar o tema de interesse, ao que ele responde que talvez ele precisasse se “revoltar” um pouco com o curso para explicar algumas coisas, “*botar pra fora essas ‘porra’ que estão aqui dentro*”:

[...]. Na época que eu estava vendo Psicologia Social, e questões que falavam de pessoas de baixa renda, e pessoas periféricas e ações grupais dessas pessoas, **tem muito estereótipo nisso**. [...] Tá tudo bem que a Psicologia Social não vai tratar indivíduo por indivíduo, tem toda essa questão no sentido teórico, mas ainda assim eu pensava “*tem coisa aqui que tá meio estranha*”, sabe? **E eu não falava**. (Jackson)

O estudante, ao criticar a maneira como a Psicologia Social é abordada no curso, se direciona para a ação, a ação de colocar o que tem dentro para fora, de erguer a voz e expressar sua estranheza com a maneira como as pessoas periféricas e suas organizações sociais são lidas. Mas quase que imediatamente recua, se agarrando, no próximo período, à necessidade de um estabelecimento de competência teórica para o agir, o que ele ainda não teria:

Eu preciso talvez, me aprofundar nos estudos, pra poder ter uma pertença maior pra poder falar, por que, por mais que eu saiba de vivência, é diferente. [...] Eu acho que, para mim, eu precisaria pra me sentir mais à vontade de falar. [...] **Unir a vivência com o meio acadêmico.** (Jackson)

Esse aceno para o se enxergar como agente de mudança é muito importante, na medida em que o estudante tem atuado para um “retorno à comunidade de origem”, e uma ainda maior desidentificação ao curso de Psicologia. Ele relata que gostaria de retornar à sociedade periférica de origem, por isso quer trabalhar em comunidade, com pessoas em vulnerabilidade social. Eu vejo esse “retorno” como um retorno para um lugar seguro, uma espécie de “volta para casa”, segundo a perspectiva apresentada por Fanon (1952/2008), hooks (2019) e Mbembe (2014), um lugar que não é violento, que proporciona uma consciência de si aterrada em critérios menos nocivos.

Um Abayomi “apaixonado”, e um Jackson que ainda busca o seu lugar na Psicologia. Ambos sentiram ressoar nos seus corpos a invisibilização e a falta de Bicudo no campo da Psicologia, embora não tenham se apropriado tanto dos conteúdos reverberados na oficina. A descoberta de si mesmo parece ter sido mais importante, naquele momento, do que temas e conteúdos oriundos da oficina. Não posso me furtar de relatar uma impressão sobre essas duas conversas: a estima de si é muito importante para que o estudante se enxergue como capaz de produzir conhecimento, e até ser o “primeiro Santos” de um campo teórico.

*“Esse é o momento de ir me desconstruindo e me formando ali, um indivíduo, sabe? Não melhor, nem pior, mas diferente do que eu era.”* (Jackson)

*A própria Virgínia Bicudo já é uma contribuição. E eu sinto falta disso dentro das aulas do curso de Psicologia, né?* (Abayomi)

Jackson e Abayomi, que não têm tanta apropriação teórica em relação ao tema Psicologia e Relações Raciais, escutaram sobre Virgínia a partir de um lugar de reconhecimento da falta, seja de pertença ao curso, aspecto que Jackson apresenta em vários momentos, seja de representatividade, como aponta Abayomi. A representatividade que Abayomi preza, num sentido mais amplo, é o que Jackson tem como aspecto primordial para o estabelecimento da sua pertença ao curso. Por não ter encontrado, decidiu buscar isso no trabalho com populações em situação de vulnerabilidade.



## 4.2 SIGNIFICADO-RESISTÊNCIA: ADÚN E XAPIRI

*Não se iludam com a doçura do meu nome;  
Sou oxé bilaminado  
alcançando a garganta dos que lutam  
pra manter o status quo.  
O contorno do agadá de meu guerreiro.  
A seta certa do arqueiro.  
Nos dias de ouro renasço redonda. Dourada.  
Sou peixe pequeno beliscando a barra da saia  
correnteza.  
Nesses dias...  
adoço-me.*

Mel Adún<sup>44</sup>

*“Os cantos dos xapiri são tão numerosos quanto as folhas de palmeira paa hana que coletamos para cobrir o teto de nossas casas, até mais do que todos os brancos reunidos. Por isso suas palavras são inesgotáveis.”*

Davi Kopenawa<sup>45</sup>

Nascida em Washington D.C., filha de brasileiros que fugiam da ditadura militar, Mel Adún é escritora e, desde a infância, esteve envolvida nos caminhos da arte e da cultura narrando, através dos seus textos, a beleza que vai além da hegemonia da televisão e dos meios de comunicação em massa (MEL..., 2018).

A Adún de quem vou tratar nesse trecho é uma mulher preta, filha única do atual casamento dos pais, embora tenha cinco irmãos oriundos de casamentos anteriores dos pais. Considera-se pertencendo a um segmento social em ascensão, que vou considerar “classe média”. É formada no BI em Humanidades e psicóloga em formação pela UFBA. Nesse percurso se descobriu escritora.

Os Xapiri são, nas palavras de Davi Kopenawa e Bruce Albert (KOPENAWA; ALBERT, 2015), as valentes imagens dos ancestrais animais *yarori*, e “quando se diz o nome de um xapiri, não é apenas um espírito que se nomeia, é uma multidão de imagens e de cantos. Cada nome é único, mas os xapiri que designa são sem número” (ibidem, p.81).

O Xapiri que apresento aqui é um homem cis *parado*, de classe média baixa e que se autodeclara também mestiço, pois se considera pertencente às três etnias, indígena, negra e branca, ressaltando, na entrevista, o lugar de invisibilidade do indígena na identidade parda.

<sup>44</sup> (ADÚN, 2014, p.151).

<sup>45</sup> Em Davi Kopenawa e Bruce Albert (2015, p.78).

Segundo ele, a compreensão do pardo como pertencente apenas ao grupo de pessoas negras é uma perspectiva generalizante, dessa maneira, se compreende como mestiço<sup>46</sup>.

A compreensão desses estudantes sobre resistência no meio acadêmico remete ao processo de descolonização dos currículos e do conhecimento comentado por Nilma Lino Gomes (2020). A autora cita a perspectiva negra decolonial brasileira como propositora desse movimento, atuando no reconhecimento, na retomada e divulgação da produção teórica de intelectuais negras e negros (GOMES, N., 2020).

Osmundo Pinho (2020), reflete sobre a resistência no “aqui e agora”, espaço-tempo mergulhado em violência e opressão, mas onde, ainda assim, vozes subalternas se articulam, como o autor propõe, para a produção de um conhecimento que se afasta da relação sujeito-objeto estrita, para a concepção de um “sujeito situado”, que se recusa a colocar corpos de mulheres, de transgêneros ou de pessoas negras e indígenas como objeto.

#### **4.2.1 Escolha e Permanência**

Ao concluir o BI em Saúde, agora, em 2021, Xapiri deve migrar para a Psicologia, área que ele não conhecia, mas que já o interessava, mesmo tendo ingressado no BI em Saúde visando a Medicina. O componente Psicologia e Problemas Sociais o ajudou no processo de escolha, referendando o interesse do estudante pela Psicologia e pelo comportamento social. Ele acha o curso de Psicologia desmotivante, idealizado fazendo com que o estudante que chega ao curso, tenha frustradas suas expectativas, principalmente em relação ao currículo.

Adún também tem suas questões em relação ao currículo. Ela “viveu a Universidade”, literalmente, no BI em Humanidades, e, quando decidiu por Psicologia, não era o único curso que poderia seguir, pois tinha como horizontes, a Comunicação Social, Letras ou Direito. Após concluir o BI, aguardou um semestre para entrar em Psicologia, curso que iniciou com várias expectativas e uma certa romantização, frustradas durante o seu percurso. Hoje, ela diz que tem interesse em trabalhar, em estudar Psicologia, mas não gosta da organização do curso: “Eu acho que ele é muito desorganizado e arcaico em vários momentos, e desatualizado com a nossa realidade territorial, com os debates atuais.” Adún segue dizendo que a trajetória dela em

---

<sup>46</sup> A discussão sobre mestiçagem não será desenvolvida aqui, ver em Osorio (2007) e Oliveira (2004). Mas ressalto que, no caso do estudante identificado por Xapiri, com quem mantive diálogo durante todo o processo de escrita para compreender sua autodeclaração, o ator escolheu ser identificado por pardo/mestiço, marcando que não estaria compreendido no grupo de pardos/negros. Assim, respeitando a vontade do sujeito, essa nomenclatura será a utilizada para sua identificação.

Psicologia tem sido motivada apenas pela vontade de se formar o mais breve possível, por estar cansada do percurso na UFBA, que já dura sete anos, entre o BI e a Psicologia.

Xapiri se sente atingido no campo da produção simbólica, pois os discursos, as bases bibliográficas utilizadas, assim como as discussões que são promovidas em sala de aula não dão abertura para que debates envolvendo raça e classe possam ser reverberados. Adún demonstra que a fala interdita faz com que ela se desidentifique ainda mais com o curso, pois a relação entre professor e estudante em sala de aula é engessada pela hierarquia do poder e o fato de que muitos professores estejam em lugares sociais privilegiados, em classes mais abastadas sendo em sua maioria, pessoas brancas, a afeta além das aparências. Ela, então sente receio de levar essas discussões para o curso de Psicologia e ser discriminada, embora, em outros espaços, o faça: “muitas vezes eu senti de levar algumas dessas discussões e ser podada, né? Dos professores não darem a devida atenção. Tipo *“ah... tá, agora cala a boca”*.”

Adún também mostra uma atitude empática com outros colegas, de camadas sociais mais vulneráveis, demarcando a diferença entre o curso de Psicologia e o BI como um dos motivos para seu desânimo, devido à menor autonomia que o estudante de Psicologia tem em relação à variedade de componentes e docentes, assim como opções de horário de aulas, o que ela considera um fator que impõe desigualdades de possibilidades de acesso aos estudantes, a depender das suas características de classe, raça ou gênero:

Isso também é uma forma de **segregar**, né? outras pessoas que não tem esse privilégio de só estudar, apesar de que só estudar já é algo muito pesado, é uma sobrecarga grande, mas **há outros estudantes que tem outras demandas** [...]. Que precisariam ter outras opções, né? No turno vespertino, ou até mesmo noturno, mesmo que não fossem em São Lázaro, acontecessem nos PAFs, em Ondina. (Adún)

Xapiri, ao ser perguntado sobre com o que se identificaria no curso, diz que prefere começar pelo que não se identifica, pois seria mais fácil: “eu não me identifico com meus colegas de classe, não me vejo neles. Não me identifico nos professores, e nem no programa, né? Cronograma, bibliografia, da maioria das disciplinas.” O estudante faz uma crítica à maneira como as possibilidades de intervenção do psicólogo são transmitidas no curso, de forma acrítica, neutra e distanciada da pessoa. Sobre o ponto que serviria de mola mestra para a identificação, menos variabilidade:

O que eu me identifico? [...] é difícil [risos], quase não tem nada. Eu acho que eu me identifico com as possibilidades de intervenção que a Psicologia proporciona na formação [...]. **Eu acho que eu me identifico com essa**

**possibilidade de intervenção, só que uma intervenção política,** como tudo na vida. **Demarcando o potencial de transformação que essa profissão tem, que eu enquanto pessoa tenho,** acho que seria isso. (Xapiri)

Nesse momento, Adún só quer que chegue logo o momento em que estará “formada”. Perguntada sobre que disciplinas foram importantes para a sua identificação, ela se guia pelo significante da *falta*, citando possibilidades para transformação do curso, como a inserção de novas disciplinas optativas, como Gestalt Terapia, Psicologia Analítica, Sistêmica, outras abordagens que não as mais características do curso, como a Psicanálise e o Behaviorismo: “eu sinto muita falta disso, embora o curso seja pautado nessa... de ser um curso mais generalista acerca da Psicologia.”

Em relação aos componentes obrigatórios, ela critica os Projetos Integrados de Trabalho (PIT). Compreende que a proposta deles é boa, mas não é resolutive, provocando um sentimento de que está perdendo tempo e conhecimento. Sugere componentes que envolvam relações raciais, branquitude e negritude, pautados nos estudos sobre classe, sobre gênero, e componentes voltados para áreas mais específicas do campo da Saúde, como Farmacologia: “eu acho que isso é de suma importância para a formação em Psicologia, e que fica super a desejar.”

Outro aspecto citado por Adún é a relação com o componente Neurociências, ministrado pela Faculdade de Medicina, que acaba acarretando diversos problemas com estudantes de Psicologia, seja pelo tempo e distância de deslocamento entre os dois campi, como o trânsito do poder entre professores-médicos e estudantes de Psicologia. Para ela, o fato da Faculdade de Medicina ser um espaço elitista, resulta na invisibilização dos estudantes de Psicologia pelos professores dessa Faculdade, embora os discentes já tenham buscado formas coletivas de tentar resolver questões relativas a avaliações, e outros problemas que surgem ao longo dos semestres.

Quando foram perguntados pela abordagem com a qual mais se identificam, Adún diz de um interesse pela Gestalt Terapia, mas não sabe ainda se seguirá nessa linha ou no Psicodrama, e, também reconhece, na psicanálise, a temática racial sendo trazida, sobretudo pelos psicanalistas negros, o que é raro, mas é mais difícil ainda ser encontrado nas diversas abordagens da Psicologia.

#### **4.2.2 Percepções sobre a oficina**

A trajetória de Bicudo é vista por Adún como em uma “corda bamba” pois, ao mesmo tempo em que se deve resgatar a importância dela para a Psicologia, temos que ter cuidado para

não romantizar essa trajetória que, embora bem sucedida, foi de muita invisibilidade, silenciamento e racismo, por que “por trás de toda mulher guerreira tinha uma mulher despedaçada, sobrecarregada.” A recuperação de Virgínia Bicudo e uma tendência para o reconhecimento apenas meritocrático – desincorporado, que não leva em conta a história coletiva nas trajetórias das pessoas, resulta numa super-representação de mulheres negras pelo signo “guerreira”, que na verdade, se relaciona mais com o cansaço e o sofrimento da mulher preta, visão que, conforme Adún, não necessariamente significa reconhecimento, mas romantização e cristalização da mulher no sofrimento.

A oficina que desenvolvi gerou estranhamento em Xapiri. Ao ser perguntado sobre qual teórica ou teórico seria referência quando ele pensava em “*subjetividade e relações raciais*”, citou psicólogas indígenas que fazem parte da Associação Brasileira de Indígenas Psicólogos, sublinhando que elas não apareceram na tela de apresentação: “Aí eu falei, “ué?” Eu já sabia que provavelmente apenas eu iria colocar, **foram tantas outras referências, que [...] são mais significativas, né?** Para as outras pessoas, **não apareceu, mesmo que eu pontue várias vezes.**” (Xapiri)

O estudante percebe os processos de invisibilização das psicólogas indígenas, pela Psicologia e, sendo uma das referências entre os estudantes quando se fala de identidade indígena, também desanima perante o não reconhecimento dos temas da saúde indígena e a percepção sobre corpo e território dos povos originários. As psicólogas indígenas propõem um movimento de destradicionalização da Psicologia, na tentativa de fazer um movimento de cura nesse campo e, assim, retirar a Psicologia do seu lugar de produção de conhecimento hegemônico, que tem o poder de imprimir violência sobre corpos iguais aos delas.

Assim como Xapiri, Adún aborda o tema corpo e, especificamente, sua função no campo, falando sobre o papel de pessoas negras pesquisando outras pessoas negras. A estudante compreende que as reverberações da oficina também dizem respeito ao fato de eu ser uma mulher negra, e para ilustrar a sua percepção, ela aborda a ancestralidade:

Eu acho que é muito bom ver as pessoas negras em lugares de destaque, de pesquisa, e de resgate de outras pessoas negras, sabe? É como se fosse uma árvore [...] dando **continuidade. Cada galho é uma pessoa negra e, não está dissociada, é um fio histórico e ancestral.** Então, para mim, não é só apenas uma pesquisa, mas é um resgate ancestral também, e de poder. (Adún)

A parte mais significativa da oficina para Xapiri foi conhecer mais a fundo a trajetória de Bicudo, assim como suas produções no campo das relações raciais. Notou, especialmente, o impacto das relações familiares nas relações raciais brasileiras. Bicudo entra, junto às referências de Xapiri, como uma intelectual que pode lhe ajudar a balizar o seu olhar de

estudante, assim como informar a sua práxis na Psicologia. Assim como Adún, ele se interessou mais pelas imagens, pelas possibilidades de interpretação sobre as categorias sistematizadas da produção de Bicudo (1945/2010):

*“Não vai sair de minha cabeça tão cedo. Ancorou.”* (Xapiri)

Os desafios de ser pessoa negra pesquisando sobre raça e ter que se deparar com discursos depreciativos e de autoódio, como Virgínia Bicudo teve que lidar nas suas produções sobre relações raciais, também foi uma preocupação de Adún, que realça a necessidade de pessoas negras pesquisarem sobre o tema, derrogando a suposta neutralidade científica.

#### **4.2.3 Vozes Plurais: centelha para uma mudança da formação**

Para sair da cristalização da imagem de uma Psicologia ancorada na falta de representatividade de intelectuais e pesquisadores negros, Adún sugere que sejam incluídas as produções de Bicudo, Grada Kilomba, Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro, Aparecida Bento, Neuza Santos Souza, Frantz Fanon, Achille Mbembe, pois não teria como falar do Brasil, Bahia e Salvador, sem trazer os desdobramentos das interações entre indivíduo e sociedade.

Não tem como apenas ficar pensando no aparelho psíquico dele, sendo que **uma pessoa negra carrega feridas históricas, sem imaginar que carrega essas feridas e... abre novas feridas quando é vivo nessa contemporaneidade, sabe? [...] Não dá pra ficar achando que há um sujeito universal**, porque quando você corrobora com esse... com esse discurso, é porque o sujeito universal é branco, e só cabe a ele estudar branco, burguês, né? (Adún)

O epistemicídio também é resgatado por Adún, quando considera a trajetória de Bicudo como reflexo do racismo epistêmico, que invisibiliza intelectuais negros, recuperados, hoje, através do estudo das relações raciais. Para ela, essa trajetória, faz com que haja mais foco sobre os intelectuais invisibilizados, inclusive os intelectuais vivos:

Quem está fazendo pesquisa hoje? **A gente vai continuar silenciando essas pessoas, colocando de escanteio, para depois, quando ela morrer, a gente valorizar?** Ou a gente vai valorizar enquanto essa pessoa que está viva, pesquisando? É extremamente necessário esse resgate da Virgínia Bicudo e sua trajetória, e que a gente também fique atento se a gente não tá contribuindo também pra silenciar outros intelectuais, ou outras pessoas negras. (Adún)

O questionamento à ética das próprias ações e o quanto elas podem perpetuar a dominação, também é trazido por hooks (2019). A autora frisa que, dadas as políticas de dominação interseccionadas – raça, gênero e classe -, nós tendemos a valorizar mais o que uma pessoa branca escreve sobre pessoas negras, indígenas, quilombolas, ciganas e outras populações subalternizadas, do que quando pessoas que pertencem a esses grupos escrevem sobre si.

É aqui que a voz de Adún se une à de Xapiri, resgatando quem produz, hoje, conhecimento fora do campo hegemônico. Outra aproximação entre os discursos desses dois estudantes é que, a busca deles por conhecimento e pertencimento, que inclui vários intelectuais indígenas, faz com que as percepções sobre efetividade da oficina não digam respeito apenas à representatividade de autores negros, tendo sido incluída também a produção de intelectuais indígenas, e de estudantes de Psicologia, como Estevita Pataxó, que problematiza o lugar da formação de Psicologia em relação às questões étnico-raciais.

Uma das poucas vozes que resgata as contribuições indígenas entre os estudantes do curso de Psicologia, Xapiri aprofunda o tema das contribuições de indígenas para o campo das subjetividades, e cita como necessárias ao curso de Psicologia, as contribuições de Geni Nuñez, do povo Guarani, sua principal referência. Nuñez trata de temas como branquitude, apagamento e retomada indígena, relações raciais, relações afetivas e não-monogamia. Ao ser perguntado sobre o que seria “retomada”, Xapiri fala que Geni Nuñez aborda a retomada no âmbito da sociedade, da demarcação de terras e, também, da retomada psíquica, referindo-se ao resgate étnico, que ajudaria o sujeito a atingir uma auto compreensão crítica.

Outras referências de mulheres indígenas citadas foram Thaynara Sipredi, psicóloga do povo Xerente, Itaynara Tuxá, uma das primeiras indígenas formadas em Psicologia no Brasil, que aborda a alcoolização e a violência nas comunidades e Glícia Macuxi, que está trabalhando com os refugiados e migrantes Warao, da Venezuela. Após as várias referências, uma provocação: ele diz que a Psicologia esquece que vai trabalhar com os povos indígenas, ainda que essa categoria profissional esteja contemplada no Subsistema de Atenção à Saúde Indígena. Além disso, lembra os indígenas que vivem em espaços urbanos vão se deparar, uma hora ou outra, com psicólogos em várias áreas.

Ambos os estudantes não anseiam tanto a pertença em relação ao curso de Psicologia, mas as vivências e experiências que eles têm com a agência dos grupos aos quais eles se identificam, o povo negro e o povo indígena, ainda vistos como perspectivas contra-hegemônicas ou “alternativas” à Psicologia. A sensação que tem Adún é de que o estudo de intelectuais negros para a Psicologia era sempre visto de maneira marginal, precária, não os

colocando num lugar de construção do campo *psi* brasileiro. Xapiri endossa a perspectiva de Adún citando a invisibilização de intelectuais indígenas nesse campo, ainda que sejam sempre resgatados por ele nas aulas e eventos do curso de Psicologia.

Na finalização da entrevista, Xapiri menciona as questões colocadas por mim nesta pesquisa como importantes “embora nossa cabeça fique fritando, é importante. A gente precisa externalizar”. Quis saber mais sobre a que se remeteria esse significante “fritando”, quando faz comentários sobre a oficina. Na finalização da entrevista, ele faz uma análise acerca do óleo sobre tela de Pavel Égüez. Do *El Testigo*<sup>47</sup>, ou “a testemunha”. O que mais havia lhe chamado atenção era o gato que observa a cena. Para ele, o gato é calculista, e a pessoa que estava segurando a máscara deveria incorporar o espírito calculista do gato para saber o momento devido de vestir a máscara e ir de encontro à estrutura branco-hegemônica.

Adún e Xapiri apostam no deslocamento da ideia de sujeito único, universal, para que uma mudança ocorra de fato. Adún aponta para os primeiros sinais<sup>48</sup> desse giro no curso de Psicologia, com os questionamentos dos estudantes em relação ao currículo, a criação de um Coletivo Antirracista e de eventos que focalizam as relações de classe e de raça. Além disso, refere-se à criação de optativas na graduação e na pós-graduação, que abordam temas como refugiados, imigração, indígenas e quilombolas que, “por mais que pareça muito pouco é um passo fundamental pra mudança acontecer de forma efetiva e macro dentro do Instituto de Psicologia (IPS)” (Adún)

Os saberes aterrados de Adún e Xapiri propõem uma descolonização que é acima de tudo, uma descolonização do próprio olhar, escoando em direção ao mundo. Dessa maneira, os temas que permearam as conversas não disseram respeito apenas a mudanças curriculares, mas a corpo e território. Segundo Xapiri, “o primeiro território a ser descolonizado é o nosso corpo”, apenas a partir daí é possível seguir. Quando Adún questiona os afetos que envolvem a pesquisa de intelectuais negros, ela fala de uma necessária negação da hegemonia que parte do corpo para a teoria.

---

<sup>47</sup> El Testigo. Pavel Égüez (2021): Disponível em: <https://twitter.com/paveleguez/status/1416514904501194769>. Acesso em: 11 nov. 2021. Ver a tela na página 74.

<sup>48</sup> Cito aqui as iniciativas das profas. Denise Coutinho na seleção para estudantes negros e indígenas no grupo de pesquisa que coordena – CONES -, além de ter possibilitado e fomentado a discussão sobre Virgínia Bicudo no componente Teoria e Sistemas Psicológicos I – Psicanálise; Mônica Lima com o componente Psicologia e Relações Raciais, desenvolvido em 2018.2, e o Grupo de Extensão em Formação e Atuação Antirracista que desenvolveu projetos entre 2019 e 2021; e, Eliane Costa, que, tendo ingressado no concurso para professora da área de Relações Raciais, ministrou o componente Psicologia, Racismo e Saúde, comprometido com a pluralidade de vozes autorais na discussão sobre relações raciais. A profa. Patrícia Zucolotto também tem proposto a aproximação à temática racial, focalizando a população quilombola e indígena no âmbito da pós-graduação e da extensão na Psicologia.



“É preciso desidentificar o que me é passado para eu me identificar com o curso, de fato.” (Xapiri)

“Em relação à formação, meu encontro com a produção de Bicudo, eu acho que resgate é a palavra que resumiria.” (Adún)

Adún e Xapiri têm em comum a pouquíssima ou nenhuma afinidade com o curso de Psicologia, motivadas pela discrepância entre experiência de mulher negra e de homem pardo/mestiço e os temas, vivências e conteúdo do curso. Esses estudantes foram buscar fora da formação em Psicologia, e até do próprio espaço universitário, conhecer as relações raciais brasileiras, demonstrando bastante propriedade ao abordar essa temática procurando dar lugar, no discurso, a várias vozes de intelectuais negros e indígenas que apresentam visões pertinentes à construção de uma Psicologia implicada, que rejeita a invisibilidade de modos diversos de existência subjetiva.

#### 4.3 SIGNIFICADO-SABER: ALICE, SOFIA E ELVIA

O codinome Alice foi emprestado do livro *Pela mão de Alice – o social e o político na pós-modernidade*, de Boaventura de Sousa Santos (1994), pelo fato de que a narrativa da entrevistada, remete à discussão trazida pelo autor, em relação à pós-modernidade como nascedouro do paradigma de um conhecimento não-universal. A universalidade, a branquitude e a hegemonia do saber-poder foram temas bastante abordados pela entrevistada, que veio de outro estado, já tem uma graduação, realizada em uma universidade privada de alto prestígio, vive com seu companheiro, tem vinte e oito anos e se autodeclara branca e pertencente à classe média alta.

As perguntas de um livro que eu conheci, ainda na adolescência, me remeteram às respostas de Sofia à entrevista. Em *O mundo de Sofia*, de Joster Gaarden (2012), Sofia Amundsen, uma garota norueguesa começa a receber mensagens com perguntas instigantes, como “*Quem és tu?*” e “*De onde vem o mundo?*”, às quais ela se esforçou por responder. Daí veio o nome dessa entrevistada curiosa, interessada no mundo da investigação científica, com a qual me encontrei. Sofia é uma estudante de classe média, tem vinte e dois anos, branca e que, além cursar Psicologia, trabalha para uma empresa estrangeira, no formato *home office* e vive com sua companheira. Se encontra durante o sétimo e o oitavo semestre do curso.

Elvia é uma estudante branca, de classe alta, que mora com os pais e a irmã, e que está “entre” o terceiro e o quarto semestre no curso de Psicologia. Recebe o nome de Elvia devido à história de Elvia Carrilo Puerto, líder feminista de Yucatán, no México, que ajudou, no meio político, as mulheres a se organizarem em torno dos temas do sufrágio, higiene, alfabetização e controle de natalidade. Assim como a mexicana, a Elvia com quem conversei, se interessa pela questão de gênero e dos direitos reprodutivos. A interseccionalidade dos discursos na entrevista de Bicudo e a interposição dos papéis de raça e de gênero que atuaram na invisibilização desta intelectual, também não escaparam às lentes da estudante.

As estudantes propõem uma crítica ao saber enquanto corpo de conhecimentos estabelecidos a partir de critérios de validação ligados à colonialidade do ser-saber-poder, nos termos de Maldonado Torres (2020), e apontam que o senso comum e os pressupostos científicos precisam ser colocados em perspectiva em relação à reprodução de opressões estruturais – as linhas abissais – na produção de conhecimento (SANTOS, 2020). Para sanear essas questões, Santos (2020) propõe que o cientista social recorra às técnicas e instrumentos arrebanhados pelo cientista social – aqui representado pelo psicólogo que reflete sobre sua própria formação - da mesma maneira que um artesão recorre às suas competências, criativa e não mecanicamente, a fim de não apenas conhecer os “modos de fazer”, mas atento ao que já foi feito, para produzir peças novas, singulares e, ao mesmo tempo, implicadas com o ser-estar no mundo do autor.

#### **4.3.1 Escolha e Permanência**

Alice percebeu, na primeira graduação, o seu interesse pelo tema “*subjetividade*” e o desejo para trabalhar com atendimentos psicológicos. O seu percurso na UFBA tem sido de muitas fases, um início onde prevalecia uma certa aversão à Psicanálise, por entendê-la como elitista, branca, heterocentrada, e um interesse maior pela Psicologia Social. Mas, no decorrer do curso, Alice, que já queria trabalhar com “atendimentos”, encontrou-se com seu desejo na clínica psicanalítica.

Ainda seguindo a linha das identificações, Alice percebe o período na UFBA como um “divisor de águas”. Vinda de escola, e, depois, de uma universidade particular de alto prestígio, entrou em contato com uma maior diversidade de raça, sexualidade e classe no espaço público. Mas que, através do contato com suas amigas, percebe o quanto a Psicologia é branca, o que não acarreta problemas para sua identificação pois, o “espelho de Alice” já está no curso, nas

teorias, na prática, em matérias obrigatórias e optativas, pautadas na universalidade preconizada pela branquitude:

*“Eu vejo muito, através do contato com minhas amigas, por exemplo, o quanto que de fato... a Psicologia ela é realmente muito branca, e de fato, acho que eu não tenho problema na minha identificação, nesse nível.” (Alice)*

Sofia é estudante trabalhadora e traz no seu relato o fato de que não tem conseguido se dedicar como gostaria aos componentes, por falta de tempo, considerando o semestre de 2021.2 como adoecedor, inclusive por questões psicológicas dela própria. Sofia é uma pessoa para a qual a trajetória profissional é itinerante, para quem perguntas do tipo *“como você se vê daqui a dez anos?”* nunca foram respondidas por ela, nem quando criança. Sofia nunca fechou sua cabeça em uma trajetória profissional, quando criança pensou em ser arquiteta, profissão da mãe, depois veterinária, por que ela gosta de animais, inclusive é *“mãe de pet”*, mas que escolheu Psicologia por uma característica da sua personalidade, que é a curiosidade.

Embora não se sinta pertencendo a uma carreira, ela aposta na sua curiosidade como potencialidade em uma formação em Psicologia, sempre teve vários interesses alheios a esse campo, tendo aprendido, inclusive, a fazer programação durante a pandemia, por influência do seu irmão, que é programador. Sofia se interessa por matemática, lógica, mecânica e, talvez, isso tenha a ver sim, com a Psicologia, mas contempla a área da pesquisa como possibilidade. Embora continue curiosa em relação à sua formação, continua sem se ver na carreira, sem projetar um caminho para o seu *“fazer psicológico”*. Sofia não sabe se tem uma paixão em relação à Psicologia e, na verdade, ela nem sabe se deveria existir essa paixão: *“não sei se eu me apaixonei, não sei se eu devo me apaixonar por qualquer coisa, na verdade.”*

Pegando carona na curiosidade, pergunto a Sofia se ela está na iniciação científica. Ela participa de um grupo de pesquisa, mas que, a partir da pandemia, a sua relação com a pesquisa desenvolvida deixou de ser uma prioridade. Sofia considera o processo de investigação divertido e interessante, exceto a parte *“burocrática”* de analisar os dados, de fazer o trabalho *“braçal”* – operacional. A inquietação, origem de qualquer processo de pesquisa é com o que ela se identifica, com a tentativa de responder perguntas como: *“O que são as pessoas?”*, *“Quem somos nós, e por quê?”* ou *“Por que fazemos as coisas que fazemos?”*.

Elvia é também curiosa, mas já definiu suas paixões na Psicologia. De classe alta, dessemestralizada no curso de Psicologia, aproximadamente no terceiro ou quarto semestre, branca e, como faz questão de marcar, bissexual. Elvia, desde o início, teve a escolha pela

Psicologia como uma certeza. Chegou a cursar em outra universidade pública, mas, ao passar na UFBA, não titubeou e mudou de instituição, realizando o sonho de entrar nesta universidade, desde que, aos catorze anos, decidiu cursar Psicologia. Mas o imaginário sobre a UFBA criou um desejo anterior à descoberta de uma carreira possível. As pessoas à sua volta sempre insistiram que ela deveria ingressar nesta instituição.

O principal interesse de Elvia é a Análise do Comportamento e o campo oposto, mas admite ter “um pouco de preconceito” pela Psicanálise. Ela enumera outros preconceitos que formou, durante o curso, como as suas visões sobre os colegas, percepções sobre desleixo, displicência e outros julgamentos sobre “pessoas que não estudam”. Elvia acha que tem uma visão estereotipada sobre a pessoa que “estuda bastante” e que é “muito focada”.

#### 4.3.2 Percepções sobre a oficina

Perceber Bicudo, uma mulher preta, como uma das pioneiras da Psicanálise brasileira, a primeira a deitar num divã na América Latina e não ter tido conhecimento dessa história através dos professores, tocou Alice. A história não contada de Bicudo na Psicanálise e na Sociologia afetou justamente por mostrar a persistência da invisibilidade das mulheres negras. Por várias vezes Alice pergunta a si mesma “como nunca havia ouvido falar dela?” Enfatiza que a biografia de Virgínia a capturou, pois foi impactante o contraste entre sua trajetória e o fato dela ter sido uma grande intelectual brasileira e o seu apagamento no campo *psi*.

A parte mais significativa da oficina para Elvia, foram as imagens e a categorização feita sobre os conceitos trazidos por Bicudo, que ainda são representações contemporâneas das repercussões do racismo na subjetividade de pessoas de todas as raças. Também foi difícil escutar os relatos sobre autoódio de maneira tão escancarada. Sentiu culpa, vergonha e muito tocada no lugar da sua própria branquitude provocando questionamento sobre sua implicação nessas repercussões.

Virgínia Bicudo era um nome entre outros, para Sofia. Um nome que, como muitos outros, ela conhece, mas não tinha nenhum contato com o trabalho de Bicudo antes da oficina, ignorando, inclusive que ela era psicanalista. Sofia pensa que para dizer sobre como a trajetória de Bicudo lhe “fala”, teria de ter mais leitura do que tem, para fazer os *links* necessários. Não soube responder. Diferente de Alice, Sofia não recuperou nenhuma parte significativa da trajetória de Bicudo, falando que não saberia falar sobre percepções acerca da trajetória de Bicudo, por que não lê muito: “eu não tenho como dar uma resposta específica sobre a Virgínia

Bicudo, que não seria uma resposta que eu daria a muitos outros autores que eu também ouvi uma vez, sabe?”.

Entretanto, o que foi mais significativo na oficina, que considerou positiva, é que ela não estava conseguindo se identificar com as aulas do componente, por problemas até dela própria, relacionados à sua “saúde mental”, mas, a aula onde ocorreu a intervenção foi a única que foi possível, para ela, participar, tendo feito comentários e pontuações. Para esta estudante, que relata um adoecimento relacionado à pandemia, às diversas demandas entre vida pessoal, universidade e trabalho, a oficina foi um momento que contribuiu para a sua formação e considerado prazeroso. O significativo que ela utilizou para a oficina foi que aquele momento havia sido “diferente”.

Depois, como insisti nos questionamentos sobre a oficina, Sofia pontua que um relato havia chamado sua atenção: um homem mulato que fala sobre a escolha do par afetivo, onde a mulher branca não precisaria fazer muitas barganhas para entrar numa relação, afinal, ela não precisava buscar algo que ela já era. Para Sofia o relato foi muito forte e que fez sentido.

O silenciamento de Bicudo foi o que mais tocou Elvia que refletiu sobre epistemicídio e interseccionalidade, avaliando também no papel de Bicudo de mulher negra, num ambiente de produção de conhecimento masculino e branco, como ficou retratado na sua foto de formatura na turma de bacharéis em Sociologia, de 1938. Falou muito sobre silenciamento. O destaque de Bicudo pelos campos onde transitava, foi subsumido em meio ao silenciamento, “por ela ser diferente naquele ambiente, talvez naquela época tida como não pertencente àquele local”.

Para Elvia, também ficaram em destaque o percurso de Bicudo na Psicanálise e sua atividade de difusão do conhecimento através dos programas de rádio. O silenciamento então, toma corpo e, assim como Alice, ela fala que o mais tocante na trajetória de Bicudo foi o fato de não a conhecer, como efeito dos mecanismos de poder que atuam no ocultamento e repressão às mulheres negras.

Única entrevistada a ler o texto “Atitudes Raciais de Pretos e Mulatos em São Paulo”, Elvia discorreu sobre o tema, especificamente. Problematizou o contexto histórico onde a pesquisa foi feita e expressou uma preocupação: *“como aquelas pessoas foram tratadas pra que apresentassem rejeição ao próprio grupo?”* O afastamento de alguns entrevistados em relação a outras pessoas negras, foi citado como algo paradoxal, *“por que a pessoa não se vê como negra em si e isso me deixou um pouco triste.”*

Na oficina, Elvia, recortou o Caso nº 6 e solicitou que eu comentasse mais sobre ele. O mais significativo para ela na oficina, foi o momento em que havia tirou suas dúvidas. Frente à

possibilidade de explorar esse ponto na entrevista, eu reli o caso, e quis saber o que tinha lhe chamado a atenção:

A entrevistada é preta e conta 43 anos de idade. É empregada doméstica, casada com um preto, o qual trabalha num bar (limpeza). Vivem com Cr\$ 450,00. Habitam um cortiço. Tem quatro filhos vivos e cinco mortos, sendo três na primeira infância. É analfabeta. Afirmou-nos não pensar na cor, dar-se bem com pretos e brancos. Tudo estava bem até a morte (afogado) do filho de 16 anos que já ganhava para auxiliar a família; daquele desastre para cá é que se sente aborrecida e nervosa, chegando a não tolerar as crianças do vizinho (brancas). (BICUDO, 1945/2010, p.70)

O contexto da história provocou reflexão. Lembra que viu um gráfico que mostrava que a mortalidade infantil, naquela época, era muito alta. Para contrapor essa realidade: seus avós tiveram muitos filhos que, entretanto, sobreviveram, então havia realmente uma questão de raça e de classe. Ela também menciona alguns pontos abordados na oficina por mim, como a violência obstétrica em mulheres negras, e sua curiosidade sobre aspectos da morte do filho da entrevistada.

O caso 6 é o menor caso do livro e não tem nenhuma citação da fala da entrevistada. Para uma pessoa que participou da oficina refletindo sobre silenciamento é muito significativo essa lembrança. Como já havia participado de uma aula sobre Bicudo no seu semestre de ingresso, em 2019.2, no componente TSP III, Elvia destacou, como aspecto marcante da biografia de Bicudo, o momento em que ela envelheceu “e aí, ela acabou se empoderando mais. E eu achei isso interessante.”

#### **4.3.3 Vozes Plurais: centelha para uma mudança da formação**

Alice, embora não tenha lido a produção de Bicudo, acredita que a sua dissertação pode ser incorporada à leitura das relações raciais brasileiras, devido à sua atualidade, pois as atitudes presentes no texto podem ser encontradas na clínica, através de crenças construídas sobre percepções negativas de si e do outro. Então, reconhecendo o lugar de Bicudo como uma teórica das relações raciais no Brasil, ela acredita que sua produção pode auxiliar os psicólogos clínicos, área para a qual ela se encaminha, a se apropriar de uma prática que não se suponha neutra. As relações raciais são percebidas pela estudante como processos de subjetivação de pessoas negras, brancas e indígenas.

Para se juntar a Bicudo sugere Neuza Santos Souza, Frantz Fanon, Lia Vainer Schucman, Deivison Faustino, Lélia Gonzales, Maria Lúcia da Silva, Isildinha Baptista

Nogueira, bell hooks, Patricia Hill Collins e Robin di Ângelo, considerando ser muito difícil, na formação de psicólogo, você não ser induzido a trabalhar obedecendo a uma categoria universal de sujeito. Se os professores não sugerem as leituras desses intelectuais, não fomentam as discussões sobre relações raciais e de classe, o caminho inevitável é reduzir a subjetividade a uma perspectiva padronizada.

Alice segue criticando a perpetuação da estrutura racista e defende que é necessário discutir sobre as várias possibilidades de estar no mundo e de construir percepções sobre ele, o que está presente nas produções racializadas de autoras negras e negros e de autoras e autores brancos que produzem conhecimento declarando o lugar da sua produção. É no encontro com esses autores que ela percebe o quanto coloca várias questões numa espécie de “ponto cego”, não percebendo que fazem parte da sua própria branquitude e do fato de ser uma mulher que pertence à classe média alta: “é um exercício constante de estar em leitura e estar em diálogo, pra nunca perder de vista esse ponto de si mesmo.”

Mas Alice também se preocupa com uma questão que me afetou bastante. Durante sua explanação, ela se pergunta se seria apenas eu quem teria de tratar desse assunto, algo que já havia sido tratado no significado-resistência de Adún e Xapiri, daqueles que sempre mencionam e tentam resgatar autores negros e indígenas da invisibilidade: **“o momento de falar de Virgínia é o momento que Vita vai dar aula [...] Por que que até agora ninguém colocou na grade<sup>49</sup>?”**. Ela se refere à necessidade da utilização dessa produção no currículo, de maneira que ela faça parte da formação do psicólogo.

A Psicologia também precisa de espelho. Numa espécie de resumo vacilante sobre que contribuições da produção de Bicudo sobre as relações raciais poderiam ser incorporadas à Psicologia, Sofia aponta a necessidade do campo *psi* se enxergar como uma área predominantemente branca. Também identifica a lacuna da produção do campo *psi* acerca da temática racial e que já “passou da hora” de questionar por que determinados temas são considerados relevantes para a formação do psicólogo: *“Por que eu tenho que falar dos grandes nomes da psicologia?”*

Sofia segue questionando a hegemonia dos grandes nomes da Psicologia. É um “esquema de pirâmide”, nomeia assim os processos de validação das contribuições de intelectuais na Psicologia. Questiona ainda como a Academia, de modo geral, valida apenas quem faz parte dela, imaginária e simbolicamente e que as pessoas consentem, tacitamente, em participar dessa ordem.

---

<sup>49</sup> Retificando essa informação, a Profa. Dra. Eliane Costa ministrou o componente Psicologia, Racismo e Saúde em 2021.1, e utilizou Bicudo (1945/2010) como uma das referências do curso.

Aníbal Quijano foi o único autor citado por Sofia, porque acredita que falar de colonialidade é importante, mas que, embora seja um nome que ela teve contato na Psicologia, considera a aprendizagem superficial. Sobre os significados que remetem à ampliação dos conteúdos reverberados na formação de psicólogo, Alice enfrenta seu próprio não-saber e a necessidade de aprofundar seus conhecimentos sobre raça.

Interessada na análise do comportamento, Elvia faz iniciação científica nesse campo e reconhece a possibilidade de uma utilização de Bicudo na abordagem que adota, pois, o escopo dessa produção é abrangente. Para ela, o fato dos conceitos de Bicudo serem interdisciplinares, cunhados entre a Sociologia, a Psicologia Social e a Psicanálise, faz com que eles possam ser lidos por outras perspectivas, como a análise do comportamento.

*“Eu lembro que algo que ficou reverberando muito em mim: Como é que eu não sei o nome dela, como é que eu nunca ouvi falar dela, como é que isso ainda perdura?”* (Alice)

*“É um fato dado que a Psicologia precisa se enxergar em um espaço de uma área branca, em uma área branca.”* (Sofia)

[A trajetória de Bicudo] *falou muito sobre silenciamento. [...] Como ao mesmo tempo ela se destaca, mas é silenciada, por ser diferente naquele ambiente, talvez naquela época tida como não pertencente àquele local.* (Elvia)

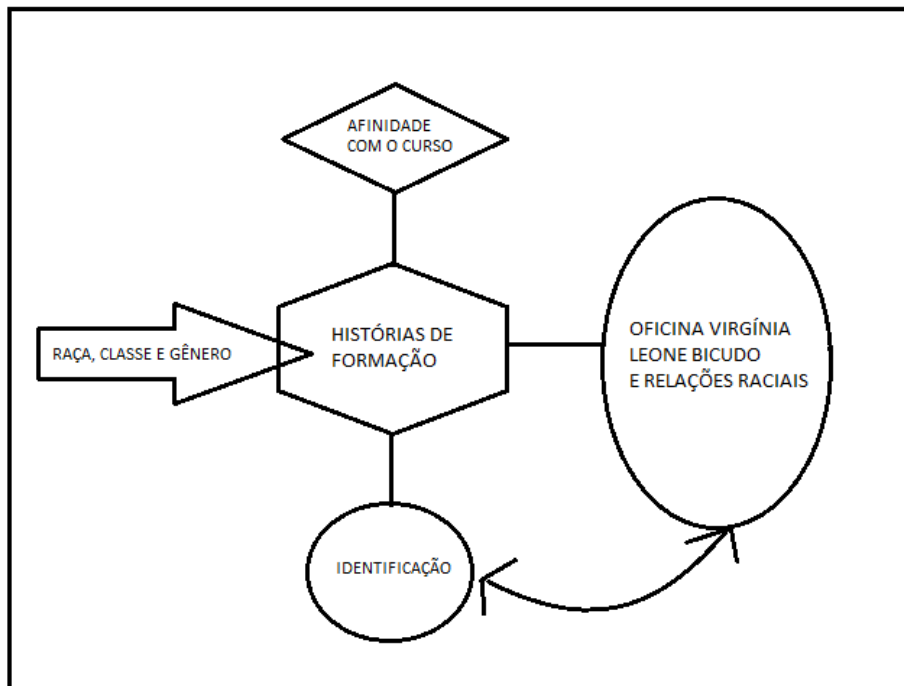
As três estudantes demonstram habilidades críticas para a reflexão e para questionar a própria formação sobre que subsídios esta fornece para pensar tanto os achados da pesquisa de Bicudo, quanto os processos de invisibilização que ela sofreu no campo epistêmico. Por unanimidade, reconhecem a importância das questões raciais para a Psicologia e fazem, com maior ou menor ênfase, a partir do seu nível de maturidade teórica, questionamentos sobre sua própria implicação na invisibilidade de intelectuais e subjetividades negras. As críticas corpo-implicadas de Alice sugerem que, quanto mais o estudante branco se insere no estudo e discussão da temática racial, mais fácil será perceber os seus privilégios em relação a outros grupos, ao longo da formação. A maioria das críticas, no entanto, não se referem ao senso de identidade étnico-racial das estudantes, mas à discussão sobre descolonização do currículo para a formação de profissionais que estejam aptos a atuar lidando com diversos modos de subjetivação.



#### 4.4 AVALIAÇÕES DOS CURSOS DE AÇÃO DOS ESTUDANTES SOBRE AS RELAÇÕES RACIAIS E SUA FORMAÇÃO

Como Bicudo é vista pelos participantes? Desde “*alguém que precisa ser reconhecida*” a “*uma nova referência*”. A produção e a trajetória de Bicudo foram citadas nas entrevistas com os estudantes negro e indígena, através do reconhecimento do lugar dessa intelectual no resgate da identidade negra no meio acadêmico. Para as estudantes brancas, a presença de Bicudo como símbolo no curso, foi vista como um panorama representativo da ausência do discurso e da produção do conhecimento por parte de pessoas negras no curso de Psicologia da UFBA. O panorama apresentado aos estudantes sobre a produção de Bicudo no campo das relações raciais está representado no Diagrama 1:

**Diagrama 1** – Interposição simbólica da produção de Virgínia Leone Bicudo no campo das relações raciais junto aos estudantes do curso de Psicologia da UFBA



**Fonte:** Elaborado pela autora.

Conforme o Diagrama 1 apresenta, a ordem social interpela as histórias de formação dos atores o tempo inteiro, por isso é seta, fere as trajetórias com os processos violentos de conformação de classe, raça e gênero. Ao propor as oficinas, eu já tinha alguns dados teóricos, que eram a atestada invisibilização de Bicudo (2013) e a fala das mulheres negras como

proposição de agência, conforme hooks (2019). Ao fazer a intervenção, Virgínia Bicudo se tornou signo para os estudantes, se tornando passível de significação, conforme a definição de Langer (1971).

O arcabouço de conceituações dos estudantes em relação às contribuições de Bicudo e o processo de invisibilização pelo qual ela passou, denotam sentimentos de preocupação, como trouxe Adún. A trajetória de Virgínia lhe remete aos processos de romantização do sofrimento da mulher negra: “eu acho que Virgínia é... eu vejo uma... numa corda bamba”. Apareceu também o sentimento de vergonha, como no caso de Alice: “*eu acho que quando a gente fala sobre isso diretamente [...] acho que toca nesse lugar da branquitude, entra nesse lugar também de tipo... de uma culpa, vergonha né?*”, ou de uma sensação de ignorância sobre a temática, como em Sofia: “*nossa, tá discutindo com uma ignorante.*”

Frustração está entre os sentimentos que surgiram: “*muitas vezes eu senti de levar algumas dessas discussões e ser podada [...] minha frustração foi essa*” e também o estranhamento, como Jackson, ao criticar a maneira como a Psicologia Social é tratada no curso, utilizando estereótipos para falar de pessoas periféricas “*[...] um bagulho muito errado assim, tá tudo bem que a Psicologia Social não vai tratar indivíduo por indivíduo, [...] mas ainda assim eu falava, tá... Tem coisa aqui que tá meio estranha, sabe?*”.

Por detrás dessas conceituações está a necessidade que sentem de conhecer a temática das relações raciais para desenvolver seu trabalho. É preciso saber algo sobre esse tema para ser psicólogo e, depois, aparecia o reconhecimento de que não sabiam muito. Estar em condição de fazer a afirmação de si como psicóloga(o), no caso das estudantes brancas, acontece através de uma maturidade teórica – agregar mais conteúdos -, pois é preciso saber sobre a temática ao lidar com pessoas negras no trabalho. Para estudantes negros e pardo/mestiço, encontrar-se com a temática racial é tanto necessária à conjugação de habilidades para a atuação, quanto para firmar seu próprio senso de identidade. A discussão de Strauss (1999) a respeito da identidade, processos de identificação e passagens de status, pode ajudar a compreender essas duas perspectivas.

#### **4.4.1 Socialização Estudantil**

*Queria ter uma licença poética  
Não para desobedecer as regras  
Ortográficas  
Mas para alterar a regra social  
Onde eu pudesse exercer*

*A minha identidade de um outro jeito,  
 No lugar da fotografia  
 Ter um autorretrato poético  
 Ou talvez uma coisa simples  
 Escrita assim*

*Este  
 Aqui  
 Sou  
 Eu<sup>50</sup>*

Strauss (1999) discorre sobre o desenvolvimento humano como um processo de transformação contínua. Para o autor, não basta descrever que alguém está mais ou menos desenvolvido, mas sim, conceber o caráter aberto e mutável dos cursos humanos de ação (STRAUSS, 1999). Por exemplo, uma criança que começa a desenvolver termos para classificar o mundo, tem concepções iniciais difusas, incompletas sobre o todo, que vão sendo substituídas a cada acréscimo de novos conceitos, mais complexos e, a partir de alterações nesses conceitos, ocorrem as transformações das ações e da pessoa (ibidem). Quando Sofia relatou que um dia ela poderia conhecer mais autores, ler mais e discutir sobre o tema por que “*as pessoas crescem*”, é ao processo transformacional dos cursos de ação que a atriz se refere.

O campo universitário, segundo Adriana Soares et al. (2016), é um terreno que proporciona muitas mudanças, nesse sentido, pois os estudantes têm de lidar com a reprodução de demandas sociais de construção de vínculos e desenvolvimento de habilidades interpessoais. A estes aspectos se somam outros, de caráter estrutural como o racismo e o sexismo epistêmico, as desigualdades de classe, entre outras questões dilemáticas sobre as quais os estudantes devem lidar para afirmar seu agir no mundo. Esta barganha se torna menos difícil a partir do ingresso e da validação dos seus motivos nos grupos estudantis pois, ao se envolverem nos agrupamentos, os estudantes buscam se sentir apoiados e ter mais liberdade de expor suas identificações ou desidentificações (SOARES et al., 2016).

Os estudantes demonstram pouca afiliação ao corpo estudantil, não tendo se referido a relações interpessoais com os colegas, exceto Alice, que se remeteu às suas amigas não-brancas para falar sobre identificação e Xapiri e Jackson que, em seus discursos, mostraram pontos de afastamento em relação aos colegas. Outro fator importante para o processo formativo é a

---

<sup>50</sup> Poema “Este Sou Eu”, do Livro “Prêmio Inclusão Social: arte, cultura e trabalho”, do Conselho Federal de Psicologia, composto por produções de usuários e familiares envolvidos em “projetos econômico-sociais, Organizações Não Governamentais (ONGs) e em equipes interdisciplinares da Rede de Atenção Psicossocial de Saúde Mental, Álcool e Outras Drogas”.

relação entre alunos e professores. Estando o professor numa posição de poder, de formador de opinião e de modelo de identidade para os estudantes, pode auxiliar esses atores a avaliar e, eventualmente, mudar seus cursos de ação.

Não podemos ignorar que essa pesquisa foi efetuada durante o período da pandemia causada pelo novo corona vírus, o que afetou sobremaneira a socialização dos estudantes, conforme Suzy Menezes e Deise Francisco (2020). A pandemia de Covid-19 ou *Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus 2* (SARS-COV-2) e o isolamento social necessário ao seu enfrentamento, fragmentou ainda mais as relações entre os estudantes, que já apontavam para o fortalecimento da individualidade em detrimento da afiliação grupal, devido às exigências acadêmicas e das desigualdades de acesso e permanência entre estudantes.

As aulas desenvolvidas remotamente, desde setembro de 2020, aprofundaram o fosso das desigualdades, pois não há acesso equânime para a presença nos encontros, além de outros aspectos, como a sobrecarga que muitos estudantes têm assumido, pela sobreposição de tarefas, como Sofia relata. Para essa estudante, a pandemia havia tirado muitas coisas, mas tinha possibilitado que ela se mudasse para a cidade onde passou sua infância, e o ingresso numa empresa estrangeira. No entanto, ela se ressentia da falta de tempo para se dedicar ao cultivo da curiosidade – aspecto fundamental para a sua escolha pela Psicologia. Assim, sem possibilidade de se dedicar à pesquisa ou à leitura de textos, aspectos necessários para a afinidade da estudante com o curso foram prejudicados, o que, somado com situações de sofrimento psíquico relatados por ela, fazem com que não consiga participar das aulas, embora o tenha feito na oficina, por que era algo “diferente”.

Todos os aspectos relatados levam à compreensão de que não basta o desejo de estudar, mas uma conjunção entre os aspectos trazidos por Adir Ferreira (2014), o engajamento cognitivo, para desenvolver estratégias de aprendizagem, e o engajamento social, necessários aos processos de socialização. A maneira como estudantes avaliam suas experiências formativas e, sua futura atuação como psicólogo, requer a interação pessoa a pessoa, com os amigos, colegas e professores.

Como foi apresentado, a aprendizagem se situa além da qualificação de competências práticas e teóricas fundamentadas segundo conhecimentos científicos validados, precisando levar em conta também, os contextos sociais contemporâneos, a cultura escolar, as condições subjetivas e pessoais, os recursos acadêmicos e, além disso, os campos cognitivo e profissional (FERREIRA, 2014). O processo formativo deve se dar então, de maneira implicada e mobilizadora para todos os atores envolvidos, os estudantes e também os docentes, baseando esse relacionamento em baganhas simbólicas e culturais (ibidem).

Quando se “cala” um estudante através de sanções institucionais - não validação de um relato feito na sala de aula, por exemplo, se fecham possibilidades de pesquisa, de criação e de transformação do ambiente universitário, pois é, justamente nesse ambiente que o estudante valida, abandona ou complexifica aspectos que partem da sua própria história e memória, para transformá-los em agir no mundo (COLLINS, 2020; MALDONADO-TORRES, 2020; KILOMBA, 2019). Daí porque, o fundamento principal do Feminismo Negro é a busca por voz. Essa voz que parte da experiência emerge como disparadora de questões por vezes silenciadas e que fazem parte dos processos de aprendizagem, leitura do mundo e produção de conhecimento dos atores (HOOKS, 2019; COLLINS, 2020; MALDONADO-TORRES, 2020).

O que eu chamo aqui de didática clandestina da experiência, ampliando a definição de “didática profana”, conforme Ferreira (2014), se junta ao conhecimento teórico e às estratégias objetivas para o sucesso estudantil (FERREIRA, 2014). Mas todos os estudantes esperam algo da formação. A formação se torna objeto e vai interessar a cada um deles, a partir de uma lente específica, como podemos ver através dos significados construídos sobre a oficina de Bicudo: para uns emerge a pertença, para outros a resistência, e para outros ainda, o saber em sua multiplicidade. Essas expectativas dizem respeito a um único destino: o estabelecimento de avaliações direcionadas a um “ser psicólogo” que é avaliado, reavaliado, tem seus valores e motivações questionados, e pode mudar, através de diversas passagens de status.

#### 4.4.2 Avaliações sobre “Ser Psicóloga(o)”

*No espelho não é eu, sou mim  
Não conheço mim, mas sei quem é eu, sei sim<sup>51</sup>*

A canção Eu e Mim, de Rita Lee e Roberto de Carvalho (2012), contrapõe o eu à representação de si através do olhar, este mediado peremptoriamente pelo outro – o mim. Para Mead (2021), o “*mim*”, enquanto assunção das atitudes da comunidade, é o indicador de uma problemática dada pelos outros, que exige uma ação da pessoa. A pessoa então, requisita do “*eu*”, singular – que age -, uma resposta para que seja dado seguimento à situação social (MEAD, 2021).

---

<sup>51</sup> Trecho da música Eu e Mim, de Rita Lee e Roberto de Carvalho (2012), inspiradoramente recitada pela professora Georgina Gonçalves em uma das orientações sobre IS. Disponível em: <https://www.kboing.com.br/rita-lee/eu-e-mim/>. Acesso em: 11 nov. 2021.

Como já apresentado, os processos de socialização no curso de Psicologia são muito importantes para a aprendizagem dos estudantes e, dentre esses processos de socialização, está a didática clandestina da experiência, que envolve a ação dos outros, como a família, amigos, colegas, professores, estudantes, as informações da sua própria história e a necessidade do atendimento das demandas sociais e profissionais contemporâneas. Como no capítulo anterior, questões relativas à dinâmica familiar, interpessoal e da relação professor-aluno foram trazidas pelos próprios estudantes. Vou me deter em comentar as demandas sociais e profissionais e, posteriormente, o papel social das psicólogas e psicólogos.

Desigualdades de classe, baixa escolarização da população, o exercício de um papel subalterno do país perante o Norte global, o papel alienador da mídia, uma democracia extremamente frágil, mortalidade e trabalho infantil, violência contra populações vulnerabilizadas, conforme Maria Branco (1998) e mais as estruturas racistas e sexistas de organização da sociedade são o panorama brasileiro que demanda intervenção e a atuação do profissional psicólogo. Para responder a estas demandas o psicólogo deve se manter atento e atualizado em relação às suas técnicas e referenciais teóricos, para qualificar sua prática segundo critérios éticos e, sobretudo, humanos.

Segundo Adriano Holanda (1997), o papel social do psicólogo é o de promover saúde para o indivíduo e para a comunidade. A sua formação, portanto, deve responder a um compromisso ético em relação às necessidades sociais, formando psicólogos para atuarem de forma política (ibidem). Quem define o que o estudante deve saber para ser validado como psicólogo é a universidade. Esta formação deve ser desenhada de tal forma que o futuro profissional seja colocado num lugar de agência para a mudança e não apenas reproduzidor do conhecimento técnico e científico veiculado (HOLANDA, 1997).

Os interacionistas insistem na máxima de que quem age, age “em direção a”, portanto, poderíamos afirmar que a agência do psicólogo acontece tanto em direção às demandas sociais, quanto em direção às suas próprias, que fazem parte das situações com que ele se envolve. Não há como o estudante refletir de maneira produtora sobre o “ser psicólogo”, ou seja, exercer o papel social de um profissional da Psicologia, sem analisar a sociedade onde ele vai atuar, a sua própria atividade, que tipo de atores estão interagindo com ele na formação e, evidentemente, sobre a maneira de avaliar o fenômeno psicológico e sua imersão no social

Observar as dinâmicas sociais contemporâneas é um dos papéis preconizados ao psicólogo pelo seu Código de Ética, mas este parece ser um dos fatores negligenciados pela formação desses profissionais em favor da apropriação de técnicas psicológicas. Há registro de denúncias e penalizações por infrações éticas publicadas no Jornal do Federal, entre 2015 e

2016, e analisadas por Priscila Zaia, Karina Oliveira, e Tatiana Nakano (2018): a) convivência com violação dos Direitos Humanos; b) convivência com maus tratos a menores institucionalizados; c) ofensa a paciente; d) tentativa de estabelecer terapia de conversão – cura gay; e, e) violação dos direitos humanos em uma comunidade terapêutica (ZAIA; OLIVEIRA; NAKANO, 2018).

Um a cada 961 psicólogos cometeu uma infração ética, desabonando o prestígio social da profissão, através da prática de negligência, discriminação, preconceito, exploração e violência (ZAIA, OLIVEIRA; NAKANO, 2018). As autoras ressaltam ainda que, junto ao processo de qualificação e avaliação constante da qualidade da formação, devem ser definidas ações, por parte do Conselho de Ética do CFP, junto aos profissionais atuantes na área pois, é no campo das ações individuais – do “eu” - que a prática se estabelece (ibidem).

Uma das grandes críticas feitas à formação de psicólogos, segundo Adriano Holanda (1997), é a de que a Psicologia privilegia uma formação individualista e egocêntrica, possibilitando que o profissional se feche aos problemas da categoria e da sociedade. Os estudantes entrevistados por mim demonstram isso, ao expor fatores do seu processo formativo que são perturbadores em relação ao senso de identidade de futuros psicólogos não brancos em relação aos temas e conteúdos, ou mesmo a necessidade do desenvolvimento de competência para atender a parcela da sociedade que pertence a minorias étnico-raciais, de classe e de gênero, por exemplo.

Mas o estudante não é só a sua demanda por “ser psicólogo”. A própria condição de si no lugar de estudante é algo que merece nossa atenção. *Como a formação dessas pessoas tem reverberado nas suas próprias subjetividades?*

Segundo Alexandre Campos e Marucia Bardagi (2020), que analisaram estudos realizados entre 1994 e 2015 sobre a influência do próprio curso de Psicologia na decisão dos estudantes pelo abandono, os motivos para a interrupção das trajetórias se referem à dificuldade financeira e de conciliar a múltipla jornada entre academia, trabalho, e/ou família, dificuldades pessoais e dúvidas em relação à escolha, além de falta de informações sobre o curso e a profissão (CAMPOS; BARDAGI, 2020).

Esses aspectos fazem com que parte dos estudantes se afilie à formação em Psicologia de maneira precária e que, por sua vez, tenham uma percepção de si como estudantes e futuros psicólogos bastante prejudicada. A afinidade com o curso pode ser forte ou fraca, independente da raça ou da classe, mas a maneira como ela é intersectada com o corpo e o senso de identidade dos atores é que muda. Vamos a um caso particular para explicitar o quanto a não vinculação ou afiliação à formação afeta corpos diferentes de maneiras diferentes: a estudante Sofia, que é

branca, não tem afinidade com o curso, e ressalta que não foi possível “se apaixonar” pela Psicologia até então, mas que um dia isso vai acontecer, por que “as pessoas crescem”. A entrevistada não demonstra afinidade com o curso, mas destoa do grupo dos estudantes negros e indígena/pardo não afinados, por que o seu corpo não é relatado como um critério para essa percepção.

Observando o relato das estudantes autodeclaradas brancas, entendo que ser branco não é uma questão que concorre para a frustração com o curso, e a recíproca não é verdadeira para os estudantes negros e pardo/mestiço. É nesse ponto que a dimensão social se impõe. O estudante branco não precisa atuar para ser representado no curso, como relata Alice, ao dizer que a Psicologia é realmente muito branca e que, sendo assim, ela não tem problemas com a identificação.

Exemplo emblemático, Alice caminhou para a implicação do fato de ser branca em relação ao curso, remetendo-se ao contato com suas amigas não-brancas como preponderante para que ela percebesse que não tinha muitas questões em relação à sua própria identificação. O seu percurso formativo, que inclui outra graduação, e a participação em diversos grupos de discussão sobre a temática racial fora dos muros da universidade, além de uma atuação na clínica com crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade, proporcionam um maior letramento em relação à branquitude e à hegemonia do saber norte-centrado.

As experiências extramuros são muito importantes para a formação dos estudantes, por isso, as atividades de extensão ganham relevo. Entretanto, essas atividades não podem surgir de uma perspectiva lacunar, faltosa, que se manifesta na maneira de um forçamento de status para que o estudante “vá se identificar em outro lugar”. Esse é o caso de Jackson. O estudante, antes de desenvolver o trabalho na sua comunidade de origem, reivindica se perceber como futuro psicólogo, pertencente a esse grupo, e capaz de agir em relação à sua formação, seja na Psicologia como ciência, ou como profissão. Essa afirmação de si numa carreira na Psicologia foi explicitada, em alguns momentos, a partir de percepções e preocupações dos estudantes sobre o “ser psicólogo”.

Essa percepção, por parte da pessoa, de que ela consegue desempenhar um papel depende, em grande parte, da sua identidade como estudante. A identidade – ou as identificações – são um processo dinâmico e resultam da assunção de papéis, processo que ocorre durante toda a vida do sujeito. A intersecção de classe e raça afeta as percepções de si mesmo dos estudantes como futuros psicólogos, assim como as concepções que constroem sobre os colegas, algo que Sandra da Silva (2018) traz ao falar de estudantes de Medicina de classes populares e suas percepções sobre a formação em um curso de elite. Elvia, por exemplo,



que se autodeclarou pertencente à classe média alta diz que julga muito os colegas que ela acredita que não se dedicam tanto ao curso, seja por aspectos objetivos como a falta de tempo de Sofia ou a “falta de motivação para o estudo” que Jackson relata.

Pude perceber, pelos resultados que obtive, que há, então, uma busca de apropriação acerca da temática racial pelos estudantes negros e pardo/mestiço através do seu enraizamento e pertencimento a grupos minoritários. Incluo também o senso de identidade étnico-racial, tendo eles remetido a processos da sua própria invisibilização e falta de pertencimento ao curso. Por sua vez, as estudantes brancas denotam uma busca - ou expectativa - maior pelo estabelecimento de uma competência teórica nos temas relativos à questão racial, reconhecendo a importância desses temas para o ser psicólogo, mas uma menor implicação de si ao construir significados sobre a produção ou a trajetória de Virgínia Bicudo.

#### **4.4.3 Conclusão: Autoria de Bicudo como elemento de sensibilização para a crítica ao saber hegemônico e o fortalecimento do senso de agência dos estudantes**

Modificações dos termos de classificação – ou significação – demandam, e também sinalizam novas avaliações do *self*, dos outros e das suas experiências sendo, algumas dessas mudanças de identidade e de perspectiva planejadas ou estimuladas por outros atores (STRAUSS, 1999). Os processos socializadores de desenvolvimento são incrementados quando os indivíduos pertencem a um grupo, pois, novos objetivos e posições surgem, outros são abandonados, caracterizando diversas passagens de status (ibidem).

Essas mudanças nas interações são graduais, e só podem ser percebidas através de algum esbarrão, uma pedra de toque que mostre a extensão da mudança para a pessoa. A partir dali, estabelece-se um marco de progressão ou de retrogressão em relação ao estado anterior. O reconhecimento das mudanças precisa de novas posturas, novos alinhamentos. Por exemplo, quando Jackson diz que queria “*fazer algo pra sociedade que eu vim, a sociedade periférica que eu vim*”, lembrou o já relatado retorno para casa de que tratam Mbembe (2014), hooks (2019) e Fanon (1952/2008) mas, também, a um processo de reavaliação das suas motivações.

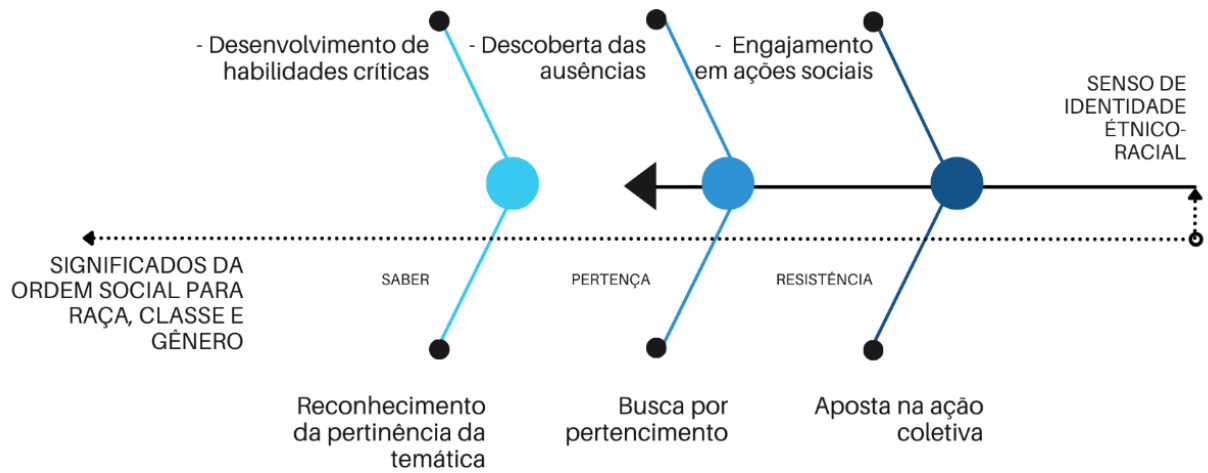
Os processos educativos confrontam os atores com diversos desafios, quando eles são instados a desenvolver ações para resolver tarefas específicas. Segundo Leandro Almeida et al. (2000), essas tarefas são desenvolvidas em quatro domínios: o domínio acadêmico, pois o ensino universitário demanda aprendizagens específicas; o domínio social, relacionado ao desenvolvimento de habilidades interpessoais; o domínio pessoal, pois o percurso universitário ajuda a fundar um forte senso de identidade, direcionado para a construção da estima de si, para

o autoconhecimento e para o desenvolvimento de uma visão crítica sobre o mundo; e, por fim, o domínio vocacional/institucional, relacionado ao fomento de uma identidade vocacional ligada aos aspectos institucionais (ALMEIDA et al., 2000).

Múltiplas variáveis, oriundas desses aspectos, são associadas ao sucesso acadêmico. No caso dos estudantes entrevistados, foram significativas as variáveis de raça e classe na apresentação do senso de identidade, pelos significados da pertença e da resistência e no desenvolvimento de uma visão crítica ao saber hegemônico. Assim, emergiram duas grandes categorias de conceituação das contribuições de Bicudo: BUSCA POR APROPRIAÇÃO TEÓRICA, no caso das estudantes brancas, que veem a inserção de Bicudo como uma possibilidade de reflexão acerca da transformação do currículo, a fim de ter uma leitura mais fidedigna da Psicologia brasileira, e o SENSO DE IDENTIDADE, que diz respeito aos discursos corpo-implicados dos estudantes negros e pardo/mestiço para produzir significações, mas que também reivindicam mudanças na proposta curricular.

A ausência das discussões raciais e de autores pertencentes a grupos minoritários, ou daqueles que se situam fora de campos hegemônicos do saber, afeta a vinculação de estudantes não-brancos, que justificam essa pouca ou nenhuma afinidade com o curso através de critérios étnico-raciais, de classe e interpessoais, sobretudo. Esses estudantes demonstram incômodo com essas ausências e também com a percepção da diferença, de se ver em um lugar social subalternizado em relação aos colegas e professores. Além disso, os fluxos de poder estabelecidos em sala de aula, apenas descendentes, hierarquicamente orientados, colocam os estudantes no lugar de meros aprendizes e não de atores na formação.

O Diagrama 2 é uma ilustração de como a o reconhecimento das contribuições de Bicudo para a Psicologia e Relações Raciais foi importante para o processo de avaliação dos cursos de ação dos estudantes, em relação à sua própria formação e que tipo de agência eles podem desenvolver sobre ela e sobre o mundo, de maneira geral.

**Diagrama 2:** Desenvolvendo o seu lugar de agência

**Fonte:** elaborado pela autora.

O diagrama mostra o processo de busca de um lugar de ator ou atriz para si, seja em relação à formação, à futura conduta profissional, ou mesmo em relação à sociedade. Nessa representação é possível perceber que a experiência dos estudantes é atravessada pelas questões de raça, classe e gênero, mas, a partir do seu próprio senso de identidade, eles vão construindo o seu lugar de ator. Ao entrar como pedra de toque para a avaliação dos cursos de ação, a produção e a trajetória de Bicudo suscitaram reflexões sobre saber, pertença e resistência, mas os estudantes negros se remeteram a critérios ligados a si mesmos para significar essas contribuições.

Os significados da ordem social são negociados durante a formação, e eles proporcionam aos estudantes não-brancos entrevistados, um maior senso de identidade ou pertencimento étnico-racial, o que não acontece de maneira orgânica com as estudantes brancas entrevistadas. Ou seja, é a partir da discussão sobre a temática racial, ou mesmo do reconhecimento da realidade dos estudantes não brancos, que demonstra as dificuldades de acesso e permanência na universidade, que essas estudantes reconhecem como o pertencimento ao grupo branco lega privilégios. Por isso, o senso de identidade étnico-racial é representado tendo como nascedouro os significados da ordem social, retornando como discurso para a universidade principalmente através das vozes estudantes não-brancos. Esse discurso ajudou as estudantes brancas, a partir das suas habilidades críticas, a perceber as repercussões da hegemonia do grupo ao qual pertencem na trajetória acadêmica de pessoas negras e indígenas.

Este diagrama não mostra um processo de passagem de um lugar de agência melhor ou pior, ou mais ou menos avançado, mas sim, que, a partir discussão proporcionada e do status que desempenham, os indivíduos puderam demonstrar um maior senso de identidade, uma maior percepção de si no papel de psicólogo, ou ação de questionar o seu próprio não-saber – avaliação do *self*. As estudantes brancas, então, significaram a necessidade de saber, através do reconhecimento da pertinência de tratar da produção e trajetória de Bicudo para a crítica ao currículo. Aqueles que significaram a pertença – estudantes negros -, o fizeram por buscá-la durante a formação, e os que significaram resistência – estudante negra e pardo/mestiço -, denotam engajamento político e a aposta na ação coletiva para desestabilizar a ordem das coisas.

A orientação das setas apenas sugere que mais significações ligadas a percepções de si como ator, foram dadas por Adún e Xapiri, ao falarem sobre resistência. Também não vejo o lugar deles como ponto de chegada, pois compreendo que as mudanças de status acolhem não apenas avanços, mas também retrocessos, conforme a pessoa se engaja em atividades laborais, através da conjugalidade, da maternagem, desemprego, luto, entre outros aspectos. Nesse ponto, ilustro alguns momentos de agência dos estudantes em relação à temática racial:

As estudantes Sofia e Elvia verbalizaram que poderiam ler e conhecer mais sobre o tema, embora Elvia tivesse se dedicado mais à tarefa da leitura do texto *Atitudes Raciais de Pretos e Mulatos em São Paulo* (BICUDO, 1945/2010), por ter uma percepção de que o engajamento nas tarefas acadêmicas é o que denota ser um bom aluno. O reconhecimento de que não sabe algo e que precisa se engajar em leituras, e uma maior apropriação teórica é uma maneira de reavaliar a ação, portanto, mostra atitude do “eu”, em direção ao “mim”, problemáticas que foram colocadas na oficina e na entrevista. Alice, que tem uma maior maturidade teórica sobre a temática, ao ser incitada a encarnar um lugar de agência para fazer proposições ao curso, citou vários autores não-brancos, do arcabouço decolonial, transnacional e do feminismo negro. Essa estudante tem um percurso fora da sala de aula e fora dos muros da UFBA, o que fez com que ela pudesse reavaliar as suas ações mais facilmente.

No discurso de Xapiri, ele utiliza a desidentificação com os temas e conteúdo do curso, para agir almejando a reconstrução do seu processo formativo. Os estudantes que não se vinculam ao curso devido a critérios étnico-raciais procuram buscar esses temas se voltando para a prática pós-formação, visto que os sentimentos veiculados em relação ao curso são de frustração de expectativas, decepção, cansaço, entre outros. Esses estudantes acabam "saindo para ver o mundo", buscando o território fora da Universidade, seja através da sua formatura o

mais breve possível, como deseja Adún, seja através da atuação na comunidade, perspectiva trazida por Jackson e Xapiri.

Abayomi apresenta ações no sentido de resgatar a existência de autores negros desde o ensino médio, e percebe essa atuação de resgatar o lugar de agente de pessoas negras, uma visada que se desloca do reconhecimento histórico das pessoas negras através de processos de colonização e escravização, que é um ponto muito importante para estabelecer novos centros de identificação para os jovens. Jackson procura inserção no trabalho em comunidade, tanto para se proteger, como para “devolver” algo à sua comunidade periférica de origem, reconhece que, sendo o único da rua e do bairro que ingressou numa universidade pública, pode utilizar o espaço privilegiado de formação para “fazer algo por”. O estudante também cogita uma crítica aos conteúdos, o que é importante, pois é no campo da polifonia (Santos, B., 2020), da multiplicidade de saberes, que o conhecimento se qualifica.

A falta de pertencimento encontrada no curso tem sido tomada pelos estudantes negros como uma espécie de trampolim para alcançar a agência. O senso de não pertencimento requer que estudantes negros e indígenas respondam às situações de maneira mais complexa, o que inclui a necessidade de envolver-se mais com o estudo dos temas-problema da sociedade, tanto mais se perceba não identificado, para assim, conseguir se organizar em ação política, fortalecendo sua identidade de ator.

A não necessidade de buscar identificação acaba proporcionando que as estudantes brancas tenham que se preocupar com questões mais gerais e compartilhadas por todo o grupo de estudantes, como o próprio desejo de ser psicólogo, as descobertas propiciadas pelo curso, e seu próprio ambiente afetivo, e os estudantes negros e pardo/mestiço tenham que lidar com problemáticas intersectadas com a raça que atravessam a formação. Penso ser necessário, então, que os espaços formativos se engajem na tarefa decolonial de se avaliar segundo uma crítica que se estende para dentro, conforme a proposta de Santos (2020), que leva em conta as duas faces do seu próprio espelho, um espelho inquietante que mostra seu futuro incerto frente ao capitalismo global e os desmontes da universidade, e a sua implicação com o colonialismo e o patriarcado, signos do passado do ensino superior, que continuam presentes como um elefante numa cristaleira.

A chegada de outras vozes na Universidade, coloca seus atores em uma posição de consciência da sua incompletude, e se destina à valorização de conhecimentos nascidos em lutas contra a dominação, ou que são suscetíveis de serem aproveitados de forma produtiva (Santos, 2020). Se trata então, de incorporar noções de tempo e espaço, de história e de memória dos

atores, tornando os saberes mais porosos e conscientes das diferenças interculturais, aterrados em várias formas de existência na contemporaneidade (ibidem).

A construção do currículo baseado nas Epistemologias do Sul é uma estratégia para alcançar as possibilidades de “ser” de todos, ou do “mundo do Ti”. Nesse caminho, o currículo há que ser repensado, a fim de identificar a linha abissal que, segundo Boaventura Monjane (2019) separa um corpo de conhecimentos invisibilizado, mantido na precariedade, daquele que é validado de maneira recorrente. As linhas abissais também cortam a comunicação com os corpos não previstos no ordenamento elitista da universidade, corpos negros, indígenas, *trans*, *queer*, femininos, pobres, entre outros que são silenciados nesse espaço.

O objeto de interesse dos estudantes, que os ajudou a construir significados para a produção de Bicudo, não era apenas a formação em Psicologia, mas o seu próprio processo de “tornar-se psicólogo”. Assim, perante a formação singular de cada pessoa entrevistada, com suas histórias, senso de identificação, e intersecção de dados sociais, a Virgínia Bicudo, por ser intelectual negra que aborda a temática racial, pode cumprir no curso, uma função prismática, que se divide em dois usos do saber produzido por essa autora: um uso técnico, ligado à aquisição de competências para lidar com a questão racial, e um uso político, ligado à necessidade de possibilitar que pessoas que não estão dentro de grupos hegemônicos possam se identificar e vincular à formação e, posteriormente, ao grande grupo de psicólogos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve por objetivo compreender significados de estudantes do curso de Psicologia da UFBA sobre as contribuições de Virgínia Bicudo para a formação de psicólogas, com relação à temática racial, através da apresentação da produção dessa autora no campo das relações raciais. Recentemente reconhecida no discurso acadêmico como intelectual que compõe a compreensão sobre subjetividade e relações raciais no Brasil, Bicudo tem tido sua trajetória e produção recuperadas e utilizadas para refletir sobre os processos de constituição subjetiva da população brasileira, e também sobre a invisibilização sistemática de autores pertencentes a grupos minoritários. A produção de intelectuais negras é apontada, na literatura sobre feminismo negro e sobre decolonialidade, como questionadora da dinâmica do ser, do saber e do poder na produção do conhecimento.

A Universidade, situada como lugar privilegiado de produção, validação e transmissão de conhecimento, visando a formação de profissionais, intelectuais e cientistas, continua sendo vista como reduto das elites. Entretanto, muitos intelectuais não pertencentes aos segmentos sociais privilegiados – como é o caso de Virgínia Bicudo – fizeram e fazem parte da história da universidade brasileira, tendo seus percursos e sua produção mascaradas em meio aos processos branco-norte-masculino centrados de reconhecimento. A ampliação das possibilidades de acesso proporcionada pelas ações afirmativas na graduação e na pós-graduação trouxe um novo público estudantil ao ensino superior, que demanda a retirada desses intelectuais da invisibilidade, seja para compor uma visão mais integrada acerca da realidade dos fenômenos e áreas de interesse, seja para perceber-se como capaz de ser agente da produção do conhecimento.

Acompanhando as muitas vozes que interpelam o discurso acadêmico, há o crescimento de pesquisas voltadas para a compreensão da permanência dos novos atores na educação superior, bem como suas reivindicações de um lugar de agência para si e para os grupos maiores aos quais se identificam. A virada decolonial, que agrega as pesquisas que colocam a perspectiva corpo-implicada dos atores como necessária para o afastamento dos ideais coloniais, acolhe a perspectiva feminista negra como produtora de sentidos, questionamentos e de atores e atrizes preparados para agir em uma multiplicidade de possibilidades de criação descolonizadoras.

A Psicologia, que nasceu como uma profissão feminina e branca, é uma carreira de alto status, estando, na UFBA, entre os cursos mais procurados. Essa concorrência fez com que, por muito tempo, as pessoas situadas em uma posição mais confortável na ordem social, fossem

quase que os únicos rostos vistos na formação do psicólogo. Nesta pesquisa, a contraposição dos discursos dos entrevistados mostra que a concepção da Psicologia como um campo de estudos branco foi reconhecida pelos estudantes, a partir da intervenção estabelecida, e essa anteface amparada na branquitude mostrou-se nociva à concepção de si como profissional psicólogo, sobretudo para os estudantes não-brancos, mostrando a implicação entre aspectos étnico-raciais da ordem social e os processos formativos dos estudantes.

As políticas de ações afirmativas proporcionaram a entrada de estudantes negros e indígenas nessa formação, o que aumentou a quantidade de rostos e vozes, mas, a quantidade ainda não se transformou em qualidade: essa diversidade reconhecida ainda não trouxe grandes mudanças ao curso, que se mantém com referenciais, em sua grande maioria, direcionados para a leitura do fenômeno psicológico a partir das escritas hegemônicas desse campo do saber. Existe um movimento puxado por algumas professoras e estudantes, que tem transformado os componentes, agindo em direção ao reconhecimento da pluralidade de vozes necessária para o estudo das subjetividades, mas, essa motilidade contra-hegemônica ainda é vista como uma leitura “alternativa” pelos outros professores.

A estratégia de propor, através das oficinas, a retirada de Bicudo da invisibilização à qual ela foi relegada, para o lugar do reconhecimento das suas contribuições por parte dos estudantes foi relativamente alcançado, embora tenha sido mencionado por eles que um encontro apenas não era suficiente para que eles pudessem comentar com segurança sobre os conceitos da autora. Mas, ao tornar-se símbolo para os estudantes que tiveram contato com essas oficinas, a trajetória e a produção de Bicudo foram utilizadas como meio sensibilizador para a sua reflexão sobre o próprio processo formativo e sobre o “ser psicólogo”, a partir de duas categorias: a busca por competência teórica e o senso de identidade.

Os discursos de Jackson, Abayomi, Adún, Xapiri, Alice, Sofia e Elvia mostram que os aspectos de raça e classe foram preponderantes para a construção de significados sobre as contribuições de Virgínia Bicudo para o desenvolvimento de competências que considerem as questões raciais. Os dados fornecidos pela intersecção entre estes aspectos mostram que a pobreza interfere no processo de formação anterior à escolha da opção de curso, e que, juntamente com a questão racial, segue interpelando os estudantes durante todo o processo formativo. Este fator, embora seja noticiado por outros estudantes, foi apontado explicitamente por Jackson, quando ele calcula que, para entrar no ensino gratuito teria como ônus não poder ajudar a família financeiramente, e também a visão que ele tem dos colegas que estão situados num lugar social mais privilegiado e que, por isso, tiveram mais liberdade na escolha e ingresso no curso.



A incorporação do gênero aos dados foi subsumida frente às diferenças raciais e de classe entre os estudantes, todos de classe média baixa, e as estudantes, pertencentes à classe média, média-alta ou classe alta, ou seja, localizadas socioeconomicamente em posições mais confortáveis que os homens. Além das histórias singulares das participantes, sendo a Psicologia reconhecida como profissão feminina no senso comum, não pude perceber prejuízo na identificação das mulheres à profissão, como poderia ocorrer em cursos que são considerados masculinos, como as Engenharias, por exemplo. Reconhecendo as desigualdades de gênero na composição familiar, a sobrecarga da mulher pelos serviços domésticos e maternagem, e as barreiras à obtenção do sucesso na carreira, é possível que se as entrevistadas fossem mulheres com filhos e de estratos sociais menos privilegiados, elas demonstrassem mais desconfortos ligados ao gênero, na sua formação.

A pertença foi a categoria de significados à qual os discursos de Jackson e Abayomi foram relacionados. Eles ajudaram a pensar que gostar do curso ou se sentir realizado com o estudo da Psicologia, como Abayomi traz, não exime os estudantes da busca por pertença em meio à formação. Essa pertença é demandada de maneiras diferentes, a partir de como os estudantes se apropriam da sua negritude. Abayomi, que tem uma apropriação maior da identidade negra, ainda não se questionara sobre a ausência de intelectuais negros na Psicologia. Jackson, por sua vez, ainda vacilante na sua identificação como negro, expõe seu sentimento de inadequação – *não é o meu lugar* – com o curso, que o fez perceber muito mais cedo a inexistência do espelho para si, buscando nas atividades de extensão, e na proximidade com a periferia, pontos de identificação.

A maioria dos estudantes não tinham, até então, a percepção de que a produção de Virgínia Bicudo, bem como o fato desta ser uma intelectual negra poderiam contribuir ao seu processo formativo. Essa não localização corpo-geopolítica na apropriação do conhecimento, proporcionada pelo curso de Psicologia, faz com que quase sempre as iniciativas de assumir um novo posicionamento do curso em relação à compreensão da subjetividade estejam relegadas a atores que estão fora dos lugares de poder – como eu mesma - e, portanto, têm pouca ou nenhuma repercussão duradoura na formação. Jackson e Abayomi, mesmo aterrados em lugares diferentes da identificação negra, demonstraram necessidade de pertencimento, seja de si mesmo, da sua subjetividade, como Jackson fala mais abertamente, seja do grupo ao qual se identificam, como Abayomi. Ambos ressaltaram a importância de Virgínia Bicudo em um lugar de abertura de caminhos, de raiz, para o reconhecimento de uma produção intelectual negra na Psicologia.

Adún e Xapiri, encampados no signo resistência, se identificam como mulher negra e homem pardo/mestiço, mas não remetem tanto ao significado pertença quanto Jackson e Abayomi. Esses estudantes, percebendo a discrepância entre suas experiências e os grupos com que se identificam em relação ao curso, buscam munir-se de conhecimentos teóricos através de ação em grupos fora da sala de aula, e até da Universidade. Os estudantes conseguiram trazer proposições específicas, com muitos atores negros e indígenas para a composição da proposta curricular do curso. O papel de autoria de Bicudo é resgatado por eles como referência de uma resistência acadêmica negra que, apesar da invisibilização, sustenta sua eminência na Psicologia.

O significado saber se refere aos discursos de Alice, Sofia e Elvia. As estudantes, que sendo brancas, reconhecem a pertinência das contribuições da produção e da trajetória de Bicudo para o incremento da formação em Psicologia, em relação à questão racial. O resgate proposto por elas para as contribuições de Bicudo no curso se daria através da crítica aos saberes hegemônicos, utilizando a perspectiva dos autores decoloniais. Apenas Alice remeteu aos processos de sua própria identidade racial ao falar sobre a branquitude enquanto mantenedora de privilégios simbólicos e materiais no curso, e que, por isso, não tinha problemas para estabelecer identificação à formação.

Para os estudantes negros e pardo/mestiço, a significação das contribuições de Bicudo se deu por via da identificação aos grupos étnico-raciais, o que se deve à afetação de perceber o racismo e o sexismo presente na invisibilidade dessa intelectual, que é negra, assim como eles. Para as estudantes brancas, essa invisibilidade também proporcionou um estranhamento, mas não suscitou tantas reflexões sobre o seu próprio posicionamento na ordem social, suscitando mais significações ligadas ao processo de descolonização do saber. Assim, agrupei os estudantes entre aqueles que significaram as contribuições da autora através da identificação – os estudantes negros e pardo/mestiço - e, as estudantes que significaram as contribuições da autora através da sua busca por competência teórica – maior conhecimento da literatura sobre relações raciais. Em ambos os casos, a necessidade de uma maior pluralidade de vozes informantes da produção sobre a subjetividade foi ressaltada.

A armadilha na qual o curso de Psicologia da UFBA se coloca e que os estudantes propõem que seja vencida para atender às novas demandas da população brasileira, diz respeito à ausência da racialização do curso e dos conteúdos dos componentes, que tanto aprofundam a desigualdade entre o corpo estudantil, quanto prejudicam a percepção de si como profissional apto a lidar com a diversidade de públicos que a sociedade brasileira apresenta. A emergência do senso de identidade e da crítica ao saber em meio às “avaliações sobre o “ser psicólogo”

mostram que os estudantes, como em outras produções sobre vida estudantil do OVE, buscam enraizar-se à formação de diferentes maneiras, partindo das suas histórias individuais e da intersecção dos fatores de raça e classe, tendo os estudantes negros e pardo/mestiço construído percepções do “ser psicólogo” implicadas com a questão racial de maneira mais recorrente.

Estratégias que acompanhem as particularidades da nova corpo-composição do curso parecem urgentes, pois, no terreno da formação, incidem, além da vontade de ser psicólogo, a conjugação entre posição socioeconômica, origem familiar e escolar, pertencimento étnico-racial, e gênero. A esse aspecto, mais ligado à saúde do futuro profissional da Psicologia, é necessário considerar as contribuições que possibilitem a formação de psicólogos atentos ao compromisso social da Psicologia, no dismantelamento das desigualdades e no combate às opressões da ordem social.

Os resultados apontam que a inserção da temática racial auxilia a reflexão dos estudantes acerca das competências desenvolvidas por eles durante a formação, para o atendimento do papel social do psicólogo. Além da produção de Bicudo ser considerada, pelos estudantes, importante para essa área, conhecer a trajetória dessa intelectual é incontornável para desvelar mecanismos de invisibilização e de negação de autoria amparados em critérios interseccionais de raça, classe e de gênero.

O contato dos estudantes com o lugar de autoria de Virgínia Bicudo, foi compreendido por eles como sensibilizador para uma crítica ao saber hegemônico do curso a partir do seu próprio lugar de agência. No cerne dessas avaliações estava a implicação dos estudantes como atores incontornáveis da sua própria formação. Assim, é possível uma defesa da proposição decolonial, de afastamento da construção hegemônica do saber através de um giro decolonial, pronto a agir e questionar as concepções de tempo, espaço e subjetividade propaladas no meio acadêmico. Essa ação pode auxiliar os estudantes negros e indígenas a se sentirem mais pertencidos ao curso, mas, também, auxilia o corpo estudantil, de maneira geral, a se perceber como psicólogos capazes de atender às demandas da sociedade.

## REFERÊNCIAS DE AUTORAS NEGRAS

ADÚN, Mel. Oin. In: ADÚN, Guellwaar; ADÚN, Mel; RATTS, Alex (Org.). **Ogum's Toques Negros: Coletânea Poética**. Salvador: Ogum's Toques Negros, 2014.

ALMEIDA, Mariléa de. A voz, a coragem e a ética feminista. In: HOOKS, Bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra / bell hooks**; tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

BENTO, Maria Aparecida Silva. **Pactos Narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2002. Disponível em: [http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-18062019181514/publico/bento\\_2002.pdf](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-18062019181514/publico/bento_2002.pdf). Acesso em: 07 dez. 2020.

BENTO, Maria Aparecida Silva. **Branquitude e poder: a questão das cotas para negros**. In: SIMPOSIO, Simpósio Internacional do Adolescente, 1., 2005, São Paulo. Anais [...]. Disponível em: [http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=MSC0000000082005000100005&lng=en&nrm=abn](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000082005000100005&lng=en&nrm=abn). Acesso em: 04 nov. 2021.

BERENGUER, Aniele. *Et al.* Formação e Atuação Antirracista para a Psicologia (LEV/UFBA). CONGRESSO, **Congresso Virtual UFBA 2020**, 2005, Salvador. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2020. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=OI6yw9-OQgA&t=34s&ab\\_channel=TVUFBA](https://www.youtube.com/watch?v=OI6yw9-OQgA&t=34s&ab_channel=TVUFBA). Acesso em: 13 set. 2021.

BICUDO, Virgínia Leone. Contribuição para a história do desenvolvimento da psicanálise em São Paulo. **Arquivos de Neuro-Psiquiatria [online]**, v. 6, n. 1, pp. 69-72, 1946. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0004-282X1948000100006>. Acesso em: 11 nov. 2021.

BICUDO, Virgínia Leone. **Higiene Mental**. In: KLINEBERG, Otto; et al. *A Psicologia Moderna*. São Paulo: Editora AGIR, 1953, p.361-384.

BICUDO, Virgínia Leone. Persecutory Guilt and Ego Restrictions—Characterization of a Pre-Depressive Position. **International Journal of Psychoanalysis**, v. 45, p. 358-363, 1964.

BICUDO, Virgínia Leone. Mito, instinto de muerte y regresión en el proceso analítico. **Revista de Psicoanálisis**, v. 25, p.749-766, 1968.

BICUDO, Virginia Leone. (1972). Incidência da realidade social no trabalho analítico. **Jornal de psicanálise**, São Paulo, v. 52, n. 97, p. 151-174, dez. 2019. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-58352019000200012&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352019000200012&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 16 out. 2020.

BICUDO, Virgínia Leone. Sobre a contribuição de Roger Bastide à Psicologia Social. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, vol. 20, 1978, p.168-170.

BICUDO, Virgínia Leone. (1945). **Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo** / Marcos Chor Maio (Org.). São Paulo: Editora Sociologia e Política, 2010, 192 p.

BICUDO, Virgínia Leone. Atitudes dos Alunos dos Grupos Escolares em Relação com a Côm dos seus Colegas. *In*: BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan. **Relações Raciais entre Negros e Brancos em São Paulo**. São Paulo: Editora Anhembi Limitada, 1955.

BUENO, Winnie de Campos. **Processos de resistência e construção de subjetividades no pensamento feminista negro**: uma possibilidade de leitura da obra *Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment* (2009) a partir do conceito de imagens de controle. São Leopoldo, Universidade do Vale do Rio dos Sinos 2019. Disponível em:

[http://repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/8966/Winnie%20de%20Campos%20Bueno\\_.pdf?sequence=1&isAllowed=y](http://repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/8966/Winnie%20de%20Campos%20Bueno_.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em: 19 set. 2021.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. São Paulo: USP, 2005. Disponível em:

<https://negrasoulblog.files.wordpress.com/2016/04/a-construc3a7c3a3o-do-outro-como-nc3a3o-ser-como-fundamento-do-ser-sueli-carneiro-tese1.pdf>. Acesso em: 14 out. 2020.

CARDOSO, Cláudia Pons. **Outras falas**: feminismos na perspectiva de mulheres negras brasileiras. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2012. Disponível em:

<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/7297/1/Outrasfalas.pdf>. Acesso em: 19 set. 2021.

COLLINS, Patricia Hill. Epistemologia Feminista Negra. *In*: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramon (Org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Sociedade e Estado.**, Brasília, v. 31, n. 1, p. 99-127, abr. 2016. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69922016000100099&lng=e n&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922016000100099&lng=e n&nrm=iso). Acesso em: 20 set. 2020.

COLLINS, Patricia Hill. **Black feminist thought**: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment. New York/London: Routledge, 2000a.

COLLINS, Patricia Hill. What's Going On? Black Feminist Thought and the Politics of Postmodernism. *In*: ST PIERRE, Elizabeth A.; PILLOW, Wanda S. (Ed.). **Working the ruins**: feminist poststructural theory and methods in education. New York: Routledge, 2000b, 329 f. p.41-73.

CRENSHAW, Kimberlé W. Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial relativos ao Gênero. *Estudos Feministas*, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002.

CRUZ, Ana Cristina Juvenal da; ABRAMOVICZ, Anete; RODRIGUES, Tatiane Consentino. A pesquisa sobre criança e infância no Projeto UNESCO. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 9, n. 2, p. 321-345, 2015. Disponível em:

<http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/1213/413>. Acesso em 16 out. 2020.

CRUZ, Ana Cristina Juvenal. Protagonismo do Pensamento Negro no Brasil: o lugar das mulheres e crianças negras no Projeto UNESCO. **Educ. rev.**, Belo Horizonte, v. 34, 2018.

Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-46982018000100652&lng=e n&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982018000100652&lng=e n&nrm=iso). Acesso em 16 out. 2020.

CURIEL, Ochy. Crítica poscolonial desde las prácticas políticas del feminismo antirracista. **Nómadas, Universidad Central**, Colombia, n. 26, p. 92-101. abr. 2007. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1051/105115241010.pdf>. Acesso em 09 nov. 2020.

CURIEL, Ochy. Hacia la construcción de un feminismo descolonizado. In: MIÑOSO, Yuderkis Espinosa. (dir.). **Aproximaciones críticas a las prácticas teóricas políticas del feminismo latinoamericano**. Buenos Aires: En La Frontera, 2010. p. 69-76.

DOLLIS, Nelly Duarte Barbosa. **Noke mevi revõsho shovima awe, ‘o que é transformado pelas pontas das nossas mãos’**: o trabalho manual dos Marubo do rio Curuá. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <http://objdig.ufrj.br/72/teses/848838.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2021.

EVARISTO, Conceição. **Gênero e etnia**: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (Org.). **Mulheres no mundo**: etnia, marginalidade e diáspora. João Pessoa: Ed. Universitária, 2005. p. 201-212. Disponível em: <https://inegalagoas.files.wordpress.com/2020/05/gc3aanero-e-etnia-conceic3a7c3a3o-evaristo.pdf>. Acesso em: 07 nov. 2021.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória** / Conceição Evaristo. 3. ed. -- Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

FIGUEIREDO, Angela; GROSGOUEL, Ramon. Racismo à brasileira ou racismo sem racistas: colonialidade do poder e a negação do racismo no espaço universitário. **Revista Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 12, n.2, jul-dez, 2009, p. 223-234. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fcs/article/view/9096/6270>. Acesso em: 30 set. 2020.

GIUSEPPE, Aline di. **Intelectuais negras e o movimento do conceito como intervenção no mundo**. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2019. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/67235/R%20-%20D%20-%20ALINE%20DI%20GIUSEPPE.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 10 nov. 2021.

GOMES, Janaína Damaceno. **Os Segredos de Virgínia**: estudo de atitudes raciais em São Paulo (1945-1955). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2013. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-14032014-103244/publico/2013\\_JanaínaDamacenoGomes.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-14032014-103244/publico/2013_JanaínaDamacenoGomes.pdf). Acesso em: 08 nov. 2020.

GOMES, Nilma Lino. O Movimento Negro e a intelectualidade negra descolonizando os currículos. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramon (Org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: **Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos**, Brasília, ANPOCS, 1983.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan./jun. 1988.

HOOKS, Bell. **Erguer a voz**: pensar como feminista, pensar como negra / bell hooks; tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

JESUS, Karinne Vieira de; SILVA, Leandro Bento da; NASCIMENTO, Rubens Ferreira do. A Psicologia na Construção e Enfrentamento do Racismo: a experiência do Grupo de Estudos Pretos. **Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, v. 5, n. 9, p. 66-85, 7 set. 2020. Disponível em:

<http://200.229.32.43/index.php/pretextos/article/view/22448/17068>. Acesso em: 15 out. 2020

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Tradução por Jess Oliveira. Cobogó: Rio de Janeiro, 2019, 248 p.

LORDE, Audre. **Irmã Outsider**/ Audre Lorde; Tradução de Stephanie Borges. – 1 ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

MATA, Valdísia Pereira da; SANTOS, Djean Ribeiro dos. O papel do psicólogo numa política pública de combate a práticas racistas. **Revista Brasileira de Psicologia**, Salvador, v. 2, n. esp., p.39-51, 2015. Disponível em:

<https://portalseer.ufba.br/index.php/revbraspsicol/issue/download/Edi%C3%A7%C3%A3o%20Especial/505>. Acesso em: 16 out. 2020.

MEL ADÚN. **literafro** - O portal da literatura Afro-Brasileira. Belo Horizonte, 2018.

Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/325-mel-adun>. Acesso em: 21 out. 2021.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. **Significações do Corpo Negro**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1998. Disponível em: <http://www.ammapsique.org.br/baixecorpo-negro.pdf>.

Acesso em: 30 out. 2021.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. Ninguém foge da própria história. *In*: Pompeu, Fernanda.

**Os efeitos psicossociais do racismo**. São Paulo: imprensa oficial do Estado de São Paulo: Instituto AMMA psique e negritude, 2008. Disponível em:

<http://www.imprensaoficial.com.br/PortalIO/download/pdf/projetossociais/psiquenegritude.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2020.

OLIVEIRA, Regina Marques de Souza. Cheiro de alfazema: Neusa Souza, Virgínia e racismo na psicologia. **Arquivo Brasileiro de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 72, n. spe, p. 48-65, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.36482/1809-5267>. Acesso em: 10 nov. 2021.

PACHECO, Lillian. **Pedagogia Griô**: a reinvenção da roda da vida. 2. ed. Lençóis: Grãos de Luz e Griô, 2006.

ROSA, Isabel Cristina Clavelin da. **Parresia e hermenêutica de profundidade nas trilhas de Hermes**: raça e gênero em formas simbólicas sobre o jornalismo como profissão no Brasil. – Brasília, Universidade de Brasília, Brasília, 2016. Disponível

em:[https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/23798/1/2016\\_IsabelCristinaClavelindaRosa.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/23798/1/2016_IsabelCristinaClavelindaRosa.pdf). Acesso em: 19 set. 2021.

SANTOS, Gilmar Lisboa. **As Mulheres Negras e Brancas do Contexto da Prostituição**: reflexões sobre as relações étnico/raciais e de gênero no centro histórico de Salvador.

Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2015. Disponível em:

[https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=3567079#](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=3567079#). Acesso em: 19 set. 2021.

RIBEIRO, Ana Cristina Leal; NERI, Marília; LIMA, Nelson Rocha. Transpondo o Atlântico: o programa Abdias do Nascimento e seu impacto em trajetórias estudantis. *In*: SAMPAIO, Sônia Maria Rocha; SANTOS, Georgina Gonçalves dos (Org.). **Observatório da Vida Estudantil**: interdisciplinaridade, vida estudantil e diálogo de saberes. Salvador: EDUFBA, 2020.

SANTOS, Vitailma; et. al. **Caminhos para uma formação antirracista em Psicologia**. Congresso Virtual UFBA 2021. Salvador, 2021. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=1ePN-uid-0E&t=4s&ab\\_channel=TVUFBA](https://www.youtube.com/watch?v=1ePN-uid-0E&t=4s&ab_channel=TVUFBA). Acesso em: 13 set. 2021.

SILVA, Nádia Maria Cardoso da. Virginia Leone Bicudo e Guerreiros Ramos: para uma epistemologia decolonial da perspectiva negro-brasileira nas Américas. **IdeAs**, v. 16, out. 2020. Disponível em: <http://journals.openedition.org/ideas/9758>. Acesso em: 11 dez. 2020.

SILVA, Natália Alves da. **Feminismo negro e produção do espaço**: As ocupações urbanas em uma abordagem interseccional-espacial. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2018. Disponível em: [https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=6452876#](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=6452876#). Acesso em: 19 set. 2021.

SILVA, Sandra Andrade. **Travessias improváveis**: permanência de estudantes das camadas populares no curso de Medicina da Universidade Federal da Bahia. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2018. Disponível em: [https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/28837/1/Disserta%20a7%20a3o%20de%20Mestrado\\_Sandra%20Andrade%20da%20Silva\\_Rev.pdf](https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/28837/1/Disserta%20a7%20a3o%20de%20Mestrado_Sandra%20Andrade%20da%20Silva_Rev.pdf). Acesso em: 11 nov. 2021.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se Negro**: as vicissitudes da identidade do negro em ascensão social. 2 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** / Gayatri Chakravorty Spivak; tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.



## OUTRAS REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Leandro S.; SOARES, Ana Paula C.; FERREIRA, Joaquim Armando G. Transição e adaptação à universidade: apresentação de um questionário de vivências acadêmicas. **Psicologia**, [s.l.], v.16, n. 2, p. 189-208, 2000. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/12069/1/Almeida%2c%20Soares%20%26%20Ferreira%2c%202000.pdf>>. Acesso em: 04 nov. 2021.

ABRÃO, Jorge Luís Ferreira. **Virgínia Bicudo**: a trajetória de uma psicanalista brasileira. São Paulo, Arteciência, 2010.

ABRÃO, Jorge Luis Ferreira. Virgínia Leone Bicudo: Pioneira da Psicologia e da Psicanálise no Brasil. **Interação em Psicologia**, Curitiba, v. 18, n. 2, ago. 2014. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/30759/27211>. Acesso em 15 out. 2020.

AFONSO, Maria Lúcia. **Oficinas em Dinâmica de Grupo**: um método de intervenção psicossocial / Maria Lúcia M. Afonso (Org.). – São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

ALMEIDA FILHO, Naomar de. Reformas da universidade: breve histórico. *In*: SANTOS, Boaventura de Sousa; ALMEIDA FILHO, Naomar de. **A Universidade no Século XXI**: Para uma Universidade Nova. Coimbra: Almedina, 2008, p. 111 – 117.

ALMEIDA FILHO, Naomar de. Uma UFBA Nova para o Século XXI. *In*: TOUTAIN, Lídia Maria Batista Brandão; SILVA, Rubens Ribeiro Gonçalves (Org.). **UFBA**: do século XIX ao século XXI / Universidade Federal da Bahia, Instituto de Ciência da Informação. Salvador: EDUFBA, 2010.

AIELLO-FERNANDES, Rafael. **Racismo e Psicanálise em Produções Acadêmicas**. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2018. Disponível em: <http://tede.bibliotecadigital.puc-campinas.edu.br:8080/jspui/bitstream/tede/1055/2/RAFAEL%20AIELLO-FERNANDES.pdf>. Acesso em: 16 out. 2020.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO DE PSICOLOGIA. Repensando a formação da psicóloga e do psicólogo: revisão das diretrizes curriculares nacionais para os cursos de graduação em Psicologia. *In*: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Ano da Formação em Psicologia**: revisão das diretrizes curriculares nacionais para os cursos de graduação em psicologia. São Paulo: Conselho Federal da Psicologia, 2018. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2018/07/RELAT%C3%93RIO-FINAL-REVIS%C3%83O-DAS-DIRETRIZES-CURRICULARES-NACIONAIS-PARA-OS-CURSOS-DE-GRADUA%C3%87%C3%83O-EM-PSICOLOGIA.pdf>. Acesso em: 08 set. 2021.

AZEVEDO, Thales. **Les élites de couleur dans une ville brésilienne**. Paris: Unesco. 1953.

BAPTISTA, Marisa Todescan Dias da Silva. A regulamentação da profissão Psicologia: documentos que explicitam o processo histórico. **Psicologia: Ciência e Profissão [online]**, Brasília, v. 30, n. spe, 2010, p. 170-191. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932010000500008>. Acesso em 8 set. 2021.

BARBOSA, Raoni Borges. *Self*, cultura emotiva e redes de interdependência: a proposta analítica da Antropologia das Emoções. **Turismo: Estudos & Práticas (UERN)**, Mossoró, v. 9, n. 1, p.1-7, 2020. Disponível em: <http://natal.uern.br/periodicos/index.php/RTEP/article/view/601/509>. Acesso em: 22 jan. 2021.

BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan. **Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo**. São Paulo: Anhembi. 1955.

BECKER, Howard. Conferência: a Escola de Chicago. **Mana**, vol. 2, n. 2, p. 177-188, 1996. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/6FvBPkkRffvccrkJb77SZBv/?lang=pt>. Acesso em: 08 nov. 2021.

BELAUNDE, Luisa Elvira. Viver bem e a cerâmica: técnicas artefatuais e sociais na Amazônia. **Revista de @ntropologia da UFSCar**, São Carlos, v.9, n.2, jul./dez. 2017. Disponível em: [http://www.rau.ufscar.br/wp-content/uploads/2017/12/11\\_Luisa\\_Elvira.pdf](http://www.rau.ufscar.br/wp-content/uploads/2017/12/11_Luisa_Elvira.pdf). Acesso em: 13 set. 2021.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. Introdução: decolonialidade e pensamento afrodiáspórico. *In*: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. **Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

BLUMER, Herbert. **Symbolic interactionism: perspective and method**. California: University of California Press, 1986.

BLUMER, Herbert. Sociedade como Interação Simbólica. Tradução de Raoni Borges Barbosa. **RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, Paraíba, v. 16, n. 46, p. 14-22, abr. 2017. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/268346684.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2021.

BRAGA, Adriana; GASTALDO, Édison. O legado de Chicago e os estudos de recepção, usos e consumos midiáticos. *In*: **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, nº 39, ago. 2009. Disponível em: [http://www.redalyc.org/pdf/4955/Resumenes/Resumo\\_495550195012\\_5.pdf](http://www.redalyc.org/pdf/4955/Resumenes/Resumo_495550195012_5.pdf). Acesso em: 8 nov. 2021.

BRAGA, Ana Paula. Musatti **Os muitos nomes de Silvana**: contribuições clínico-políticas da psicanálise sobre mulheres negras. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2015. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-10052016-104955/publico/braga\\_co\\_rrigida.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47133/tde-10052016-104955/publico/braga_co_rrigida.pdf). Acesso em: 16 out. 2020.

BRANCO, Maria Teresa Castelo. Que profissional queremos formar? **Psicologia: Ciência e Profissão [online]**, Brasília, 1998, v. 18, n. 3, pp. 28-35. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98931998000300005>. Acesso em: 0 nov. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução no 466, de 12 de dezembro de 2012. Trata sobre as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 13 jun. 2013. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466\\_12\\_12\\_2012.html](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html). Acesso em: 8 nov. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução no 510, de 7 de abril de 2016. Trata sobre as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa em ciências humanas e sociais. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 24 maio 2016. Disponível em: [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510\\_07\\_04\\_2016.html](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510_07_04_2016.html). Acesso em: 18 mar. 2021.

CAMARGO, Brígido Vizeu; JUSTO, Ana Maria. **Tutorial para uso do software de análise textual IRAMUTEQ**. Santa Catarina: Universidade Federal de Santa Catarina, 2013a, 16 p. Disponível em: <http://www.iramuteq.org/documentation/fichiers/tutoriel-en-portugais>. Acesso em: 10 mar. 2021.

CAMARGO, Brígido Vizeu; JUSTO, Ana Maria. IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. *Temas em Psicologia*, Ribeirão Preto, v. 21, n. 2, p. 513-518, dez. 2013b. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X2013000200016&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2013000200016&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 08 nov. 2021.

CAMPOS, Regina Helena de Freitas; *et al.* Dicionário Biográfico da psicologia no Brasil. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

CAMPOS, Alexandre. A formação das universidades de Paris e de Bolonha: tensões políticas, sociais, lógicas e teológicas. **Revista Brasileira de História da Ciência**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 36-47, jan.-jun. 2021.

CAMPOS, Carlos Alexandre; BARDAGI, Marucia Patta. A Evasão nos Cursos de Psicologia no Brasil: Uma Revisão da Literatura. *Psicologia: Ciência e Profissão* [online], Brasília, v. 40, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003212214>. Acesso em: 04 nov. 2021.

CARVALHO, Mercedes Cunha de; ROCHA, Nádia Maria Dourado; MORAES, Eduardo Dias Saback de. Memória História do Departamento de Psicologia, Atual Instituto de Psicologia: sua constituição e desenvolvimento. *In: TOUTAIN, Lídia Maria Batista Brandão; SILVA, Rubens Ribeiro Gonçalves (Org.). UFBA: do século XIX ao século XXI / Universidade Federal da Bahia, Instituto de Ciência da Informação*. Salvador: EDUFBA, 2010.

CARVALHO, José Jorge. Encontro de Saberes e descolonização: para uma refundação étnica, racial e epistêmica das universidades brasileiras. *In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFUGUEL, Ramon (Org.). Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

CASARIN, Sidnéia Tessmer; *et al.* Tipos de revisão de literatura: considerações das editoras do Journal of Nursing and Health. **Journal of Nursing and Health**, v. 10, n.esp., 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/enfermagem/article/view/19924/11996>. Acesso em: 01 nov. 2021.

CASTELAR, Marilda; SANTOS, Carolina Conceição de Oliveira. Relações Raciais no Ensino de Psicologia: uma experiência de sensibilização. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, Salvador, vol.1, n.1, p. 75-86, dez. 2012. Disponível em: <https://www5.bahiana.edu.br/index.php/psicologia/article/download/43/43>. Acesso em: 08 dez. 2020.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história** / Michel de Certeau; tradução de Maria de Lourdes Menezes; revisão técnica de Arno Vogel. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Relações Raciais**: referências técnicas para atuação de psicólogos/os. Brasília: CFP, 2017. 147 p.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Ano da Formação em Psicologia**: revisão das diretrizes curriculares nacionais para os cursos de graduação em psicologia. São Paulo: Conselho Federal da Psicologia, 2018. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2018/07/RELAT%C3%93RIO-FINAL-REVIS%C3%83O-DAS-DIRETRIZES-CURRICULARES-NACIONAIS-PARA-OS-CURSOS-DE-GRADUA%C3%87%C3%83O-EM-PSICOLOGIA.pdf>. Acesso em: 08 set. 2021.

CÔRREA, Mariza. A natureza imaginária do gênero na história da Antropologia. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 5, 1995, pp. 109-130. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1776/1831>. Acesso em: 08 nov. 2021.

COSTA, Wellington Narde Navarro da. **Sociologia em “Mangas de Camisa”**: representação do negro brasileiro nos livros didáticos. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/168822/001047478.pdf?sequence=1>. Acesso em 16 out. 2020.

COSTA PINTO, Luiz de Aguiar. **O negro no Rio de Janeiro**: relações de raças numa sociedade em mudança. São Paulo, Companhia Editora Nacional. 1953.

CYTRYNOWICZ, Monica Musatti. Percursos da Psicologia Clínica em São Paulo: um percurso pela história e pela memória da Psicologia Clínica em São Paulo. *In*: CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DE SÃO PAULO. **História e Memória da Psicologia em SP. São Paulo**: Conselho Regional de Psicologia de São Paulo, 2011. Disponível em: <http://www.crsp.org.br/memoria/clinica/artigo.aspx>. Acesso em: 08 nov. 2021.

DAVID, Mônica Cristiane; RIBAS, Cíntia Cargnin Cavalheiro; KNAUT, Michelle Souza Julio. Abayomi não é brinquedo! **Revista Práxis**, Volta Redonda, p.21-24. 2016. Disponível em: <https://www.opet.com.br/faculdade/revista-praxis/pdf/n3/em-abayomi-n%C3%A3o-e-brinquedo.pdf>. Acesso em: 28 out. 2021.

DAFLON, Veronica Toste. Formas de Sistematização da Sociologia das Relações Raciais no Brasil. **Sociologia & Antropologia**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 169-191, abr. 2018. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2238-38752018000100169&lng=e n&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-38752018000100169&lng=e n&nrm=iso). Acesso em 16 de outubro de 2020.

DESLANDES, Suely Ferreira. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade / Suely Ferreira Deslandes, Romeu Gomes; Maria Cecília de Souza Minayo (org.). 28 ed., Petrópolis: Vozes, 2009.

DOMÍNGUEZ, Aída. **Lena Martins e a boneca Abayomi** [Documentário]. 15m1s. 2017. Disponível em: <https://vimeo.com/208041050?cjevent=b227d2a39e0711e983e101fc0a24060d>. Acesso em: 28 out. 2021.

DUPAS, Giselle; OLIVEIRA, Irma de; COSTA, Terêsa Neumann Alcoforado. A importância do interacionismo simbólico na prática de enfermagem. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v.31, n.2, p. 219-26, ago. 1997. Disponível em: <http://www.ee.usp.br/reeusp/upload/pdf/411.pdf>. Acesso em: 05 set. 2021.

ENNES, Marcelo Alario. Interacionismo Simbólico: contribuições para se pensar os processos identitários. *Perspectivas*, São Paulo, v. 43, p. 63-81, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/perspectivas/article/view/5956/4859>. Acesso em: 31 ago. 2021.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Rio de Janeiro, RJ: Editora Civilização Brasileira, 1968.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas**. Salvador: Edufba, 2008.

FANON, Frantz. **Pele Negra, Máscaras Brancas** / Tradução de Sebastião Nascimento com Colaboração de Raquel Camargo. São Paulo: Ubu, 2020.

FAUSTINO, Deivison Mendes. **A disputa em torno de Frantz Fanon: a teoria e a política dos fanonismos contemporâneos**. São Paulo: Intermeios, 2020.

FEITOSA, Caio Cezar Moura; VERAS, Renata Meira; SAMPAIO, Sônia Maria Rocha. Ecologia de Saberes e Extensão Universitária: aproximando a Universidade Federal da Bahia à pluriversidade? *In: SAMPAIO, Sônia Maria Rocha; SANTOS, Georgina Gonçalves dos (Org.). Observatório da Vida Estudantil: interdisciplinaridade, vida estudantil e diálogo de saberes*. Salvador: EDUFBA, 2020.

FERREIRA, Adir Luiz. Socialização na universidade: quando apenas estudar não é o suficiente. *Revista Educação em Questão*, Natal, vol. 48, núm. 34, jan.-abr. 2014, p. 116-140. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5639/563959983006.pdf>. Acesso em: 04 nov. 2021.

FRANCHETTA, Bruna. Brasil de muitas línguas. *In: AUTORES, Vários. Dicionário dos intraduzíveis: um vocabulário das filosofias*. Volume um: Línguas / Coordenação: Bárbara Cassin; organização Fernando Santoro, Luisa Buarque. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

FRAUSINO, Carlos César Marques. Virginia Leone Bicudo: um capítulo da história da psicanálise brasileira. **Calibán: Revista Latino-americana de Psicanálise**, Montevideo, v. 16, n. 2, p. 178-187, 2018. Disponível em: [http://www.bivipsi.org/wp-content/uploads/por-2018\\_178-187.pdf](http://www.bivipsi.org/wp-content/uploads/por-2018_178-187.pdf). Acesso em: 16 out. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1974.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** / Tradução de Rosisca Darcy de Oliveira; prefácio de Jacques Chonchol. 7a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. (1974). **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GAARDER, Jostein. **O mundo de Sofia**: romance da história da filosofia. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GOMES, Roger Marcelo Martins. **Revista Brasileira de Psicanálise**: representações de ciência, profissão e história no movimento psicanalítico brasileiro (1967 a 1986). Assis: Assis: Universidade Estadual Paulista, 2018. Disponível em: [https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/153127/gomes\\_rmm\\_dr\\_assis.pdf?sequence=5&isAllowed=y](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/153127/gomes_rmm_dr_assis.pdf?sequence=5&isAllowed=y). Acesso em: 16 out. 2020.

GUEST, Greg; BUNCE, Arwen; JOHNSON, Laura. “How many interviews are enough? An experiment with data saturation and variability”. **Field Methods**, vol 18, pp. 59-82, 2006. Disponível em: <https://chip.uconn.edu/wp-content/uploads/sites/1245/2019/05/Guest-et-al-2006-Saturation.pdf>. Acesso em: 18 out. 2021.

GUZMÁN, Miguel de. Homenaje a Reuleaux. **Suma**, La Palma, pp. 77-79, fev. 2005. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/41553533.pdf>. Acesso em: 18 out. 2021.

HAUDENSCHILD, Teresa Rocha Leite. Modernismo, mulher e psicanálise: Adelheid Koch, Virgínia Bicudo, Lygia Amaral e Judith Andreucci: pioneiras da psicanálise em São Paulo. **Ide (São Paulo)**, São Paulo, v. 38, n. 60, p. 215-235, dez. 2015. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-31062015000200018&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062015000200018&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 06 dez. 2020.

HOLANDA, Adriano. Os conselhos de psicologia, a formação e o exercício profissional. **Psicologia: Ciência e Profissão [online]**, Brasília, 1997, v. 17, n. 1, pp. 3-13. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98931997000100002>. Acesso em: 04 nov. 2021.

HONORATO, Gabriela; HERINGER, Rosana. Introdução: Acesso e sucesso no ensino superior e a pesquisa no curso de pedagogia da UFRJ. *In*: HONORATO, Gabriela; HERINGER, Rosana. **Acesso e sucesso no ensino superior**: uma sociologia dos estudantes. Gabriela Honortato, Rosana Heringer (Orgs.). Rio de Janeiro: 7Letras: FAPERJ, 2015, p.7-32.

JACKSON, George. Soledad Brother: **As Cartas de Prisão de George Jackson**. Angela Davis [org.]; introdução por Jean Genet. Lisboa: Editora Arcádia, 1972.

JAPUR, Marisa. Formação em psicologia: a perspectiva da carta de Serra Negra. **Paidéia (Ribeirão Preto) [online]**, n. 7, p. 42-55, 1994. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-863X1994000200005>. Acesso em: 16 nov. 2021.

JESUS, Alexandro de. **Corupira**: mau encontro, tradução e dívida colonial / Alexandro S. de Jesus. Recife: Titivillus, 2019.

JOBIM, Antônio Carlos; MORAES, Vinícius de. O morro não tem vez. Intérpretes: Leci Brandão e Alcione. Show Leci Brandão – Canções Afirmativas. São Paulo: Indie Records, 1962. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=67w-dn3XGe8&ab\\_channel=IndieRecords](https://www.youtube.com/watch?v=67w-dn3XGe8&ab_channel=IndieRecords). Acesso em: 06 nov. 2021.

LIMA, Mônica; COUTINHO, Denise; SANTOS, Vanuzia. Trajetórias interrompidas no curso de Psicologia em relação ao Bacharelado Interdisciplinar na UFBA. **Revista CAMINE: Caminhos da Educação**, Franca, v. 7, n. 2, 2015. Disponível em: <https://ojs.franca.unesp.br/index.php/caminhos/article/view/1364>. Acesso em: 08 set. 2021.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu**: palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. Enraizamento, pertença e ação cultural. **Revista Cronos**, Natal, v. 2, n. 1, p. 131-137, 16 fev. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/11322/pdf>. Acesso em: 03 nov.2021.

LINS, Carlos Estellita-Lins; OLIVEIRA, Verônica Miranda; COUTINHO, Maria Fernanda. Clínica ampliada em saúde mental: cuidar e suposição de saber no acompanhamento terapêutico. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 14, n.1, p. 205-215, 2009. Disponível em: [https://www.scielo.org/article/ssm/content/raw/?resource\\_ssm\\_path=/media/assets/csc/v14n1/a26v14n1.pdf](https://www.scielo.org/article/ssm/content/raw/?resource_ssm_path=/media/assets/csc/v14n1/a26v14n1.pdf). Acesso em: 05 nov. 2021.

LIMA, Paulo Gomes. Universalização da Educação Superior no Brasil: contrapontos e possibilidades. **Educar em Revista [online]**, 2014, n. 51, pp. 243-264. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-40602014000100015>>. Acesso em: 04 nov. 2021.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas / Menga Lüdke, Marli E.D.A. André. – São Paulo: EPU, 1986. 975 p.

LUZ, Madel T. **O interacionismo simbólico**: breve exposição de uma corrente acionalista em ciências sociais. / Madel T. Luz. – Rio de Janeiro: UERJ/IMS, 1993.

MACEDO, Roberto Sidnei. **A pesquisa e o acontecimento**: compreender situações, experiências e saberes. Salvador: EDUFBA, 2016, 120 p. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/32184/1/A%20pesquisa%20e%20o%20acontecimento%20RI.pdf>>. Acesso em: 03 dez. 2020.

MAIO, Marcos Chor. O Projeto Unesco e a agenda das ciências sociais no Brasil dos anos 40 e 50. **Revista Brasileira de Ciências Sociais [online]**. 1999, v. 14, n. 41, pp. 141-158. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-69091999000300009>>. Acesso em: 23 ago. 2021.

MAIO, Marcos Chor. Educação sanitária, estudos de atitudes raciais e psicanálise na trajetória de Virgínia Leone Bicudo. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 35, p. 309-355, dez. 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332010000200011&lng=e n&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332010000200011&lng=e n&nrm=iso)>. Acesso em: 16 out. 2020.

MAIO, Marcos Chor; LOPES, Thiago da Costa. "Para o Estabelecimento das Disciplinas Sociais como Ciências: Donald Pierson e as Ciências Sociais no Rio de Janeiro (1942-1949). **Sociologia & Antropologia**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, pág. 343-380, ago. 2015. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2238-38752015000200343&lng=e n&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-38752015000200343&lng=e n&nrm=iso). Acesso em: 16 de out. 2020.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramon. **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães de. Etnografia e Interacionismo Simbólico na Pesquisa Educacional: Uma Síntese Possível. In: **I Conferência Internacional do Brasil de Pesquisa Qualitativa**, Taubaté, p.5, 2004. Disponível em: <[https://www.academia.edu/31246210/Etnografia\\_e\\_Interacionismo\\_Simb%C3%B3lico\\_na\\_pesquisa\\_educacional\\_uma\\_s%C3%ADntese\\_poss%C3%ADvel](https://www.academia.edu/31246210/Etnografia_e_Interacionismo_Simb%C3%B3lico_na_pesquisa_educacional_uma_s%C3%ADntese_poss%C3%ADvel)>. Acesso em: 04 out. 2020.

MATTOSO CÂMARA, Joaquim. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 36° ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1970.

MAYORGA, Claudia. Sobre mulheres, psicologia, profissão e a insistente ausência das questões raciais. *In: Psicologia: uma profissão de muitas e diferentes mulheres [versão eletrônica] / Conselho Federal de Psicologia*. - Brasília: CFP, 2013. 250p. Disponível em: [https://site.cfp.org.br/wpcontent/uploads/2014/01/Publica%C3%A7%C3%A3o\\_Mulher\\_FIN\\_AL\\_WEB.pdf](https://site.cfp.org.br/wpcontent/uploads/2014/01/Publica%C3%A7%C3%A3o_Mulher_FIN_AL_WEB.pdf). Acesso em: 07 dez. 2020

MBEMBE, Achille. **A Crítica da Razão Negra** / Tradução: Marta Lança. Lisboa: Antígona, 2014.

MBEMBE, Achille. **Políticas da Inimizade**. Lisboa: Antígona, 2017.

MBEMBE, Achille. A ideia de um mundo sem fronteiras / Achille Mbembe; Tradução de Stephanie Borges. **Revista Serrote**, 2019. Disponível em: <https://www.revistaserrote.com.br/2019/05/a-ideia-de-um-mundo-sem-fronteiras-por-achille-mbembe/>. Acesso em: 13 set. 2021.

MENCARELLI, Vera Lucia; AIELLO-VAISBERG; Tânia. Cuidado Emocional Na Saúde Pública: a Psicologia Clínica Ampliada. *In: GIOIA-MARTINS, Dinorah Fernandes Gioia-Martins (Org.). Psicologia e Saúde, Formação, Pesquisa e Prática Profissional*. São Paulo: Vetor Editora, 2012. Disponível em: <<http://serefazer.psc.br/wp-content/uploads/2013/09/CAPITULO-mencarelli-e-aiello-vaisberg-2012.pdf>>. Acesso em: 05 nov. 2021.

MENDOZA, Edgar. Donald Pierson e a escola sociológica de Chicago no Brasil: os estudos urbanos na cidade de São Paulo (1935-1950). **Sociologias**, Porto Alegre, n. 14, p. 440-470, dez. 2005. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-45222005000200015&lng=e&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222005000200015&lng=e&nrm=iso). Acesso em: 01 dez. 2020.

MENEZES, Suzy Kamylla de Oliveira; FRANCISCO, Deise Juliana. Educação em tempos de pandemia: aspectos afetivos e sociais no processo de ensino e aprendizagem. **Revista Brasileira de Informática na Educação - RBIE**, vol. 28, pp. 985-1012, 2020. Disponível em: <https://www.br-ie.org/pub/index.php/rbie/article/view/v28p985/6749>. Acesso em: 04 nov. 2021.

MICHAELIS: dicionário escolar língua portuguesa. – São Paulo: Editora Melhoramentos, 2002.

MONJANE, Boaventura. “Há uma linha abissal”: reflexões sobre as epistemologias do Sul e a audácia de as cantar. **Utopía y Praxis Latinoamericana**, Universidad del Zulia, v. 24, n. 86, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.5281/zenodo.3370749>. Acesso em: 06 dez. 2021.

MORÉ, Carmen Leontina Ojeda Ocampo. A “entrevista em profundidade” ou “semi estruturada”, no contexto da saúde: dilemas epistemológicos e desafios de sua construção e aplicação. **Atas - Investigação Qualitativa em Ciências Sociais**, vol. 3, jul.2015. Disponível em: <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2015/article/view/158/154>. Acesso em: 20 fev. 2021.

MORETZSOHN, Maria Ângela Gomes. Uma história brasileira. **Jornal de Psicanálise**., São Paulo, v. 46, n. 85, p. 209-229, jun. 2013. Disponível em



[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-58352013000200019&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352013000200019&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 16 out. 2020.

MORTADA, Samir Pérez. **Tempos da política**: memórias de militantes estudantis do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo / São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007. Disponível em: [https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-17092010-135320/publico/motarda\\_do.pdf](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-17092010-135320/publico/motarda_do.pdf). Acesso em: 08 dez. 2020.

MUNANGA, Kabenguele. A transformação do negro em ser errante: entrevista especial com Kabengele Munanga. [Entrevista concedida a] Ricardo Machado. **Revista IHU Online**, ed. 543, 05 jan. 2018, São Leopoldo. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/574669-a-transformacao-do-negroem-se-r-errante-entrevista-especial-com-kabengele-munanga>. Acesso em: 12 out. 2019.

NASCIMENTO, Abdias do. Teatro experimental do negro: trajetória e reflexões. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18, n. 50, p. 209-224, abr. 2004. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142004000100019&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000100019&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 09 dez. 2020

NOGUEIRA, Oracy. (1955). Relações raciais no município de Itapetininga. *In*: BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan (Orgs.). **Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo**. São Paulo: Anhembi. 1998.

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. **Tempo Social [online]**, São Paulo, v. 19, n. 1, jun. 2007, p. 287-308. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ts/v19n1/a15v19n1.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2021.

NÓVOA, António. Carta a um jovem pesquisador em educação. **Revista Investigar a Educação**, Porto, 2 Série, n. 3, p. 3-21, 2015. Disponível em: <http://pages.ie.uminho.pt/inved/index.php/ie/article/viewFile/83/82>. Acesso em: 03 dez. 2020.

NUNES, Jordão Horta. Interacionismo simbólico e movimentos sociais: enquadrando a intervenção. **Sociedade e Estado [online]**, v. 28, n. 2, pp. 257-277, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69922013000200005>. Acesso em: 20 set. 2021.

OLIVEIRA, Eduardo. **Banzo**. São Paulo: Obelisco, 1963. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafrro/ensaistas/11-textos-dos-autores/727-eduardo-de-oliveirabanzo>. Acesso em: 15 out. 2020.

OLIVEIRA, Fátima. Ser negro no Brasil: alcances e limites. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18, n. 50, p. 57-60, abr. 2004. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142004000100006&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000100006&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 06 dez. 2020.

OSORIO, Rafael Guerreiro. **O Sistema Classificatório de “Cor” ou “Raça” do IBGE**. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – Brasília, 2003. Disponível em: [http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/2958/1/TD\\_996.pdf](http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/2958/1/TD_996.pdf). Acesso em: 30 out. 2021.

PARK, Robert Ezra. **The Crowd and The Public: and Other Essays**. Chicago: The University of Chicago Press, 1972.

PERKIN, Harold. History of universities. In: **The History of higher education**. p. 168 - 174. 2007.

PIERSON, Donald. **Branços e pretos na Bahia (estudo de contacto racial)**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.

PINHO, Osmundo. Etnografia e emancipação: descolonizando a antropologia na escola pública. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramon. **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

RAPOLD, Rita de Cássia Maskell. **Uma contribuição para a História da Psicologia no Brasil: o curso de Psicologia da UFBA: cronologia, memórias e alguns documentos (1961-1973)**. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1999.

RIBEIRO, René. **Religião e relações raciais Rio de Janeiro**. Ministério da Educação e Cultura. 1956.

RODEGHERI, Vera Lúcia. **A Psicoterapia em 23 Periódicos Nacionais: uma contribuição à história da Psicologia no Brasil**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011. Disponível em: [http://repositorio.faculdadeam.edu.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/222/DISSERTA%C3%87%C3%83O\\_A%20psicoterapia\\_em\\_23\\_peri%C3%B3dicos\\_nacionais\\_PUCSP\\_2011.pdf?sequence=1&isAllowed=y](http://repositorio.faculdadeam.edu.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/222/DISSERTA%C3%87%C3%83O_A%20psicoterapia_em_23_peri%C3%B3dicos_nacionais_PUCSP_2011.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em: 16 out. 2020.

RODRIGUES, Aberlardo. Nossa voz altissonante. In: RODRIGUES, Abelardo. **Memória da noite revisitada & outros poemas**. 2. ed. São Paulo: Edição do Autor, 2013.

RODRIGUES, André Soares. **Polígonos de Reuleaux**. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/8032/2/arquivo%20total.pdf>. Acesso em: 19 out. 2021.

RÓHEIM, Géza. **Psychoanalysis and anthropology; culture, personality and the unconscious**. Traduit de l'anglais par Marie Moscovici. Título original: *Psychoanalysis and Anthropology*, 1950. Paris: Les Éditions Gallimard, 1967, NRF, 1967, 602 pp.

ROMERA, Maria Lúcia; MENDES, Rita de Cássia Cardoso da Silva. **Restos de dor e marcas de invenção na Psicanálise brasileira: Adelheid Koch e Virgínia Bicudo**. San Pablo; FEPAL; 2012. 7 p. Disponível em: <<http://www.fepal.org/nuevo/images/534-castilho%20romera.pdf>>. Acesso em: ROMERA, Maria Lúcia 16 out. 2020.

RUDÁ, Caio; COUTINHO, Denise; ALMEIDA-FILHO, Naomar. Formação em psicologia no Brasil: o período do currículo mínimo (1962-2004). **Memorandum**, v. 29, p. 59-85, out. 2015. Disponível em: [www.fafich.ufmg.br/memorandum/a29/rudacoutinhoalmeidafilho01](http://www.fafich.ufmg.br/memorandum/a29/rudacoutinhoalmeidafilho01). Acesso em: 16 nov. 2021.

SALES JR., Ronaldo. Democracia racial: o não-dito racista. **Tempo Social**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 229-258, nov. 2006. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-20702006000200012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702006000200012&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 07 dez. 2020.

SALVIATI, Maria Elisabeth. **Manual do Aplicativo Iramuteq**: versão 0.7 Alpha 2 e R Versão 3.2.3 / Maria Elisabeth Salviati (Org.). Planaltina, 2017. Disponível em: <<http://www.iramuteq.org/documentation/fichiers/manual-do-aplicativo-iramuteq-par-maria-elisabeth-salviati>>. Acesso em: 10 mar. 2021.

SAMPAIO, Sônia Maria Rocha; SANTOS, Georgina Gonçalves dos; *et al.* **Observatório da Vida Estudantil**: interdisciplinaridade, vida estudantil e diálogo de saberes / Georgina Gonçalves dos Santos, Sônia Maria Rocha Sampaio (Org.). Salvador: Edufba, 2020.

SANDSTROM, Kent L; MARTIN, Daniel D.; FINE, Gary Alan. **Símbolos, selves e realidade social**: uma abordagem interacionista simbólica à psicologia e à sociologia / Kent L. Sandstrom, Daniel D. Martin, Gary Alan Fine (Orgs.); Tradução de Denise Jardim Duarte. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

SANTOS, Alessandro de Oliveira dos; SCHUCMAN, Lia Vainer; MARTINS, Hildeberto Vieira. Breve histórico do pensamento psicológico brasileiro sobre relações étnico-raciais. **Psicologia, ciência e profissão**, Brasília, v. 32, n. esp., p. 166-175, 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932012000500012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932012000500012&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 15 out. 2020.

SANTOS, Alessandro de Oliveira dos; SCHUCMAN, Lia Vainer. Desigualdade, relações raciais e a formação de psicólogo(as). **Revista Epos**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 117-140, dez. 2015. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2178-700X2015000200007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2178-700X2015000200007&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 20 jan. 2022.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, Quilombos**: modos e significados. José Jorge de Carvalho (Coord.). Brasília: Universidade de Brasília, 2015. Disponível em: [http://cga.libertar.org/wp-content/uploads/2017/07/BISPO-Antonio.-Colonizacao\\_Quilombos.pdf](http://cga.libertar.org/wp-content/uploads/2017/07/BISPO-Antonio.-Colonizacao_Quilombos.pdf). Acesso em: 20 set. 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela Mão de Alice**: o social e o político na pós-modernidade. Porto: Edições Afrontamento, 1994.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **O fim do império cognitivo**: a afirmação das epistemologias do Sul. / Boaventura de Sousa Santos. – 1 ed.; Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

SANTOS, Donizeth Aparecido dos. Ressonâncias dos movimentos culturais negros na poesia de Oliveira Silveira. **Espéculo. Revista de estudios literarios**. Universidad Complutense de Madrid, 2010. Disponível em: <http://www.ucm.es/info/especulo/numero44/osilveira.html>. Acesso em: 17 set. 2021.

SANTOS, Elisângela da Silva. O legado de Virgínia Leone Bicudo para a sociologia da infância no Brasil. Cafajeste. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 48, n. 170, pág. 1194-1217, dezembro de 2018. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-15742018000401194&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742018000401194&lng=en&nrm=iso)>. acesso em 15 de outubro de 2020.

SANTOS, Evandro. “**Vamos falar o que a vontade der**”. Salvador. 10 dez. 2020. Instagram: @vita.leituras. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/CInS3D-BnPA/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/p/CInS3D-BnPA/?utm_source=ig_web_copy_link). Acesso em: 03 fev. 2022.

SANTOS, Rainri Back dos. Nos rastros da situação hermenêutica. – Brasília: Universidade de Brasília, 2009. Disponível em: [https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/4138/1/2009\\_RainriBackdosSantos.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/4138/1/2009_RainriBackdosSantos.pdf). Acesso em: 05 set. 2021.

SANTOS, Vivian Matias dos. Sobre mulheres, laboratórios e fazeres científicos na “Terra da Luz”. In: **Seminário Internacional Fazendo Gênero**, 10 ed. (Anais...), Florianópolis, 2013. Disponível em: <[http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1381512743\\_ARQUIVO\\_VivianMatiasdosSantos.pdf](http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1381512743_ARQUIVO_VivianMatiasdosSantos.pdf)>. Acesso em; 22 jan. 2021.

SENNE, Wilson Alves. Reforma Universitária e Diretrizes Curriculares: a formação reativa da graduação em Psicologia. *Mnemosine* Vol.8, nº1, p. 178-193, 2012. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/mnemosine/article/view/41579/28848>. Acesso em: 05 nov. 2021.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o “encardido”, o “branco” e o branquíssimo**: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2012. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-21052012-154521/publico/schucman\\_corrigeida.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-21052012-154521/publico/schucman_corrigeida.pdf). Acesso em: 17 out. 2021.

SCHUCMAN, Lia Vainer; NUNES, Sylvia da Silveira; COSTA, Eliane Silvia. **A Psicologia da Universidade de São Paulo e as relações raciais**: perspectivas emergentes. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 28, n. 1, 2017, p. 144-158. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/psicosp/article/view/130694/127085>. Acesso em: 10 mar. 2021.

SILVEIRA, Oliveira. **Pêlo escuro**. Porto Alegre, Ed. do autor, 1977.

SOCIOLOGIA: o MEC acompanha a crise. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, v. 22, n. 5378, 18 jan. 1975. Primeiro Caderno, p.20. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=5378&keyword=%22Virginia+bicudo%22&anchor=4392636&origem=busca&originURL=&pd=f502337bea5dd74babd8e9eee83ddee1>. Acesso em 24 ago.2020.

SOLL, David R. “DMS,” a Computer-Assisted System for Quantitating Motility, the Dynamics of Cytoplasmic Flow, and Pseudopod Formation: Its Application to Dictyostelium Chemotaxis. **Cell Motility and the Cytoskeleton**, v.10, p.1-106, 1988.

SOARES, Adriana Benevides et al. Relações interpessoais na universidade: o que pensam estudantes da graduação em psicologia? **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, Londrina, v. 7, n. 1, p. 56-76, jun. 2016. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2236-64072016000100005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-64072016000100005&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 04 nov. 2021.

SOUZA, Márcio Ferreira de; GONÇALVES, Mariana. Retratos do Brasil: as interpretações clássicas e suas contribuições ao campo da sociologia das emoções. **CONGRESSO, Congresso Português de Sociologia**, 10, 2018, Covilhã. **Anais eletrônicos** [...]. Disponível em: [https://aps.pt/wp-content/uploads/X\\_Congresso/Emo%C3%A7%C3%B5es\\_\\_XAPS-74213.p df](https://aps.pt/wp-content/uploads/X_Congresso/Emo%C3%A7%C3%B5es__XAPS-74213.p df). Acesso em: 16 out. 2020.

STRAUSS, Anselm Leonard. **Espelhos e Máscaras: A busca de identidade** / Tradução: Geraldo Gerson de Souza. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. **Pesquisa Qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada** / Anselm Strauss, Juliet Corbin; tradução de Luciane Oliveira da Rocha. – 2 ed.- Porto Alegre: Artmed, 2008.

TANIGUTI, Gustavo. O imigrante segundo as Ciências Sociais brasileiras, 1940-1960. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 20, n. 49, pág. 142-196, dez. 2018. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-45222018000300142&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222018000300142&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 23 ago. 2021.

TEPERMAN, Maria Helena Indig; KNOPF, Sonia. Virgínia Bicudo: uma história da psicanálise brasileira. **Jornal de psicanálise**, São Paulo, v. 44, n. 80, p. 65-77, jun. 2011. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-58352011000100006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352011000100006&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 16 out. 2020.

USUÁRIO (S) autor (es) de texto (s) (poesias, contos, poemas e demais expressões literárias). **Prêmio Inclusão Social: arte, cultura e trabalho**. Conselho Federal de Psicologia. Disponível em: [https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2016/08/CFP\\_InclusaoSocial\\_web.pdf](https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2016/08/CFP_InclusaoSocial_web.pdf). Acesso em: 04 dez. 2021.

VEIGA, Lucas Motta. Descolonizando a psicologia: notas para uma Psicologia Preta. **Fractal, Revista de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 31, n. spe, p. 244-248, dez. 2019. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1984-02922019000600244&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922019000600244&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 05 dez. 2020.

VERGER, Pierre Fatumbi. **Lendas Africanas dos Orixás** / Pierre Fatumbi Verger; Carybé (Ilustrações); tradução de Maria Aparecida da Nóbrega. 4ª ed. – Salvador: Corrupio, 1997.

VINHAS, Luciana Iost. Discurso, corpo e linguagem na constituição subjetiva. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 21, n. 2, p. 78-87, jul./dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/download/15173/9351>. Acesso em: 23 fev. 2021.

WAGLEY, Charles *et. al.* **Race and Class in Rural Brazil** / Charles Wagley (Org.). Columbia University Press, New York, 1952.

ZAIA, Priscila; OLIVEIRA, Karina da Silva; NAKANO, Tatiana de Cássia. **Análise dos Processos Éticos Publicados no Jornal do Conselho Federal de Psicologia**. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 38, n.1, p. 8-21, jan-mar. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/LYw9hxCpDKTWXbhGb3gjRH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 04 nov. 2021.

**APÊNDICE A – ROTEIRO DE OFICINA**  
**OFICINA**  
**VIRGÍNIA BICUDO: RELAÇÕES RACIAIS E PSICOLOGIA**

**TEMA:**

Contribuições de Virgínia Bicudo para a Psicologia e Relações Raciais

**OBJETIVO:**

Colher significados dos estudantes de disciplinas do curso de Psicologia da UFBA sobre o tema das relações étnico-raciais, a partir das contribuições de Virgínia Bicudo nesse campo.

**DEMANDA:**

- Recuperar partes silenciadas da história da psicologia brasileira
- Formação em psicologia predominantemente eurocêntrica
- Os estudos dentro do curso de Psicologia não são racializados
- O tema do racismo é tratado de forma superficial
- Identificação de alunas e alunos negros em relação a teóricos do campo *psi* no Brasil
- Preocupação relativa à preparação de psicólogos para compreender a temática racial

**PRÉ-ANÁLISE:**

Raça – racismo – formação em psicologia – epistemologia feminista negra - interacionismo simbólico - branquitude – decolonialidade

**FOCO:**

Reabilitar a linha de análise de Virgínia Bicudo acerca do racismo na formação em Psicologia

**TEMAS-GERADORES:**

Formação em Psicologia

Interacionismo Simbólico

Atitudes raciais

**ENQUADRE:**

- 30 a 40 alunos
- Sala de aula virtual (Google Meet)
- Plataforma Mentimeter - formatação: Mentimeter: modelo de conversa - type: open ended
- 1 único encontro por turma
- 2 aulas de 50 minutos

**DINÂMICA INICIAL**

Atitude - identificação com a formação em psicologia

**DESENVOLVIMENTO**

**1º Momento:** Apresentação da pesquisadora e da pesquisa. Disponibilização do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido no Google Formulários.

**2º Momento:** Dinâmica inicial - Solicitarei que os participantes digitem na plataforma Mentimeter uma palavra que represente a sua formação em psicologia. Ideia: colocar várias caras no pano de fundo mentimeter. Começo perguntando como eles se sentem em relação a estar no curso de psicologia da UFBA.

**Pergunta 1:** *Qual palavra representaria a sua formação em Psicologia?*

Objetivo da pergunta: Buscar significados sobre o que estar nesse curso de Psicologia representa para os estudantes.

Ao mostrar a imagem do que representaria a minha formação: a imagem do livro Psicologia

**3º Momento:** Solicito que os participantes digitem, na plataforma *Mentimeter* a palavra que surge quando tentam relacionar psicologia e relações raciais.

**Pergunta 2:** *Que teórica ou teórico surge quando você pensa em psicologia e relações raciais?*

**Objetivo da pergunta:** Saber que perspectivas teóricas os estudantes consideram mais significativos no campo das relações raciais na Psicologia. Caso surja o nome de Virgínia Bicudo, eu pergunto *o que eles conhecem sobre sua contribuição ou legado dela para a Psicologia.*

**4º Momento:** Faço uma breve contextualização da história de Virgínia Bicudo e suas contribuições em variados campos, elencando as áreas. Após isso, faço uma apresentação do livro *Atitudes Raciais de Pretos e Mulatos em São Paulo* a partir da ótica do interacionismo simbólico.

**Objetivo da intervenção:** Reabilitar as contribuições de Virgínia Bicudo para o campo da Psicologia e Relações Raciais.

**Fechamento:** Peço aos participantes que respondam um formulário concordando em participar da pesquisa, caso estejam disponíveis para participar das entrevistas na segunda etapa.



## APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA

### Dados Sociodemográficos

Nome Completo:

Idade:

Classe social:

Estado Civil: ( ) Solteira(o)      ( ) Casada(o) ( ) Em união estável      ( )  
 junto ( ) Viúva(o)      Morand  
 o

Filhos: Sim ( ) Não ( )      Se sim, quantos?

Exerce outra atividade além da graduação? Sim ( ) Não ( )

Possui vínculo empregatício? Sim ( ) Não ( )

Como você se declara étnico-racialmente? ( ) Preto ( ) Negro ( ) Pardo ( )

Branco ( ) Indígena ( ) Asiático ( ) Cigano

❖ Qual o seu curso e semestre?

1. Conte-me seu percurso na graduação de Psicologia:

1.1 Como a pessoa chegou no curso

Profecias / investimento no futuro

Questão racial, o que tem a ver?

1.2 Quais disciplinas mais importantes (aparece no discurso?)

1.3 Com o que se identifica – ou não – no curso

2. O que a trajetória de Virgínia Bicudo fala a você, fulano (nome da pessoa entrevistada)?

❖ Buscar perceber o que é mais significativo para a pessoa: o corpo de Virgínia Bicudo - o fato dela ser negra -, o sucesso profissional ou as diversas contribuições dela?

- ❖ Se a pessoa falar sobre as contribuições de Virgínia Bicudo, explorar esse tema, sobre que área chamou mais atenção. Se for o campo das relações raciais, perguntar por que essa área chamou mais atenção.
3. Gostaria de perguntar agora, qual palavra resumiria seu encontro com a produção e trajetória de Bicudo?
  4. O que você sentiu ao ouvir o relato da trajetória e das histórias apontadas por Bicudo na sua produção sobre relações raciais?
    - ❖ Qual ponto da oficina foi mais significativo, para você? [Observar se a pessoa ficou surpresa com algum ponto da oficina, das contribuições de Virgínia Bicudo];
    - ❖ Que emoções são evidenciadas a partir desse relato?
    - ❖ A minha presença naquele espaço teve algum efeito para a estudante?
  5. Com qual abordagem da psicologia você pretende trabalhar e pesquisar?
    - ❖ Você acredita que o legado de Bicudo pode dar alguma contribuição nesse campo?
  6. Que autoras você gostaria de ver, no curso de Psicologia, ao lado de Virgínia Bicudo?